



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

**Centro de Educação e Humanidades**

**Instituto de Psicologia**

**Renata Ferreira de Azeredo**

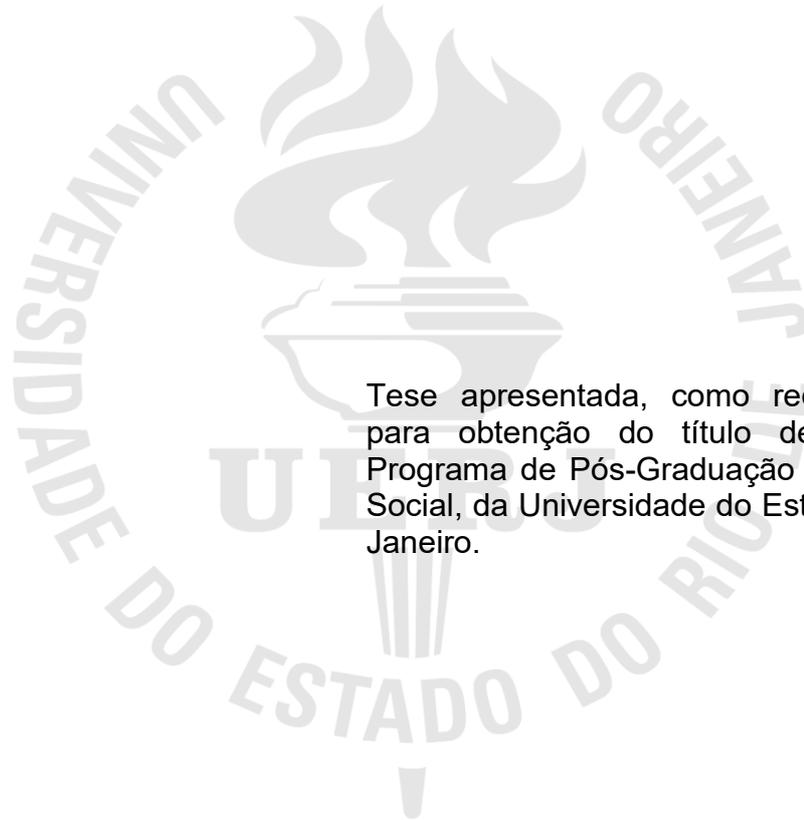
**Lispector clínico: uma articulação entre a prática clínica em  
Psicologia e a obra de Clarice Lispector**

**Rio de Janeiro**

**2024**

Renata Ferreira de Azeredo

**Lispector clínico: uma articulação entre a prática clínica em Psicologia e a obra  
de Clarice Lispector**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Laura Cristina de Toledo Quadros

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

A993 Azeredo, Renata Ferreira de  
Lispector clínico: uma articulação entre a prática clínica em Psicologia  
e a obra de Clarice Lispector/ Emilia Sandrinelli. – 2015.  
202 f.

Orientadora: Laura Cristina de Toledo Quadros.  
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Instituto de Psicologia.

1. Psicologia social – Teses. 2. Psicoterapia – Teses. 3. Lispector,  
Clarice, 1920-1977 – Teses. I. Quadros, Laura Cristina de Toledo. II.  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III.  
Título.

br

CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Renata Ferreira de Azeredo

**Lispector clínico: uma articulação entre a prática clínica em Psicologia  
e a obra de Clarice Lispector**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 16 de dezembro de 2024.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Laura Cristina de Toledo Quadros (Orientadora)  
Instituto de Psicologia - UERJ

---

Prof. Dr. Roberto Novaes de Sá  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. Rodolfo Rodrigues de Souza  
Instituto de Psicologia – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Juliana Rangel Sabatini  
Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação

Rio de Janeiro

2024

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Clarice Lispector, que iluminou o caminho desta escrita; e à minha filha, Clarice Azeredo, por despertar em mim o Sagrado da Vida.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora e amiga, Laura Quadros, que me acolheu no momento crucial do meu doutoramento, ofertando-me mãos, braços, ouvidos e afeto, acompanhando-me com humanidade e dedicação neste percurso tão desafiador quanto transformador. Obrigada por ter confiado em mim, obrigada principalmente por ter me ensinado a confiar em mim. Minha gratidão e admiração!

Ao professor de uma vida inteira, Roberto Novaes, que desde os meus primeiros passos na graduação, tem sido um grande mestre a compartilhar conhecimento, escuta atenta, sabedoria sobre a vida, inspirando-me a escutar a minha própria forma de estar na vida e na clínica psicológica. Obrigada por sua sensibilidade, acolhimento e ética, dentro e fora da academia.

Aos mestres, colegas psicólogos, pacientes e supervisandes que, em suas reflexões dentro e fora das salas de aula e dentro e fora do espaço clínico, inspiraram-me o olhar clínico e humano sobre a existência.

Aos meus amigos Márcio e Lucas, e às amigas Juliana e DeMarca, a quem confiei horas de relatos sobre este trabalho, antes mesmo dele nascer. Obrigada pela disponibilidade da escuta e pelo incentivo ao longo do processo, reafirmando o valor das amizades que compartilham sonhos, esforços e conquistas.

Aos professores e às professoras que compuseram esta banca de avaliação, expresse minha profunda gratidão por aceitarem o convite de participar deste momento tão significativo para mim. Obrigada pelas contribuições que enriqueceram, gentil e generosamente, o trabalho desde a banca de qualificação. Obrigada pelo fôlego e carinho com que leram essas páginas, aderindo nelas, a partir deste instante, um pouco de cada um no meu percurso acadêmico e pessoal.

A todos os meus amigos e amigas que me enviaram bons afetos e torceram para essa escrita acontecer, e que, sem saber, assim a teciam comigo.

À minha mãe, Estela, e ao meu pai (*in memoriam*), Décio, pois tudo o que alcanço é, primeiramente, reflexo do que aprendi com eles.

À minha esposa Paula, pelo fundamental apoio para que eu pudesse me dedicar à esta tese – esta conquista é tão sua quanto minha.

Às “Clarices” de minha vida, que me ajudam, sem saber que o fazem, a tornar mais encorpada a vida que vive em mim.

Eu ia com uma timidez enorme, mas uma timidez de ousada.

*Clarice Lispector*

## RESUMO

AZEREDO, Renata Ferreira de. *Lispectar clínico: uma articulação entre a prática clínica em Psicologia e a obra de Clarice Lispector*. 2024. 180 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

A tese em questão articula a obra de Clarice Lispector com a prática clínica em psicologia, propondo um diálogo que atravessa a escuta e a presença no contexto terapêutico. Buscamos apresentar tal articulação a partir de um espaço livre nas redes sociais dinamizado pela autora nomeado de “@lispectar\_clinico”. A criação do verbo lispectar, inspirado no último nome da escritora, expressa um movimento contínuo de despertar para ouvir a vida e com ela estabelecer uma relação de obediência, tendo como inspiração o próprio conto de Clarice Lispector. A noção de obediência, explorada etimologicamente a partir do latim (*obaudire*, ouvir para obedecer) e do alemão (*gehörchen* e *abhorchen*), revela a escuta como fundamento da abertura ao outro. Essa ideia sustenta a tese de que o ato clínico nasce do que é ouvido, tornando a escuta uma prática que exige atenção e entrega genuína, livre do “falatório” impessoal. A atmosfera clariceana é apresentada como um convite a uma escuta que resguarda o vazio e o inesperado, permitindo que a vida se revele. Clarice, ao escrever, exemplifica um ato de obediência ao que a atravessa, oferecendo ao leitor a possibilidade de se encontrar consigo mesmo. No campo clínico, o lispectar é descrito como uma postura de escuta viva, que transforma o que é ouvido em ação e verbo. O objetivo é explorar elementos que favorecem essa escuta e presença na prática terapêutica, criando uma atmosfera onde a vida possa emergir e ser acolhida. No Capítulo 1, a autora reflete sobre sua trajetória como psicóloga, incluindo o impacto de seu encontro com a obra de Clarice Lispector e sua influência na prática clínica e na pesquisa. No Capítulo 2, aborda a hesitação e o vazio como aspectos essenciais de um método que se constrói no próprio fazer clínico, ilustrado pelo relato de seu primeiro caso. O Capítulo 3 discute como a literatura clariceana, com sua abertura ao mistério da vida, oferece pistas para a escuta e a resposta do psicoterapeuta, além de apresentar o @lispectar\_clinico, um espaço virtual de encontro com a “vida vivendo”. Por fim, no Capítulo 4, através da análise dos contos “Os obedientes” e “Perdoando Deus” e do romance *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, a tese aborda a superação do medo de ser humano e a transmutação da dor em alegria, destacando a escuta e a obediência como via de transformação. Este trabalho defende uma clínica fundamentada na escuta obediente e na presença viva, inspirando-se na obra de Clarice Lispector para acolher a complexidade da vida e permitir que ela se mostre em sua potência. E ainda, propõe uma clínica viva e artesanal (Quadros, 2021), onde terapeuta e paciente cocriam caminhos, respeitando o tempo e a cadência do encontro humano.

Palavras-chave: Prática clínica. Clarice Lispector. Psicoterapia. Escuta.

## ABSTRACT

AZEREDO, Renata Ferreira de. *Clinical Lispector: An Articulation Between Clinical Practice in Psychology and the Work of Clarice Lispector*. 2024. 180 p. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

This thesis connects the work of Clarice Lispector with clinical practice in psychology, proposing a dialogue centered on listening and presence in the therapeutic context. This articulation is presented through a dynamic and open space on social media created by the author, named “@lispector\_clinico.” The creation of the verb *lispector*, inspired by Lispector’s last name, expresses a continuous movement of awakening to listen to life and establishing a relationship of obedience with it, drawing inspiration from one of Lispector’s own stories. The notion of obedience, explored etymologically from Latin (*obaudire*, to listen in order to obey) and German (*gehörchen* and *abhorchen*), reveals listening as the foundation for openness to the other. This concept supports the thesis that clinical practice is born from what is heard, making listening a practice requiring genuine attention and dedication, free from impersonal “chatter”. The claricean atmosphere is presented as an invitation to a form of listening that preserves the void and the unexpected, allowing life to unfold. Clarice, through her writing, exemplifies an act of obedience to what traverses her, offering the reader the possibility of encountering themselves. In the clinical field, *lispector* is described as a posture of active and living listening that transforms what is heard into action and verb. The aim is to explore elements that enhance this listening and presence in therapeutic practice, creating an atmosphere where life can emerge and be embraced. In Chapter 1, the author reflects on her trajectory as a psychologist, including the impact of her encounter with Clarice Lispector’s work and its influence on clinical practice and research. Chapter 2 addresses hesitation and emptiness as essential aspects of a method that takes shape within clinical practice itself, illustrated through the narrative of the author’s first case. Chapter 3 explores how Clarice Lispector’s literature, with its openness to the mystery of life, offers insights into the therapist’s listening and responses, while introducing @lispector\_clinico, a virtual space for engaging with “life as it is lived.” Finally, Chapter 4 analyzes the short stories “Os obedientes” (“The Obedient”) and “Perdoando Deus” (“Forgiving God”) and the novel *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* (*An Apprenticeship or the Book of Delights*), addressing the overcoming of the fear of being human and the transmutation of pain into joy. This chapter highlights listening and obedience as pathways to transformation. This work advocates for clinical practice grounded in attentive listening and a living presence, drawing inspiration from the work of Clarice Lispector to embrace the complexity of life and allow it to unfold in its full potential. Furthermore, it proposes a vibrant and artisanal clinical approach (Quadros, 2021), where therapist and patient cocreate pathways, respecting the rhythm and cadence of the human encounter.

Keywords: Clinical practice. Clarice Lispector. Psychotherapy. Listening.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Jiboia engolindo um rato.....	127
Figura 2 – Elefante oculto dentro da jiboia.....	127
Figura 3 – Jiboia digerindo um elefante.....	128

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHE	A hora da estrela (1998).
ALP	Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres (1982).
AME	A maçã no escuro (2020).
AV	Água viva (2019).
CPJ	Crônicas para jovens: de escrita e vida (2010).
ECL	Entrevistas/Clarice Lispector (2007).
PSGH	A paixão segundo G.H. (2009).
PCS	Perto do coração selvagem (2019).
PNE	Para não esquecer (2020).
TAC	Todas as cartas (2020).
TCO	Todos os contos (2016).
TCR	Todas as crônicas (2018).
USV	Um sopro de vida (2020).

## SUMÁRIO

<b>AQUECIMENTO</b> .....	12
<b>1 UMA ESCRITA ENCARNADA</b> .....	31
1.1 <b>Cena 1: O início de tudo: será que meus pais também atendiam na mercearia Boa Sorte?</b> .....	35
1.2 <b>Cena 2: Vestibular, o curso de Psicologia, a fé e o atendimento</b> .....	37
1.3 <b>Cena 3: A clínica e o medo de atuar como psicóloga</b> .....	41
1.4 <b>Cena 4: Reverberações do primeiro encontro com Clarice</b> .....	45
1.5 <b>Cena 5: Lispectar clínico: pensando uma clínica com Clarice</b> .....	50
1.6 <b>Cena 6: Efeitos clariceanos no percurso da pesquisa</b> .....	55
<b>2 DE MÃOS VAZIAS PARA SE COLHER UMA TESE, UMA CLÍNICA, E DISTO TORNAR MÉTODO</b> .....	61
2.1 <b>A negatividade (o vazio) para ouvir o que pedir passagem</b> .....	61
2.2 <b>A realização do que pede passagem</b> .....	66
2.3 <b>A hesitação como parte do método (destino) do <i>ir</i></b> .....	70
2.4 <b>Um caminho desde o caminho</b> .....	73
2.5 <b>Teorizando a prática como método</b> .....	77
2.6 <b>Dialogando com a nossa herança em psicologia</b> .....	79
2.7 <b>Meu primeiro caso clínico: atendendo uma paciente que não falava</b> .....	84
<b>3 DO QUE (RE)COLHI – ESTA TESE: CURAR O MEDO DE SER PSICOTERAPEUTA</b> .....	92
3.1 <b>Ecos do @lispectar_clinico, para um despertar</b> .....	98
3.2 <b>Notas de uma parceria Clarice-clínica</b> .....	104
3.3 <b>Mistura</b> .....	119
3.4 <b>Da desintegração para a integração de um recomeço</b> .....	120
<b>4 ILUSTRANDO UM MÉTODO A PARTIR DA OBRA DE CLARICE</b> .....	124
4.1 <b>“Os obedientes” enquanto um método clínico</b> .....	124
4.2 <b>“Os obedientes”: o conto</b> .....	135
4.3 <b>O demorar-se sobre a questão</b> .....	136
4.4 <b>Das vulnerabilidades às estratégias de proteção ao se demorar numa questão</b> .....	140
4.5 <b>Errar como acerto</b> .....	143

4.6	<b>Experiência de errância é viver</b> .....	144
4.7	<b>O tédio por não poder errar</b> .....	146
4.8	<b>O erro que desoculta o inexato da vida</b> .....	150
4.9	<b>Da irreabilidade vivida como realidade</b> .....	154
4.10	<b>Da realidade pela via da experiência</b> .....	156
4.11	<b>Do se deixar guiar “pelo que for acontecendo” como aposta de vida</b>	158
4.12	<b>Coragem para a honestidade de um caminho próprio</b> .....	160
4.13	<b>A toada de Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres na clínica</b> .....	164
4.14	<b>A tese de Clarice: curar o medo de ser humano</b> .....	167
4.15	<b>A transmutação da dor</b> .....	171
4.16	<b>A alegria</b> .....	174
4.17	<b>O (en)canto de “perdoando deus” para a vida</b> .....	178
4.18	<b>Cena 1 do conto: a organização</b> .....	180
4.19	<b>Cena 2 do conto: a desorganização</b> .....	182
4.20	<b>Cena 3 do conto: a raiva</b> .....	185
4.21	<b>Cena 4 do conto: das incompreensões compreendidas</b> .....	186
	<b>(IN)CONCLUSÕES</b> .....	191
	<b>CARTA A CLARICE LISPECTOR</b> .....	196
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	198

## AQUECIMENTO

“Este é o meu caminho – onde está o teu?”  
 – assim eu respondia àqueles que me  
 perguntavam por o caminho.  
 O caminho – este não há.

*Nietzsche*

Olhar a clínica psicológica a partir da perspectiva de uma psicoterapeuta atuante me oportunizou perceber que a vida factual é a matéria-prima do fazer clínico. Ao dizer factual, refiro-me tanto ao que é descrito numa sessão clínica, e que nos ocupa e vai compondo nosso cotidiano através dos afazeres diários, como também quero expressar a marca da irreversibilidade dos acontecimentos do vivido. Habitar a clínica influenciada por esse olhar, do factual enquanto matéria-prima, me distancia de uma visada positivista e, a meu ver, ingênua, que busca corrigir a vida, consertar a tristeza, contornar o luto, salvar o inevitável. E me aproxima de um modo de estar na clínica que é *com* (Moraes, 2010; 2022), e que busca com o outro, possibilidades para aceitar as dificuldades da vida, inevitáveis, não como uma resignação esvaziada de agência, mas como uma necessidade de auto apropriação do lugar de ser do humano. Que se por um lado nos devolve, nos integra à condição da finitude – o que pode nos trazer angústia –, por outro, resguarda a possibilidade de nos vermos com mais propriedade no lugar a que fomos lançados no fio da vida, e tecermos com ela (ativamente) uma relação mais autêntica, aceitando nossa condição de humanos e nada mais.

Aceito as dificuldades da vida porque são o destino,  
 Como aceito o frio excessivo no ato do inverno –  
 Calmamente, sem me queixar, como quem meramente aceita,  
 E encontra uma alegria no facto de aceitar –  
 No facto sublimemente científico e difícil de aceitar o natural inevitável [...] Aceito por personalidade.  
 Nasci sujeito como os outros a erros e a defeitos,  
 Mas nunca ao erro de querer compreender demais,  
 Nunca ao erro de querer compreender só com a inteligência,  
 Nunca ao defeito de exigir do mundo  
 Que fosse qualquer coisa que não fosse o mundo.  
 (Pessoa, 2005, p. 118).

Na contramão das práticas positivas e da *coacherização*<sup>1</sup> da vida, através de seus múltiplos manuais de como viver bem, em busca da plenitude, positividade, aumento das performances profissionais, prosperidade, etc., que pretendem retirar o sujo, o feio, o desastroso, o negativo, o falimento do existir, partindo de um conto de fadas de final feliz (que reza que se não está feliz é porque ainda não se chegou ao fim) e de uma implícita, ilusória e irresponsável relação de barganha com a vida e seus acontecimentos, como se pudéssemos manipular a vida ao nosso bel-prazer, e só termos dela o que bem quisermos, excluindo o inverno rigoroso, e mesmo as imundices do mundo. Enfim, em direção oposta ao voluntarismo do humano, penso a psicoterapia como um espaço para se acolher a vida em todos os seus mistérios, sabores, dores, amores, odores, inquietações, angústias, mortes, nascimentos, renascimentos, incertezas, precariedades e intempéries. Não porque quero que a clínica seja assim, mas porque percebo que a vida desta forma é e se mostra, e como cuidadores da terra, caminhamos aprendendo a colher o que ela nos dá.

Entendo que haja uma dispersão epistemológica em torno da fundamentação das práticas clínicas, e preciso dizer que não me deterei a diferenciá-las, pois isto não nos ajudaria no encaminhamento da questão que trago aqui. Qual seja, pensar e nos aproximar da experiência clínica tal como ela se manifesta. O que é a clínica que chamo aqui? O que significa clinicar? Qual é a demanda de quem busca o espaço clínico para ser atendido por um profissional psicólogo? E qual seria o objetivo de um trabalho psicoterapêutico?

Disporei-me a falar da clínica praticada por psicólogas(os), na tarefa de sua escuta e cuidado. E utilizarei a palavra "psicoterapia" no intuito de iluminar este fazer. A ideia é incitar um olhar mais demorado sobre isto, que habitualmente chamamos apenas por "clínica", para explicitar esta experiência de psicoterapia que, a despeito da abordagem teórica que lhe arrogue o nome, une *psiché*<sup>2</sup> e *therapéia*,<sup>3</sup> cujo sentidos mais originários nos devolveriam para alma e cuidado,

---

<sup>1</sup> Substantivação para a língua Portuguesa de um termo Inglês que tem sido corriqueiramente usado na sua versão *coaching*, para referenciar uma modalidade de treinamento de pessoas que visa o desenvolvimento de habilidades específicas a depender da área em que ocorre a prática. No caso aqui, a *coacherização* da vida, faz referência à propagação não apenas das ideias, mas também do número de profissionais, quem veem disseminando um olhar corretivo a tudo que for considerado falha do viver humano.

<sup>2</sup> *Psiché*, do grego ψυχή, significa "alma", "espírito", sendo um termo amplamente usado na filosofia e psicologia para descrever a essência da vida ou o aspecto imaterial do ser humano.

<sup>3</sup> *Therapéia*, do grego θεραπεία, significa "cuidado", é utilizada para designar práticas destinadas à cura ou alívio de doenças.

respectivamente. Posso dizer que psicoterapia seria um 'cuidado da alma', e longe de afirmar com isso uma suposta dicotomia entre corpo e espírito, quero indicar um modo do exercício de cuidado de uma dor, que não pode ser localizada pelos aparatos modernos de ultrassonografia por exemplo, mas que existe como dor inerente à vida.

Há dor e dor! De imediato, vamos deixar de lado dor como se fora a sensação desagradável e penosa, resultante de uma lesão, de uma contusão – p. ex., a dor de dentes, a dor ciática, o calo, a unha encravada. Feita essa observação, há que considerar que, por um lado, trata-se da dor que vida é, à medida que esta se mostra e se realiza como súbita irrupção, *salto* no e para o finito (“carência”, “deficiência”, “imperfeição”), o que põe e impõe ação, atividade e esforço (“trabalho”) como o lugar, como o elemento ou o *médium* próprio vida, de existência (Fogel, 2010, p. 14).

A que se propõe, então, o cuidado psicoterapêutico? Tal pergunta pode conduzir o pensamento na busca de uma correspondência corretiva para alguma queixa que chega à clínica. Sob essa ótica, provavelmente a indagação seria respondida de modo positivante, localizando a clínica sob uma vertente utilitária, cabendo-lhe uma intervenção objetiva capaz de conformar causa e solucionabilidade. Ocorre que, se entendemos, tal como explicitou Fogel, que há uma dor que é própria da existência, sob esse aspecto, a psicoterapia não conseguiria ser eficiente para dar fim ao problema, mas sim ser um espaço privilegiado para ver na dor, outras possibilidades para se navegar.

Por isso não penso a clínica, ou a psicoterapia, como oportunidade de superação, mas sim de tematização, elaboração e integração, na existência, disto que nos dói. De modo que possamos ganhar alguma liberdade frente às nossas dores, transfigurando-as à medida que nos apropriamos de nosso mais próprio destino<sup>4</sup>, incorporando-o (Fogel, 2010).

---

<sup>4</sup> O termo “destino” apresenta múltiplas acepções, variando entre perspectivas filosóficas, religiosas e culturais. Em um viés existencialista, tal como o apresentado neste trabalho, ele é compreendido como um projeto humano que se constrói pela liberdade, no fazer da vida, enquanto tarefa e realização, afastando-se da ideia de predeterminação.

Tendo em vista a incontornabilidade da questão da existência da(o) mulher(homem)<sup>5</sup>, em seu processo de devir, na limitação de sua finitude, e tomando "o viver como sendo um ser por fazer" (Fogel, 2010, p. 121), podemos depreender que o material para a psicoterapia seja a vida inteira. Sem recortes ou assepsias, e admitindo que a existência, em seu fluxo contínuo, não precise corresponder ao que diz a última evidência científica publicada. Mas que tenha necessidade de corresponder àquilo que a palavra evidência, no seu sentido mais originário, enquanto *e-videri* traduz, que é a experiência de captar o simples, sem mediação a não ser a da própria "densidade da ausculta" (Harada, 2009, p. 100).

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá  
mas não pode medir seus encantos.  
A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem  
nos encantos de um sabiá.  
Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.  
Os sabiás divinam (Barros, 2016, p. 41).

A existência do humano quer ser ouvida por ele mesmo. O que não significa um processo introspectivo ensimesmado, mas o de aprender a acolher o que lhe acomete a alma, o caminho, neste irrevogável caminhar, numa autoapropriação de vida na possibilidade de sua dimensão finita (Fogel, 2010, p.150). Essa sim, seria a evidência que não perdeu de vista o condão de adivinhar. Pois com o advento da ciência moderna, e na sanha em querer se adaptar ao mundo regido exclusivamente pela técnica, algumas abordagens em psicologia forçaram-se à orientação pelo cálculo e pela vontade de controle das coisas, de tão modernas, esqueceram que vida é aprendizagem de suportar a dor, como parte do *páthos* que se impõe junto a nossa própria carência constitutiva, que nos faz ter de fazer-nos cada dia.

---

<sup>5</sup> "Homem" pode ser usado tanto para referir-se ao indivíduo do sexo/gênero masculino, como para referir-se à espécie humana, à humanidade, de acordo com a língua portuguesa. Já o equivalente "mulher" não é considerado gramaticalmente adequado à representação da humanidade, mas apenas à pessoa do sexo ou gênero feminino. Apesar de sabermos que a diferença de uso entre os termos "homem" e "mulher" reflete uma construção histórica e cultural da linguagem, não podemos invisibilizar as implicações de poder e preconceito associadas, dado a assimetria na forma como a linguagem tem tradicionalmente centralizado o masculino como norma. Portanto, nesta tese, faremos um exercício de vez por outra subvertermos a universalização do masculino com padrão. Como nos sentiremos ao usar termos alternativos (como ser humano, pessoa, humanidade) e/ou o próprio termo "mulher", para referirmo-nos ao Homem? A proposta pode gerar estranhamento ao transgredir uma convenção, mas é justo através do estranhar que podemos conspirar a favor de novos sentidos, mais igualitários para nossos nomes.

A clínica que penso aqui, com Clarice Lispector, baseada na escuta, sem mediações laboratoriais, realizada *com* o outro, é rigorosa. Exigente, quer de nós a presença da concentração em mantermos abertas as interrogações que nos chegam. Posto que a pressa por uma resposta pode apenas fechar as possibilidades de busca, que enquanto abertas sustentam o empenho frente a responsabilidade de existir. No exercício psicoterapêutico, na serenidade e na espera, pratica-se esta ciência que deixa o não-saber, frente ao inesperado, eclodir misteriosamente, num instante não calculado, e que é imediatamente sabido no acolhimento de uma condução, de um encanto que nos recolhe e nos encontra.

O exercício dessa clínica, em psicologia, se dá como ato próprio do humano, que é o captar simples e imediato de uma evidência em sua acontecência, exigindo apenas que “possamos pôr em suspenso todas as concepções sedimentadas acerca do homem” (Magliano, 2019, p. 270). Como ato, marco o humano, na psicoterapeuta, já sendo o captar direto, simples e imediato, i.é., a evidência, a abertura primordial, que somos a todo tempo-no-mundo. Uma reflexão que quer ilustrar o ato não como algo que é realizado por um sujeito (a psicoterapeuta no caso) frente a uma representatividade-objeto, pois isso já separaria o ato de seu objeto. Mas que quer enfatizar a psicoterapeuta (o humano) já na fluência (ato), na captação simples e direta do ser que se apresenta na sintonia do encontro clínico. Colocando-nos na relação de abertura e espera, que acontece e se realiza na escuta-ação do próprio sendo que somos-com. Em terapia nos atentamos à recepção das possibilidades que vem à fala, na limpidez de um captar simples e imediato, de nossa *evideri* como ser no mundo (Harada, 2009, p. 100-113).

Essa abertura ao que é captado simples e imediatamente, que é o próprio modo de ser do humano, torna-se fundamental para acessar todos os outros saberes, pois implica a dimensão de um pré-saber/sabor disponível ao saber/sabor que será recebido e saboreado já junto ao toque do sentido que vem da vida enquanto possibilidade, ofertando assim, ao científico, a construção de um saber. O que ocorre é que ao perder o condão com a vida, a cientificidade deixa de captar o simples e imediato, do *evideri*, para buscar na adequação representativa de um saber de outrora, uma evidência para todos os outros sabores a serem revelados, fechando-se à fluidez do acontecimento, erige-se um científico.

Volto a Manoel de Barros, porém citando Rubem Alves:

"A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá, mas não pode medir seus encantos". Outra rede<sup>6</sup>: meu corpo é a outra rede, feita de coração, sangue e emoção. Deixa passar o que a ciência segura. E segura o que a ciência deixa passar. Não mede os encantos do sabiá. Mas fica triste ao ouvi-lo ao cair da tarde... Isso também é parte da realidade. Sem ser científico (Alves, 2015, p. 103).

A clínica que ousou pensar, nessa aliança com Clarice Lispector, conspira com o acolhimento daquilo que a vida manifesta cotidianamente, tornando-se visível nela mesma – sem a mediação de um saber anterior que postula e posiciona um sabor antecipado ao ato do comer – e que imediatamente traz à língua, à luz, o sabor do vivo. Compreendo com essa clínica que para ouvir o humano, precisamos manter vivo o que é manifesto na liberdade da abertura, próprio do modo de ser da pessoa humana, e com isso nos comprometemos. É essa presença viva e gratuita – doada pela vida – que sempre nos põe em desproteção, pois o científico, como uma luz de ré, pode iluminar o passado do sabor que foi, mas não pode prever os (des)encantos de um porvir.

Esta tese e esta clínica entendem a existência como sendo “no sentido etimológico de *ek-sistere*: estar fora, ser para fora; trata-se de um movimento de irrupção, uma saída de si mesmo e lançamento ao mundo, ultrapassando qualquer realidade já dada em direção à dimensão das possibilidades de ser” (Magliano, 2019, p. 35), e isso mobiliza sustentar um despertar contínuo para nos expor à abertura, à iminência do que é manifestado. Pois rapidamente, podemos conspirar com a preguiça e lançarmos mão do que já foi catalogado, dito, sentido. Diante da inundação sedutora de muitos sentidos prévios e estudados, que já dizem o que fazer e como, garantindo a eficácia de um resultado como retorno, para quem se expor à abertura, numa atitude serena e atenta, que aguarda o acontecimento, a nascividade de um desvelamento? Tão mais fácil, pode parecer, o alimentar-se de

---

<sup>6</sup> No conto “O que é científico? (I)” de Rubem Alves, a parábola da rede para pescar peixes ilustra a tentativa da ciência de categorizar e controlar a realidade, mas também questiona se a ciência, representada pelas redes da confraria, é capaz de abarcar tudo. As redes usadas pelos membros da confraria não servem para pescar tudo. Elas são eficazes apenas para capturar o que se enquadra nas categorias e métodos aceitos por uma ciência delimitada. Isso levanta a questão central do conto: se algo não for pescado com uma rede aprovada, isso significa que não é real? A resposta implícita na narrativa é que a realidade é mais complexa do que as redes científicas podem capturar. Assim, o que não se encaixa nas convenções científicas não deixa de ser real, mas simplesmente escapa à capacidade da ciência de entendê-lo ou explicá-lo de forma completa. A metáfora sugere que a realidade é vasta e não pode ser totalmente apreendida ou reduzida a um método ou teoria única.

materiais informativos, etiquetados em tudo que habita ao redor de nós. Porém, eles nos empanzinam e nos entediam ao anestesiarem a nossa disponibilidade de abertura frente à experiência da realidade, a única capaz de molhar os materiais informativos e de descolar as etiquetas prévias. É esse despertar – que retoma o ver, o frescor da vulnerabilidade inebriante do sabor de se estar vivo –, que vejo na obra de Clarice Lispector, e que conspira como um despertador que me acorda para (re)ex-sistir.

Tristes das almas humanas, que põem tudo em ordem,  
 Que traçam linhas de cousa a cousa,  
 Que põem letreiros com nomes nas árvores absolutamente reais,  
 E desenham paralelos de latitude e longitude  
 Sobre a própria terra inocente e mais verde e florida do que isso!  
 (Pessoa, 2005, p. 71)

Apesar de nosso desejo de despertar, marcado pela experiência de poder ver a simples e imediata terra inocente, verde e florida, compreendo que também não chegamos à sua realização pelo voluntarismo. Não basta retirar os letreiros com nomes nas árvores, para vê-las numa abertura relacional autêntica, como se fosse a primeira vez. É preciso um exercício constante de "desaprendizado dos símbolos" (Fogel, 2017) que sempre já nos orientam, para podermos ver as coisas des-habitualmente e fazermos com elas uma experiência de primeira e não de segunda mão.

Essa se refere não à vivência de uma experiência singularizada, mas ao recolhimento de representatividades postas para nossa instrumentalização, que nos vão sendo passadas e que, requentadas, as usamos em seus sentidos embotados – porém nunca saboreados por nós –, que vão afrouxando a abertura de experienciar o mundo a partir do poder-ser, largando-nos numa vida tediosa, esvaziada, toda circunscrita num esquema estímulo-resposta gerador de apatia, onde tudo é sempre igual e com sabor de pão dormido.

No meio do caminho tinha uma pedra  
 tinha uma pedra no meio do caminho  
 tinha uma pedra  
 no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
 na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
 tinha uma pedra  
 tinha uma pedra no meio do caminho  
 no meio do caminho tinha uma pedra.  
 (Andrade, 1985, p. 15)

A experiência em primeira mão, entretanto, recupera a abertura originária fundante do humano, em seu caráter de poder-ser, revelado pela experiência de uma boca que prova algo de olhos fechados, mastiga, saboreia, e se diverte, sem a sanha de rapidamente destrinchar para protocolar quais os elementos que estão contidos no sabor, mas que se entrega ao risco desperto deste degustar. Ou como essa experiência que Drummond sinaliza que no meio da simplicidade e repetição há também a abertura para a possibilidade de um salto, onde algo pode se mostrar a partir de um outro lugar, o de si mesmo, e nos abrir os olhos, que estavam já tão entediados pela degustação de um sabor sempre insosso. Porém, a dificuldade é que tramamos o tempo todo contra o despertar que nos ajuda a ver o simples e imediato.

[...] Em comparação com o imediato, com nossa vida espontânea, tudo o que aprendemos parece abstrato, genérico, esquemático. Não só parece: é. O martelo é a abstração de cada uma de suas marteladas.

Todo o geral, todo o aprendido, todo o realizado na cultura é só a volta tática que temos que percorrer para nos convertermos ao imediato. Os que vivem junto a uma catarata não percebem seu estrondo: é necessário que ponhamos uma distância entre aquilo que nos rodeia imediatamente e nós mesmos, para que nossos olhos adquiram sentido (Ortega Y Gasset, 2019, p. 30).

O despertar pode nos devolver tanto para o imediato da liberdade enquanto possibilidade de degustar algo – desde esse nada e vazio que é a boca aberta e de olhos fechados, o que também pode nos desproteger –, quanto para a necessidade de vermos a vida enquanto tarefa de ser-fazer. Será que por dormirmos tanto nos habituamos à facilidade de comer o já etiquetado e rotulado por códigos de barras genéricos e elegíveis a computadores? Será que de tão adaptados ao cotidiano disto que ingerimos no mundo impessoal, temos desnutrido e enfraquecido nossas mandíbulas ao ponto de perderem a força necessária para se roer o osso até o tutano da vida, tal como nossa escuta diante da catarata? Mais que isso, será que perdemos a liberdade, em nome da segurança, de provar mundo no sabor de seu vir-a-ser, i.é, a partir da "realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade"? (Kierkegaard, 2018, p. 45). Então perdemos o fio da angústia? "Mas tudo, menos a angústia, não? [...] alguma angústia faz parte: o que é vivo, por ser vivo, se contrai" (TCR, p. 171).

O meu olhar é nítido como um girassol.  
Tenho o costume de andar pelas estradas

Olhando para a direita e para a esquerda,  
E de vez em quando olhando para trás...  
E o que vejo a cada momento  
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,  
E eu sei dar por isso muito bem...  
Sei ter o pasmo comigo  
Que tem uma criança se, ao nascer,  
Reparasse que nascera deveras...  
Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do mundo...  
(Pessoa, 2005, p. 19).

Essa abertura angustiante de uma boca de olhos fechados que se contrai quando toca em algo, é como compreendo a liberdade. Entretanto, quanto mais certeza do sabor que advirá, menos liberdade, menos angústia e mais tédio. Essa liberdade, diferente do sentido de senso comum que a vê como um poder fazer qualquer coisa, significa, existencialmente, que o modo de ser do humano já é disposto para ser tocado por um sentido, e que ele não é cerrado em si mesmo. Ele é livre para ser tomado/assaltado de súbito, por um de repente, que já acontece num sentido/mundo que não é determinado previamente, mas que é dado na gratuidade do acontecimento. E por isso ele é um ser co-originário ao mundo/sentido/logos.

A liberdade existencial nos mobiliza a um engajamento, orientação, implicação, participação, pois ao compreendê-la enquanto “liberdade para aquilo que é manifesto de um aberto” (Heidegger, 2008, p. 200) de um ver/sentir o que se manifesta, já se *sendo* na relação com o manifestado, caberá à pessoa, já possuída, se ocupar em realizar, fazer esse sentido que se lhe mostrou. Essa é a liberdade do Humano, que deixando-se ser um sentido de ser que se revela a ele, se compromete com o revelado, e entre muitas possibilidades de ser, assume, enquanto tarefa, a realização do que o tomou. Fernando Pessoa brilhantemente sintetiza a dinâmica estruturante da vida numa simples frase: “navegaré preciso, viver não é preciso”, o vocábulo 'preciso' possui dois significados, o de necessidade e o de exatidão. Podemos pensar na inexatidão da vida, que ocorre em seus tropeços de incerteza comparado à bússola que orienta a navegação. Porém, do ponto de vista de um marinheiro, a frase ganha outro hálito, e se desvela como necessidade para um modo de ser. Assim compreendemos que viver não é necessário para o navegador, mas sim o navegar, que é o verbo existencial no qual a vida se revela para ele.

Enquanto 'liberdade' e 'possibilidade de ser', refiro-me à condição do propriamente humano ao 'deixar-se ser um sentido de ser que se revela a ele', dentre outras possibilidades de sentido, escolhe realizá-lo, coloca-se numa orientação afinada a um modo de ser desta sua existência engravidada. Eis a nossa liberdade: "O peso de sentir! O peso de ter que sentir!" (Pessoa, 2006, p. 155).

A citação de Pessoa, sobre o navegar enquanto necessidade de sentido que se interpôs como tarefa para este que se deixa ser marinheiro, me lembrou de um romance de Ernest Hemingway, *O velho e o mar* (1952), que conta a história de um velho pescador que estava há oitenta e quatro dias sem conseguir pescar um peixe, até que um dos de grande porte abocanha seu anzol. Tem-se início uma luta que dura horas e horas, na qual, ambos os corpos, o do peixe e o do pescador se esfolam muito. O texto em toda sua grandiosidade vai além da simples luta, mas trata-se de uma profunda metáfora sobre a vida, onde o mar pode ser visto como o imprevisível universo e o peixe os objetivos e os sonhos que perseguimos nesse processo de ter-de-ser na lida com as adversidades. "Peixe! – disse a meia voz – Hei de ficar contigo até morrer" (Hemingway, 1952, p. 24), Santiago mantém uma relação de dignidade com o pescado, na afirmação constante de matá-lo por ser pescador. Após finalmente capturá-lo, não pôde trazê-lo para dentro do barco devido ao seu tamanho, e ao se deparar com a inevitabilidade da perda do peixe, quando tubarões se alimentavam dele, percebe que "não lhe agradava olhar já para o peixe, mutilado como ficara. O peixe ser atingido fora como se ele próprio o tivesse sido" (Hemingway, 1952, p. 48). Ser pescador, nesse contínuo esforço de sê-lo, aborda o aberto da vida (através do mundo do mar), e o estreito que é a condição humana intrinsecamente ligada à finitude. Um estreito que toca Santiago e misteriosamente o singulariza como pescador.

Santiago toma conta de si na sua relação com o mundo enquanto pescador. "Além de que, pensou, tudo mata, de uma maneira ou de outra. Pescar mata-me, exatamente como me mantém vivo" (Hemingway, 1952, p. 49). Essa experiência de Santiago carrega afinidade com a de Clarice em relação ao seu escrever, "lucidamente falo de algumas das milhares de coisas e pessoas das quais tomo conta. Também não se trata de emprego pois dinheiro não ganho por isto. Fico apenas sabendo como é o mundo" (AV, p. 67) Clarice – tal como Santiago no romance acima descrito – também pesca, mas seus peixes são as palavras. "Então

escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu” (AV, p. 36-37).

Ambos, pescador e escritora, inteiramente concentrados neste pescar-escrever em ato e fazendo disso, cada um, seu sendo, enquanto modo de tomar conta do mundo. Numa co-originariedade de si mesmos nesse mundo-com. Pois enquanto eles cuidam, já acontece, já se expressa, ao mesmo tempo, a atualização de um modo de cuidado sendo realizado na própria construção de um cada um de si. Pois não existe

um eu fora de um mundo, como coisa alguma pode existir fora de sua dimensão ou de seu elemento, um pássaro sem ar, um peixe sem água, um homem sem mundo. Com isso se diz tanto que cada coisa e cada existência é esse "cada um" desde um mundo e também que a singularidade única de cada um remete a todas as demais singularidades, isto é, ao mundo. Assim é o mistério mesmo do singular, esse "cada um" a "cada vez" incomparável e irreduzível a outra coisa, mas necessariamente sempre remetendo a outra coisa e a todas as outras coisas, que descortina o mundo como mundo, tanto por "ser-no-mundo" como por ser para o mundo. É-se no mundo sendo para o mundo como se é no ar, na água, na terra, no céu sendo para o ar, a água, a terra, o céu. Na diferença entre "eu" e o "mundo", entre o "cada um" a "cada vez" e o "todo", toca-se o mistério do modo como o existir existe, como ser é-se. É-se sendo cada modo de ser (Schuback, 2022, p. 87).

Por isso não compreendo o Humano como tendo ou sendo uma identidade ou entidade fechada e fixa, mas sim como um modo de ser que é tocável, e que ao ser tocado, cuida do que o tocou, dando rumo à sua existência cada vez que move o próprio ser. Mesmo que não esteja explicitado, que não se dê conta de que assim se vive, a Mulher/o Homem só pode cuidar de um mundo/sentido, por nascer precária/o de uma identidade que a/o preencha totalitariamente. Ser de tal espécie implica, portanto, estar na abertura de poder-ser/ter-que-ser um fazer/verbo.

'No princípio era verbo', já dizem as escrituras bíblicas, o que traz à luz a essência da vida enquanto dimensão de força, de esforço, de fazer-se.

O que hás herdado de teus pais,  
Adquire, para que o possuas,  
O que não se usa, um fardo é, nada mais,  
Pode o momento usar tão só criações suas.  
(Goethe, 2011, p. 77)

Aproximo a compreensão do Humano enquanto verbo, e necessidade de fazer-se, à essa passagem de Goethe, em *Fausto*, quando ele acena para a aquisição ativa da herança de seus antepassados, conquistando-a na prática, isto

é, no labor, na tarefa, tornando-a criação própria, para só então possuí-la de fato. Ou seja, mesmo para o que é herdado, caberá à mulher/ao homem conquistar a dinâmica do fazer, pois herdar o feito, o dado, não sustenta o fazer, será preciso ganhar a força que possibilitou que o feito fosse feito.

Clarice, no ato de seu escrever, realiza essa dinâmica de fazer, tal como Santiago. Trata da tarefa de seu próprio viver, nisto que dá rumo e rimo à sua existência. Em *Um sopro de vida*<sup>7</sup>, o autor diz: “Eu não escrevo por querer não. Eu escrevo porque preciso. Senão o que fazer de mim?” (USV, p. 103). De novo retomo a citação de Pessoa, “navegar é preciso, viver não é preciso”. Pude ver no *escrever-escrita-escritora* e no *percar-peixe-pescador*, o ecoar de uma dinâmica de estruturação do modo de vir-a-ser-mundo, a partir de sua própria existência, do seu tornar-se, consumir-se, todo impregnado de uma apropriação de si.

Clarice forja um mundo no seu ser, a partir da concentração de quem ouve no recolhimento da nascividade recebida e realizada, artesanal e compromissadamente, no debruçar-sesobre sua “máquina portátil *Olympia*” (CPJ, p. 61), um *Lispector*, para a possibilidade de ser seu próprio. E acompanhando seu hálito, enquanto a lia, também eu me sentia arrastada, tocada, inspirada para debruçar-me no meu tornar-me. Ocorre que se o verbo de Clarice era o escrever, como o pescar era o de Santiago, pensar a clínica e clinicar eram os meus.

Compreendo que se trata de um ser/fazer que é obediente à escuta em seu fazer-se, i.é, um fazer que está bem assentado na própria densidade existencial de quem realiza seu trabalho. De modo que este “trabalho artesanal se transforma no exercício de uma existência e cunha a pessoa, como perfil da existência humana” (Harada, 2009, p. 36). Clarice Lispector para além do que ela faz fazer/sentir/ver através de sua obra, ela também inspira no modo como ouve, e obedece ao que ouve, consumando-o em escrita. Ela ilumina duplamente, tanto através do conteúdo de sua obra, como também na relação com o seu obrar, ou seja, no como o modo de escrever lhe acontece. Para o clinicar, e para o próprio clínico no exercício de fazer-se enquanto clínico e existente humano (ex-sistência), ler a obra de Clarice pode conspirar para um despertar de si, por meio de suas

---

<sup>7</sup> O diálogo entre o Autor e Ângela em *Um sopro de vida* (2020), de Clarice Lispector, é uma construção literária profundamente introspectiva e metalinguística. A narrativa se organiza como uma espécie de “diálogo interior” entre o Autor, que cria Ângela, e a própria Ângela, que simultaneamente é sua criação e possui voz própria. Essa dinâmica reflete questões existenciais, criativas e filosóficas.

indagações existenciais acerca da radicalidade do viver, como bate-estacas que não nos deixam esquecer do inesperado da finitude, e desse incomensurável mistério que se estreita na singularização, como um lembrete constante para se viver "o sendo em que já sempre se está" (Schuback, 2022, p. 63).

Nesta tese, a partir de algumas paragens em textos clariceanos, como "Os obedientes",<sup>8</sup> publicado em *A legião estrangeira* em 1964, também na companhia de Lóri, personagem de *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*,<sup>9</sup> publicado em 1969, e "Perdoando Deus",<sup>10</sup> fui sendo despertada e assaltada para a minha própria vida. À medida que lia Clarice, deixando o pé afundar dentro das experiências vividas por Lóri, pressentia que um dos meus fazeres, o clinicar, vinha se tornando mais espesso, encorpado, como se aos poucos, e de um modo vital, fosse sentindo a gravidade e o acolhimento disto que é "eu mesma" na liberdade da possibilidade para um modo de atuação na clínica. Quando digo que fui despertada para a própria vida, e clínica, é porque a leitura de Clarice me atravessou de um modo nunca ocorrido, me fisgando enquanto pessoa e convocando meu olhar para o que compunha meu existir em suas contingências.

O encontro com Clarice contribuiu para o amparo de meu desamparo enquanto psicoterapeuta, numa abertura, ou paragem, na qual me vi (vejo) aprendendo a celebrar minha própria história, nascividade, crescimento e explosão. Uma aprendizagem importante e que talvez dure toda uma vida. Em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, algo parecido ocorre com Lóri, que narra uma quase banal história de amor entre ela e Ulisses, um professor de filosofia que serenamente a aguarda, enquanto ela empreende uma viagem profunda (e nada banal) de entrega à vida humana tal como ela se dá, buscando amparo no próprio desamparo de existir.

---

<sup>8</sup> O conto "Os Obedientes" aborda, através da história de um casal que aceita viver sob as normas de um pacto, as questões entre desejo e liberdade, autonomia e obediência, revelando como os personagens se entregam a uma trama que simultaneamente os constrange e os liberta. Sugerindo que a verdadeira obediência pode ser um exercício de liberdade interior.

<sup>9</sup> *Uma aprendizagem ou o Livro dos Prazeres* é um romance de Clarice que explora o processo de autoconhecimento e transformação interior da protagonista, Lóri em diálogo com Ulisses. A obra acompanha sua jornada emocional e intelectual enquanto ela enfrenta a complexidade dos seus próprios desejos, medos e contradições, especialmente no que se refere ao amor e ao prazer.

<sup>10</sup> Em "Perdoando Deus", Clarice apresenta uma reflexão sobre o sofrimento humano e a busca por perdão. A protagonista, envolvida em um intenso dilema existencial, se vê desafiada a perdoar não apenas as pessoas ao seu redor, mas também a Deus. O conto propõe uma visão de perdão que transcende as convenções religiosas e toca na esfera do íntimo e do existencial, sugerindo que a verdadeira libertação vem de um processo de aceitação e de transformação pessoal.

Nesse livro uma ideia foi me envolvendo e me tomando, a de que quem eu era servia para ser. Pode soar como um mantra de *ho'oponopono*<sup>11</sup>, mas reverberou fortemente em mim, quase como uma liberação, um destravamento que ia me autorizando a ser do modo como era. E isso incluía inclusive a defender um modo de clinicar tal como já existia em mim. Afinal, era como se eu também aprendesse, com Lóri (e com Clarice em sua relação com o escrever), que o meu modo de estar na clínica, servia para se estar. E esse modo encontrou forças junto a Clarice, junto a Laura, minha orientadora, ecoando em mim mesma neste *Lispectar* nascido em tese.

Além de Lóri, outros acontecimentos produziram efeitos nesta escrita. Não posso esquecer que a pandemia de Covid-19<sup>12</sup> chegou ao Brasil no mesmo ano que iniciei o doutorado, março de 2020; o que me trouxe o ter de lidar com a perda de familiares de forma abrupta, além de receber, na atmosfera da angústia desse mesmo ano, um diagnóstico de câncer de mama, obrigando-me a trancar o curso por um semestre, para cirurgia e tratamento. O retorno ao doutorado se deu junto com meu pedido de mudança de orientação, em seus muitos desdobramentos, e a partir desse desejo, forte demais para não vir à luz, de me deixar ser escrita por uma tese que já percorria em mim, recebi o presente da chegada de Laura Quadros nesta empreitada. E claro, não poderia deixar de compartilhar o maior de todos os desafios e o maior presente na conjugação desta escrita, que é o de tê-la feito junto ao nascimento, crescimento e existência da minha filha Clarice, em dupla maternidade com Paula, com todas as voltas adaptativas e exaustivas que envolvem receber uma bebê em casa e na vida não heteronormativa.

Contarei essa história, que é singular, como é a história de cada um de nós, à medida que apresento isto que chamo por um modo de clinicar em Psicologia com Clarice, ou o *Lispectar* clínico. É a partir de uma narrativa viva – que produz afetos e efeitos, refaz laços e cria alguns nós, num mundo vivo, em que tudo está em relação – que defenderei haver no ato de escrever (verbo) de Clarice um modo de ser que trama para a análise/experiência existencial de si mesmo, tão próximo

---

<sup>11</sup> Ho'oponopono é uma prática havaiana antiga, com vista à reconciliação e ao perdão.

<sup>12</sup> A pandemia de COVID-19, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, teve início no final de 2019 e se espalhou rápida e globalmente, resultando em uma crise sanitária sem precedentes.

ao que se faz na clínica psicológica, abeirando da conquista do próprio<sup>13</sup> a partir deste fazer que é desde si, encontrando (ou sendo) nisso a razão de ser/existir (tão importante para uma prática *psi* enquanto clínica/o, mas também enquanto paciente/cliente). Também compartilharei trechos de sua escrita, nos quais moram possibilidades reflexivas existenciais preciosas para a prática clínica, para o viver, sobretudo quando precisamos de ajuda para retomar o frescor de estarmos na vida.

Porém, preciso resguardar à leitora/ao leitor que o modo como interpreto as paragens escolhidas, são por minha conta em risco e não pretendem servir como uma sistemática para ler Clarice, muito menos como orientação para um clinicar. Apenas é um modo de acolher o que me afeta ao lê-la, e que no exercício de transpor em palavras vou entendendo que isso já expressa uma singularização, desde este aberto clariceano<sup>14</sup> que se (des)dobra em mim. Como diz Caeiro, “tudo o que se sente directamente traz palavras suas” (Pessoa, 2005, p. 166).

Portanto, as descrições que vou fazendo – à medida que leio os contos e partes dos romances selecionados para esta tese – se afinam a um modo de caminhar mais lento, reflexivo, sereno, com o intuito mesmo de dedicarmos tempo à abertura de possibilidades de sentido neste ato de pensar, algo similar ao que ocorre na clínica. Preciso também reconhecer que esta tese não visa esclarecer nem aprofundar teoricamente a corrente de pensamento designada por fenomenologia,<sup>15</sup> ou resumir, e apresentar conceitos heideggerianos, husserlianos, sartreanos etc., mas sim oferecer uma oportunidade de experiência, aberta em possibilidades para se pensar/sentir/vivenciar Clarice Lispector, guiada apenas pelo que me atravessa à medida que a leio, e pela minha paixão pelo fazer clínico. As interpretações dos trechos da obra clariceana que compartilho aqui, estão relacionadas ao modo como acontece minha escuta clínica. Os desdobramentos

---

<sup>13</sup> Conquistar o próprio, neste texto, refere-se a um movimento de aceitação e cuidado com o ser, no qual o sujeito se liberta das imposições externas e das expectativas alheias para viver de maneira mais plena e integrada.

<sup>14</sup> Na dúvida entre qual seria o apropriado a usar entre “clariceeana” ou “clariciana”, adotamos clariceana por considerarmos que na ausência de um consenso, este preserva o nome de Clarice em sua totalidade.

<sup>15</sup> Os leitores que sentirem necessidade de mais embasamento sobre fenomenologia, podem encontrá-lo em *Fenomenologia para iniciantes*, de Dan Zahavi (2019), *Para além da técnica: ensaios fenomenológicos sobre psicoterapia, atenção e cuidado*, de Roberto Novaes de Sá (2017), *A existência para além do sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais*, de Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (2011) e *Meditação e Clínica: uma aproximação entre Filosofia e Psicologia*, de Fernando Magliano (2019), entre outras obras amplamente difundidas no meio.

que faço espontaneamente – sinalizando e parando aqui e ali, criando intervenções (a partir de Clarice), para se pensar a vida humana, quiçá a deste que está em um processo de psicoterapia –, derivam, ou se afiliam, ao meu próprio fazer-clínico em consultório.

Não há, portanto, uma receita para ouvir Clarice desta ou daquela forma, do mesmo modo que não é possível simplesmente transmitir, através de uma sistematização teórica, como é que se faz clínica. Visto que a relação idiossincrática da(o) própria(o) terapeuta esteja presente no seu ouvir. Mas isso não impossibilita a troca, ou a comunicação sobre essa vivência profissional. Por isso vejo esta tese como uma oportunidade para, durante esta empreitada de tornar-se psicoterapeuta, sermos todos “companheiros de viagem” (Yalom, 2024, p. 36), dado que nosso verbo, o clinicar, o fazer clínica, ou até mesmo o fazer-se existência, muitas vezes consiste em lidar com situações incompreensíveis. Mas o que é a clínica psicológica que tanto falo aqui?

Tal como acontece com Santo Agostinho, que diz que se ninguém lhe perguntar o que é o tempo, ele sabe o que é, mas quando lhe perguntam e precisa explicar, ele já não sabe, eu também não sei definir o que é a clínica. Mas Rilke (2022) me estende a mão, em *Cartas a um jovem poeta*, ao dizer: “Tenha paciência com tudo que não está resolvido e tente amar as questões em si”.

Ainda assim persiste a ideia de que deveria saber dizer o que a clínica é, mas o que posso dizer deste “saber” que vem do sabor da experiência que ganho a cada vez que a clínica (através da vida) se clinica em mim?

É como se precisasse mesmo fechar os olhos para lembrar, olhando/sentindo, a atmosfera que me atravessa no encontro com o outro que se desnudou ali comigo. Como se eu precisasse lembrar o sabor do encontro no meu paladar, e somente através do gosto é que me fosse possível adentrar a história ali compartilhada e tecida. Clarice em AV diz que “não se compreende música: ouve-se”, e ainda convida: “Ouve-me então com teu corpo inteiro” (AV, p. 28), tomo-lhe emprestado a ideia para pensar a clínica. Podemos compreender clínica até um segundo antes de a escuta começar. Depois disso precisamos de um silenciamento da compreensão, para ouvirmos o que se nos mostra com o corpo inteiro. Assim a disponibilidade do afeto, do *páthos*, do próprio modo de fazer, apoiar e acolher quem nos procura, poderá ser vista, ouvida, compartilhada, sentida, saboreada.

O exercício da clínica seria então o de se dirigir para esse lugar que traz um gosto diferenciado a cada encontro, e que possibilita uma porta de entrada a um outro mundo. Uma vez dentro deste mundo, vamos (terapeuta e paciente) tateando possibilidades compreensivas que ampliem nossa liberdade de ser. É também uma oportunidade de ver o nosso próprio mundo, enquanto humanos. Não como lugar óbvio, já dado, mas sim com a chance de poder olhar desconfiadamente para si mesmo, dando um passo atrás para cada argumentação de verdade já trilhada sobre nós em outras ocasiões.

A clínica pode ser vista como um lugar de paragem para sentir o sabor do que se vive. Que gosto teve isto que se viveu? Uma pergunta simples que nos remete à coisa vivida e ao como vivemos a coisa. Da mesma forma poderia indagar-me: que gosto tem isto que vivo aqui, nessa experiência de viver e escrever a clínica? Ou de ler e avaliar esta tese? Poder, então, após essa paragem meditativa, rever o gosto que fora sentido, não para julgar o sabor tomando como métrica um gabarito idealizado dos gostos prévios que cada experiência tem, ou deveria ter, como se houvesse um único modo de viver as coisas, mas como a possibilidade de uma retomada, que nos leva novamente para a experiência de se estar vivo, degustando a vida que se viveu e vive.

A cada leitura inspiradora, sessão de terapia, encontro de supervisão, sintome vivenciando, e envolvendo-me existencialmente, criando o meu modo de fazer uma clínica em Psicologia. E assim a insegurança frente a um saber-fazer vai se dissolvendo, ainda que gere outras diante desse inabarcável mistério de ser-no-mundo, num fazer que não é fruto exclusivamente de um acúmulo evolutivo, mas que é vivo, e que precisa estar em relação/contato com a vida.

Essa aprendizagem pode vir em pequenas doses, na paciência de quem vai conquistando e recebendo aos poucos um próprio modo de fazer, tal como a neve que cai do bambu, exigindo de ambos, neve e folha do bambu, o aguardo. Mas o aprender também pode vir de repente, em sustos, em situações inesperadas que nos tomam. Neste caso, é como se ocorresse um acontecimento “sináptico” no qual “só há verbos e conjugações de verbos” (Lapoujade, 2017, p. 62), pois que é feito organicamente, obedecendo ao ritmo/mando/mobilização de um instante oportuno, e que sem planejar já é o próprio aprendido.

Na realização de um fazer próprio, há um emaranhado de veias, raízes, conexões que nutrem o corpo, numa constante retomada para este fazer. Quando nos propomos a falar sobre o fazer de algo, há sempre redes encobertas e/ou misteriosas sustentando esse fazer. Talvez o convite, para mim, em correspondência a outro aceno, à Teoria Ator-Rede (TAR), seja o de me autorizar a reconhecer as partes que eu havia aprendido que deveriam permanecer encobertas para me reconhecer e me reconectar a elas. Assumindo suas raízes, não para que elas se tornem copa da árvore, pois precisam ser raízes, mas para compreendê-las como já sendo, ao mesmo tempo, árvore, nessa co-nutrição, coexistência entre raiz, tronco, folhas e frutos. Esquecer estas veias tão necessárias para que a árvore seja frondosa e frutífera, seria, de algum modo, recortar, amputar processos decisivos do cerzir da vida, ou excluir sua própria sustentação. Mas, claro, nenhuma análise é capaz de esgotar todas as redes que estão pulsando a vida de um fazer. Há algo no processo do nascer que é inalcançável aos nossos olhos, é vida “com sua presença viva” (Melo Neto, 2007, p. 132).

Recorri à metáfora da árvore apenas como alternativa para elucidar como cheguei ao tema desta pesquisa, que tem sua copa da árvore, mas também suas raízes. O título, *Lispector clínico: uma articulação entre a prática clínica em Psicologia e a obra de Clarice Lispector*, fala de uma autorização que me foi acometendo desde a raiz, como um despertar. Parte deste processo de despertar gostaria de ver compartilhado aqui, por isso vou descrever algumas de minhas raízes e veias, que foram (e estão) me conduzindo neste processo de escuta à vida, e que de alguma forma me trouxeram aqui, agora. Mesmo sabendo que “a vida é ponta de um mistério” como diz Guimarães Rosa (2001, p. 119), ou sendo ela o próprio “inconcluso”, para usar um adjetivo trazido por Clarice, vou descrever como a vejo e como vou fazendo uma clínica (clariceana?). Misteriosamente e de modo inconcluso nasce uma clínica.

Comungada a um *páthos* existencial, a uma história de vida e de pesquisa que está acontecendo, vou seguindo os rastros da minha própria trajetória com Clarice Lispector, propondo que a tese a ser defendida é a de que a percepção de mundo e de vida de Clarice, expressa através de seu *fazer-escrever*, produz conteúdo literário e existencialmente reflexivo, capaz de ofertar fundamentos para

uma prática de *fazer-clinicar* comprometida com a escuta e o cuidado sensível (Quadros; Prestelo, 2019), endereçados a nós e a quem nos procura.

Um dos princípios aqui defendidos, também presente na proposição fenomenológica, e aprofundado por Laura Quadros (2011; 2021) é o de afirmar a clínica como artesanaria, e daí a impossibilidade de separá-la da vida (da(o) paciente e da que forja a(o) terapeuta), com todos os seus desvios, incoerências, vicissitudes e mistérios.

Porém, uma indagação pertinente: clínica-se a vida? Na parceria com a proposição de uma clínica artesanal e principalmente no que por hora realizo com Clarice, arrisco-me a responder que não: é a vida que clínica a clínica. E precisa ser assim para ser clínica.

Dito isso, destaco que optei por seguir uma inspiração artística e apresentar a tese como uma obra literária que se desdobra em cenas que são descritas e discutidas tendo a aproximação *prática clínica-vida* como fio condutor. A obra e o “obrar” (i.é, o fazer de si mesma uma escritora) de Clarice Lispector aparece ora como fundo, ora como figura e perpassando o percurso de construção do fazer-me psicoterapeuta e da minha clínica.

Portanto, a tese se apoia em narrativas que articulam vivências e conceitos que dão suporte às percepções e às ações de um fazer que é desde si (na vida), despertando-se e autorizando-se a caminhar artesanalmente, recolhendo as diferenciações pelo olhar do poético. Optei por construir narrativas que serão descritas em cenas que também podem ser lidas de forma independente. Porém, meu propósito é articulá-las em torno da tese a ser defendida.

Convido, então, você que agora me lê, a abrir esta obra e desfrutar do que virá...

## 1 UMA ESCRITA ENCARNADA

O ponto de partida deve ser: “Não sei.”  
O que é uma entrega total

*Clarice Lispector* (CPJ, p. 59)

A ideia de uma escrita encarnada tem como inspiração o que venho recolhendo nessa jornada de doutoramento, perpassada pela TAR e pelas epistemologias feministas que nos alertam acerca da impossibilidade de uma neutralidade no fazer ciência. Uma escrita encarnada, então, é um saber localizado, situado (Haraway, 1995), que tem a minha própria trajetória como ponto de partida.

Tendo isso no coração, a primeira pergunta que me faço é: como cheguei à clínica em psicologia? Não sei se é possível responder a esta pergunta com clareza. Os contribuintes para este caminho foram e são plurais, e provavelmente ainda há os que não me dei conta de sua participação. Compartilharei aqui alguns, o que aprendi no armazém de meus pais, e no curso de psicologia, por exemplo. Mas entendo que, ao menos na minha história, não é possível traçar uma linha reta que me ligue à clínica. Fui me aproximando, conspirando com ela através dos interesses e gostos que perpassavam minha existência, e pela própria experiência de acolhimento que desfrutei em meu percurso terapêutico enquanto paciente, além das vivências que me ajudaram a compor um corpo mais sensível e atento ao que compunha o humano, como a perda do meu pai aos meus 20 anos e os desdobramentos existenciais acerca da finitude, do desamparo frente ao inesperado da vida.

Meu interesse pelo clinicar estava relacionado com a vontade de compreender o sofrimento humano em seu existir e os significados que vamos criando para a vida. Afinal, somos tão semelhantes e diferentes, a oportunidade de habitar esse espaço de intimidade que a clínica psicológica proporciona, era visto por mim como um privilégio para o aprendizado. Ali eu poderia aprender sobre a vida das mais variadas formas, vivências, sentidos e histórias. Apesar disto, assim que comecei a atuar na clínica, eu a via como um fardo, pois cobrava a mim mesma uma resolução para o sofrimento de quem nela comparecia. Só aos poucos fui

percebendo a ineficiência desta atitude e como ela desperdiçava a chance de uma relação mais presente com a(o) própria(o) paciente.

Com o tempo fui percebendo que viver não se resolvia, se vivia, um pensamento que passou a compor meu clinicar. Não é para resolver os problemas e sofrimentos de quem nos procura que penso ser o propósito do espaço clínico, se assim o fosse a clínica estaria fadada ao fracasso. Como solucionar, por exemplo o insolucionável da morte? Ou a perda repentina de um filho? Não havia solução capaz de reverter esta perda, mas ainda assim a clínica poderia ser um lugar para ser-com, para se dispor em companhia de um outro em seu sofrimento, aguardando atenta e serenamente que o fio da vida amparasse e trouxesse outras possibilidades. Para compreender isso foi preciso uma dose de humildade, pois é preciso se autoperceber insuficiente frente às demandas resolutivistas para poder colher e escutar o que a vida, em sua inabarcabilidade, nos traz como temática num atendimento clínico. É preciso habitar tal espaço na magnitude de sua inutilidade objetiva, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, abre possibilidades para uma retomada de vida.

Pensar em como inicialmente cheguei à clínica *psi*, talvez não me seja mais tão vital, pode-se chegar a ela por muitos caminhos, e ainda assim não habitá-la. Burocraticamente só se pode chegar nela após um curso de formação em Psicologia, Psiquiatria ou alguma instituição de formação em Psicanálise. Mas o que o burocrático na forma da legalidade não pode acessar é a abertura para a escuta. Neste ponto, percebo que mesmo após anos clinicando, foi na literatura articulada com a filosofia e com a *daseinsanalyse*<sup>16</sup> (com Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Adélia Prado, Fernando Pessoa, João Cabral de Melo Neto, Eugen Herrigel, Carolina Maria de Jesus, Kleist, Heidegger, Nietzsche, Viktor Frankl, Hermógenes Harada, Gilvan Fogel, Eduardo Campos, Roberto Novaes, Bilê Sapienza, Laura Quadros, Fernando Magliano, Carolina Dhein, Ana Loivos, Ana Feijoo, dentre tantos outros), que fui forjando, pelo caminho, um corpo que me levou a saltar para essa atitude fenomenológica de escutar. Talvez Clarice seja o ponto de clareira, onde ganhei mais vigor para maturar o que já vinha colhendo por aí, e que me auxiliou

---

<sup>16</sup> Termos derivado do alemão *Dasein* (existência, “ser-aí”) e *Analyse* (“análise”). Refere-se à “análise existencial”, uma abordagem terapêutica desenvolvida pelo psiquiatra Ludwig Binswanger, influenciada pela filosofia de Martin Heidegger. Busca compreender a existência humana considerando o ser como inserido em um contexto de relações e significados existenciais.

sobremaneira na suspensão dos roteiros prévios, para exercer uma clínica aberta a ouvir o que brota num atendimento psicoterapêutico, e para me liberar de uma narrativa de insuficiência eterna para estar com o outro.

A questão da origem, do por onde começar ou do começo das coisas, é muito presente na obra de Clarice Lispector.

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou (AHE, p. 11).

A emblemática citação acima, ensaia a ideia de como é que se deu o início das coisas, mas ao mesmo tempo suspende a própria possibilidade de encontrá-lo, num “sempre houve”, algo como um sempre existiu, “jamais começou”. Ao reconhecer que “o universo jamais começou”, porque “antes da pré-história havia a pré-história da pré-história”, somos levados ao infinito irrepresentável de uma origem única. É com outra frase emblemática, que encontramos a síntese que precisamos: “Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?” (AHE, p. 11).

Com isso então eu não poderia deixar de retomar o pensamento de que Clarice só pôde ser meu ponto de origem porque antes dela, havia em mim, em minhas heranças, um corpo poroso à sua presença. Como identificar minhas heranças nesse processo de construção de corpo? A reflexão pelo início, abre possibilidades para sondarmos o que e quem foi aliado nesta andança. Essa *procura* oportuniza rememorações e resguarda a possibilidade de novos sentidos surgirem.

Pensando então em como cheguei à clínica em psicologia, percebo que muitas memórias me ocorrem nessa sondagem tateante de perguntar por algo. Fato é que me foi preciso um certo silêncio para ganhar distância da toada do automatismo, que tem resposta pronta para tudo, e revisitar raízes de minha vida. Como identificar como minha vida engravidou-se da psicoterapeuta que sou? Tentar detectar através de cruzamentos, toques, sensibilidades que me envolveram e forjaram este estado de graça especial que me trouxe para um fazer que constantemente me faz, seria sempre impreciso. E inútil se a finalidade disso for o tracejar de um caminho para ser replicado por outrem.

A ideia de pensar como cheguei, interessa, por mostrar um sempre já chegando. Como se esta possibilidade estivesse já anunciada desde quando ainda não o era, à espreita apenas de me tornar. Este pensamento desloca a ideia da necessidade de uma precisão objetivista, burocrática, que determina que uma psicoterapeuta se “forma” ao final do curso de Psicologia. E percebe que a formação na faculdade de psicologia não necessariamente marca o início de uma psicoterapeuta. Ocorre que antes da faculdade haveria o antes, e o antes acontecendo antes do antes da faculdade, tão necessário. E o depois, e o depois do depois.

Neste processo de olhar para a história que me compõe, tal como consigo e posso vê-la, percebo ter vivido e estar vivendo uma ampliação de ser se refazendo na própria fazenda que é a minha. Como se tratasse, não de fases que foram sendo ultrapassadas no tempo, mas sim de uma ampliação de entornos, que vão recebendo todas elas em espiral. Percebo também uma inclusão da minha própria vida em mim, nisto que é a possibilidade de acolher minhas heranças e delas me apropriar numa rede de sentido que me vão aparecendo. Perguntas como “de onde vim?” e “para onde vou?”, tornam-se complexas quando olho por uma perspectiva ampliada.

No exercício de pensar e ver, para escrever aqui, dou-me conta da complexa e intrincada rede que me atravessa e constitui minha trajetória, compondo meu existir. Como escolher as linhas a puxar? Ao dizer isso me ocorreu o disparate de que, na escolha da narrativa, nem que seja apenas para começar, terei que seguir meu coração e nisto já mora o assombro de poder usá-lo para formular, elaborar, redigir uma tese de doutorado. Esta afirmação encontra ressonâncias com o que nos diz a psicóloga feminista e pensadora belga Despret,

[...] ‘desapaixonar’ o conhecimento não nos dá um mundo mais objetivo, apenas nos dá um mundo ‘sem nós’; e, conseqüentemente, ‘sem eles’ – as linhas são traçadas com muita rapidez. E, porquanto este mundo apareça como um mundo ‘com o qual não nos importamos’, ele também se torna um mundo empobrecido, um mundo de mentes sem corpos, de corpos sem mentes, corpos sem corações, expectativas, interesses, um mundo de autômatos entusiastas observando criaturas estranhas e mudas; em outras palavras, um mundo mal articulado (e mal articulador) (Despret *apud* Moraes, M. O.; Quadros, 2020, p. 3).

Des-apaixonar a escrita da tese, o clinicar, o pensar, só nos deixaria “sem nós”, sem o caminho que nos encaminha um existir. E sem nós próprios, retirando

o que singularmente constitui nosso método de fazer, o que é que sobra?

Com coração remeto-me ao campo dos afetos, do sensível, do encontro, disso que é atravessamento em nosso ser. É dessa forma que pretendo caminhar aqui. Seguindo a pista de minha orientadora e desejando ser este um trabalho para ficar à cabeceira de minha cama, num processo de fruição de vida, reconhecimento e cura. Posso escrever uma tese assim? Vou aplicar o coração nisto. Tal como o personagem "Sionésio" do conto *Substância* de João Guimarães Rosa (2001).

Sionésio queria pedir a mão de Maria Exita em casamento. Porém, ele próprio hesita, temia que ela herdasse as problemáticas de seus familiares. Mas não haveria garantias, apenas o exato amor, e quando ele elevou seu coração, o ouviu dizer, sem a dúvida anterior: "Você, Maria, quererá, a gente, nós dois, nunca precisar de se separar? Você, comigo, vem e vai?" (Rosa, 2001, p. 212). É desconcertante perceber que no momento da dúvida, Sionésio não buscou outro recurso além da voz que desde dentro brotava. Na hesitação ele recorre ao coração e o aplica, e de modo gaguejante consegue dar passagem àquilo que clamava por nascer. Foi assim, sem fechar os olhos, e mesmo com timidez, que Sionésio se permitiu colher e acolher o que frutificava em seus afetos, tornando teso a sua vida. Diante disto, Maria Exita, sem hesitar, lhe responde: "Vou, demais" (Rosa, 2001, p. 212) e sorri. Com a benção de Maria Exita, pretendo seguir o gaguejo de Sionésio e tesar esta tese. Você, comigo, vem e vai?

### **1.1 Cena 1: O início de tudo: será que meus pais também atendiam na mercearia Boa Sorte?**

Nasci em uma família de poucos recursos financeiros, lembro-me que pensava ser rica quando criança pois na minha casa não se passava fome. Isto deve falar um pouco do meu entorno familiar. Meus pais, donos de um pequeno armazém – ou "birosca", como se chamava –, nunca concluíram o estudo básico, mas sabiam gerenciar de cor todas as dezenas de centenas de itens que revendiam na chamada "mercearia Boa Sorte", no bairro de Honório-Gurgel. Minha mãe gosta de dizer, e eu gosto de ouvir, que quando eu era recém-nascida ela me punha num cesto de pão, de onde podia trabalhar, atendendo aos clientes, no balcão, mas com os olhos em mim.

Sim, meus pais já atendiam clientes (em outra modalidade) antes mesmo de eu nascer. É acalentador perceber-se fruto de uma história que vem sendo construída e escrita desde meus antepassados, e que é atualizada através de mim. Ao ser narrada, uma história também ganha vida própria, desvela-se e cria versões, na medida em que a tocamos e somos por ela tocados. Assim sabores vão sendo acessados conforme a narrativa vai encostando em nossa língua.

Foi neste armazém que eu comecei a aprender a arte de atender as pessoas. Meu pai, sempre com sorriso no rosto, atendia prontamente, de modo fácil: “Como posso te ajudar hoje?”. Daí a pessoa dizia o que precisava, podia ser qualquer coisa, desde o básico arroz, feijão, pão, a itens mais específicos como borracha para panela de pressão, vela de sétimo dia, milho para as galinhas etc. Então ele separava o produto, embrulhavam num jornal e entregava ao cliente, recebendo a quantia equivalente ou anotando o item e o valor da compra na lista de fiado, sempre seguido de “obrigada e volte sempre”, era simples e prático sem muitas formalidades.

Havia clientes que mantinham uma agenda habitual, como por exemplo a de uma senhora que ia ao armazém toda segunda-feira. Meus pais diziam: “Hoje é dia da Déia vir”. Isso significaria horas e horas de bate papo, enquanto a cliente tomava cerveja e comeria azeitonas de saquinho. Somente para alguns poucos era autorizado vender cerveja, pois meus pais não queriam que o armazém se transformasse num botequim. Com isso quero dizer que "as regras" poderiam ser flexibilizadas em função da relação de afeto que eram retroalimentadas.

Os meus pais tinham com seus clientes uma relação de vizinhança, e com alguns, de amizade. No Natal, lembro-me que visitávamos um punhado de casas para desejar um Feliz Natal, com a exortação da minha mãe, que dizia: "Coma pouco para não fazer desfeita a nenhum vizinho". Havia uma sabedoria relacional que eu ia aprendendo com eles, diante dos meus olhos. A meu ver, e considerando a própria perspectiva fenomenológica, o que meus pais faziam era clínico, pois tratava-se de um modo bastante presente de cuidar das relações. E assim eles iam, tomando conta, cuidando de suas/hossas vidas. E eu, como observadora, mas participante, ia recebendo ali minhas primeiras lições de como estar com o outro.

## 1.2 Cena 2: Vestibular, o curso de Psicologia, a fé e o atendimento

À época de prestar o vestibular, meu pai me disse: “Faça Direito, pois você tem resposta para tudo”. As respostas vinham da cena presente, e fui aprendendo a ler o aqui e agora nas interações que aconteciam no armazém da minha infância. Através das argumentações dos adultos, do modo de vender dos meus pais, aprendia o exercício da arte de ouvir. Havia uma atenção ao que o outro dizia que já começava a me interessar. Interesse não como aquilo que é interessante intelectualmente ao modo do automático, e novidadeiro, mas, como nos mostra o Frei Hermógenes Harada (2009, p. 25-28), desde dentro:

Interesse se lê interesse. Inter se pode interpretar ora como entre, mas também como dentro. O dentro, porém, do inter não é dentro de uma coisa-bloco, mas sim dentro do “entre-meio”, no médium. [...]. O inter-esse é o que possibilita, faz surgir, sustenta tanto a obra de Arte como o artista e sua ação criadora. [...]. É o inter-esse que impregna, penetra todos os poros, todos os momentos do conjunto Arte, artista, ação criadora e obra de Arte. [...]. A pregnância desta presença aparece na vitalidade, na unidade, na vivacidade e simplicidade do todo. É algo como atmosfera, médium que o envolve e o perpassa como sonância, como colorido de fundo, dando ao todo e a seus componentes, um caráter todo próprio de ser.

Um *medium*, um entre-meio, que me tocava e constituía, à medida que caminhava nele, a minha escolha pela Psicologia. Eu era muito interessada pela dinâmica do humano, pelas nossas diferenças e similaridades mais radicais, e achava que este curso me ajudaria a compreender o porquê ou o como de nossas alteridades. Prestei vestibular para Psicologia em todas as universidades públicas do estado do Rio de Janeiro no ano de 1997. E fui aprovada na mais longe de casa: Universidade Federal Fluminense (UFF).

Lembro que saía de Honório-Gurgel três horas antes, para chegar a tempo da aula das catorze horas, e ía animada, cheia de *ânima*, alma, eu seria a primeira pessoa da minha família materna a fazer faculdade. O que isso representava para mim? Era um mundo absolutamente novo e estranho. Minha performance no espaço universitário denunciava minha restrição cultural. Eu não conhecia as músicas, os cantores, livros, autores, lugares que meus amigos de turma comentavam. Havia um misto de me sentir inadequada e insegura, e ao mesmo tempo empolgada com a incrível oportunidade de aprendizado e de adentrar novos ares e mundos.

A mesma pessoa sendo orgulho para a família e motivo de espanto para colegas que jocosamente comentavam sobre meus costumes, sobretudo os religiosos. Como se fosse inadequado ir para a universidade, um espaço acertadamente laico, vestindo camisas com frases bíblicas ou com terços católicos pendurados na mochila. Apesar de estar no curso de Psicologia, o que em tese poderia indicar a formação de pessoas mais abertas às alteridades humanas, as piadas relacionadas à minha religiosidade existiam.

Quando se mora no subúrbio, ou em áreas muito distantes das zonas mais centrais de uma cidade, experiencia-se um certo abandono cultural no território. Este é absorvido pelas igrejas, que acaba desempenhando um papel social convidativo em termos de atividades sócio culturais. Foi o meu caso. A Paróquia Nossa Senhora da Boa Esperança foi um espaço importante de constituição de valores e de amizades que me acompanham até hoje. Ali, de alguma forma, fui me reconhecendo como ser-no-mundo através dos coletivos que se formavam e das diversas pastorais que compunham a igreja. Desempenhei várias funções que me trouxeram vivências enriquecedoras, coordenei grupo de jovens, palestrei em retiros do projeto evangelização 2000, atuei em peças de teatros bíblicos, fiz minhas primeiras viagens, sem meus pais, para São Paulo, para participar dos eventos da Canção Nova, além de cantar e tocar nas Missas dominicais.

Eu poderia dizer que era uma católica praticante. Até que um desvio se sucedeu e, na morte repentina do meu pai, resenti-me com Deus. Como se a morte, sobretudo sem aviso prévio, não estivesse autorizada a acontecer com meus maiores amores, ou como se o fato de me submeter a um deus, colocasse minha vida sob controle, protegendo-me de ser surpreendida com um imprevisto desta grandeza. Rebelei-me contra a facticidade da finitude escancarada, para a qual não havia sido me dada atenuações. Tive que lidar com o inegociável e buscar o amparo na experiência de vulnerabilidade da vida.

Como decorrência objetiva desta perda precoce, precisei trancar a faculdade e procurar emprego. Não conseguindo nenhuma oportunidade em solo brasileiro, fui para Boston, nos Estados Unidos, pois ouvira de uma tia que lá eu encontraria emprego facilmente. "Deu certo", atender pessoas – enquanto uma arte aprendida em família – me salvou. Consegui trabalhar em três lugares atendendo ao público,

nessa arte de interação. Dois anos depois, retornei ao Brasil e à Faculdade de Psicologia na UFF.

Perdi o passo com a minha turma e recomecei num grupo completamente novo. Um pouco deslocada, seguia. Chegou o momento dos estágios supervisionados e ouvi dizer que o de clínica na abordagem fenomenológica, ofertado pelo professor Roberto Novaes, era muito tranquilo (o que queria dizer fácil). Talvez por isso me candidatei à vaga. Foi assim que começou minha aventura na clínica propriamente dita, movida pela obrigatoriedade do estágio, junto da necessidade de fazê-lo de forma leve, pois a luta já era grande para quem morava sozinha em Honório-Gurgel, estudava no Gragoatá (um bairro de outro Município, chamado Niterói, que ficava cerca de 42 quilômetros de distância de minha casa, equivalendo a 2 horas e meia de ônibus), e trabalhava na Penha (em média 1 hora de ônibus para percorrer cerca de 13 quilômetros).

A surpresa da simplicidade rigorosa e tranquila, unida à escuta interessada de Roberto, demonstrados na condução dos estudos sobre a clínica, entretanto, despertaram em mim a genuína dedicação pelo assunto. Com sua orientação fiz meus dois anos de estágio em clínica fenomenológica existencial, participei de seu projeto de pesquisa científica em psicossomática e escrevi meu trabalho de conclusão de curso sobre o sentido da vida a partir de Viktor Frankl. Guardo recordações enriquecedoras daquela época, como por exemplo o meu primeiro caso clínico, que descrevo mais a frente.

Parece, então, que foi de modo não previsto que cheguei à clínica, ou devo dizer que a clínica chegou a mim? Nem eu, nem a clínica, mas a condição existencial de abertura e atravessamento que cruzou e partejou nossa relação num acontecimento. Porém, mesmo engravidada por esse interesse, retive o fluxo, não realizei o fazer conclamado em mim. Ao concluir a formação, não foi a Psicologia que acolhi no meu caminhar mais imediato, embora ela estivesse sempre presente no meu habitar-mundo.

Fazendo uma breve autoanálise, desde 2005, olhando para trás (neste fluxo constante) ou, parando um pouco mais nessa reflexão, talvez tenha sido o medo de me defrontar com a possibilidade de me ver "falhando" nesta fazedura própria, enquanto psicóloga, que me segurou a não me lançar na profissão de imediato, pois pensava: e se eu não for suficiente para ser? E se não conseguir pacientes?

Havia o medo de dedicar-me a algo e achar que poderia *dar com burros n'água*, o que é sempre uma possibilidade. Eu temia correr os riscos de fazer meu caminho e ter de lidar com as dificuldades decorrentes do caminhar. Não percebia que isto era próprio da tarefa de viver, nessa construção contínua e afinada ao próprio tom. Seria isso um método? Retomarei essa discussão um pouco mais adiante.

A relação que eu estabelecia com a Psicologia nutria meu desejo de caminhar rumo à liberdade de poder ser. Mas o entrave é que havia a liberdade de ir, mas eu não me autorizava a correr os riscos inerentes de um fazer relacional, necessário à prática clínica. Se é na relação sincera com o outro que liberamos um modo próprio de ser, no nosso *sendo-com*, isto me era travancado pela ideia que fazia dos protocolos para o encontro com o outro, como se eu só pudesse *ir* após uma chancela que garantisse um modo certo de proceder. Se existia um modo certo *versus* um errado, então, eu não me encorajava a me entregar, me arriscar, pois pensava: e se fizer o errado?

Por tratar-se de um exercício profissional relacional, que é realizado através da fala e da escuta, como garantir um modo de proceder que fosse ao mesmo tempo correto em termos teóricos e confortável para meu *sendo-com*? Essas preocupações geravam camadas de proteção que me dificultavam estar somente ali, no encontro clínico, de mãos vazias e aberta às possibilidades que dele poderiam advir. Talvez fosse melhor negar essa liberdade temporariamente.

Como parte de uma política de sobrevivência, e integrando os limites que sentia como meus em acordo com as necessidades que via como prioritárias, optei por uma atividade mais "assegurada", desde a ter carteira assinada, férias etc., como a dispor de um roteiro prévio das funções a serem desempenhadas. Participei de um programa de *trainee* e, agindo sem me demorar muito, quase num automático que me levava sem que eu me desse conta, fui ser gerente de uma agência financeira onde atuei por quatro anos. Lá eu também atendia clientes, a temática era variada, mas sempre desaguava na compreensão de alguma necessidade deste que buscava recursos materiais para alguma finalidade.

Comovida com as histórias pessoais de clientes, não era raro que experienciasse situações de ambiguidade ética. Sabia, por um lado, que do ponto de vista comercial eles não estariam fazendo um "bom" negócio para suas questões financeiras ao contratar alguns dos serviços do banco, e ao mesmo tempo, por outro

lado, compreendia que enquanto funcionária era necessário desempenhar meu trabalho sem trazer prejuízo para a empresa que eu representava. A forma que eu encontrava para uma conciliação de valores era a de enfatizar as informações sobre o contrato, em termos de juros, pagamento etc., ao mesmo tempo em que investigava, com o cliente, se não haveria outro meio, menos custoso (em termos monetários), para levantar o valor que lhe era necessitado. De algum modo, eu oferecia uma escuta, uma paragem, para que ele mesmo pudesse avaliar o que estava fazendo, e decidisse. É como se a escuta experienciada desde o armazém de meus pais, passando pelo estágio clínico com o Roberto, dentre outros fatos marcantes, de algum modo se atualizasse nos atendimentos que, *terapeuticamente*, ganhavam passagem em mim, ainda que na financeira.

A Psicologia, vista aqui não apenas como uma formação profissional, mas também como um modo de se interessar pelo outro, com o outro, também se dava ali. A clínica que eu medrava assumir, já acontecia, ainda que eu não a chamasse por esse nome. Eu que temia o espaço clínico por compreender que ele convocava a liberdade de conexão com o vivo da vida, neste absurdo que ela é, no seu imprevisível, na sua instabilidade, não imaginava que já estava vivendo essa relação, de algum modo, clínica.

### 1.3 Cena 3: A clínica e o medo de atuar como psicóloga

O sentimento de ser inadequada para atuação como psicóloga, era presente durante a Faculdade de Psicologia. Lembro de alguns colegas dizerem que eu era “louquinha”, por exemplo, por levar meu violão e *CD-player* para o *setting* terapêutico. Aquilo me desencorajava a trabalhar com saúde mental. Era como se “o como eu era” não fosse adequado para ser. A sensação de inadequação e insuficiência talvez não fosse somente em relação à atuação enquanto psicóloga, mas a algo anterior, mais enraizado em mim, relacionado a minha insegurança de poder ser eu mesma, no sentido de poder mostrar também aquilo que não fosse necessariamente visto como belo, e em decorrência vinha o medo de me “mostrar”. Seria isso o existir, tal como coloca Guimarães Rosa no conto “O espelho”?<sup>17</sup> Seria

---

<sup>17</sup> O conto “O espelho”, de Guimarães Rosa, explora a complexidade da identidade e do *self*. Através de um narrador que reflete sobre sua própria imagem e o que ela representa, a obra coloca em questão a percepção de si e os múltiplos aspectos do ser humano, que podem ser tanto fragmentados quanto

isso o poder nascer?

Durante o ofício de gerente, a vida aparecia através das lentes de um automatismo para o qual eu correspondia. Mas vez por outra, sobretudo na experiência do tédio, do vazio, a psicologia, o humano, as questões da existência, reapareciam, como um campo de reflexão do qual eu queria me reaproximar, e sentia o clinicar como um convite persistente. Posterguei viver isto, pois o caminho era nebuloso para mim, como se tivesse que ter algum preparo que eu jamais teria, como se eu precisasse alcançar alguma *expertise* fora do meu alcance.

Mas me deixando demorar um pouco mais nessa reflexão, percebo que também havia a experiência de ocultamento decorrente de viver uma sexualidade dissidente numa época, cerca de 25 anos atrás, em que assumir-se homossexual carregava o peso de um preconceito também psicológico. Isto é, a população LGBT (à época simplesmente chamadas por *gays*, sem preocupação com diferenciação de gênero) teria em si uma característica que evidenciaria a sua deslegitimação, no imaginário de um lugar salutar, em termos emocionais e psicológicos, para o exercício pleno da profissão de psicólogo. É notório que não tínhamos a mesma abertura para a expressividade de nossa orientação sexual e de gênero, como temos hoje. E ainda que consideremos as problemáticas persistentes no curso de psicologia, não podemos negar a expansão crescente dos modos como as questões relacionadas ao preconceito, estigma e a prática discriminatória foram sendo integradas ao espaço de debate e acolhimento.

Eu já me reconhecia lésbica quando entrei na graduação, entretanto, como a maioria das mulheres criadas na década de 1980, no Brasil, não era seguro (ainda não é) assumir-se assim devido a violência estrutural. Eu me indago se pelo fato de ter sido ensinada a ver minha sexualidade, desde este lugar, socialmente rejeitado, de um desvio que precisaria ser corrigido, não teria vislumbrado no curso de psicologia a oportunidade para compreensão da minha sexualidade e existência. A frustração quanto à possibilidade desta compreensibilidade ao modo como supunha, bem como o reforço para manter oculta esta esfera que me compunha, se atualizou já no momento de chegada ao curso. A homossexualidade de todos que transitavam aquele espaço era invisibilizada, e percebia que, tanto colegas quanto

---

integrados. O espelho, no conto, transcende o objeto refletor para sinalizar o processo de autoconhecimento e transformação interior. O narrador pergunta “você chegou a existir?”, propondo uma reflexão acerca de como o ser humano lida com suas contradições e verdade.

professores, faziam as mesmas piadas (hoje entendidas como homofóbicas, lesbofóbicas etc.) que só reproduziam a atmosfera de interdição. A homossexualidade, que poderia ser compreendida a partir da abertura inerente ao modo de ser do humano em suas inesgotáveis possibilidades, acabava sendo atrelada a uma identidade fechada em si mesmo e possuidora de transtorno. Isto nega a desestabilização da categoria “o sujeito” e sua formação “no interior das estruturas de poder sexuadas e generificadas” (Salih, 2017, p. 18). Esta camada a mais, a da minha sexualidade, somava à série de características que eu via como de deslegitimação ou dúvida sobre a aprovação do meu exercício profissional. Eu desejava atuar como psicoterapeuta, mas ao mesmo tempo, me paralisava e autodesqualificava.

Ainda que por outras vias, também apareceu na pesquisa de Quadros (2021), através de relatos de colegas de profissão, a sensação de inapetência para o exercício da clínica, ou da dificuldade em forjar boas parcerias profissionais com outros clínicos (Quadros, 2021, p.150-151). Teríamos tornado ensimesmada a nossa atuação, frente a constante busca pela perfeição? Ao me ver como uma pessoa que não possuía as habilidades necessárias, pouca oportunidade eu me dava para uma clínica à minha altura. Clarice Lispector foi me estendendo a mão, através de Lóri por exemplo, que me auxiliava nessa tarefa de acolher o que já me acontecia no meu sendo.

Ser-se o que se é era grande demais e incontrolável. Lóri tinha uma espécie de receio de ir longe demais. Sempre se retinha um pouco como se retivesse as rédeas de um cavalo que poderia galopar e levá-la Deus sabe aonde. Ela se guardava. Por que e para quê? Para o que estava ela se poupando? Era um certo medo de sua capacidade, pequena sou grande. Talvez se contivesse por medo de não saber os limites de uma pessoa (AP, p.140).

Nesta personagem (Lóri) eu encontrava eco para o meu processo de soltura, rumo a um caminho que despontava, entre outras liberdades, para um clinicar que não se prendesse nem mesmo a um estilo, a um ter de ser de um mesmo modo, mas que pudesse apenas ser obedientemente livre ao que surgia. No encontro clínico com o outro, a despeito das minhas inabilidades e imperfeições, sou nada mais do que um alguém, sendo ali com outro, à espera de que algo se mostre, isto é, aconteça. E então meu papel, enquanto psicoterapeuta, seria o de me colocar em disponibilidade para receber isto que no seu súbito acontecimento já descortina o mistério do acontecer. E isto não é pouco. Isto é renunciar a todas as

expectativas para entregar-se à "sabedoria pulsante do sendo" (Schuback, 2022, p. 54).

A clínica nos possibilita um lugar de escuta, onde ouvimos como o "eu" do outro se diz, ali "não se viaja apenas em torno dos 'próprios' problemas, mas também e, sobretudo, dentro do estar sendo. Quem fala [na sessão clínica] é o estar sendo vindo ao eu, e não um eu imerso no cotidiano" (Schuback, 2022, p. 37) (entre colchetes adendos meus). Clarice, nas palavras de Schuback, "é a escritora do sendo" (p. 38), e lê-la oportuniza-me a uma retomada do meu sendo também, em ato, como ouvinte do sendo que se mostra em sessão. O que não se faz sem risco, claro, mas talvez o medo que eu sentia, a ponto de impedir-me de ir, tivesse mais a ver com o modo como eu cobrava ser minha atuação enquanto psicoterapeuta, equivocadamente articulado com um *ter que ganhar*, como se fosse de minha responsabilidade e tarefa que a(o) paciente "se curasse", isto é, retomasse a própria vida como sua; ou ainda como se o meu trabalho fosse a causa de uma melhora para os sintomas que a(o) paciente relatasse. Heidegger (2001) também me ajudou nesse caminhar compreensivo que explicita não termos tal poder diante do outro. Nos seminários de Zollikon, ele diz:

Se, por exemplo, eu der quinino a um paciente com malária, eu sou apenas o motivo para que o quinino mate o protozoário. Depois o corpo do paciente o cura. Quando o médico sabe de seu mero ser-motivo, o ser-com no caso de tal terapia pode muito bem ainda perdurar; mas se o médico achar que ele está operando a cura de um objeto, então o ser-homem e o ser-com desaparecem.

Como médicos [e também como psicoterapeutas], devemos nos recolher e deixar o outro ser ser-humano (Heidegger, 2001, p. 204) (entre colchetes adendos da autora).

"Deixar o outro ser ser-humano", em sua impropriedade e também propriedade, compreendendo que a afirmação: "devemos nos recolher" não significa atuar na neutralidade, mas acena para um modo de estar, remete à disposição de espera, de aguardo, resguardo para aquilo que poderá surgir, nascer. Entendo que o lugar da(o) psicoterapeuta no melhor das hipóteses, seja o de conspiradora desse nascimento. Além dele não poder fazer pelo outro, o outro também não detém tal comando em suas mãos. Pois o nascer não é pelo voluntarismo, ao contrário, muitas vezes justo porque se quer a coisa não vai. Há de se aprender a deixar que a coisa nasça em nós, isso é decisivo para uma prática clínica que não pretende conduzir a tessitura da vida, mas ser sua cuidadosa guardiã.

Penso que ao me aproximar da atmosfera de uma clínica que resguarda o espaço para se deixar ser, como convite para um clinicar menos duro, mais poroso, mais entregue, quase inútil em termos de utilitarismo, sem ter de corresponder a nada prévio, é que fui confiando no meu saber-fazer. Nascer/clinicar não para um fim, mas porque é a gratuidade do núcleo da vida, que vai se fiando e que nos torna vivos, e nos iguala, em termos, aos outros seres vivos habitantes desta Terra. Nascer/clinicar como parte da obediência inerente à vida, nesta submissão primeira.

Nunca um ser humano tinha estado mais perto de outro ser humano. E o prazer de Lóri era o de enfim abrir as mãos e deixar escorrer sem avareza o vazio-pleno que estava antes encarniçadamente prendendo-a. E de súbito o sobressalto de alegria: notava que estava abrindo as mãos e o coração, mas que se podia fazer isso sem perigo! Eu não estou perdendo nada! Estou enfim me dando e o que me acontece quando eu estou me dando é que recebo, recebo (ALP, p.160).

A clínica era o espaço endereçado a estar perto de outro ser humano, e com Lóri, fui me autorizando a clinicar assim, deixando-me aberta para receber e me doar, acreditando que era assim que se conquistava a proximidade e a intimidade. Este aprendizado me ajudou a retirar o sobrepeso no qual eu punha meu fazer clínico, que era como o papel de uma decifradora de enigmas, que de modo triunfal exibiria seu conhecimento sobre o outro. À medida que fui compreendendo que mais terapêutico do que uma relação de poder-saber, é a da intimidade e do acolhimento, fui relaxando frente a esta demanda intervencionista. Além disto, diante da incapacidade do humano em decifrar qualquer coisa sobre si mesmo de forma decisiva e permanente, fui acolhendo melhor a minha ignorância sobre o outro que chegava até mim na clínica, o que favoreceu positivamente à minha presença, troca afetiva e relação terapêutica.

#### **1.4 Cena 4: Reverberações do primeiro encontro com Clarice**

Nesse processo de recriar um modo de clinicar que me coubesse, e sentindo que a clínica requisitava em mim uma liberdade que eu queria dar, embora por muito tempo não soubesse como, aceitei o convite de uma amiga para me matricular no curso de formação em clínica, do Instituto de Psicologia Fenomenológico Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). Ali conheci Eduardo Campos e Ana Maria Feijoo, duas pessoas importantes neste percurso.

Com Campos saboreei Clarice pela primeira vez e levei um soco no estômago. Percebi um deslocamento em mim, algo como um encorajamento para ir... para seguir com minha clínica ao modo como eu já a saboreava. Foi como se eu tivesse sido despertada/autorizada, melhor, *lispectada*, para um modo de estar na vida/clínica.

De um modo mais geral, lembro de ter ficado muito entusiasmada com o modo como Clarice, artesanalmente, ia bordando, aos poucos, uma imagem. Até que de repente rasgava-se o véu e se abria a possibilidade de um ver fenomenológico, isto é, um ver que é oriundo de um vir à luz que nos atravessa e nos compromete com o visto. Seus textos me geravam encantamento ao me desvelar a possibilidade de uma clínica muito mais próxima à vida, à experiência. Era como se, aliada à Clarice, eu me autorizasse a subverter a norma de uma clínica pautada num método definido antecipadamente e me oportunizava a construir meu modo afetivo de habitar mundo e a clínica, num enredamento que levava como fio condutor a obediência da radicalidade da existência.

Era como se, a cada conto, minha capa espessa e dura de um ter-de-ser uma psicoterapeuta "profissional" fosse amolecendo, umidificando e gradativamente fosse perdendo o medo de mancar.<sup>18</sup> Isso reverberava nos atendimentos clínicos, como se fosse me despersonalizando de uma identidade prévia em função de acolher o que se mostrava no encontro psicoterapêutico, a cada vez, impondo a necessidade de obedecer ao que era desvelado e não a um modelo de regras de condutas já posicionadas.

O aceno que eu recebia com a radicalidade dos textos de Lispector, era o da total insuficiência de qualquer técnica *a priori* como método para o clínicar. No espaço terapêutico estaríamos ouvindo sobre a vida desde o modo de ser da pessoa humana, em sua incompletude, abertura e possibilidade de afetação e sempre *por fazer*. Como seria possível estabelecer uma explicação generalista e fechada para algo que está em movimento? Com Clarice aprendi a defender o rigor da escuta. Pois ela exercia um ouvir que vinha "de dentro". E não digo "de dentro" como antagonismo a um "de fora", mas como uma escuta atenta, interessada, de quem se dá conta que existe, sente, ouve, diz, escreve. Ela aplicava uma escuta

---

<sup>18</sup> Em referência à Lóri, personagem de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector.

desembotada, viva, em seu método de escrita. E eu ia sendo impregnada por seu método na construção da minha clínica.

Álvaro de Campos, um heterônimo de Fernando Pessoa, teria escrito notas para o mestre Alberto Caeiro, outra pessoa de Pessoa, acerca de um poema de *Wordsworth* sobre uma flor amarela que estaria à margem do rio e que pare este, ela seria uma flor amarela e nada mais. Sobre isto, Caeiro teria achado graça, pois de fato uma flor amarela não é mais que uma flor amarela.

Mas, de repente, pensou.

“Há uma diferença”, acrescentou. “Depende se se considera a flor amarela como uma das várias flores amarelas, ou como aquela flor amarela só”.

E depois disse:

“O que esse seu poeta inglês queria dizer é que para o tal homem essa flor amarela era uma experiência vulgar, ou coisa conhecida. Ora isso é que não está bem. Toda coisa que vemos, devemos vê-la sempre pela primeira vez, porque realmente é a primeira vez que a vemos. E então cada flor amarela é uma nova flor amarela, ainda que seja o que se chama a mesma de ontem. A gente não é já o mesmo nem a flor a mesma. O próprio amarelo não pode ser já o mesmo. É pena a gente não ter exactamente os olhos para saber isso, porque então éramos todos felizes”.<sup>19</sup>

Esse modo de ver a flor amarela em sua singularidade, o perdemos, ao representá-la em sua universalidade. A clínica precisa retomar essa disposição para ver, sem ser unicamente a partir da representatividade das coisas, mas recobrando a relação com elas, tal como Lóri diz, “que o sabor de uma fruta está no contato da fruta com o paladar e não na fruta mesmo” (ALP, p. 111). Uma relação que nos devolve a vivacidade de ver/sentir/dizer/ouvir/saborear-com.

Começamos a entrar num processo de embotamento quando não conseguimos mais nos espantar e nos afetar com os acontecimentos, com o que vemos. A clínica pode entrar num humor embotado quando a(o) psicoterapeuta não mais vê o ver, isto é, não mais vê que vê, ou simplesmente não vê. O ser humano não é um vivente que vê por que tem olhos, mas é porque o ver está na sua condição de abertura com o mundo, que ele possui olhos (Heidegger, 2001). Era desse âmbito de escuta que Campos bordejava em suas aulas, acenando para um retorno às condições mais originárias do existir humano, uma retomada à revitalização do que estava já amortecido na minha vida habitual. Era preciso reaprender a ouvir a Vida, tal como o escutar, que seria o trabalho da(o) psicoterapeuta, escutar a escuta do que aparece numa sessão e acompanhá-la.

<sup>19</sup> Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/683>

Portanto a precisão da escuta era de outro âmbito, não o de uma técnica *a priori*, que já posiciona uma condução, embotando-se frente ao acontecimento do encontro clínico. Mas se trataria de um rigor que pode nos (re)conduzir (atentos) por caminhos não conhecidos previamente, rumo à ampliação da compreensão do outro, por ele mesmo. Uma escuta sensível para realmente ouvir a nascente na/da clínica. Isto é, através deste rigor da escuta, oportunizar que a clínica se origine (se dê) a cada vez. Desta forma eu via o chamamento à uma clínica que reivindicava um compromisso ainda maior, por parte da(o) psicoterapeuta, pois indicava que nesta dimensão não há uma clínica já feita sob a qual eu conquiste um saber pleno e absoluto, um método pronto para replicação. O que há é a necessidade de ouvir (obedecer) a clínica, o que precisa ganhar passagem e nascer, fazendo-se, orientando meu fazer enquanto psicoterapeuta, isto tudo a cada vez. Relacionando-se com a flor amarela no seu ineditismo.

Esse vigor do fazer-se é como um sopro de vida, que podemos acolher no exercício clínico. E vejo que Clarice Lispector, em seu mundo e modo de escrever, é muito porosa a este sopro de vida como método de sua criação. Sem medo de mancar ou de não ser profissional, Lispector joga alto, joga com tudo que lhe vem ao *encontro*, no olhar curioso e atento de seguir e obedecer ao que lhe toca. Um ato de escrever a verdade, *aletheia*,<sup>20</sup> tal como a experiência grega. Clarice faz de si mesma um instrumento para seu fazer. Como um violão que se torna instrumento de um musicalizar, Clarice se torna instrumento de seu sentir-escrever. Tal como a(o) psicoterapeuta o é, em seu ouvir-clinicar.

Vejo na literatura clariceana o convite para um perscrutamento da alma humana em sua simplicidade e profundidade, em seu cotidiano e irregularidade, na experiência doce e azeda de ser o que se é e se pode ser, nesta fatalidade do agora. Poder sustentar esta afinação nem sempre confortável, mas honesta, pode ser um dos maiores convites a uma prática clínica em psicologia.

Os textos clariceanos, que exigem do leitor uma entrega, podem também gerar a vivência de solavancos e/ou de "um soco no estômago" (AHE, p. 83), tal como a escuta e o trabalho do clínico no seu exercício de estar-com. E é justo

---

<sup>20</sup> *Aletheia*, no contexto deste trabalho, refere-se à noção de verdade como desvelamento ou revelação, conforme concebida na filosofia grega, especialmente por Parmênides e Heidegger. O termo implica a retirada de um véu que oculta a essência das coisas, permitindo que a realidade se mostre como é. Distinta da ideia moderna de verdade como correspondência (adequação entre enunciado e fato), *aletheia* enfatiza um processo dinâmico de revelação e entendimento do ser.

porque sua obra pode fazer isso, que também oportuniza a abertura de possibilidade para que a/o leitora/leitor (a(o)paciente/psicoterapeuta?) retome sua própria vida. Ao olhar e ver a radicalidade aguda do que é ver a própria existência existindo, na escrita de Clarice, somos arrastados para a nossa. À medida que a leio, sinto que sou ajudada a retomar, ainda que temporariamente, a verdade nua, crua e também potente de minha vida: eu existo à medida que sou. E isso me enche de vigor para a entrada, a cada vez, nas sessões clínicas que surgem.

Ana Feijoo também colaborou com a minha chegada à Clarice, de um modo imprevisível. Haveria um evento na modalidade *on-line*, organizado pelo seu Instituto sobre o centenário do nascimento de Clarice Lispector, e então fui convidada por Feijoo para fazera abertura do encontro, discorrendo sobre a vida e a obra da escritora. Subvertendo a burocrática tarefa de uma apresentação, o texto nasceu com mais de dez páginas, nas quais eu apresentava a vida e obra de Clarice, enredada, já por minha conta, à minha compreensão clínica.

Segue um parágrafo do texto em questão

Apesar de Clarice dizer que “tudo no mundo começou com um sim. Uma moléculadisse sim a outra molécula e nasceu a vida” (Lispector, 1998, p. 11), fato é quenão seria possível falar desta escritora com “alívio de segurança” (Lispector, 2016, p. 386). A dificuldade referia-se à minha covardia. Como falar de Clarice sem descrever o desconcerto que me ocorre ao lê-la, ao sorvê-la? O sim, não era à tarefa de enumerar suas obras, mas a de compartilhar, com outros, o modo como seus textos devoram minha organização. Ler Clarice é, para mim, parecido com o entrar no mar, posso molhar os punhos, a nuca, até fazer o sinal da cruz, mas é no mergulho que experimento o frescor da água no meu corpo, disto não consigo saber antecipadamente. A intensidade da onda, a correnteza de água gelada ou morna que surge de repente, a calma ou a atenção para retornar à praia sem levar um caixote, enfim, aspectos que só se sabe a respeito experienciando o mar, a cada vez. Sinto que uma experiência aproximada ocorre quando leio Clarice, às vezes a leitura me vem gelada e me faz tremer, outras aparece como uma brisa suave que me acolhe a alma, na maioria das vezes, me tomba jogando luz sobre a minha própria vida, me trazendo para *perto do coração selvagem* (Azeredo, 2021, p. 145-146).

O texto, apresentado em um formato clínico-poético, continha uma costura dos títulos e algumas citações da autora homenageada, com minha própria vida. Eu o apresentei sem imaginar a repercussão que isso traria. Enquanto estava *apenas* articulando Clarice com o meu modo de fazer a clínica, e colocando o meu existir para jogo, os telespectadores registravam comentários animados sobre como tais encaminhamentos os tocavam. Parecia haver nesta costura um modo de fazer que eu não me dava conta, havia ali um método, e uma clínica, que caminhava *pari*

*passu* com Clarice e suas reverberações em mim. Após esta *live*, um número razoável de ouvintes me contactara, fosse para fazer psicoterapia, supervisão clínica, ou mesmo estudar a relação clínica psicológica e Clarice Lispector que eu apresentara.

A conexão que eu vinha fazendo entre a clínica e trechos de textos de Clarice Lispector ia se expandindo e começava a ser visível para meus colegas mais próximos de estudo e profissão. Como se grávida, as pessoas fossem notando a presença da barriga. Interessante é que talvez nem eu mesma soubesse que estava engravidando-me – a minha clínica e o meu fazer – por Clarice. Eu apenas seguia lendo seus textos e ao ser tocada por eles, num ritmo vagaroso, compartilhava tanto nas redes sociais, quanto no clinicar, a minha experiência e interpretação, a partir do que ela me fazia ver.

Esta oportunidade de experienciar uma leitura que pode produzir uma paragem, para que o ser aflore, é a que mais noto como acontecimento da leitura dos textos clariceanos. Percebo, quando estou nesse instante de encontro com Clarice, a abertura de um campo de afinação, uma atmosfera manifestativa de experiência, na qual é possível uma sintonia que acolha o que se mostrar, isto se estiver alinhavada e à espera de. Tal como acontece na clínica.

É em Lispector que me apoio, nesta tarefa de encontrar estratégias para compartilhar o que talvez seja incompartilhável, incontável, por ser da ordem da experiência. Ainda assim, uma tarefa necessária para a reflexão do que é que está em jogo no exercício de um clinicar psicológico de inspiração fenomenológica e existencial.

### **1.5 Cena 5: Lispector clínico: pensando uma clínica com Clarice**

Como eu me cobrava ter uma *expertise* sobre o clinicar que me garantisse acertar no cuidado com a(o) paciente, não reconhecia que *terapêutico* era justamente o espaço de relação-com o outro, no qual pudéssemos construir uma vinculação que nos devolvesse o olhar para nós próprios, em articulação com a vida que se mostra. Esta relação-com o outro resguarda a oportunidade (e não a garantia) de um encontro desarmado de saberes prévios, sem a presença de *experts*. E quando podemos não-saber e assim renunciar a uma *expertise* prévia, é que algo pode vir a ser saboreado, saboreando e sabendo em gerúndio. Fazendo

uma clínica do fenômeno, do encontro, da existência.

Tomar a clínica a partir desta visão fomenta a ideia de praticá-la também a partir do envolvimento da(o) terapeuta. Ao clinicar, não estamos exercendo uma ação asséptica, estamos todos em risco de que qualquer acometimento súbito intervenha no desenrolar da sessão, tornando ambos, paciente e terapeuta, potentes e frágeis, férteis na relação entre um e outro. O exercício clínico não está centralizado nas mãos da(o) terapeuta, isto desconsideraria as afetações que a clínica produz em todos os atores que compõem o encontro relacional entre seres humanos. É preciso compreender que o escutar clínico de nenhum modo é encapsulado ou envolvido por uma película protetora, dessas que se costuma usar em telas de aparelhos de celulares contra arranhões, muito menos é à prova d'água e dissoluções. Definitivamente a clínica não é à prova d'água.

Lá atrás, talvez, eu não pudesse frutificar tais reflexões, que agora, puderam avançar. Eu tentava me adaptar a um modo de atuação no qual eu pudesse me proteger de não-saber. Imaginava que aprendendo técnicas modernas e avançadas de como proceder em cada situação, o clinicar estaria resolvido. Uma profissional bem-intencionada precisava de preparo técnico, muita leitura e pesquisa. E claro que isto é verdade e tem o seu lugar. Mas compreendi que o domínio de nenhuma técnica poderia me dizer como proceder em cada situação, por mais que eu me preparasse. O preparo se dava por vias múltiplas, e a teórica seria apenas um "fino fio frio" (ALP, p.13). Era no encontro, a partir de uma escuta serena – nem ativa, nem passiva – que as coisas iriam se dando, aparecendo, acontecendo, se revelando por elas mesmas. Onde a disponibilidade da(o) psicoterapeuta se faria crucial para um processo profundo e íntimo da(o) paciente.

Fui entendendo que clinicar acena para um outro *logos*. É o próprio *páthos* existencial no seu acontecer que vai enriquecendo a clínica nas suas possibilidades. Há um conto de Guimarães Rosa (2001), "A terceira margem do rio", que auxilia o exercício de captar este aceno. Já no nome vemos a problematização da lógica a que estamos habitualmente acostumados. Ora, o rio não tem apenas duas margens? Neste conto, o pai, "homem cumpridor, ordeiro, positivo" (Rosa, 2001, p. 79) (como eu pensava que tinha que ser feita a clínica), de repente é tocado por um chamamento radical e manda construir uma canoa especial, e se direciona para o rio, onde permanecerá, dali em diante, remando em sua terceira margem. Este

homem parecia estar tão sintonizado dentro de sua própria vida que seguiu um caminho inédito, impensável, até então inexistente-existindo em si, e que foi acolhido e realizado por ele. Mas aos olhos dos outros, era visto como um egoísta, insensível. Este modo aparentemente desatinado que o tomou lhe exigia deixar a família para seguir outro rumo. Tal atitude estaria certa? Para a esposa, os vizinhos, parentes e conhecidos, não. Mas é a passagem final do conto, num diálogo entre este pai e seu filho, que deixa implícito a possibilidade de uma outra compreensão para o *certo*. Quando o filho, que sofria (por não saber o que fazer de sua própria vida) pelos anos em que o pai ficara na terceira margem, de repente, é tomado por uma cadência misteriosa que o faz chamar o pai, para herdar dele esta tarefa, dizendo:

*Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!..."* (Rosa, 2001, p. 85, grifos do autor).

E, ao proferir tais palavras, o filho sentiu que seu “coração bateu no compasso do mais certo” (Rosa, 2001, p. 85), e isto pode ser entendido como um sintonizar-se à (sua) própria vida. E porque estavam sintonizados, o pai o *escutou*. O que significa este “sentir que o *coração bateu no compasso do mais certo*”, descrito pelo filho? Como podemos verificar nosso coração? Isso não é garantido pela lógica habitual de se estar no mundo, nem se chega a ela pelo preparo técnico. É constrangedor para a/o mulher/homem moderna/o compreender o que seja uma dádiva, algo que estava propenso a afetá-la(o) num de repente que a(o) toca. E que ao acolher isto, afina-se o coração (a vida) ao fazer de seu compasso. Ouso dizer que esse “compasso do mais certo”, essa afinação, conspira com o que chamo aqui de uma escuta serena e viva na clínica. Neste compasso é que se torna possível o ouvir e o obedecer ao que se ouve.

Mas não é porque o coração está afinado que necessariamente dará passagem ao que ouve/sente/vê. Ao ver o pai remando em sua direção, para herdar esta tarefa, ele temeu. O filho disse: “eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. [...] Sofri o grave frio dos medos, adoeci” (Rosa, 2001, p. 85). Quando prestes a afirmar um *sim* à vida, nesta afinação vital, o espanto o tomou e fez com que ele corresse dali. Como podemos chamar esse medo que o tomou frente à realização de algo que o tomava

desde dentro? Angústia? Medo? Recorro-me a Clarice para me sintonizar à experiência deste filho.

Aprendendo a viver

[...] Impacientava-se também com os que gastam tanto tempo estudando a vida que nunca chegam a viver. “É só quando esquecemos todos os nossos conhecimentos que começamos a saber.” E dizia esta coisa forte que nos enche de coragem: “Por que não deixamos penetrar a torrente, abrimos os portões e pomos em movimento toda a nossa engrenagem?” Só em pensar em seguir o seu conselho, sinto uma corrente de vitalidade percorrer-me o sangue. Agora, meus amigos, está sendo neste próprio instante.

Thoreau achava que o medo era a causa da ruína dos nossos momentos presentes. E também as assustadoras opiniões que nós temos de nós mesmos. Dizia ele: “A opinião pública é uma tirana débil, se comparada à opinião que temos de nós mesmos.” É verdade: mesmo as pessoas cheias de segurança aparente julgam-se tão mal que no fundo estão alarmadas. E isso, na opinião de Thoreau, é grave, pois “o que um homem pensa a respeito de si mesmo determina, ou melhor, revela seu destino” (TCO, p. 183).

O filho, narrador do conto, parece estudar a escolha do pai, enquanto a irmã e a mãe, tempos depois do pai ir para a terceira margem, resolveram também ir embora, ele ficou, “permaneci, com as bagagens da vida”, disse (Rosa, 2001, p.84), uma vida que ele mesmo dizia ser de desmoronamento. Preso numa culpa que nem mesmo ele sabia do que era, talvez por não estar (como os outros membros de sua família) vivendo? Fato que no momento em que irrompeu nele a possibilidade de penetrar a torrente e por em movimento a sua engrenagem, lhe roubou a coragem (a ação pelo coração) o medo. Ele mesmo assume no final do conto que sofreu “o grave frio dos medos” (idem, p.85). Grave mesmo, tal como diz Thoreau na crônica de Clarice, pois isto acabou por revelar seu destino.

Da mesma forma pergunto-me se na clínica poupamos alguns sins, reduzindo nossa entrega e presença, no exercício do clínicar, por temer a vida, que pede passagem e que pode nos colocar em risco de simplesmente nos mostrar como somos. Mas não é incômodo ter de conjugar dois modos de ser, um para os outros no exercício profissional e outro para nós próprios? Não seria a clínica um profícuo lugar para que nos dispuséssemos, também nós psicoterapeutas, a simplesmente poder ser? O espaço de psicoterapia não pode ser um solo para nos “livrar da carga difícil de uma pessoa ser ela mesma” (USP, p.16)?

Retornando à cena de Rosa (2001), à medida que eu lia Clarice Lispector – fosse no “*Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*”, ou “*A Maçã no Escuro*”,<sup>21</sup>

<sup>21</sup> O romance *A maçã no escuro* explora a crise existencial de seu protagonista, Martim, que, após

ou “*A Paixão Segundo G.H.*”,<sup>22</sup> ou “*Um Sopro de Vida*”, ou em alguns contos, especialmente “Os obedientes” e “Perdoando deus”, dentre outros –, algo em mim ia sendo alimentado e me empurrando para um abismo. O abismo de ser eu mesma no meu fazer artesanal. De correr o risco de ir sendo o que fazia sentido viver. De deixar o que me tocar e me pedir passagem, passar e se realizar. E isso conjugado ao rigor de ser uma profissional ética, cuidadosa com o outro, estudiosa do que é o humano, curiosa com outras possibilidades de adentrar neste solo, neste *páthos* existencial (como o teatro, a música, a arte, o nadar no mar). *Ser eu mesma no rigor de um fazer* era o convite que silenciosamente eu ouvia, que ganhava corpo em mim, com a obra clariceana.

Ler Clarice faz com que eu sinta o bafejo que transcende a subjetividade de uma identidade que quer permanência, ancoragem. Ela me convida a ser devir e a entrar na experiência, que acaba sendo a gênese de qualquer verbo. O verbo então era o de parir, gerar, a partir do não-saber prévio, uma clínica. E para isso eu precisava trair uma linguagem técnica já dada para acolher/criar uma outra.

Mas essa criação, como é que se faz? Pois neste percurso de se aproximar de uma clínica própria, fui percebendo que uma tal “clínica própria” também não existe. O que existe é sempre e apenas a possibilidade de descrevermos o fenômeno tal como ele se nos apareceu no momento que aconteceu o clínico. Recuperar a memória afetiva de um dado encontro clínico, reconhecendo a mobilização produzida em nós, já é olhar a clínica pela perspectiva do acontecido, tal como elaboramos os casos clínicos. Mas o difícil e grande mistério é olharmos o acontecendo, o sendo da clínica em ato. A totalidade compreensiva do acontecendo na clínica nos escapole, pois o súbito do que aparece no encontro também desaparece quase ao mesmo tempo. “O mundo é o estar acontecendo da existência” (Schuback, 2022, p. 97), e a clínica também é mundo, “igual a um pássaro que voa, igual ao que chega num voo sem que jamais se possa saber de onde vem e para onde vai” (Schuback, 2022, p. 103). A clínica clariceana acontecia.

---

cometer um crime, busca se redimir e encontrar um novo significado para a vida.

<sup>22</sup> *A paixão segundo G.H.* é um romance introspectivo de Clarice que acompanha a mulher, G.H., em um momento de crise existencial. Envolve uma experiência desconcertante, que a leva a um profundo processo de reflexão sobre o sentido da vida, a protagonista questiona sua identidade, valores e o que é real, confrontando-se com o absurdo da existência e seu desconhecido.

“Estão me acontecendo coisas”, diz Clarice em *O relatório da coisa* (TCO, p. 495). Dizemos isso quando ainda não entendemos muito bem o que é que está nos acontecendo, quando ainda não sabemos por em palavras, quando ainda estamos no gerúndio da coisa. Se pararmos um pouco mais, “estão me acontecendo coisas” é o aceno do acontecendo do acontecer, o nascer de algo que ainda não entendemos. Lembremos que “querer entender é das piores coisas que podiam me acontecer” (USV, p. 85), enfraquece o ímpeto de lançar-se. A clínica clariceana já está acontecendo, ainda que não me sinta capaz de descrevê-la (talvez porque ao descrevê-la ela já saiu do acontecimento).

Chamo "*lispectar clínico*" a experiência cujo efeito senti em minha clínica a partir da pouca leitura que fiz de Clarice Lispector: a de um despertar para autorizar-me o meu mais próprio. Inspirado em Clarice, pelo seu escrever e por sua obra, transformei seu último nome em verbo, que resguarda sempre a necessidade de um movimento e de uma conjugação para se colocar para jogo no existir. *Lispectar*, seria então, como vejo, a experiência viva da vida nos falando através de petelecos clariceanos, que não dos deixam pegar no sono profundo de esquecimento do ser que se é.

## 1.6 Cena 6: Efeitos clariceanos no percurso da pesquisa

Está faltando a este livro um estrondo. Um escândalo. Uma prisão. Mas não haverá prisão, e o estrondo é uma implosão.

*Clarice Lispector* (USV, p.104)

Ingressei no Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social da Uerj no mesmo ano em que fomos surpreendidos pela pandemia de Covid-19, fazendo com que os dois primeiros semestres do doutorado fossem realizados totalmente de forma remota, com aulas *online*. Vivíamos, em 2020, uma das maiores crises sanitárias da história, momento de muitas dúvidas e inseguranças devido a alta transmissibilidade do novo vírus, associada à sua letalidade e a ausência de vacinas que pudessem imunizar as infecções. Por isso foi necessário mantermos o distanciamento social, uma medida que foi protetiva, por um lado, e que por outro nos fez lidar com a interdição de nossas rotinas, trazendo complexos desdobramentos de âmbito biopsicossocial e econômico. Vivíamos o

enfraquecimento de vínculos sociais, sentimentos de solidão, ansiedade, tristeza, redução da capacidade cognitiva em idosos etc., levando ao aumento do número de pessoas que buscavam a psicoterapia *online*, como espaço para cuidarem de si, e, enquanto psicoterapeuta, senti o trabalho tornando-se cada vez mais pesado.

Ainda nessa atmosfera de peso e de perdas (estima-se 15 milhões de óbitos decorrentes da Covid-19 no mundo inteiro), na qual víamos o número de mortos sendo atualizados diariamente nos telejornais, sem termos a menor ideia de quando essa situação se aplacaria, gerando-nos um misto de perplexidade e medo por termos de nos confrontar com a nossa condição de mortais sem nenhuma distração ou amortecimento, eu recebia em dezembro de 2020 o diagnóstico de câncer de mama. Este fato foi um estrondo em minha vida, um escândalo, uma implosão! Pois, apesar de toda a catastrofização que vivíamos mundialmente, em função da Covid-19, foi só a partir da descoberta que havia um câncer de mama no meu corpo que me dei conta que também poderia, mesmo, morrer. Para não lidarmos constantemente com nossa finitude, criamos um modo de vida que a apaga, mas o ano de 2020 a colocou em luz de neon por todos os lados, eu perdi quatro tios e uma prima.

A vida revelava sua dimensão de incompreensibilidade, ao mesmo tempo que me convocava a querer vivê-la, enquanto havia tempo. Após situações limites como essa, na qual vivenciamos o caráter de incontornabilidade da vida, é que ganhamos condições de assumir nossas inegociáveis escolhas. O câncer sacudiu minhas ilusões acerca da crença de que nada tão grave aconteceria comigo e me aterrou na radicalidade da incontornabilidade do agora. Numa conversa com meu oncologista lhe perguntei sobre o funcionamento de uma célula cancerosa, na tentativa de saber intelectualmente o que estava acontecendo comigo, e sua resposta tocou minha alma. Ele disse que todas as nossas células em algum momento precisam *se deixar* morrer para preservar o funcionamento das funções fisiológicas do organismo. O sistema imunológico seria encarregado de coletá-las. Entretanto, algumas, adoecidas "pela doença" de não poder morrer, desesperadas, subvertiam esse *timing* da vida e não morriam, ao contrário, se multiplicavam.

Disto compreendi que as células cancerosas eram as que não aceitavam a finitude, estavam adoecidas por uma sanha de eternidade. Isto soou para mim como o corpo metaforizando a vida na concretude de suas células, e me chamando para

olhar os meus processos: retirar do papel alguns desejos, como o da maternidade, e a ouvir os caminhos que já não ressoavam com o meu, para poder deixá-los morrer.

No primeiro momento, após a confirmação do diagnóstico, instalada no pânico e na angústia, sentindo todas as camadas protetivas da minha condição de mortal virando pó, encarando a possibilidade da impossibilidade radical: a morte, pensei em largar o doutorado. Precisava concentrar minhas energias no tratamento, e poupar minha alma, pois eu já me sentia distanciada afetivamente do meu grupo de pesquisa, uma desafinação que me gerava constante frustração e tristeza. Conversei com as coordenadoras da pós-graduação à época, professoras Laura Quadros e Anna Uziel, que me mostraram outras perspectivas para conseguir dar continuidade, dentre elas a opção de entrar de licença por motivo de doença, por um semestre, tempo necessário para realizar os procedimentos médicos e pensar.

Após esse período, mas ainda ressonando o alarme, que fora ativado pelo câncer, frente a possibilidade de morrer, percebi que minhas relações de trabalho e de estudo apareciam na tonalidade monocromática. Eu estava mais sensível a perspectiva *spinozista* da potência da alegria, que nos clama a nos relacionarmos com a vida desde uma potência de (cri)ação e diferenciação. Entendendo com Deleuze (2002) sobre Spinoza (1632-1677) que tudo é relação, tudo é encontro dos corpos, poder acompanhar qual era a modulação de minha potência de agir e criar, quando em determinadas relações, foi iluminando o combate que eu precisava travar com tudo o que minava minha potência. E comendo a este favor, como o barulhinho seco de algo que se quebra discretamente, mudei de projeto, de grupo de pesquisa e de orientação. O que mais eu poderia fazer diante de uma inadequação de alma? Eu sofria, e precisava me implicar a partir de uma postura ativa, eis aí mais um escândalo que me implodiu. Porém, avalio que este percalço tenha sido necessário para a manifestação in loco de um aprendizado clariceano, o de “não recear ser livre” (ALP, p. 18), ainda que gere angústia. Mesmo sabendo que “a tendência da vida é imitar ou aceitar o estabelecido, [e que] é tão difícil procurar a porta estreita” (TCR, p. 507), que é própria angústia, ainda assim era necessário acessar a vida em sua potência criadora, que vai se estreitando na singularização do 'cada um'.

mal vem, o peito se torna estreito, e aquele reconhecível cheiro de poeira molhada naquela coisa que antes se chamava alma e agora não é chamada nada. E a falta de esperança na esperança. E conformar-se sem se resignar. Não se confessar a si próprio porque nem se tem mais o quê. Ou se tem e não se pode porque as palavras não viriam. Não ser o que realmente se é, e não se sabe o que realmente se é, só se sabe que não se está sendo. E então vem o desamparo de se estar vivo. Estou falando da angústia mesmo, do mal. Porque alguma angústia faz parte: o que é vivo, por ser vivo, se contrai (TCR, p.171).

Estava angustiada e precisando aprender a aceitar de bom grado minha condição de humana, tal como Lóri, compreendendo que a angústia clariceana me despertava para o vivo. Fazia parte deste entendimento o acolhimento do acontecimento das coisas, dos projetos, das relações, percebendo que é preciso também *poder deixar morrer* (em vez de nos agarrarmos às coisas a qualquer preço) para realizar a possibilidade de *poder viver* no tempo do acontecimento.

[...] seu descompasso com o mundo chegava a ser cômico de tão grande: não conseguira acertar o passo com as coisas ao seu redor. Já tentara se pôr a par do mundo e tornar-se apenas engraçado: uma das pernas sempre curta demais. (O paradoxo é que deveria aceitar de bom grado essa condição de manca, porque também isto fazia parte de sua condição.) (Só quando queria andar certo com o mundo é que se estraçalhava e se espantava.) E de repente sorriu para si própria com um sorriso amargo, mas que não era mau porque também ele era de sua condição. (Lóri se cansava muito porque ela não parava de ser.)  
Pareceu-lhe que Ulisses, se ela tivesse coragem de contar-lhe o que sentia, e jamais o faria, se lhe contasse ele responderia mais ou menos assim e bem calmo: a condição não se cura mas o medo da condição é curável. (ALP, p. 19-20)

Com Ulisses, Lóri vai se aproximando da experiência de poder ser/existir a partir si mesma, manca. A "condição de manca"<sup>23</sup> não pode ser compreendida como uma falha a ser corrigida, Clarice abre um outro olhar, que diz respeito a cada um poder andar no seu próprio passo, e não no ritmo de um outro. Lóri ao tentar "acertar o passo com as coisas ao seu redor", saía do seu compasso e sentia a dor do sobrepeso de não ser o que se é. Ao assumir-se manca, entretanto, ela podia andar no seu próprio passo, explicitando sua liberdade de ser única e retirando a carga de imposição ao seu ritmo/corpo. Mas ao temer o julgamento do outro sobre sua condição, ela se forçava a ser o que não era, sufocando-se com um perfume que a contradizia.

Lóri se perfumava e essa era uma das suas imitações do mundo, ela que

---

<sup>23</sup> Utilizo o termo manca para ser fiel a obra de Clarice, entendendo o risco de ser interpretado como capacitista caso não seja observado a mensagem no seu contexto, que remete à questão existencial de poder ser o que se é.

tanto procurava aprender a vida – com o perfume, de algum modo intensificava o que quer que ela era e por isso não podia usar perfumes que a contradiziam: perfumar-se era de uma sabedoria instintiva, vinda de milênios [...]. (ALP, p. 16).

Mais um efeito clariceano no percurso desta pesquisa foi a necessidade de me guiar pelo meu próprio ritmo. Sei que podemos nos esforçar para andar numa cadência que não seja a nossa, ou mesmo a usar um perfume do qual não gostamos, e muitas vezes assim o fazemos para evitar o risco da reprovação do olhar do outro, frente à nossa cadência e cheiro. Mas o convite clariceano, através de Lóri, é para não normalizarmos um modo de viver que esteja imobilizado pelo medo. O medo de desagradar, pode nos levar a um erro mais originário e maior, o de não existirmos na nossa claudicância e odor, que está relacionado à condição humana de liberdade.

Ainda que sejamos considerados, para “as coisas ao nosso redor”, insuficientes, é preciso lembrar que a insuficiência antes de ser um erro, nos reconecta à condição primeira que compartilhamos, a de humanos e finitos. Não podemos impedir a vida de correr no seu fluxo, mas ainda precisamos aprender a desfrutá-la deixando-nos ser como somos atravessados a ser. Meu desejo é o de aplicar isto na escrita da tese, no exercício do clínicar e na vida.

Foi num diálogo com Lóri que fui aprendendo, dentre outras coisas, que a condição de ser manca não se cura, mas o medo de sê-la é curável. E já nisso fui relativizando o medo de minha manquejada e cheiro próprio, e me encorajando a tomar decisões que não me contradiziam, colocando-me para jogo, no doutorado e na clínica, reconhecendo “[...] com gratidão a superioridade geral dos homens que tinham cheiro de homens e não de perfume” (ALP, p. 20), e que se apropriavam de suas diferenças. Eu buscava a tranquilidade de poder deixar de usar perfumes para experimentar meu próprio cheiro, e aprender a “abolir a crítica que seca tudo” (AV, p. 3).

Ler Clarice foi o pontapé para mergulhar nessa atmosfera profunda de olhar a vida – em seus percalços, narrativas e condições adversas – como algo que não temos, mas que somos. 'Ser a vida que somos' significa: ao sermos lançados no viver, somos um modo de ação. Podemos atuar/viver de modo frouxo, numa ação que busca somente corresponder à opinião pública, ou experienciar o despertar para a possibilidade de nos inventarmos a cada vez, à medida que algo nos toca e

aparece para nós no caminhar (Fogel, 1998), isso no doutoramento, na vida e na clínica. Assim, vamos saboreando a delícia azeda-doce-amarga da experiência de existir com o nosso nome em risco. Mergulhando no escuro, arrisco-me a pensar uma clínica clariceana, que fez despontar em mim o atrevimento de tornar-me esta possibilidade de ser.

## 2 DE MÃOS VAZIAS PARA SE COLHER UMA TESE, UMA CLÍNICA, E DISTO TORNAR MÉTODO

### 2.1 A negatividade (o vazio) para ouvir o que pedir passagem

Neste trabalho de interlocução entre Clarice Lispector e a clínica psicológica, enfatizo como a escritora me ajudou na construção de um corpo para o meu caminhar clínico. Considero que haja na obra clariceana uma atmosfera de tensão psicológica e existencial que além de oportunizar um espaço de experiência vital para a(o) psicoterapeuta, no exercício de cuidar de si e de retomar o fôlego para o contato com o Grande da vida, também proporciona um material literário extremamente sensível e harmônico ao que comparece na clínica.

Sobretudo pois vemos a clínica a partir de uma atmosfera de negatividade, i.é, sem impormos a ela um sentido prévio, mas deixando-a no vazio necessário para que algo se irrompa e venha à luz.

Trinta raios rodeiam um eixo  
mas é onde o raio não raia  
que roda a roda.  
Vaza-se a vasa e se faz o vaso.  
Mas é o vazio  
que perfaz a vasilha.  
Casam-se as paredes e se encaixam portas  
mas é onde não há nada  
que se está em casa.  
Falam-se palavras  
e se apalavram falas,  
mas é no silêncio  
que mora a linguagem.  
É o Ser que faz a utilidade.  
Mas é o Nada que dá sentido.<sup>24</sup>

Essa disponibilidade para o vazio, que permite a escuta, também oportuniza a restituição de vida à vida, como se neste silêncio, morasse também a possibilidade de um despertar para a possibilidade que se é: necessidade de ser.

Ao ler Clarice, invariavelmente, sinto mais próxima a cena clínica que nos devolve a necessidade de ser. A partir de sua literatura, espontaneamente me via tecendo aproximações entre o que viviam suas personagens, o que vivem meus pacientes e eu mesma. Quase como se estivessem costurados num mesmo tecido, a igual matéria-prima que interconectava Clarice, clínica e vida. O pouco que li de

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://oxigenio-dapalavra.tumblr.com/post/99560545204/trinta-raios-rodeiam-um-eixo-mas-e-onde-o-raio>.

Clarice foi suficiente para respirar sua atmosfera de intensidade, intensificar o meu pensar sobre a clínica, fazendo-me debruçar sobre mim mesma, e, na tarefa de me fazer psicoterapeuta, absorver, reconstruir um modo de clinicar que me vai aparecendo, nesta ambiência de possibilidade, e resgatar a sabedoria do meu corpo num andar cada vez mais livre e feliz.

Quando rezava conseguia um oco de alma – e esse oco é o tudo que posso eu jamais ter. Mais do que isso, nada. Mas o vazio tem o valor e a semelhança do pleno. Um meio de obter é não procurar, um meio de ter é o de não pedir e somente acreditar que o silêncio que eu creio em mim é resposta a meu – a meu mistério (AHE, p. 14).

Este oco que tem o valor e a semelhança do pleno, se aproxima a uma palavra elementar nos gregos, *physis*, trazendo a ideia de nascer, de brotar, de vir à luz. E então poder despertar a partir do que vem à luz, um fazer. Um fazer que faz o humano, posto que o humano não é uma coisa, mas um modo de ser. A existência humana seria então a eclosão de ser-fazer. Quando a vida desde si mesma, move a si mesma, vai se retroalimentando e encorpendo, evocando co-pertencimento. Esta "dinâmica de ação ou de fazer, [...] perfaz essencialmente o movimento vida" (Fogel, 1998, p. 21).

Portanto esse oco, que Clarice em AHE diz ser o tudo que pode jamais ter, trata-se desse oco que já se é. Essa abertura, esse oco, esse aberto que é o fundo do mistério para o despertar, o próprio acometer de um sentido, ela não pode ter. Apenas aguardar que no silêncio, do vazio, algo surja. "O que tem que ser, tem muita força" (AME, p. 86), e "a verdade é sempre um contato interior e inexplicável" (AHE, p.11).

Em *A hora da estrela*, Clarice diz após ter pegado no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. O que seria esse "ter pegado no ar de relance"? Logo diz: "Sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos"(AHE, 1998, p.12). Quando li *A hora da estrela*, conheci Macabéa, uma moça que "não se conhece senão através de ir vivendo à toa" (p. 15). Num à toa que a permitia "ir vivendo o que for sendo" de G.H, porém sem o seu medo (PSGH, 2009, p. 11). Ou como Lóri quando experimentava o "não entender", pois

[...] não entender era tão vasto que ultrapassava qualquer entender – entender era sempre limitado. Mas não-entender não tinha fronteiras e

levava ao infinito, ao Deus. Não era um não-entender como um simples de espírito. O bom era ter uma inteligência e não entender. Era uma benção estranha como a de ter loucura sem ser doida. Era um desinteresse manso em relação às coisas ditas do intelecto, uma doçura de estupidez (ALP, p. 44).

E assim via Macabéa, “uma doçura de estupidez”, pude conhecer a radicalidade da experiência de quem era uma moça que vivia “numa cidade toda feita contra ela” (AHE, p.15). E que mesmo assim nos acenava para linhas de encantamentos, que só mesmo a personagem conseguiria vivenciar, mesmo sem saber que vivenciava. Macabéa não entendia a vida, mas a vivia com toda sua possibilidade de possível.

[...] ela não se sabia explicar. Transformara-se em simplicidade orgânica. E arrumara um jeito de achar nas coisas simples e honestas a graça de um pecado. Gostava de sentir o tempo passar. Embora não tivesse relógio, ou por isso mesmo, gozava o grande tempo. Era supersônica de vida. Ninguém percebia que ela ultrapassava com sua existência a barreira do som. Para as pessoas outras ela não existia (AHE, p. 63).

Toda dentro da vida, ia “vivendo à toa”, sem desconfiar que muitos gostariam de saber dessa simplicidade que vivia e que levava consigo a borbotões. Neste compasso com a vida, neste à toa, era livre. Como pode uma personagem de tão poucos recursos intelectuais e econômicos como Macabéa ter “a felicidade pura” (AHE, p. 69)? Ela conseguia viver a vida sem precisar consertar o viver, até porque “existir não é lógico” (p. 20), como poderíamos reparar o ilógico? Clarice, neste irromper de sentido que lhe saltou, me surpreendeu com um soco no estômago ao deixar que Macabéa, uma personagem que eu via tanta doçura, fosse violentamente atropelada na saída da consulta com a cartomante. Era ali “a vida comendo a vida” (p. 85).

Doeu em mim aquele fim trágico. Macabéa era a pessoa-personagem que sabia, sem saber que sabia, ao prestar atenção nas coisas insignificantes, me mostrava a significação das coisas. Ela era capaz de dizer: “eu vou ter tanta saudade de mim quando morrer” (AHE, p. 53), porque é uma frase que só se chega pela via da ilógica, e disto Macabéa era abastada. Ela sabia ver de alma nua. Como uma personagem que vivia tantas privações, nos podia dar uma aula em matéria de saber ver? A beleza inventiva de Clarice que dá a um corpo privado de tanto, o não ser privada de si, pois “ela queria ser ela mesma” (AHE, p. 32), é inspiradora para uma postura clínica que resguarde, aguarde e escute as possibilidades de ser de

cada um, desde os emaranhados acontecimentos que forjam uma vida, um outro, sem o julgamento prévio que apressadamente quer corrigir, ampliar, "melhorar" o modo do outro viver.

Na cena final desta novela, há a acontecência de um acontecimento que é indiferente à beleza ou à feiura de Macabéa, e nos deixa sós diante do segredo inviolável que é a vida (e a morte) em seu acontecer. Eis aí, agora, um grande soco no estômago para a clínica psicológica: não inventamos acontecimentos, mas precisamos aprender a nos relacionar com eles, a partir do modo como acontecem, e a partir do nosso lugar, de ouvintes e assistentes na construção de um corpo que consiga acolher o acontecido e seguir adiante. A clínica pode ser um espaço de preparo para um maior acolhimento se, enquanto psicoterapeutas, pudermos aprender com Macabéa a não precisar vencer (n)a vida, mas a vivê-la tal como se mostrar, resguardando o vazio para ouvi-la.

Num simples diálogo, com Olímpico, ela já nos oferta tanto:

Quando ele falava em ficar rico, uma vez ela lhe disse:

- Não será somente visão?
- Vá para o inferno, você só sabe desconfiar. Eu só não digo palavrões grossos porque você é moça-donzela.
- Cuidado com suas preocupações, dizem que dá ferida no estômago.
- Preocupações coisa nenhuma, pois eu sei no certo que vou vencer. Bem, e você tem preocupações?
- Não, não tenho nenhuma. Acho que não preciso vencer na vida (AHE, p. 49).

O modo como essas frases de Macabéa podem nos afetar, talvez vá depender do fôlego que reunamos para suportar ver a vida enquanto acontecimento não guiável. Acolher a vida sob esta perspectiva, mobiliza atenção ao que nos toma, atravessa, acontece, não para temermos, mas para nos colocarmos em prontidão ao que nos pedir passagem para ação na travessia que realizamos, em destinação ao ser que somos. Assim vamos forjando um corpo, tal como Macabéa, com disposição de fluir na vida, acolhendo com dignidade os acontecimentos do caminho, pois neles, por mais incompreensíveis que sejam, há o resguardo da oportunidade de nos reencontrarmos nesta conjugação entre o que nos advém, e o exercício de liberdade de como responder a isto, na fina relação de escuta atenta e de acolhimento à vida.

Assim vou caminhando com Clarice, compondo uma clínica que também não precise vencer na vida, porque afinada a ela, escolhemos um outro modo de relação,

a partir de onde entendemos que estamos todos no mesmo barco (da vida), e isso fica explicitado em *A hora da estrela*, sobretudo após o fim de Macabéa, quando a narradora se dá conta que ela também faz parte desse jogo no qual “a vida come a vida” (AHE, p. 85).

E agora – agora só me resta acender um cigarro e ir para casa. Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas – mas eu também?! Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos.  
Sim (AHE, p. 87).

Estar dentro da vida é já estar no atropelo. E são tantos os atropelos! As vezes ele aparece na forma de uma rotina esmagadora na qual se vive sem saber-se vivo, outros na fatalidade concreta de um atropelamento, como o que pôs fim à vida de Macabéa, outros ainda na suspensão das referências cotidianas, quando a angústia nos faz perceber que estamos dentro da vida até o pescoço e a saída é já uma entrada, que é aprendermos a nadar nela. Fato é que vida

não é crescente progresso, não é crescimento infinito no aberto, não é agigantamento somativo, quantitativo, infinitamente acumulativo, mas, sim, insistente retorno, repetição, retomada da essência que, “junto de”, “ao longo de” e “através de”, faz e sempre re-faz como movimento ou dinâmica de diferenciação no per-fazer, na perfeição. É o retorno, a repetição ou a retomada da vida, do caminho – do método. Isso são as vicissitudes do viver e do existir atentos, i.é, em atenção obediente à liberdade de ser o que se é; em obediência, pois, à necessidade de vir a ser o que é e, assim, cumprir a liberdade, que é a necessidade e a irrevogabilidade de uma identidade, de um próprio – sempre o (a) do homem no interesse que é a vida, o horizonte-realidade (Fogel, 1998, p. 49).

A minha experiência com a leitura clariceana é a de receber petelecos contínuos para a retomada do fôlego de fazer-se, nesta dinâmica de estar viva, de estar caminhando. Esta literatura pode ser profundamente profícua no âmbito da formação clínica em psicologia, sobretudo por demandar da(o) psicoterapeuta-leitora(leitor) a necessidade de construção de uma disposição reflexiva, vagarosa e potente, que a(o) ajude tanto na tarefa de ouvir o outro, como na concentração de si mesmo como força de ser o que se é. Isto colabora na construção de um corpo, para a(o) psicoterapeuta, que se afine ao movimento de enviar-se (já se estando nela) para isto que é a vida.

Passear pelas temáticas dos personagens de Clarice, como Lóri, Martin, Joana, Ângela, G.H., entre tantos outros, me envolviam sobretudo por costurarem com as narrativas de meus pacientes, seus dilemas, inquietudes, necessidade de

construção de algum sentido diante do próprio mundo, para justamente conseguirem nele habitar. Eu ia encontrando, na aliança com Clarice, o amparo para os tantos desamparos que as boas perguntas (das(os) pacientes e as minhas) nos deixam ficar. Fui aprendendo com os personagens a suportar, com um pouco mais de fôlego, que os ressignificados para os acontecimentos nos exigem tempo, calma, à medida que se caminha. Clarice ia me ensinando a pacientar minha escuta frente ao que minhas(meus) pacientes traziam, tecendo com elas(eles) primordialmente uma atmosfera de apoio, de compressão e de respiro. E misteriosamente, as resoluções para o irresoluto começavam a aparecer para eles mesmos, à medida que nos adentrávamos e permanecíamos na tonalidade afetiva de reconhecimento dos acontecimentos, de escuta atenta aos seus desdobramentos, porém sem a pressa resolutiva que muitas vezes nos impede de absorver o que precisamos.

## **2.2 A realização do que pede passagem**

Sem que eu percebesse de imediato, minha clínica, ou pelo menos o meu modo de habitá-la, ia se apaziguando em mim. Era como se de modo incerto eu fosse compreendendo (com Clarice) que não poderia mesmo mudar o fim trágico de Macabéa, eu precisaria, portanto, já admitir e considerar a inapetência para desfazer qualquer feito, sem temer que isto representasse um fracasso profissional. Ao contrário, adentrar a clínica já compreendendo tal insuficiência frente à vida, abria a oportunidade de apenas ouvi-la, o que não era/é pouca coisa. Talvez este era para ser o meu trabalho, e só recentemente, com o que me despertava Clarice, eu podia perceber.

Era um despertar que enriquecia minha clínica e vida, como se ao mesmo tempo e co-originariamente, a nutrição advinda das reflexões clariceanas fossem alimentando e transformando meu modo de estar no âmbito profissional, ampliando também aspectos da minha vivência-pessoal no mundo. Compreendendo que um e outro, clinicar e ser, constituam faces de um mesmo modo de estar no mundo, ainda que resguardadas as suas diferenças. Clarice me ajudou a perceber que clinicar exigia de mim não apenas a formação em psicologia, mas também uma aprendizagem oriunda da Vida de modo mais ampliado e profundo.

Seus textos traziam à tona aspectos existenciais que também me levavam a caminhar no próprio cuidado de mim mesma. Parar, por exemplo, para perceber o

quanto podemos viver às voltas do cotidiano, em uma vida inautêntica, desobedecendo ao que nos pede passagem, como ocorre na descrição repetida do dia a dia do casal do conto “Os obedientes”, me levava a projetar minha própria vida, e a me angustiar nela. Ao mesmo tempo que ecoava e me ajudava a escutar as histórias e sofrimentos de minhas (meus) pacientes, narradas no espaço do consultório, com muito mais atenção e com muito menos pressa, o que também me oportunizava uma escuta de mim mesma, simultaneamente, reconhecendo aprendizados clariceanos no meu modo de estar e ser na clínica.

Perceber que o exercício clínico pode nos mobilizar o fôlego para sustentar o atropelamento seguido de morte de Macabéa, sem que nos coloquemos num lugar de desfazimento do feito, trouxe-me o frescor de outra possibilidade para a clínica em psicologia. A escuta atenta, que não é ativa nem passiva, é presente, na clínica, dos acontecimentos trazidos, e que não precisa se voltar para nenhuma meta *a priori*, como a de querer mostrar aprendizados de algum fato acontecido, ou a de querer enfatizar o suposto lado bom das coisas que o narrador ainda não percebeu etc. Ela só precisa poder verdadeiramente escutar, ouvir, sem nenhuma missão já posta. Parece pouco, mas é profundo. Trata-se de escutar com presença aberta para acompanhar o que vem, e colocar-se disposta e disponível a *ir-se-Com*.

Um dos desdobramentos dessa escuta é poder ouvir com serenidade, atenção, sem ficar preso ao que é que precisará ser dito logo assim que o narrador pausar ou terminar sua narrativa. Como se estivéssemos ouvindo atentamente um conto clariceano, escutar ativamente é permitir-se percorrer-com o outro, os caminhos que ele mesmo já percorreu e que traz para a sessão clínica. Quando ouvimos, e apenas ouvimos, resguardamos a oportunidade de uma relação mais autêntica e honesta entre psicoterapeuta e paciente, nesse espaço contínuo de cuidar de si mesmo, seja na clínica como psicoterapeuta ou como analisando. E aí pode aparecer genuinamente o diálogo sobre aprendizados colhidos de algum acontecimento ou a percepção de algo que foi bom.

Aos poucos, venho tateando um percurso, tornando-o meu, e tentando me habituar ao meu modo de estar-com o outro e senti-lo, obedecendo ao que me toca, sem que isto signifique já de partida um equívoco. Tenho aprendido que, mesmo que haja erros, é necessário acolhê-los, pois estão em diálogo com os atravessamentos do meu viver. Seria isto um método? Sim, pois

O “metá” contido em “método” (“metà-hodos”) diz “de acordo com”, “junto de”, i.é, “de acordo com” ou “junto de” o caminho.

[...] A pergunta pelo método disso ou daquilo é a pergunta pelo modo de fazer ou mesmo do fazer-se disso ou daquilo. *Assim, o método é o movimento de exposição disso do qual o método é método!* Há, então, um co-pertencimento entre método e a própria coisa em questão que, na verdade, é o co-pertencimento ou mesmidade da coisa e do seu fazer-se, do seu instaurar-se ou expor-se, i. é, do seu vir-a-ser isso que ela é. Tal como a palavra “método” evoca, o co-pertencimento do método e do fazer-se ou expor-se é o mesmo existente entre caminho e caminhar, pois caminho se faz ou se dá no movimento de sua realização ou instauração, que é o próprio caminhar. É o caminhar, a ação de fazer caminho, que instaura, que abre caminho para aquele ou para quem está no ânimo, na força, na decisão ou na determinação do caminhar (Fogel, 1998, p. 29-30).

O modo como Fogel compreende método, corrobora com a minha interpretação de que o método desta pesquisa esteja assentado no co-pertencimento existente entre o modo como leio Clarice e a própria afetação de Clarice em mim, que vai desvelando uma compreensão de mundo que transborda na minha escuta. Compreender método por um modo de fazer algo, deflagra a relação particular entre o fazimento deste algo como já co-pertencendo, sendo parte, nascendo junto do próprio algo que lhe co-faz. Isto é estranhíssimo, pois trata mesmo de dizer que o modo como exercito a minha clínica, ou seja, a minha metodologia, está revelada na ação, no verbo clinicar, à medida que a realizo. Então o método é conquistado à medida que realizo uma ação. Por isso o método, i.é, o caminho, é o próprio caminhar. “Este – é o *meu* caminho –, qual é o vosso?”, assim respondi aos que me perguntaram pelo ‘caminho’. Pois o caminho – não existe!” (Nietzsche, 2018, p. 188).

Vale ressaltar que tal ação envolve um/a outro/a, portanto, torna-se uma ação reflexiva, marcada também pela mutualidade e pela não dicotomização tanto ao modo dialógico de Buber (2001) quanto ao próprio modo clariceano, quando ela afirma que “dicotomia é uma das palavras mais frias do dicionário” (Lispector, *apud* Rocha, 2011). Dessa forma, podemos reconhecer que esse processo metodológico se aproxima de um fazerCOM ou outro (Moraes, 2010, 2022; Quadros; 2021), uma construção viva e encarnada na própria dimensão deste fazer. Dentre outras consequências de pensar método por este paradigma, vê-se o movimento vivo de um modo de fazer, que vai se atualizando e acontecendo a cada vez que se o faz. Assim, afastamo-nos de uma coisificação metodológica, para acolhermos o movimento da vida no fazer em relação-com. Uma vez que vida não é uma coisa-em-si, não convém traçarmos uma metodologia dura, previdente e previsível, para

o exercício do escrever e do clinicar, que são verbos vivos e que enquanto tais estão sob o regime do inabarcável da existência, com todas as suas contingências.

Pensar o método de uma clínica como já sendo o modo como ela acontece, refere-se a uma dimensão existencial-vital, que resguarda a irmandade com o fazer, tal como se dá, tal como se é interpelado a, numa ação “interessada”, neste interesse que nos atravessa e que já o somos ao mesmo tempo. Um fazer que não é posto de fora, por manuais, mas que acontece nesta disposição de entrega, atenção serena à espera, disto que no meio da travessia nos será acenado, já nos atravessando, ecoando a voz do que é vivo em nós.

Não estamos no desconcertante fato de que já precisamos estar dentro disso do qual parece que, queremos entrar? [...] no interior do qual e desde o qual se revela um possível modo de ser, uma abertura ou um sentido possível de vida – do viver, do existir, que, necessária e irrevogavelmente, já é sempre ação, atividade, fazer (Fogel, 1998, p. 31).

Pensar método como sendo algo separado e anterior à execução de um fazer, significaria dizer que a ação de um fazer (o modo) não estaria diretamente relacionada como fazer (verbo). Quero afirmar que o fazer (do clinicar, do escrever) de algo já carrega em si um modo para este fazer. Isto é, só podemos pensar em como fazemos algo, pois já o fazemos. A sistematização de um método é, pois, sempre tardia frente a experimentação de um fazer. Por isso, pensar ‘método’ como sendo aquilo que determina o fazer de algo, além de substancializar método, faz perder a conexão com a experiência de um fazer vivo, que tonaliza um modo para seu fazer-ser.

Em se tratando da clínica, é preciso retomar o fôlego para esta proximidade com o próprio fazer. Sobretudo porque há uma alteridade constituinte do modo deste fazer, e não poderíamos deixar de considerar a co-originariedade inerente entre fazer-clínica e o modo que se faz (método) clínica. Separá-los, além de não traduzir a realidade – pois todo fazer já apresenta, no fazendo, o traço deste que o faz –, também não consideraria a necessidade de um modo para cada fazer em particular, o que é ofertado pelo próprio fazer em si.

Por muitos anos minha atuação clínica foi inundada pelo pensamento que via a metodologia como um caminho que teria primazia sobre meu fazer. Pensar assim me fez buscar um método fora do meu já-fazer-fazendo, e que corrigisse e aperfeiçoasse o meu modo de fazer. Isto é, eu buscava aprender técnicas para um

modo de fazer não parido pela minha experiência, mas instituído por outros, que me assegurariam um método que eliminasse a possibilidade de erro, nesta relação com o impuro que é a vida. Eu não via que o medo de errar vetava, de origem, a familiaridade e a oportunidade de me relacionar viva e arriscadamente com meu fazer.

Porém, como sei pela vivência, a relação que se estabelece num espaço de psicoterapia não é dada de antemão por nenhum método. Há algo que nos escapa. Se porventura utilizam um método para direcionar a interrelação terapêutica, já há algo que se perdeu ali. Pois o que direciona a interrelação é o próprio acontecimento, o fenômeno, aquele algo que se mostra e nos oportuniza parar, ficar, e nos dedicar a ver com mais zelo. Livres de um método prévio temos a chance de nos relacionarmos com o acontecimento com espontaneidade e prescindindo de uma postura regulamentadora.

Assim, acompanhamos Quadros e Prestrelo (2019, p. 860) quando as referidas autoras, inspiradas em Bondia (2002), destacam que

[...] aproximamos o conhecimento de seus aspectos vivos e dinâmicos do cotidiano, e na possibilidade de olhá-lo através do resgate de nossa dimensão sensível, atentando-nos para a produção de um saber que “nos passe”, um saber de experiência.

Podemos até caminhar com hesitação na espontaneidade, fruto da novidade de não se saber por onde andaremos previamente ou aonde chegaremos. Mas se nos abirmos a apenas ir seguindo as pistas, os rastros, as afetações, colocando-nos no risco do erro, que a essa altura deixa de ser erro e passa a ser possibilidade, modo de ser, uma brisa de despertar comparece no fluir do exercício profissional próprio. Esta brisa pode nos dar o acesso a uma clínica criativa, religada ao devir em sua esfera de imprevisibilidade.

### **2.3 A hesitação como parte do método (destino) do *ir***

Penso que há uma aproximação entre o modo processual e claudicante de seguir na clínica e na vida, quando o saber desamparado não sabe o que fazer, com a escuta que Clarice aplica para escrever seus textos, exigindo a si mesma uma entrega. É um método que não diz com antecedência os caminhos que serão percorridos pelas personagens de seus romances, ou mesmo os desfechos de seus

contos e crônicas, apesar de sempre já se encontrarem numa atmosfera que conjuga tudo o que virá. Realização e possibilidade se encontram, ainda que nos escandalize, sobretudo quando nos espelha o abismo sob o qual fazemos nossa travessia.

Esta clínica, da negatividade – que recua frente a um saber objetivado sobre a pessoa humana –, por compreender a nada que o humano é, não age por agir, aguarda o despontar de um afeto que o fiska, pois, por tal afeto tê-lo fiskado, também o revela para si. “A existência humana é um mistério assustador porque precisa buscar a realidade em que já sempre se está, o sendo em que se é” (Schuback, 2022, p. 109), buscar o sendo em que se está sendo é um dos trabalhos de uma proposta em psicoterapia. E, mesmo quando se pensa que não há nada que o fisque, “a busca que nada encontra, encontra o nada encontrar e isso é muito” (Schuback, 2022, p.109).

Encontrar o sendo no qual se está sendo, e fazer a experiência deste sendo, que se realiza no ser-sendo, requer a disposição para a mudez do que é obsoleto e a concentração no novo que pede passagem. Neste acontecer do sendo ou do ser acontecendo, podemos experienciar isso que se adensa e se realiza em ato. Num espaço de aguardo, que cuida do desvelamento do ser, como o de uma psicoterapia, podemos também notar que nem sempre o obsoleto morre. Mas ganha passagem por hábito (?) na parição de um natimorto.

Poder contar com uma clínica que resguarde espaço para o acolhimento disso que produz desorganização e instabilidade para um modo de ser de um sendo, cujo afeto se deslocou, é fundamental para o amparo neste desamparo frente a experiência de um de repente que tudo mudou. Neste momento, a velocidade ao modo da hesitação, i.é., vagarosa, pode ser mais contributiva num processo de auto apropriação disto que se está sendo, do que a pressa para, então, tudo já se resolver. Mesmo que tudo já esteja resolvido, é preciso espaço para se apropriar disto que quer ganhar voz em nós e que não conseguimos dizer.

O fazer da(o) psicoterapeuta, tal como o do agricultor que zela pela terra de onde advirá o fruto, é aguardar, conspirar, para que a semente que já existe, se faça existir (brote, cresça) no sendo a partir de onde ela já existe. Um trabalho que precisa estar fundado na serenidade, como modo de desaceleração do pensamento, e que junto ao outro, que busca a psicoterapia, possa aproximar-se

disto que assenta sua própria casa, história, narrativa, e que lhe nutre o vigor do ter sido, do sendo e do vir a ser mais próprio.

Este enraizamento (Heidegger, 2001, p. 15), ou assentamento neste próprio, tem sido perturbado pelos apelos de nossa época, que continuamente nos convocam a pensar ao modo da técnica, ameaçando e agredindo “a mais íntima essência” (p. 17) do ser humano. Esta relação com a técnica moderna oculta o próprio modo de determinação da relação da mulher com tudo o que existe (p. 19), de modo que já se pode ir à lua, mas não se pode mais aguardar o luar, que é sempre a possibilidade de um novo dar-se.

Se perdermos a hesitação, em busca unicamente do êxito da técnica, o que é que se perde? Dentre outras coisas, o andar cambaleante próprio da existência humana, que se estremece de dúvida diante de uma nova possibilidade de vida. Diante do novo há lugar para a hesitação frente ao medo de uma desorganização. Mas também é preciso haver a oportunidade de se perceber existindo, ainda que sob a angústia que a hesitação implicitamente já denota.

Para que nasça do solo de uma terra natal (Heidegger, 2001), isto é, de um próprio, a força vibrátil para condução da realização de uma ação, um êxito, um ser-fazer, é preciso antes resguardar o espaço do hesitar, como parte de um método de ir, rumo ao que só vai sendo e se dando, à medida que um acontecimento em nós vai se firmando. “Várias vezes senti que se eu deixasse, o acontecimento se aproximaria. Mas como tenho medo, evito” (AME, p. 319). “Mas meu medo não era o de quem estivesse indo para a loucura, e sim para uma verdade – meu medo era o de ter uma verdade que eu viesse a não querer” (PSGH, p. 59).

Um medo que apesar de nos fazer hesitar, pela hesitação nos vai forjando uma musculatura necessária para sustentar a tensão da corda do arqueiro, quando num desconhecido instante algo se decide e solta o tiro. A hesitação pode ser a concentração que nos prepara para o instante seguinte, e para o seguinte, segurando a corda, até que algo subitamente, sem aviso, a arrebenta e já se mostra no acontecer do tiro, o êxito. Ou seja, a hesitação é parte de um preparo para o lançar-se frente à abertura de um vir a ser desde si.

## 2.4 Um caminho desde o caminho

Para além da curva da estrada  
 Talvez haja um poço, e talvez um castelo,  
 E talvez apenas a continuação da estrada.  
 Não sei nem pergunto.  
 Enquanto vou na estrada antes da curva Só olho para a estrada antes da  
 curva,  
 Porque não posso ver senão a estrada antes da curva.  
 De nada me serviria estar olhando para outro lado  
 E para aquilo que não vejo.  
 Importemo-nos apenas com o lugar onde estamos.  
 Há beleza bastante em estar aqui e não noutra parte qualquer.  
 Se há alguém para além da curva da estrada,  
 Esses que se preocupem com o que há para além da curva da estrada.

Essa é que é a estrada para eles.  
 Se nós tivermos que chegar lá, quando lá chegarmos saberemos.  
 Por ora só sabemos que lá não estamos.  
 Aqui há só a estrada antes da curva, e antes da curva,  
 Há a estrada sem curva nenhuma.

(Pessoa, 2005, p. 88)

Poder observar a estrada na qual estamos dialogando com ela no seu tempo e espaço, apenas com o que ela nos mostra e está sendo, suspendendo as inquietações com o depois e/ou com uma suposta estrada ideal, fantasiada como modelo, mas serenamente só presentes no agora. Isto pode abrir disposições para se pensar/ver/sentir a estrada/vida naquilo que ela nos diz, mobilizando-nos a um ato, verbo, criação, como um sendo no agora, que vai se dando no próprio sendo da coisa. Num clima clariceano que, atento ao que escuta, conspira para que de repente nos vejamos no nosso método, sem nos darmos conta que o fazemos.

Jamais haverá um método pré-existente ou subjacente, i.é, de estrutura subjetiva ou substancial, que, desde o seu já feito, me leve, me conduza ou me introduza *de fora para dentro* de algo, a saber, de uma atividade ou de um fazer. Ou já se está dentro e desde dentro se faz, se revela e se é, ou nunca se entrará e, então, jamais se fará, se revelará e se será. Pois a estrutura da vida, da existência, é imersão, melhor, inserção e, assim, não há método, caminho, *estratégia* de fora que me ensine a viver. Sempre já se *sabe* viver, pois sempre já nos damos conta vivendo, existindo, “porque aprender-a-viver é que é o viver mesmo”, diz o jagunço Riobaldo. O “jagunço”, i.é, o jogado, o sempre-já-jogado... no sertão, na vida, *no método*, isto é, no *de acordo com* e no *junto de* o caminho que é o viver, o existir. Por isso, ele dirá ainda: “O real não está nem na chegada nem na partida, mas sempre no meio da travessia.” O “meio ”da travessia é todo ponto, todo instante, toda vicissitude – o centro é o em toda parte de toda a periferia. Sim, o que há é só travessia. A travessia é o método (Fogel, 1998, p. 31).

Esta tese, costurada em Clarice, convida a pensar como já somos o modo de fazer de nosso fazer. Sinalizando que não é possível separar o escrever a tese, o ler e absorver Clarice e o clinicar a clínica, do próprio modo da ação (método) desses fazeres. Minha proposta metodológica zela por um fazer que não seja indiferente às nossas singularidades, marcas e histórias, pois só assim podemos atuar com o rigor adequado à natureza de nossa questão fundamental, que é o saber escutar um outro, que perfaz a vida em seu movimento. Esta é a dimensão existencial vital de uma escuta clínica.

Por isso não penso método como um dispositivo que vise a eliminação da hesitação, do risco, do erro – o que nos colocaria sempre numa postura de veto, de protelamento em nome de um eterno melhor preparo para enfim agir com condições ideais inatingíveis –, que representaria uma assepsia atravancadora de vida, de pesquisa, de reflexão, de análise, de meditação.

A minha proposta de método é *ir-se*. E, neste *ir-se*, compor com os atores/acontecimentos que surgirem na nossa estrada, fortalecendo nosso chão, co-nascendo-com nosso modo de caminhar/fazer nestas circunstâncias. Trata-se de um método que vemos acontecer no exercício do psicólogo clínico, do escritor e até mesmo no simples viver a vida, num *ir-se*. De tal forma que o pesquisar aqui, tal como para Moraes e Quadros (2020, p. 3), vai se forjando na articulação entre nosso narrar e sentir, visto que “ciência e vida formam um diálogo ininterrupto”, clinicar se aproxima desse diálogo vivo, obediente ao que se vive, ainda que hesitemos.

Portanto, se método é caminho e pesquisar é colher o que vai se dando neste caminho, incluindo aí as redes de afetações (Moraes; Quadros, 2020), escolhi nesta tese, propor enquanto método, o próprio ir colhendo “o que for sendo” (PSGH, p. 11), num modo de receber o toque de Clarice e o que, a partir dele, se abre em nós. E, com o que aparece, acolher a singularidade que surge. Para receber o toque e conspirar para que ele ocorra em nós, entretanto, precisamos fazer um exercício de despojamento.

Ler Clarice (tal como clinicar) exige uma desaceleração, um modo de ler gaguejante, que vá fazendo paragens, se demorando nas cenas e em suas descrições, para sermos tomados por uma atmosfera clínica. E já nesta afinação, oportunizarmos um olhar cuidadoso e autêntico para nossa própria vida, num

diálogo que é desde si. Percebo que esse modo de ler Clarice pode conspirar favoravelmente para a afinação de uma escuta atenta no processo de clinicar.

Disto extraio já um aceno, a desaceleração para a clínica, ensinado pela leitura de Clarice Lispector. Quase como uma condição para adentrar ao clima daquilo que ela está vendo, ouvindo e trazendo para seu texto, compartilhando-o. De forma singular, ainda que dependa do fôlego de quem a lê, para ver a vida que ela descreve, os textos clariceanos conspiram com um tombar para dentro da vida, ou seja, um despertar em nós mesmos, que nos conclama a olhar para o que está acontecendo. Como se ao lê-la, fôssemos sendo tocados continuamente para a possibilidade de ver, não um ver algo, mas o ver um ver (Schuback, 2022), que entendo como sendo um despertar específico, o nosso próprio. Para uns, seus escritos podem tocar na oportunidade de olharem para sentimentos contraditórios irreconciliáveis. Para outros, sua leitura é como freada brusca que revela, diante dos olhos, o cotidiano da vida que está sempre a passar. Há, também, em textos aqui e ali, o sussurro da própria vida por debaixo das maquiagens sociais. Enfim, impossível esgotar as possibilidades de afetação ao ler Clarice Lispector.

Vi também em Quadros (2014) esse convite para deixarmos a pressa de lado, para uma clínica que valorize os pequenos acontecimentos em detrimento das grandes narrativas, expresso pelas palavras da autora, uma clínica que nos convoca a atenção ao miúdo do cotidiano, tão presente também nos textos de Clarice. É, pois, um processo desafiador, mas necessário de ser pensado em tempos de imediatismos e busca de resultados nos procedimentos da clínica em psicologia, muitas vezes afastando-se da ideia de um cuidar na escuta e no intervir.

Gostaria que esta tese contribuísse com o despertar de um cuidado de si por algumas vias. A primeira delas é a validação da experiência, que abre um horizonte compreensivo de sentido por si mesmo, que permite o nascimento de interpretações que brotam durante a leitura do material clariceano. Os textos de Lispector que serão compartilhados à luz do meu olhar, revelam um modo de pensar, ver, sentir, ser, que forjam meu ver, e assim também uma clínica, uma vida. Resguardando a possibilidade de outras afetações à medida que vamos lendo juntos e abrindo outras visões possíveis.

Os textos clariceanos e o meu olhar sobre eles estão unidos. O modo como os leio já se dá a partir das marcas que carrego, sem nenhuma pretensa

neutralidade, mas admitindo a mistura deste fazer, que carrega singularidades e apaixonamentos. Acredito que o modo como você, leitor, me lê, também traz suas impressões. Não é assim que nos ouvimos? Por isso, dizer que esta tese está ancorada sob os pilares da clínica, literatura e do meu percurso é importante, por admitir que o que já somos constitui nosso modo de ser/fazer as coisas. Situar um pouco a minha história, "sujando" a tese, para trazer para cá a paixão, o *ethos*, que costuma ficar de fora, ou melhor, oculto.

Na mercearia boa sorte, lembro que meus pais varriam o chão para depois jogar serragem nele. Eu os indagava para quê limpar o chão se depois iriam sujá-lo com serragem. Eu achava que a limpeza estava no chão varrido e lhes apontava a contradição. Entretanto, eles defendiam que apesar de estranho, a serragem impedia que o chão ficasse escorregadio, já que era comum cair alguma gordura ou líquido, enquanto se movimentavam para cá e para lá, no atendimento aos fregueses. A função que deram à serragem não vinha da objetividade imediata, mas de uma auto implicação, artesanal e criativa com a qual eles iam criando saberes e fazeres num modo próprio, i.é, um método.

Esse conhecimento, que é apaixonado e articulado com o próprio fazer, é filho do método (como "metà-hodos") e está em um bom diálogo com a experiência e com a vida. Já o conhecimento desapaixonado, fruto de uma metodologia apartada da vivência, além de não produzir mais objetividade, pode gerar chão limpo (deslizante), porém tedioso (por estar forada vivência) e ignorante de si mesmo (por só colher conhecimento de segunda mão, a partir de experiências de outros). Oportunizar-se parar e ouvir, com o corpo vivo que somos, o que o mundo está nos dizendo, pode nos levar a métodos/caminhos ainda não percorridos, porém articulados e articuladores com nossa existência.

Por isso que clinicar, tal como escrever, nunca é uma mera aplicação de técnicas. Disto lembro de Sá (2017, p. 18): "[...] a conduta e a identidade profissional da(o) terapeuta jamais se reduz a uma questão de escolha teórica ou do aprendizado de técnicas, mas implica sua singularidade existencial como um todo". Talvez disso decorra a necessidade que sinto, e compreendo como válida, em narrar trechos de minha história, fragmentos, marcas, pistas, de um caminho/método, que permeia e compõe uma existência, a minha, e que me acompanha nos meus (a)fazeres, como o clinicar, alvo de reflexão desta tese.

O próprio modo como convoco o escrever da tese, co-nascendo com o que aparece pelo caminho, já é uma política de escrita que, porosa, almeja revelar o processo de afetações que vão se dando no caminhar, e que não são aleatórias, dizem de algo que me capta e me dispõe. Esse diálogo entre Clarice e a clínica, mostra que o processo de escrever e de clinicar implicam a singularidade de quem escreve e clínica, em sintonia com suas disposições e indisposições.

## **2.5 Teorizando a prática como método**

Uma das proposições da pesquisa é explicitar como que o transitar pelas obras clariceanas pode favorecer um exercício reflexivo, que nutre diretamente a(o) terapeuta e seu clinicar/viver. Considero que a literatura de Clarice guarda uma fonte inesgotável de possibilidades meditativas sobre o viver e o habitar o mundo enquanto humanos. Material notadamente inspirador para uma prática clínica que deseja desenvolver um olhar mais apurado sobre a existência humana, em suas delícias e dores.

Pensar a clínica, em Psicologia, articulada à escrita de Lispector, é um modo de reconhecer que o espaço de psicoterapia não é constituído na exclusividade de um suposto saber técnico-psicológico, mas que nele cabem o cotidiano, em sua simplicidade, a literatura em seu diálogo com a vida, a dificultosa lida com a finitude e as angústias daí decorrentes, compondo uma terapêutica ampla e plural, em prol do acolhimento do viver. Defender que a meditação, a partir da escrita clariceana, conspira com a(o) psicoterapeuta no cuidado de sua escuta, podendo inspirá-la(o) a ouvir sem a pressa do prescritivo, colaborando com o alargamento das compreensibilidades sobre a vida e sobre nós mesmos, está relacionado com o modo como vi meu próprio clinicar sendo influenciado por Clarice.

O entusiasmo desta tese é a própria oportunidade de mergulhar na escrita clariceana e extrair dela elementos para pensar a clínica. Pois se clinicar já é pensar, necessito alimentar este verbo pelo modo como Clarice me faz ver. O regozijo também pode ser encontrado ao me permitir penetrar nos calamos clariceanos, percebendo, à toa, como me afetam e o que fazem brotar em mim. Avisto uma tese que abra a possibilidade de tesar a clínica e a vida, a partir da perspectiva clariceana da existência. O meu palpite é que através de análises vagarosas de alguns de seus

contos, crônicas e trechos de romances, é possível extrair elementos fundamentais para o fazer clínica que abraço.

De tal forma que há neste trabalho uma inversão. Se a ciência, ao tentar objetificar o humano acaba sendo grosseira, é na literatura que se é possível avistar, de forma explícita, como a vida é sutil. Por isso não apresentarei um conceito teórico para, com esforço, levá-lo depois para a vida/clínica. Extrairei da própria vida, que é a literatura clariceana, a oportunidade de construção de uma clínica com Clarice. Entretanto reconheço a oportunidade de dialogar, ainda que não demoradamente, com o campo da Psicologia clínica, admitindo e acolhendo uma herança positivista, que nos ajuda a contextualizar o próprio forjar de uma dinâmica existencial menos aberta ao risco, à entrega desprotegida de um fazer etc. Uma herança a qual não tento me livrar, mas integrar, de modo a enriquecer essa prática, numa contínua reflexão sobre os incômodos e as possíveis experiências de desamparo, vivenciadas por uma psicoterapeuta que compreende: que a maior dificuldade para um clinicar *lispectado*, aberto, está mais relacionada às referências do horizonte histórico de sentido (ao qual todos estamos incluídos) e à disposição afetiva de cada profissional (em sua própria abertura existencial), do que com a conceitualidade na qual ele se embasa e se apoia teoricamente.

A sutileza desta compreensão nos faz perceber que há algo, no clinicar, que não é acessível somente pela via da técnica em sua rede conceitual, pois diz respeito às possibilidades existenciais de quem se propõe a ser psicoterapeuta. De modo que podemos apenas conspirar para o brotar, mas nunca o provocar pela vontade humana. É como o ganhar de uma afinação, é preciso trabalhar a escuta, se concentrar nela, e ir, artesanalmente, sentindo o tom, até que se possa tocar a música de modo harmonioso. Requisitando todo o processo novamente, para uma outra melodia/paciente/cliente.

Para este diálogo trago duas cenas extras, uma a partir da condução de um caso clínico trazido por Medard Boss, sobre o tratamento de uma neurose do tédio, e um outro, que em verdade foi o meu primeiro caso clínico, vivenciado à época do estágio acadêmico na graduação em Psicologia, que podemos chamar por tratamento/acolhimento de uma paciente que não falava. Vamos a Boss.

## 2.6 Dialogando com a nossa herança em psicologia

No texto “tratamento de uma neurose do tédio: um olhar daseinsanalítico”, de Medard Boss (2011), vemos a história de um paciente em três de suas experiências psicoterápicas. Trata-se de um jovem médico, solteiro, 32 anos, que busca análise por se sentir atormentado por sentimento de culpa e conseqüentemente atos autopunitivos.

No primeiro ciclo de psicoterapia com duração de três anos e de base freudiana, após a cuidadosa análise do material onírico, ficou-se compreendido que ele sofria de complexo de Édipo e de castração. Porém, sentindo que nada havia mudado em seus sintomas, trocou de terapia. Já no novo ciclo, sentiu alívio no sentimento de culpa, após a nova interpretação de seus sonhos, que antes eram tidos por fálicos e destrutivos e passaram a ser compreendidos através de estruturas arquetípicas, algo que seria comum às pessoas. Após dois anos nesta segunda terapia, o analista lhe informa que já lhe ensinou tudo o que podia, cabendo agora ao paciente confiar no seu discernimento e deixar de se olhar como pessoa anormal.

Com o intuito de melhorar sua relação com a vida, de modo a encontrar mais significados, começou a colecionar cristais como uma diversão. Não precisou de muito tempo para que uma compulsão em limpar e polir as peças lhe fosse desencadeada. Após dois anos de intervalo, buscou um terceiro terapeuta, devido a permanência da sensação de vazio de sentimentos.

Neste novo ciclo, o paciente já chega informando ao terapeuta que

[...] não fazia a mínima diferença se algo espiritual – como sentimentos religiosos – fosse visto como mera sublimação de uma fixação libidinosa infantil ou se fosse pensado como algo originado numa função psíquica por um hipotético “arquétipo” no inconsciente coletivo. Pois, ao se postular um A dedutível de um B ou de um C ou de um X, já se adulterou este A *como* A em modo derivativo, não-autônomo. Onde haveria algo genuíno e real que fizesse com que valesse a pena viver? [...] O paciente assegurava que o mundo dos psicólogos modernos era muito mais espectral, pois nele revertia-se a um conceito de “realidades psíquicas” antes mesmo de se haver demonstrado a existência de uma única “psique” (Boss, 2011, p. 88).

Após esta sua engenhosa explanação, o terapeuta o aconselhou a deixar a Psicologia de lado e a deitar-se sem reserva ou precaução, e que se dispusesse a falar tudo que lhe viesse à mente. Após seis meses de encontros, o paciente começa a sonhar com banheiros trancados. O terapeuta, então, questiona a inacessibilidade

destes lugares sujos, e se prepara para a resistência deste paciente astuto e hiper limpo, frente a sua pontuação de as portas dos banheiros estarem trancadas.

Porém a relação com a esfera fecal intrometida nos sonhos, tomou um formato psicótico de atuação, quando para o paciente não foi mais possível evitar esse contexto de sujeira em seu mundo puro. O sonho que abriu a psicose dizia novamente de uma porta de banheiro trancada, porém cuja vontade de defecar era tão grande que o fizera arrombar a porta. Ao abri-la, viu que estava dentro de uma igreja, em frente a pia batismal e sobre esta, havia uma corda que levava ao sino da torre. Desnortado, subiu na pia batismal segurando a corda e se aliviou. Mas o intestino não parava de produzir excrementos e rapidamente estava atolado até os joelhos com suas fezes. Ao tentar subir pela corda, ela se enroscava no sino, encurtando-a, fazendo mais tensão sobre seu corpo, puxando-o para cima. Porém seus pés seguiam presos nas fezes, de modo que ele começou a ser partido em dois. Na aflição dessas dores corporais ele acorda. Tão logo desperta ouve vozes chamando-o de “cagão”, e sente o cheiro de fezes e esgoto em todos os lugares.

Nos dias subsequentes ao sonho, ficara enraivecido por pensar que seu analista o deixara sentir toda a imundice de sua corporeidade, esvaziando sua dignidade. Ao chegar à sala de consulta, em pleno surto, destruiu todo o consultório, frente à tranquilidade inalterável do analista. Após este feito, fora para casa catatônico, o que sugeriria tratar-se de um surto esquizofrênico. Sobretudo neste momento, o analista o assistiu, permanecendo ao seu lado o dia inteiro, inclusive alimentando-o com uma sonda. Após dois dias, o paciente despertou de seu torpor e se jogou nos braços de seu terapeuta, como uma criança faz no colo de sua mãe, dizendo “mamãe, mamãe, querida, querida”. No dia seguinte, apesar de recomposto estava muito angustiado. Algumas semanas depois, retomando a análise, agradeceu ao terapeuta por tê-lo acolhido em suas necessidades terrenas permitindo-o experienciar um espaço de abertura e liberdade em relação a sua corporeidade e existência.

O paciente, ainda assim, seguiu se perguntando que “gênio maligno havia permitido cometer a blasfêmia de, entre todos os lugares possíveis, levar suas fezes para dentro de uma igreja e na pia batismal” (Boss, 2011, p. 92). Neste momento, seu analista lhe ajudou sobremaneira com a seguinte reflexão: “não será da própria essência humana que ele deva o tempo todo se reconciliar com sua condição

essencial de estar entre o céu e a terra?" (Boss, 2011, p. 92). Para o terapeuta, a questão que conduzia o paciente ao surto psicótico acordado, talvez tivesse relação com o fato dele nunca ter permitido "que o terreno-fecal ou o divino-celestial entrassem em seu mundo e nunca os aceitara em seus próprios direitos" (Boss, 2011, p. 92), promovendo uma distância inconciliável entre o céu, a terra e si mesmo. O paciente contestava, parte desta suposição, afirmando que no curso de sua segunda terapia teria compreendido amplamente a presença de "uma imagem arquetípica divina no inconsciente coletivo da psique humana" (Boss, 2011, p. 93). Mas o analista busca entender com o paciente, como então – apesar da imagem arquetípica divina no inconsciente –, se explicaria o fato dele sonhar quase todas as noites com o interior de igrejas, ou sua alternância com sonhos fecais e de sexualidade?

Em observância a esta questão, o paciente acaba compreendendo que apesar de todos os seus conceitos psicológicos, estava desamparado para lidar com suas experiências religiosas, levando-o a perceber que não lidava com as aparições divino-celestiais como realidades imediatas que se apresentavam a ele, mas sempre se defendia delas, transformando-as em abstrações teóricas, como por exemplo o próprio inconsciente arquetípico. Porém, durante os sonhos fecais e em sua confusão psicótica, a realidade imediata da corporeidade pôde ser sentida, e não duvidada.

Após mais um tempo de análise, o paciente não sentia necessidade de entender objetos e seres humanos como reflexos enigmáticos, ou como algo incompreensível pelo complexo sistema psíquico, inacessível a uma aproximação direta. Ele ganhara liberdade para acolher a essência de algo tal como se mostrava a ele, à luz de sua presença. De modo que até mesmo um sonho, que o tinha atormentado por muito tempo – o qual trazia a torre de uma igreja gótica e um homem que aparentava ser seu professor de anatomia, atacando a base desta torre com um instrumento cortante para demoli-la, fazendo-o ficar soterrado nos escombros –, passou a ser visto de modo diferente. Da representação simbólica de um pai castrador, sinalizado pelo primeiro ciclo de terapia, à possibilidade de ver tanto a torre da igreja como uma torre de igreja gótica, por si mesma, como o homem ser o seu professor de anatomia, permitindo-os (torre e professor de anatomia) se aproximarem dele e de seus sentidos mais imediatos e genuínos. Como o próprio

paciente observou mais tarde: “A torre da igreja orienta o olhar dos homens por uma longa distância em seu entorno até a morada de Deus” (Boss, 2011, p. 94).

Por muito tempo, na verdade desde que começara seus estudos de medicina, o paciente fechou sua mente ao apelo da torre da igreja. O professor de anatomia, objeto de sua admiração, através de sua erudição e cinismo, havia destruído a fé em Deus do paciente. Assim, uma possibilidade importante da vida, isto é, sua relação religiosa básica, foi sepultada e enterrada.

A partir da impossibilidade de sua relação religiosa, o paciente ficara impedido de ser si mesmo em sua totalidade, experienciando um débito em relação a quem se é. Uma dívida que se enraizou no sentimento de culpa, e que se mostrou através da fuga da totalidade de sua corporeidade e de sua religiosidade. Trazendo a compreensão de que o paciente “havia se fechado para a proximidade tanto do que é terreno como do que é divino em sua totalidade imediata” (Boss, 2011, p. 95).

Após 11 anos, o ex-paciente escreve uma carta para este terceiro analista, onde compartilha os motivos de suas outras terapias não terem tido êxito. Segundo ele, o âmbito fecal já ocupava o terreno da primeira análise. Contudo, ele não teria se permitido adentrar na esfera da sujeira, por sentir que o analista à época não provia de forças na esfera religiosa, tentando sempre reduzir as igrejas presentes em seus sonhos a símbolos genitais ou interpretando-as como produto de sublimação. O que parecia para ele ser uma explicação para nunca ter aparecido, em seus sonhos, na época da primeira análise, uma corda presa ao teto que o amparasse na descida à região terrena e fecal. Já sobre o segundo analista, o ex-paciente relata que era

[...] como um repouso num jardim elegante de um arranha-céu americano, enfeitado com lindos buquês de flores. Durante aqueles dois anos, jamais chegou a minha altura o menor aroma da terra coberta pelo asfalto da rua. Nenhum sonho fecal surgiu nesses dois anos, e nas conversas psicoterapêuticas estávamos a quilômetros do estado infantil a que retrocedi na fase de confusão que eu experienciei quando estava com você; de resto, somente depois deste estado pueril é que meu renascimento e amadurecimento posterior puderam ter início. Como tudo que era terreno permanecia selado, eu também não podia desenvolver-me genuinamente. Somente agora compreendo de modo mais completo o que vi na última parte da análise com você: que havia uma fina trama contínua entre meus temas fecais e sexuais e as experiências religiosas que me prendiam tão profundamente. Não diz Nietzsche em algum lugar: “quanto mais uma pessoa ascender para o céu, tanto mais profundamente ela precisa afundar suas raízes na terra, se não quiser ser levada pelo primeiro vento que vier”? (Boss, 2011, p. 96).

Este caso nos ajuda a perceber que mesmo em situações terapêuticas nas quais a condução se valha meramente de um âmbito intelectual, ainda assim é possível que o paciente se beneficie, sentindo-se melhor. Como no caso da segunda análise, quando ao ter seus sonhos interpretados à luz dos arquétipos e em adição à ideia do inconsciente coletivo, sentiu alívio para seus sentimentos de culpa frente ao seu material onírico. Entretanto, podemos também reconhecer o risco de a teorização psicológica alimentar uma blindagem ao acesso imediato da realidade dos fenômenos tal como se mostram. Neste caso, é importante que o próprio psicoterapeuta possa permanecer "aberto ao conteúdo indisfarçável das coisas como elas são" (Boss, 2011, p. 97), de modo a

[...] ajudar seus pacientes a, mais que aliviar seus sintomas, participar efetivamente da abertura e da liberdade humanas, cujas dimensões certamente ultrapassam de muito os conceitos de uma "psique", de uma "subjetividade" ou de uma "personalidade" (Boss, 2011, p. 97).

De onde podemos inferir que mais do que a abordagem profissional, tomada como inspiradora da prática psicoterapêutica, é a qualidade da escuta – em termos fenomenológicos, i.é, permitindo-se ouvir o que se mostra no encontro, tal como se mostra –, que pode favorecer a aproximação do paciente à rede de sentidos que lhe constitui, de modo co-originário ao mundo. Ao poder olhar para si, através dos sentidos que o enredam, poderá ganhar liberdade para participar da abertura de novos sentidos, superando a ideia de uma identidade interiorizada ou uma personalidade cristalizada, percebendo-se como possibilidade de, em sendo-no-mundo, vir a ser.

As tentativas teóricas de explicação dos sonhos do paciente, adicionaram camadas que produziram um afastamento em relação à possibilidade de uma hermenêutica mais singular, dificultando que a mensagem onírica pudesse ser acolhida como uma extensão aos sentidos de sua existência em período de vigília. Recordo-me com isso de uma crônica clariceana que versa sobre o uso do intelecto.

Talvez esse tenha sido o meu maior esforço de vida: para compreender a minha não inteligência, o meu sentimento, fui obrigada a me tornar inteligente. (Usa-se a inteligência para entender a não inteligência. Só que depois o instrumento – o intelecto – por vício de jogo continua a ser usado – e não podemos colher as coisas de mãos limpas, diretamente da fonte) (TCR, p. 460).

Em ressonância à clínica que penso, vejo tanto a oportunidade do paciente em absorver os sentidos de seus sonhos no próprio esteio de sua vida, como esta pista de Clarice, que aponta o risco de o intelecto, quando tomado como mero instrumento, impedir que acolhamos as coisas diretamente da fonte, i.é., de sua mostração. Disto decorro que o clinicar, em ato, não pode ter uma forma fixa, presa à teorização a priori do mostrar das coisas, pois isso constrangeria a possibilidade de pegar em flagrante àquilo que nasce de uma história em sua narrativa viva.

É importante ressaltar que essa não primazia de considerar que há uma teoria a ser aplicada, demonstrada, encontra ressonâncias em Annemarie Mol (2008), que, em seu livro *The logic of care* a autora, nos alerta que “bons estudos de caso inspiram a teoria”, nos abrindo a possibilidade de construir um conhecimento que subverte essa tradicional hierarquia. Como nos provoca Laura Quadros (2014, 2021), a clínica é sobretudo um campo de experimentações no qual precisamos acolher as surpresas e as “invenções” (Quadros, 2014, p. 41). Ouso, então, compartilhar momentos do meu primeiro caso clínico, no qual as “invenções” emergiram da experiência, sem aviso, sem protocolo.

## **2.7 Meu primeiro caso clínico: atendendo uma paciente que não falava**

Lírio (nome que escolhi para manter o anonimato da paciente, por ser uma flor que prefere a sombra) tinha quinze anos quando chegou ao plantão do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade Federal Fluminense (UFF), era junho de 2004. Durante a entrevista permaneceu todo o tempo em silêncio, muda. Cabisbaixa, não respondia a nenhuma de minhas perguntas, nem mesmo a de seu nome. Ali ficávamos, eu, com minhas perguntas sem respostas, e ela, que eu não fazia a menor ideia de como acessar. O tique-taque do relógio cadenciava nosso descompasso. Ao final do tempo cronológico do primeiro encontro, sua acompanhante, que era também professora na ONG em que a ela fazia atividades sociais, me procura e se apresenta; e é quem acaba revelando uma parte desta história.

Fico sabendo que Lírio vivia dificuldades no núcleo familiar em que morava. A mãe e prostituía e era dependente de álcool e outras drogas; o pai morava em uma cidade vizinha, era casado com outra mulher e tinha mais duas filhas. Com a

madrasta, a quem chamava de “tia”, se relacionava bem, porém foi após uma discussão entre as duas que Lírio foi expulsa da casa do pai, tendo que voltar para a casa da mãe. Entretanto, a mãe não era para Lírio uma possibilidade de apoio, e sabendo disso, foi para a ONG enquanto não sabia o que fazer. Lá ficou o dia inteiro sem dizer o que estava acontecendo. Perto da hora do Instituto fechar, a professora foi surpreendida pela narrativa da paciente sobre o que tinha acontecido. Por não vislumbrar uma alternativa, a professora a levou para sua própria casa. O pai foi contactado, mas só buscou a filha dois dias depois.

A professora acrescenta que já havia convidado a adolescente para ir ao plantão do SPA, em busca de psicoterapia, mas que ela sempre rejeitava a ideia. Por conta da saída da casa do pai é que resolveu aceitar essa suposta ajuda. A professora percebia que Lírio precisava de ajuda, pois era uma pessoa fechada que só expressava raiva e tristeza. Com esses dados, iniciam-se as sessões de terapia.

O primeiro atendimento foi uma repetição do dia da entrevista, Lírio permaneceu calada, olhando para o horizonte, de onde era possível ver a ponte Rio-Niterói. Tentei um diálogo, perguntando como ela estava, se gostaria de falar sobre alguma coisa, se precisou acordar muito cedo para chegar ao SPA àquela hora, nada. Comentei alguma coisa sem importância sobre a ponte e o fluxo dos carros, que era possível avistar ao longe, nada. Então lhe disse que ficaria em silêncio, mas que estava ali, e que ela poderia falar quando quisesse, nada foi dito. O tempo cronológico da sessão findou e Lírio se retirou da sala.

Vinte anos se passaram deste atendimento, mas ainda me recordo deste caso clínico, creio que por ter sido o meu primeiro, junto com as angústias que o silêncio de Lírio me trazia. Suplicava ao meu supervisor que me desse alguma sistematização para seguir, o que eu deveria fazer para que ela falasse comigo? Será que eu não estava me comunicando efetivamente? O que eu deveria fazer em casos como esse? O que a literatura teria a me dizer?

Meu supervisor à época, a quem hoje admiro e considero um amigo, tentava me mostrar que mesmo “quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo” (Rosa, 2001, p. 119). Ele me ajudava a refletir sobre minhas expectativas, e me confortava ouvi-lo dizer que, mesmo calada, a paciente voltava. Mesmo sem nada a me dizer, Lírio permanecia na sala, eram 50 minutos de sessão e ela não se atrasava, nem faltava. Eu não compreendia como sua permanência se dava, não controlava o acontecer do encontro, mas sentia que algo se dava ali, esperava

poder não impedir o dar-se.

Após quatro sessões de mesmo padrão, eu desisti. Entendi que Lírio não queria falar, e que era vão ficar ali fazendo as mesmas perguntas, atenta aos movimentos dela. Somente para me entreter durante o tempo da sessão, levei um violão para a sala de atendimento. Durante o silêncio de Lírio, comecei a treinar uma música que estava aprendendo, chamava-se “Ainda lembro”, da Marisa Monte, e eis que de repente, inesperadamente, sem que eu buscasse por qualquer aceno, Lírio começou a cantarolar o que eu tocava. Fui com ela, cantei também, errei, sem querer, ela sorriu, seguimos cantando. Fomos interrompidas pelo próximo estagiário que iria usar a sala. Distraídas, não percebemos que o tempo da sessão havia se esgotado. Naquele dia a cadência não foi a do tique-taque do *cronos*,<sup>25</sup> mas sim a do irromper oportuno de *kairós*.<sup>26</sup>

Na semana seguinte, senti surgir em mim um interesse em encontrar Lírio. Havia uma certa curiosidade, será que ela falaria comigo desta vez? Lembro de ter levado um rádio e alguns CDs. Assim que nos sentamos perguntei como estava, se queria falar sobre alguma coisa, não obtive resposta. Decidi ligar o rádio, mostrei os CDs que havia levado e perguntei se gostava de algum, ela disse “este”, apontando para o da Marisa Monte, o coloquei para tocar. Enquanto o silêncio era musicalizado, lhe fiz mais perguntas inocentes, como que outras músicas e cantores gostava de ouvir, mas não respondeu. Uma ideia me ocorreu, pedi que mexesse a cabeça, com um sinal de sim, caso gostasse de algum tipo de música que eu sugerisse. Digo: MPB? Lírio sinaliza positivamente. Continuo: samba? Lírio mexe de um lado para o outro, em sinal negativo.

Segui com o mesmo esquema de sinais para saber qual era seu prato preferido, o que gostava de fazer nas horas de lazer, dentre outras perguntas que cadenciavam uma relação entre nós, num ritmo próprio. Foi assim que fiquei sabendo que ela gostava de ouvir MBP e de ir para a ONG nas horas vagas e que gostava de lasanha. Pontuo para Lírio que apesar da dificuldade, ela estava se comunicando comigo, e agradei por isso. Também lhe sugeri que, caso quisesse, poderia escrever sobre sua vida e trazer para a psicoterapia. Ela assim o fez.

---

<sup>25</sup> *Cronos*, no contexto desta tese, refere-se ao tempo cronológico ou sequencial, frequentemente associado à medição linear e objetiva do tempo, como horas, dias e anos.

<sup>26</sup> *Kairós*, no contexto deste trabalho, refere-se ao tempo qualitativo ou oportuno, marcado pela vivência de momentos significativos e pela percepção subjetiva do instante ideal. É frequentemente associado a momentos de significado profundo, como ocasiões de decisão, transformação ou revelação.

Através de seus escritos sou apresentada aos seus afetos e às suas percepções. Ela escreveu sobre sua tristeza diante do rompimento com uma amiga, e da solidão compartilhada com o rádio e com seu caderno, este para desabafar o coração e aquele para distrair a cabeça. Na escrita ela pôde dizer que não gostava de compartilhar sua vida e seus problemas, e especialmente não queria falar sobre a mãe. Acrescenta que tinha uma paixão por violão mesmo não tendo um, gostava de skate e música. Foi pela via desses textos/cartas, que ela me deu a oportunidade de saber sobre sua vida.

À época, uma forma desformada e incomum de se ver em sessões de psicoterapia. Mas foi assim, que os quatro primeiros meses de sessões foram sendo costuradas com as linhas dos escritos da paciente. Eu os lia em silêncio (ela preferia) durante a sessão e lhe fazia algumas perguntas, às vezes ela respondia, outras ela só cantarolava a música que estivesse tocando no rádio, que seguia como nosso companheiro. Quando o canto surgia, era a sinalização de que tal assunto não seria expresso oralmente, mas respondido no escrito da semana seguinte. Assim eu acompanhava o seu canto, no tom que lhe era possível.

Lembro-me de algo inusitado ter acontecido certa vez. Lírio ligou para o meu celular, atendi, disse alô, ela apenas pronunciou seu nome e ficou em silêncio. Perguntei o que ela gostaria de falar e ela disse que queria levar uma amiga na próxima sessão. O “tudo bem, pode levar” me escapuliu, antes mesmo de saber o que meu supervisor diria disto.

A amiga foi e falou muito, enquanto minha paciente permanecia séria e calada todo o tempo. Parecia que ela estava desconfortável, talvez tivesse imaginado um outro enredo para o encontro? Mas o desenredo ocorrido foi ter de ouvir a amiga dizer, desarmonicamente, que Lírio era chamada por sapatão no colégio, que lhe escrevia cartas românticas e que já havia pedido a Lírio que parasse com isso. A amiga seguia sua dissonância compartilhando seu entendimento sobre a questão, que compreendia que Lírio fazia isso porque não tinha recebido carinho de mãe e, portanto, se apegava às amigas.

Foi uma sessão desconfortável, como o som de unhas arranhando um quadro, mas talvez tenha sido a forma como Lírio encontrou para me compartilhar intimidades que não tinham vindo à tona nem nos seus relatos escritos. Eu senti sua ambivalência em querer compartilhar algo que lhe era importante, ao mesmo tempo que não sabia como tematizar. Talvez a forma encontrada tenha sido a de levar seus

amores presencial e objetivamente para a sessão, abrindo seus (des)encantos.

No mesmo mês Lírio pediu para levar outra amiga. No dia do atendimento faltou luz e fizemos a sessão às margens da Baía, num descampado atrás do prédio. Sentamo-nos na grama, levei o violão e entre músicas, conversamos. Lírio parecia estar mais à vontade, apesar de quase não falar. Esta outra amiga nos contou que sua mãe não queria vê-la falando com Lírio, por ela ser sapatão, e isso fez com que se afastassem. A essa altura eu já havia compreendido que a temática da sexualidade, apesar de trazer desconforto, era do interesse de Lírio abordá-la como podia.

Ainda nesta sessão ao ar livre, tendo uma folha em branco e algumas canetas coloridas, eu propus uma atividade: cada uma teria cinco segundos para escrever ou desenhar o que quisesse e após a minha contagem, a folha teria que ser passada para a outra, que faria o mesmo. Elas começaram a brincadeira desenhando, até que de repente estabeleceram um diálogo acerca de sua relação afetiva. A amiga fez um coração, dividiu ao meio e escreveu o próprio nome, minha paciente desenhou um buraco na outra metade do coração onde estava em branco, em seguida a amiga escreveu o nome da minha paciente embaixo do seu e acrescentou “te amo”. Mas minha paciente seguiu escrevendo “Jonathan”, para o que a amiga responde “passado”. Então minha paciente anota “Danielle” e a amiga acrescenta “colega”, e assim foi uma sucessão de nomes até que a atividade acabasse.

Em ambas as relações que Lírio trouxe para o espaço de sua psicoterapia, percebi um traquejo em sua comunicação, que parecia se exprimir por não-ditos que carregavam os ditos que podia dizer, e que justamente por não serem bem-ditos, faziam um jogo ambíguo, que poderia ser (re)velado de acordo com a atmosfera. Afinal, eram todas apenas amigas.

Em uma outra sessão, ainda através de escritos, Lírio diz que pensou que eu poderia ser sua amiga, uma pessoa a quem ela pudesse contar seus segredos, justamente os que nunca havia contado para ninguém, mas que sua professora lhe disse que os psicólogos nunca poderiam estabelecer relações de amizade com seus pacientes, e que caso isso ocorresse, seria necessário trocar de profissional. Lembro ainda a repercussão que isso trouxe no grupo de supervisão, afinal é possível vivenciar uma relação de confiança com alguém que lhe seja absolutamente estranho? Como abraçar a vida do outro sem com ele nos ligarmos? Ou, em referência ao Pequeno Príncipe de Antoine de Saint-Exupéry, não é preciso

cativá-lo, criar laços? Ora, se ela pensasse que eu não poderia ser sua amiga, ou seja, uma pessoa a quem ela pudesse contar seus segredos, como se daria nossa relação psicoterapêutica?

Em outra carta, lida por mim durante a sessão, Lírio diz que não quer perder a oportunidade de estar ali, mas que ao mesmo tempo é horrível ter de falar de si, de sua vida, que se sente sufocada na sala de atendimento e que não consegue me olhar. Diz ainda que a única coisa que queria era ser feliz, e que todas as vezes que a pergunto se está tudo bem, mente ao fazer “sim” com a cabeça, e que apesar de se sentir no fundo do poço, não consegue falar sobre, trava, e fica com a garganta entalada. Ao final faz o seguinte pedido: “Tenha muita paciência comigo, eu me sinto um cristal”.

Uma outra vez me ligou e percebi que estava chorando, esperei um pouco em silêncio, perguntei o que houve e Lírio conseguiu dizer que teve uma briga com seu irmão e que estava muito nervosa. Ele teria ficado parado de propósito na frente da TV, bem na hora que Lírio estava assistindo a um programa, e para provocá-la ainda mais, teria tirado seus pertences da mochila, jogado no chão e rasgado seu caderno e o livro de uma amiga. Disse ainda que ele havia batido nela e que começaram uma série de xingamentos e agressões até que a mãe veio intervir. Lírio foi me contando em detalhes a briga que tivera com seu irmão, e eu apenas a deixei falar – aquilo era uma surpresa devido a sua fala tão restrita em sessão. No final apenas tentei acalmá-la, pois Lírio queria se vingar do irmão com uma faca. Quando parou de chorar, disse que precisava desligar.

Hoje, retomando este caso, não só pelas minhas lembranças, mas também por anotações guardadas desta época, percebo o quanto esta paciente exprimiu seu modo de ser e se engajou intensamente em seu processo de psicoterapia.

Certo dia me pediu para ajudá-la a com uma música, queria tocar para uma das amigas que eu conhecera, precisei levar meu violão para as sessões nas duas semanas seguintes, que foram transformadas, praticamente, em treino. Percebi que ela levava jeito, que tinha ritmo e que os acordes não saíam com tanta dificuldade como deveria ser para uma primeira vez, mas o fato de não ter conseguido um violão para treinar durante a semana, a fez desistir. Pelo menos à época. Será que ela toca violão hoje em dia?

Lírio demonstrava carregar muita dor, mas ao mesmo tempo, através do violão, da música e da escrita parecia se aliviar. Eu a via como alguém que poderia

sair de uma vida encerrada em si e reconhecer um outro modo de ser, de se ver e ver mundo. O violão é uma boa metáfora para ilustrar um processo de afinação que Lírio acolhia e importava para dentro de sua vida.

O uso desses recursos não se deu em função de uma estratégia clínica calculada. Eles não foram utilizados enquanto técnicas terapêuticas no sentido usual de técnica como teoria aplicada. Se quisermos conservar o termo “técnica” para designar esses procedimentos, devemos pensar no sentido tradicional de técnica como um “saber-fazer” que se avizinha mais da noção de arte do que de ciência. Não foram processos ditados por um sujeito do saber que se supõe no controle da situação, mas antes acontecimentos que se deram a partir de uma dinâmica de relação com toda sua carga de angústia, perplexidade, sentimento de impotência e desejo de aproximação.

Sair do lugar de um mero saber técnico, antes apontado como aplicação de teoria, exige o empenho da suspensão de si mesmo e dos desejos de controle e eficácia. Demandando da psicóloga um perpétuo exercício de descentramento, de abertura e escuta atenta a tudo o que lhe vem ao encontro na relação clínica. Em suma, clinicar exige: a) a compreensão acerca dos possíveis sentidos do nosso horizonte de mundo, sem excluir nenhum deles a priori, inclusive, o da fala científica e dos acenos teóricos que forjam a formação da profissional em Psicologia; b) estar numa postura porosa em relação a estes saberes, reconhecendo não apenas o seu limite, mas compreendendo que se tratam de saberes tardios frente a mostraçãõ do fenômeno vivo através da experiência e vivência deste que nos narra sua vida na clínica. É preciso poder dispor de um certo despojamento daquilo que é tido como universal, para acolher o que se dá singularmente, e então eventualmente poder se deparar com o abismo que há entre o que é do âmbito do científico e do fenômeno sagrado do vivo que acontece na clínica.

Entretanto, a evidência deste abismo já traz à luz uma outra atmosfera compreensiva, que não é mais tonalizada pelo cálculo, desafio à razão ou pela disposição da provocação voluntariosa da ciência. Mas que se abre, após um longo caminho e esforço, à oportunidade de nos demorarmos meditativamente defronte ao envio de nosso destino histórico. Tal como Heidegger (2018b) expõe em *A questão da técnica*, na qual vimos também um aceno à serenidade (*Gelassenheit*) como outro modo de relação com o viver, um que escuta a vida para acolhê-la no

que ela é.

Anos depois, eu já formada e trabalhando no banco, recebi um telefonema de Lírio. Disse-me que estava trabalhando e morando com sua namorada. Consigo relembrar a alegria que senti por ela e por mim, também *sapatão*, e morando com minha namorada à época, faltando-me a força de Lírio para sair desse armário opressor. Compartilhei que eu também morava com minha namorada, e nos alegamos juntas ao telefone. Será que quando a atendia, a minha disponibilidade em ouvi-la era mais sensível porque de algum modo me identificava com ela? Mas para quê querer saber disso? O importante era que Lírio estava ali, construindo seu próprio e *apesar de*.

Estar a caminho de uma clínica existencial e clariceana, neste abismo entre a ciência e o inescrutável, significa também, fazer “uma aprendizagem de desaprender”, adquirir o vazio necessário para acolher o outro. Poder receber aquilo que quer se dar, e isso exige um salto em direção à verdade (*aletheia*) que pode ser (ou não) oportunizada na clínica. Que salto seria esse? Como diria Manoel de Barros (2018, p. 43):

Um fotógrafo-artista me disse uma vez: veja que o pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica, nem com balanças, nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há de ser medida pelo encantamento que produza em nós.

### 3 DO QUE (RE)COLHI – ESTA TESE: CURAR O MEDO DE SER PSICOTERAPEUTA

Uma das apostas metodológicas para o lispector clínico são as interpretações das inserções literárias clariceanas, atravessadas pela minha compreensão e afeto. Por ver a literatura muito próxima à vida, que é a matéria-prima da clínica psicológica, e nas palavras de Clarice, ver que “a literatura não é literatura, é vida vivendo” (Moser, 2017, p. 282), penso que o material clariceano oportuniza uma paragem para a meditação desta vida vivendo, que também é a vida de cada um de nós. Neste sentido, há a possibilidade de a leitura desta tese produzir momentos reflexivos, acerca de si mesmo, no leitor. Pois, há em Lispector um método de escrita (e leitura) próprio, capaz de oferecer ao leitor-psicólogo, que deixa o pé afundar, pistas colaborativas para seu fazer psicoterapêutico.

Através de textos clariceanos seria possível parir uma clínica psicológica? Noto que Lispector, no seu escrever, exerce um movimento de se colocar para jogo, de acolher e captar isto que lhe é mostrado na presença de um sentido. A partir do qual ela trabalha, seguindo e obedecendo, tentando descrever os diversos territórios de vida que brotam nela, sendo fiel ao que a toca, vindo do mistério, do sagrado, disto que somos todos nós.

A seleção dos contos e livros clariceanos trabalhados na tese não passaram por nenhum crivo objetivo, foram surgindo organicamente à medida que se escrevia e se lia Clarice. O sentido de ‘orgânico’ elucida que os textos apareceram ao longo do percurso, sem uma determinação que os exigisse, e fiz disto um método rigoroso de escuta, acolhendo-os e deixando-os ganhar a vida que podia dar enquanto passagem, tal como ocorre na clínica psicológica em seu exercício de velar-se e desvelar-se.

De forma aproximada, vejo o funcionamento da escrita clariceana como em busca do movimento puro, do apenas *escrever*, como se conspirasse para ser levada por um arrastão, por esse verbo ao qual ela quer obedecer. Clarice, no momento que se entrega à escrita, não é Lispector de modo identitário, é só o puro escrever, afinado ao que lhe move. E articulando esta imagem com o fazer clínico, penso que "método" pode ser o movimento que vai se toando/

mostrando/acontecendo no clinicar, i.é, que vai sendo iluminado pelo encontro que se dá ali.

O escrever se encarnou em Clarice como sendo seu fazer vital, conjugado desde um próprio, fruto de seu esforço e trabalho de realizar-se. O mesmo ocorrendo por exemplo com Lóri, no seu renascimento, em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, na sua busca de poder-ser sua condição humana fundamental e se realizar dela. Já em *A paixão segundo G.H.*, o mesmo verbo, escrever, nos revela uma outra dimensão, a ambição de se desidentificar de um eu estruturante. Clarice busca o verbo, o movimento livre, o núcleo da vida, e faz com que *G.H.* experimente uma desintegração de si ao comer o interior da barata. Ao aproximar-se do grande segredo da vida, matéria branca contida nos interiores que constitui o vivo, *G.H.* (só restam as iniciais do nome) se desintegra, perde a perspectiva de uma vida individual para se reintegrar no todo.

Esse fenômeno, que chamo de encarne-desencarne, quase como nascer e morrer, foi a ilustração que encontrei para traduzir como vejo essa manifestação de arrasto, de ser levada por uma toada, por uma atmosfera de escrita ou de clínica, de escrever ou de clinicar, verbos mobilizados pela escuta que os atravessam. Como se o escritor precisasse meditar serenamente para ouvir uma escrita própria, mas, no momento do exercício desta escrita, lhe fosse necessário declinar-se de sua identidade de escritor, para apenas ser o exercício do seu fazer, sem um "eu" que lhe fosse dono. Quase como uma escrita sem autor.

Analogamente à clínica, poderíamos pensar se no momento mesmo da escuta, o clínico não necessitaria declinar-se da clínica (Campos, 2020) para realizar seu fazer. Tal como *G.H.* declina-se de seu eu, no momento em que toca no mais vivo, que é antes dela, através da barata, pensar se o clínico poderia exercitar o declinar-se de uma dada inclinação clínica para retomar o passo junto ao compasso do outro. “A *de-clinação* clínica é o *desprendimento*, o *esvaziamento* que libera a vida para cunhar-se a cada vez no devir de uma palavra vital” (Campos, 2020, p. 262).

Tal pensamento remete ao livro de Eugen Herrigel (2010), que narra a sua experiência no aprendizado da técnica milenar do tiro com arco. Neste trabalho, Herrigel entende que há um preparo do corpo, através de exercícios de força, respiração, concentração e meditação, mas que há também algo que transcende

qualquer tipo de preparação determinada pela mera vontade humana. O autor enfatiza um tipo de atenção sem intenção, uma ação sem ação, através da arte "de aprender a esperar" (Herrigel, 2010, p. 43) que o tiro se dê. É quase como uma ação sem um "eu" sujeito que ordena, mas também sem um "eu" passivo. Ele aponta que nesta arte não é o arqueiro quem atira, ele é apenas a passagem para que o disparo se dê. Numa espécie de atenção que não é nem ativa nem passiva, mas afinada ao que despreocupadamente acontece, sem a nossa provocação.

Sem a nossa provocação, mas que se dá através de uma ação que nos atravessa e convoca passagem, configurando uma resposta humana a esse atravessamento, e denunciando nosso estado de "eu" singular, de carne, de próprio, posto que não é aleatório aquilo que nos toca. Trata-se de uma ação, entretanto, que exige o despojamento desse mesmo eu, aproximado ao desencarne, que possibilita, no arqueiro zen, que o tiro se dê; e que na clínica, oportuniza a disponibilidade para ser passagem em função de um encontro com mais liberdade de si mesmo.

As mãos ficam vazias quando há o despojamento do voluntarismo humano para que o tiro se dê, ainda que, paradoxalmente, se precise do arqueiro para que o tiro ganhe passagem. Podemos dizer que por haver um humano encarnado, à espera, apropriado de si atento e sereno, é que a mensagem, ou o tiro, pode ser ouvida(o), atravessada(o), obedecida(o); mas ao mesmo tempo precisa-se de uma soltura de si para que o tiro se solte, ganhando a chance de, prescindindo de toda reflexão controladora, acontecer. E esse acontecimento já é co-originário à própria desintegração identitária de um eu prévio. Daí a resposta do mestre, ao arqueiro, diante da seguinte pergunta: "Como o disparo pode ocorrer se não for eu que o fizer acontecer? – Algo dispara" (Herrigel, 2010, p. 63), responde.

Encontro em Clarice, Herrigel (2010) e Campos (2020) uma ressonância para a conspiração disto que acontece, deste tiro que simplesmente sai. Enquanto psicoterapeuta, como saber o que dizer numa sessão de psicoterapia? Que intervenções fazer? Elas são respaldadas por algum saber técnico que as orienta? Neste caso, poderíamos supor que psicoterapeutas diferentes teriam intervenções semelhantes por compartilharem da mesma técnica/teoria? Isto, na sua radicalidade, significaria que poderíamos prever um *como agir* para cada temática, sentimento, emoção, problema, apresentado pelo paciente. O que até pode

funcionar em algumas áreas de saúde, mas seria o adequado para uma clínica que acontece no encontro? Quero dizer que se concordarmos que há, em sessão, elementos singulares e fáticos da história de quem narra, bem como a abertura de um campo sensível no qual as tonalidades afetivas são sentidas, refletidas, compartilhadas, tornando cada atendimento clínico único e complexo em sua riqueza de possibilidades, entenderemos que o método, ainda que originário de uma mesma teoria inspiradora, pode se dar, a cada vez, como um novo caminho, que surge de um encontro com o outro, numa escuta vital para aquela situação específica.

Ainda que o mesmo paciente retorne numa outra sessão, provavelmente o método não será o mesmo, pois há no fazer clínico, em seu caminhar, uma qualidade de plasticidade, que ganha novas formas cada vez que o encontro acontece. Tomar o fazer clínico com rigidez, implica em já se saber antes quais os rumos que uma interação, no âmbito da clínica psicológica, pode tomar. E se já se souber previamente, então não importa o que o outro tenha a dizer. Mas a clínica em que não se sabe antes, só pode ser saboreada e acontecida na interrelação com esse outro que diz. Há nela, portanto, um caráter de imprevisibilidade, que é inerente à clínica psicológica (à vida e à escrita), tal como a compreendo. Característica esta que precisa ser acolhida e resguardada como próprio deste fazer, e não combatida – por ser temida –, através de um método que presuma sua aplicabilidade repetidamente, visando à garantia de um fazer inalterável, não importando as contingências existenciais em jogo.

Por isso vejo a necessidade de as mãos do clínico estarem vazias e em espera, serenas e atentas ao acontecer/florescer de algo. E é nessa acontecência, ou no despertar para algo que a atravessa, que Clarice se põe a escrever. E eu diria que é justo aí, na mesma atmosfera desta escuta clariceana, que o psicólogo pode vir a clinicar, sem perder o contato com quem está ali caminhando junto. E tal como Lispector diz na crônica *a perigosa aventura de escrever*, isto “é perigoso porque nunca se sabe o que virá – se for sincero” (CPJ, p. 27), o mesmo vale para a clínica. Há uma frase marcante que sintetiza a intensificação desse deixar-se ir no clinicar: “a salvação é pelo risco”. Se a(o) psicoterapeuta estiver presente, viva(o), arriscando-se ser passagem ao que a(o) toca, ela(e) saberá que as curvas e os caminhos pelos quais uma sessão se realiza, não podem ser previstos como num

mapa. Estar preparado para atuar na clínica transpassa os conhecimentos estáticos, lançando-nos para o movimento de estar acordado, desperto, *lispectado* para ir, apesar de não significar necessariamente já saber para onde é que se vai.

“Minhas intuições se tornam mais claras ao esforço de transpô-las em palavras.” Isso eu escrevi uma vez. Mas está errado, pois que, ao escrever, grudada e colada, está a intuição. É perigoso porque nunca se sabe o que virá – se se for sincero. Pode vir o aviso de uma destruição, de uma autodestruição por meio de palavras. Podem vir lembranças que jamais se queria vê-las à tona. O clima pode se tornar apocalíptico. O coração tem que estar puro para que a intuição venha. E quando, meu Deus, pode-se dizer que o coração está puro? Porque é difícil apurar a pureza: às vezes no amor ilícito está toda a pureza do corpo e alma, não abençoado por um padre, mas abençoado pelo próprio amor. E tudo isso pode-se chegar a ver – e ter visto é irrevogável. Não se brinca com a intuição, não se brinca com o escrever: a caça pode ferir mortalmente o caçador (CPJ, p. 27-28).

O exercício da clínica em Psicologia, como se observa nas formações profissionais desde a graduação, impescinde da referência a alguma abordagem específica, o que reafirma a necessidade de se ter uma orientação prévia para as condutas a serem seguidas nos encontros terapêuticos. Em minha proposta, ainda que utilize referências filosóficas existenciais para compreendermos a existência humana em sua complexidade e abertura, arrego-nos a necessidade de estarmos de mãos vazias, em termos de orientações prévias, para podermos (a)colher o método/caminho que se mostrar. Isto implica, entretanto, um preparo, mas não do tipo tecnicista que tutela o profissional oferecendo-lhe um roteiro a ser seguido, retirando dele a sensibilidade, a perspicácia do sentir e suas interferências promissoras ou não. Mas do tipo que conspira para que a(o) psicoterapeuta possa se voltar para a escuta das coisas mesmas, tais como se dão. Pois é na fidelidade desta escuta que um caminho pode ser obedecido, e criado em primeira mão.

A obediência a este caminho, entretanto, pode significar a desobediência ao já posto teoricamente. Neste caso, mais disposto à escuta a(o) psicoterapeuta precisa estar, pois qualquer deslize poderá fazê-la(o) desobedecer ao experienciado, para seguir a orientação já posta de segunda mão. Então, tal como o arqueiro Zen, de Herrigel (2010) – que precisa retirar-se para que o tiro passe através dele, sem tentar produzi-lo, ou tal como a neve cai da folha de bambu, i.é, sem decidir o momento de sua queda, mas deixando-se ficar no aguardo deste atirar/despencar, que torna quem atira um partícipe de um movimento que é todo único –, assim também vejo o trabalho do clínico em sua escuta terapêutica, sem o voluntarismo para atingir um objetivo específico, a não ser que seja o de aguardar

que algo se revele e venha à luz. Como Clarice que se coloca atenta ao que lhe acontece, pensamos que também a(o) psicoterapeuta precisa aprender a se declinar de uma clínica já embotada em seus roteiros, para arriscar-se a uma escuta viva. Como então conspirar a favor de aumentar a sensibilidade da(o) psicoterapeuta para as questões existenciais mais fundamentais?

Vi em Clarice uma aliada afiada para nos auxiliar neste contínuo processo de se manter desperto para as questões que se desenrolam no espaço clínico, não apenas pelo conteúdo de sua obra, o que já seria tamanho bastante para estimular reflexões profundas sobre o viver. Mas também pelo modo como se relaciona com seu verbo vital, o escrever.

Clarice escrevia obedecendo ao que lhe vinha ao encontro. Em uma entrevista realizada por Marina Colasanti, Affonso Romano de Sant'Anna e João Salgueiro, em 20 de outubro de 1976, na sede do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, Clarice Lispector num dado momento, questionada a respeito de seu processo de criação diz: “Eu elaboro muito inconscientemente. Às vezes pensam que eu não estou fazendo nada. Estou sentada numa cadeira e fico. Nem eu mesma sei que estou fazendo alguma coisa. De repente vem uma frase...” (2023, p. 28). Em outro trecho da mesma entrevista, sobre o livro *A paixão segundo G.H.*, ela diz: “[...] de repente, percebi que a mulher G.H. ia ter que comer o interior da barata. Eu estremei de susto” (p. 29). Assustada sim, mas não desobediente ao que lhe acontecia. G.H. de fato come o interior da barata, ainda que isto cause as sensações mais desgostosas nela mesma e em seus leitores.

Há, portanto, uma obediência fundamental que Clarice usa como método de seu escrever: “[...] O que fiz, apenas, foi ir me obedecendo. Ir me obedecendo – é na verdade o que faço quando escrevo, e agora mesmo está sendo assim. Vou me seguindo, mesmo sem saber ao que me levará” (CPJ, p. 73). Essa atmosfera clariceana, de onde parte sua escrita, nos fala de um modo de escrever cujo compromisso principal é com a própria coisa que a faz escrever. Isto, que a arrasta e que ela simplesmente obedece, nos diz de um caminho que é próprio e que a concentra no ouvir a vida e, desde ela, dar à luz.

Analogamente, penso que o profissional psicólogo também precisa nutrir um compromisso deste tipo, não com sua abordagem de origem ou com as técnicas sobrepostas, mas com a vida que se desembrulha, desvelando-se no encontro. É

preciso que a(o) psicoterapeuta despoje-se de qualquer posicionamento prévio, para ter a liberdade de ir aonde a vida (ou a clínica) o requisitar, ainda que não se saiba onde o levará. Creio que esse método clariceano, de despojamento, de escuta e obediência rigorosa à vida em sua interpelação, possa colaborar para pensarmos uma clínica psicológica existencialmente viva, neste compromisso singular com o outro que nela comparece.

Teria sido esta atitude, de abertura e escuta, que oportunizou ao terceiro analista do texto comentado no Capítulo 2, item 2.6, a assistir seu paciente, permanecendo ao lado dele por todo o dia do surto, inclusive alimentando-o com uma sonda? Quando se está de mãos vazias pode-se acolher possibilidades até então desconhecidas, pode-se também deixar o “pé afundar”, enquanto não se tem de antemão frases prontas para o amparar. E ao deixar-se afundar, oportuniza-se que o ineditismo do encontro, em sua radicalidade, seja o único amparo e método, arriscando-nos e permitindo-nos existir.

### 3.1 Ecos do @lispectar\_clinico, para um despertar

Foi uma sensação súbita, mas suavíssima. A luminosidade sorria no ar: exatamente isto. Era um suspiro do mundo. Não sei explicar assim como não se sabe contar sobre a aurora a um cego. É indizível o que me aconteceu em forma de sentir: preciso depressa de tua empatia. Sinta comigo. Era uma felicidade suprema. Mas se é uma lucidez de quem não precisa mais adivinhar: sem esforço, sabe. Apenas isso: sabe.

Clarice Lispector (AV, 2019, p. 87).

Lembro-me que, junto com uma amiga, havíamos criado um perfil no *Instagram*,<sup>27</sup> chamado @existessencia, no intuito de postarmos textos que remetessem à nossa prática clínica, de inspiração fenomenológica-existencial. À época a nossa combinação era a de publicarmos ao menos semanalmente um texto que colaborasse com a possibilidade de uma janela meditativa sobre a clínica. Lembro que todas as minhas postagens eram em diálogo com Clarice Lispector. Minha amiga notou essa repetição e me disse “vamos deixar Clarice descansar um

---

<sup>27</sup> *Instagram* é uma rede social digital focada no compartilhamento de fotos e vídeos, permitindo aos usuários editar, publicar conteúdos, interagir por meio de curtidas, comentários e mensagens, além de seguir perfis de pessoas ou marcas que tenha interesse.

pouquinho?”. Eu não via como contribuir com postagens tão orgânicas e fluidas se tivesse que me guiar por esse pedido, e então renunciar àquilo que agudamente surgia em mim, no diálogo com Lispector.

Diante desse limite dado pela minha amiga, senti a necessidade de criar um outro perfil, no qual, justamente, Clarice poderia aparecer desmedidamente. Seria uma página assumidamente clariceana. Ali eu poderia postar qualquer coisa que sentisse necessidade de. Minhas afetações, pensamentos, desvarios, interlocuções com a clínica psicológica, tendo Clarice como co-redatora e parceira. O então chamado *@lispectar\_clinico* seria uma espécie de diário, onde eu poderia registrar como Lispector falava em mim.

O que eu não imaginava é que tal perfil fosse reunir tantas pessoas interessadas em ler as articulações que, espontaneamente, eu fazia a partir das leituras de Clarice. Hoje a página conta com mais de cinco mil e seiscentos seguidores, em seu grande maioria psicólogos. Publicizo basicamente trechos que me marcam nas minhas leituras clariceanas, compartilhando através dessas marcas, o modo como me remetem à clínica psicológica (a maior parte) e como chegam à minha vida, como o nascimento da minha filha, que recebeu o nome de Clarice, ou a angústia da experiência de ter tido um câncer, por exemplo, etc. Situações nas quais a obra de Clarice me apareceu como amparo, estando presente e falando ao meu ouvido através de seus contos, crônicas, romances ou novelas.

Eu também não imaginava que as pessoas que frequentavam a página fossem compartilhar essas postagens em suas redes, adicionando suas reverberações, ou ainda que se interessassem em salvar a publicação para ler depois, ou mesmo enviá-la para um outro alguém, (movimentos que o Instagram me avisa), ou que algumas delas fossem me mandar mensagens compartilhando o quanto tal postagem específica lhes 'serviu como uma luva' por estarem passando por uma situação x, y. Muito menos ainda imaginava que dali fossem surgir convites para dar aulas, ou pedidos para supervisão, ou mesmo pessoas interessadas em iniciarem um processo psicoterapêutico comigo.

A página, parece, foi encaminhando seu caminho próprio, chegando a lugares desconhecidos por mim. O *Instagram* avisa quantas contas/pessoas visitam o perfil por mês, atualmente, em média, são cerca de seis mil pessoas. O que as atrai? Pergunto-me. Não tenho como saber exatamente, nem sei se elas mesmas

saberiam dizer, talvez as citações de Clarice? O tom dos meus vídeos? Os desdobramentos que faço nas legendas? Estou tentando descrever, ainda, para mim, o que faço ali. Tenho refletido sobre isso inclusive neste momento. Pois a princípio, eu só ia fazendo, lia Clarice, me sentia tocada, reflexiva, e fazia ali minhas anotações sobre. Talvez isso tenha reverberado nos corações de outros profissionais, que eventualmente já tenham pensado e/ou sentido coisas similares? Ainda me pergunto se o fato de eu não dar necessariamente uma resposta pronta, mas compartilhar honestamente um sentimento, um pensamento, uma dúvida, muitas vezes hesitando... tivesse aberto um canal de aproximação com os seguidores/leitores da página?

Enfim, muitas das publicações são reflexões que faço a partir de trechos de Clarice Lispector que me levaram a pensar em minha prática, enquanto psicoterapeuta. Assim nasceram mais de trezentas publicações. Dentre elas, textos e vídeos. Sobre estes, o processo é ainda mais peculiar, basicamente eu ligo o celular no modo de vídeo, e começo (tentando não pensar muito) a compartilhar o que surgir para mim a partir de um trecho clariceano. Perguntas como: o que vi quando li tal trecho? E onde isto me levou? Tentando ser o mais honesta possível, eu dividia inclusive as minhas angústias em decorrência do que Clarice convocava em mim, fazendo, algumas vezes, com que eu precisasse caminhar em outra direção para minha clínica (ou vida), até então velada. Aos poucos fui percebendo que Lispector estava me ajudando a ver/fazer um modo de clinicar muito mais afinado ao meu coração, ainda que me gerasse medo. Quando, por exemplo, eu li pela primeira vez a introdução de *A paixão segundo G.H.*, pensei, é isso! “ir vivendo o que for sendo”, o que significou para mim: ir vivendo o encontro clínico à medida dele, na forma como ele fosse se abrindo, sem ter de me economizar para corresponder a uma identidade prévia de psicoterapeuta. Esta que aos poucos fui (ainda estou) aprendendo a desapegar, dando espaço a, antes, poder estar no encontro como um “eu” aberto.

Eu imaginava que compartilhar trechos impulsores, junto com minhas interpretações, poderia – além de me ajudar a reunir ideias, *insights*, neste processo singular de autorização de um modo de clinicar, pertinente e afinado à minha sintonia – também fazer a mensagem chegar em outros colegas de profissão, que porventura estivessem pelejando com a insegurança de um caminho próprio. O

medo de errar, de passar do ponto, de não ser adequado, tudo isto pode desencarnar prematuramente a(o) psicoterapeuta de seu fazer clínico, inviabilizando a possibilidade real de construção de um vínculo honesto entre duas pessoas. Mesmo considerando que uma delas (a(o) psicoterapeuta) não está ali para trazer suas questões como centralidade do diálogo, ainda assim trata-se de uma conversa franca entre psicoterapeuta e paciente. Como sentir-se à vontade para conspirar com a construção de um vínculo terapêutico, se a preocupação for “não errar”? É preciso, pois, questionar o quanto a insegurança de se colocar em jogo, ou o medo de se estar encarnado na relação terapêutica pode justamente obstruir o fluxo das almas humanas.

Eu desejava que o despertar que eu sentia acontecer na minha clínica, a partir das leituras clariceanas, não ficasse só para mim. Queria compartilhar. Sobretudo porque sabia – fosse pela minha experiência como professora universitária ou supervisora de clínica-escola e de profissionais já formados e atuantes no campo, fosse porque a insegurança me era muito familiar –, que a crença equivocada de que psicoterapeutas tinham que ser incríveis em tudo, amedrontava estudantes e profissionais a exercerem esta profissão que nos exige sobretudo sermos humanos na radicalidade do termo.

O *@lispectar\_clinico* foi, talvez, a forma inventada para tatear essa clínica que eu já pressentia como minha, mas que me faltava coragem, muitas vezes, para me jogar. No espaço do *@lispectar\_clinico*, não só eu senti que poderia colaborar com outros colegas, como primeiramente, eu poderia me ajudar a acreditar em mim. Eu precisava tentar o meu caminho de virada, tal como aconteceu com Lóri, que em algum momento percebeu que o que ela sentia realmente servia para sentir. Naquele espaço eu me permitia acolher e compartilhar minhas práticas, dúvidas, medos... seria um ensaio? Talvez, mas sem a correção e a crítica violenta que seca tudo. Enfim, eu me questionava: haveria outros *outros* como eu?

Eu sentia a necessidade de me expressar, e ao mesmo tempo de me aproximar de pessoas que sentissem/pensassem/vissem a clínica com alguma irmandade ao meu modo de compreendê-la. Além disso, eu tinha uma ambição secreta, desejava que as(os) psicoterapeutas que circulavam na página, ao se aproximarem da clínica clariceana, pudessem ser *lispectados* por ela, tal como estava acontecendo comigo. De fato, eu sentia que Clarice foi o abrigo necessário

para que irrompesse do meu solo a clínica que, em verdade, eu sempre só poderia ser. E de algum modo eu apostava (aposto) que lê-la poderia conspirar para esse encontro de si, tão necessário para uma clínica viva, desperta, encarnada, afetada, *lispectada*.

Pensando nisso, recordei da história de dois curandeiros, que li recentemente no livro de Irvin D. Yalom (2009), retirada, segundo ele, de Hermann Hesse, do livro *O jogo das contas de vidro*. A história, tal como descrita por Yalom (2009), fala de dois curandeiros que trabalhavam de modos diferentes, “um oferecendo conselhos sagazes, o outro, escutando silenciosa e inspiradamente” (Yalom, 2009, p. 164). Eles não se conheciam e trabalharam como rivais por muito tempo, “até que o mais jovem adoeceu espiritualmente e entrou em desespero. Não conseguiu se curar com os próprios métodos terapêuticos e, angustiado, acabou partindo numa longa viagem em busca de Dion, o curandeiro rival” (Yalom, 2009, p. 164). Ao se encontrarem, Dion o convidou para trabalharem juntos, e assim fizeram por muitos anos. Um dia Dion adoeceu, e em seu leito de morte compartilhou com o curandeiro mais novo um segredo:

– Tenho um grande segredo para lhe contar – disse –, um segredo que guardo há muito tempo. Lembra-se daquela noite em que nos encontramos e você disse que viajava para me consultar?

O mais jovem respondeu que nunca poderia esquecer aquela noite, o momento decisivo de sua vida.

O homem agonizante segurou a mão do colega e lhe revelou o segredo: também sentia-se desesperado e, na noite do encontro entre os dois, estava viajando em busca da ajuda do outro (Yalom, 2009, p. 164-165).

Para Yalom, opinião da qual compartilho, os curandeiros apesar de terem vivido anos de boa relação terapêutica (de cura), deixaram escapar a profundidade que a franqueza pode trazer. “Talvez a verdadeira terapia tenha ocorrido no leito e morte, quando os dois se aproximaram da franqueza, ao admitirem que ambos eram oprimidos pela simples fragilidade humana” (Yalom, 2009, p. 165).

Penso que o *@lispectar\_clinico* flerta com a possibilidade dessa franqueza sobre as questões da existência que aparecem no campo terapêutico, em terapia, em ato. Num primeiro momento o vejo como um espaço de convite à reflexão de colegas de profissão. E num segundo, como terreno promissor ao reconhecimento das necessidades de cura da(o) psicoterapeuta frente à “simples fragilidade humana”, sobre a qual, no lugar de tentar ocultá-la, utilizando de um uniforme que

a "disfarce" bem, tal como o "alferes" o faz, no conto "O espelho"<sup>28</sup> (Assis, 1997, p. 21-29), que possa mesmo fazer dela (a fragilidade humana) a roupa para sua pele.

O *@inspectar* vai caminhando em mim como esse grande ato de se ver em ato, e de aceitar-se. Um despertar que é um acolher-se. O que me leva a uma escritora polonesa, de nome Wislawa Szymborska (1923-2012), em seu poema "A vida na hora"<sup>29</sup>:

A vida na hora.  
 Cena sem ensaio.  
 Corpo sem medida.  
 Cabeça sem reflexão.  
 Não sei o papel que desempenho.  
 Só sei que é meu, impermutável.  
 De que trata a peça  
 devo adivinhar já em cena.  
 Despreparada para a honra de viver,  
 mal posso manter o ritmo que a peça impõe.  
 Improviso embora me repugne a improvisação.  
 Tropeço a cada passo no desconhecimento das coisas.  
 Meu jeito de ser cheira a província.  
 Meus instintos são amadorismo.  
 O pavor do palco, me explicando, é tanto mais humilhante.  
 As circunstâncias atenuantes me parecem cruéis.  
 Não dá para retirar as palavras e os reflexos,  
 inacabada a contagem das estrelas,  
 o caráter como o casaco às pressas abotoado  
 eis os efeitos deploráveis desta urgência.  
 Se eu pudesse ao menos praticar uma quarta-feira antes  
 ou ao menos repetir uma quinta-feira outra vez!  
 Mas já se avizinha a sexta com um roteiro que não  
 conheço.  
 Isso é justo – pergunto  
 (com a voz rouca porque nem sequer me foi dado pigarrear nos  
 bastidores).  
 É ilusório pensar que esta é só uma prova rápida  
 feita em acomodações provisórias. Não.  
 De pé em meio à cena vejo como é sólida.  
 Me impressiona a precisão de cada acessório.  
 O palco giratório já opera há muito tempo.  
 Acenderam-se até as mais longínquas nebulosas.  
 Ah, não tenho dúvida de que é uma estreia.  
 E o que quer que eu faça,  
 vai se transformar para sempre naquilo que fiz.

---

<sup>28</sup> Conto de Machado de Assis no qual narra a história de Joãozinho, rapaz de vinte e cinco anos que acabara de ser nomeado alferes da guarda nacional. Cargo que começou a exercer fascínio e domínio em Joãozinho, que cada vez mais foi deixando de se reconhecer como Joãozinho, e só se via no espelho após vestir a farda de alferes.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.tudoepoema.com.br/wislawa-szymborska-a-vida-na-hora/>

### 3.2 Notas de uma parceria Clarice-clínica

Na data de hoje, 17 de novembro de 2024, o perfil *@lispectar\_clinico* conta com 338 publicações, entre vídeos, citações, textos autorais, e 5659 seguidores. Separei algumas dessas publicações para compartilhar aqui, ilustrando o aspecto sensível que a obra clariceana pode acessar, nessa interface com a clínica psicológica e com o fazer da(o) psicoterapeuta tal como vou narrando e sentindo, nesta pesquisa realizada na articulação-com (Moraes; Quadros, 2020).

1) "Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?"

(AHE, p. 11)

*Quero compartilhar uma história, mas não sei bem quando ela começa. Qdo pensei nesse perfil, a ideia era a de compartilhar pensamentos que surgissem após a leitura de algum trecho da obra de Clarice Lispector. Fui atravessada por essa autora primeiramente no conto "Os obedientes", que despertara em mim a fragilidade da coragem de me descascar, me colocar pra jogo, me arriscar, aceitando ser o pouco, o limite que eu era, e ser muito no meu pouco.*

*Eu percebi que escondia de mim alguns projetos, por medo. E Clarice me dava cada chapuletada que eu ficava tonta, a frase "a salvação é pelo risco" ressoava no meu coração contorcido pelo **medo de ser...** Enfim, resumindo, para que vcs não se cansem muito. Um dos maiores projetos de minha vida, e o qual eu tinha maior medo, acabou de se realizar: minha filha nasceu!, carregando em seu nome a homenagem a esta escritora que me encorajou a me jogar nessa gravidade que é ser mãe. Minha filha nasceu e ela se chama Clarice! E a vida se fez vida em mim. O mundo começou de novo! Evoé!*

*Esta foto, foi registrada minutos antes de eu entrar no centro cirúrgico onde estavam minha esposa e minha filha em seu ventre. Ali o medo se fez muito presente e eu, viva, o recebi. Um filme passou em meus pensamentos... Clarice Azeredo estava chegando... e com ela, mais um lispectar (neologismo que inventei para caracterizar esse despertar clariciano em minha vida)!*

*Viver é sempre questão de vida e morte, daí a solenidade (em "A Paixão segundo G.H."). A solenidade e o mistério da vida irrompida diante de meus olhos, me fez dobrar os joelhos... a vida é imensa, grave e larga. Ela é misteriosa, diante dela, não há como não se colocar para jogo... ou se houver, talvez seja o mesmo que estar vivo sem o estar. É com a vida, e sobre a*

*vida, na vida, que exercemos o nosso trabalho enquanto psicoterapeutas. Eis aí também uma solenidade. Nosso fazer clínico é arriscado, porque tbm nos convoca a estar vivos! Querido(a) amigo(a) psicoterapeuta, você está vivo?*

Comentário:

*– Parabéns querida, pela Clarice e pelo ‘se lançar ao risco’ que nos encoraja em todos os encontros nos quais se desnuda, a nos arriscar tb!!!*

2) “A salvação é pelo risco, sem o qual a vida não vale a pena” (TCR, p. 183).

*Há um risco específico ao qual ela tenha se referido ao dizer isso? Mas e a mim, o que isto diz? Como esta afirmação me desorganiza? Será que Clarice me lia? Ela acompanhou minha busca por garantias ao ponto de saber tanto sobre mim, que ela me diz que “a salvação é pelo risco”? É por ela saber que muitas vezes eu me economizo na ilusória segurança de pautar minha vida num ordenamento simétrico, que ela me diz “a salvação é pelo risco”? Parece até que Clarice soube, contaram pra ela que eu não me arrisco tanto. E por não me arriscar, me ressinto...ain Clarice! Era só para eu citar suas frases e conectá-las com a psicoterapia, com a clínica, mas já estou aqui falando que morro de medo de viver. A salvação é pelo risco. E é um risco mortal, porque é vital. É o risco de existir. Ou... de apenas encenar que existe. “Você já chegou a existir?” (Guimarães Rosa). Você existe na sua clínica?*

Comentário:

*– Vou pendurar no meu espelho para ler todo dia, rsrs.*

3) “O que me dá medo é o de chegar, por falta de assunto, à auto-revelação, mesmo à minha revelia” (PSGH).

*Clarice na cabeceira.*

*No silêncio, se eu conseguisse suspender os saberes que eu mesma posiciono e organizo, o que é que me sobraria? Se eu raspasse mesmo as tintas com que me pintaram, como diz Alberto Caeiro, o que veria?*

*É preciso, às vezes, esvaziar a xícara antes de servir o chá.*

*É preciso, às vezes, não ter o que dizer para que algo seja dito.*

*É assim, todas as vezes como a primeira, que se faz clínica.*

4) "Eu tenho medo de ser quem eu sou" (USV, p. 140).

*Que escândalo! Clarice faz isso comigo. Ela me escandaliza ao pronunciar aquilo que eu penso, mas não tenho, muitas vezes, a coragem de dizer. De dizer mesmo, sem balbucio. De dizer com o olhar firme de quem acolhe uma verdade. Poder dizer essa frase com humildade, mas também com o corpo todo envolto em ato Sagrado, quase como clemência ao mim que me habita para que ele não desista de mim e seja eu.*

*Tudo isso para convidar você, amigo psicoterapeuta, ou estudante de psicologia, a vir com Clarice se lispectar, isto é, aqui neste contexto, a se ver (com os olhos de Alberto Caeiro) e a se aceitar (como Nhinhinha no conto 'Menina de Lá' de Guimarães Rosa), naquilo que se é. Ainda que esse 'se é' seja esquisito.*

*A clínica exige de nós essa entrega, uma sinceridade mútua no exercício de um cuidado, que para ser Cuidado exige que seja mútuo. Estamos sempre a beira de, diz Clarice. E eu diria, estamos sempre a beira de cairmos numa impostura e nos desencontrarmos. Tudo bem, reencontraremos-nos. Mas por ora preciso apenas admitir, com Clarice, mas também sozinha... quase num susto... e isso requer uma coragem absurda... "eu tenho medo de ser quem eu sou".*

*Mas ainda bem que sou. E isto, a cada vez.*

*E você, tem sido seu sendo?*

5) Para ler tropeçando. "Eu tive medo de minha própria grandeza simples de pessoa humana" (USV, p. 149).

*Para nós, psicólogas (os/es), psicoterapeutas, eu sugeriria: releia essa citação pensando o seu clinicar, o seu acolher, o seu trabalho clínico. E olhe para sua grandeza, isto é, para sua qualidade, seu tamanho, seu limite. Olhe para seu simples. Para a simplicidade de ser parte do mundo neste lugar (simples) de mortal. De pessoa humana. Uma grandeza que pode amedrontar. Por isso tbm precisamos nos apropriar do que somos feito: carne, sangue, moléculas, energia... (quem dá mais?). Não podemos tudo. Somos o que vamos sendo. E vamos sendo possibilidade de ser. Então que possamos Ser. Mas que possamos ser também, sobretudo, na nossa clínica. Que lá não nos esqueçamos da nossa própria grandeza simples de pessoa humana, que somos. A clínica, seja ela qual for, só pode existir assim, levando-se em conta a condição própria de nossa grandeza simples, i.é., sendo humana, sendo possibilidade para possibilidade. (Aceito protestos! Comentem,*

*digam o que pensam, o que sentiram me lendo. Compartilhe se algum episódio particular lhe veio à memória. Lispecte-se).*

Comentário:

*– Sempre tenho dúvidas de “se passei do ponto”; se não resguardei a técnica; etc. Mas, hoje, 12 anos clinicando, inclusive a dúvida, o medo, o poder errar... acabam me mostrando horizonte de ser com o outro. E sinto, a cada encontro, a janela para um universo. Pois, a cada porta que se abre, nada que vivi no horário anterior cabe. Terei que ser eu, novamente, sendo novo para receber aquele universo que me vem.*

Do medo ao risco de tornar-se quem se é, compreendendo que não há outro meio de viver a não ser admitindo mesmo o medo, pois de fato é arriscado viver, é a partir desta perspectiva de mundo e de vida, que Clarice me inspira, gerando em mim a autorização para ser a psicoterapeuta que eu pudesse ser. Tal autorização eu mesma tive medo de me dar, pois por muitos anos em minha prática clínica julguei que precisaria ser outra para então poder ser. Mas eis que de repente num estrondo, como foi a reverberação que o salto da mulher de “Os obedientes” (ver capítulo 4, a partir da página 136) trouxe em mim, vi que a única forma de me salvar, de mim mesma e do vazio que pode ser trabalhar um trabalho que não ressoe desde dentro, seria deixar que livremente o que me tocasse pudesse ganhar passagem a despeito de onde se chegaria.

O risco iminente de perder a vida, ao ser como se é, seria, paradoxalmente a única forma de ganhá-la. Isto eu aprendo com a mulher de “Os obedientes”, mas também em outras personagens de Clarice, como a Macabéa, que me mostrou a ilógica da vida no seu atropelamento repentino ao sair da cartomante, justo quando a personagem se enchia de esperança de futuro. Situações tão cruciais e ímpares que nos fazem pensar a despeito de nosso querer, no para que nos poupamos se a vida carece de simetria lógica. Então, procurando há anos esta força para me lançar nesta artesanaria da vida com a minha clínica, encontro em Clarice o combustível irrefreável para um lançamento que eu conspirava, mas não poderia produzir: deixar nascer (tornar-me) a humana (psicoterapeuta) necessária para a única clínica que posso fazer/viver.

6) “A mais premente necessidade de um ser humano é tornar-se um ser

humano" (ALP, p. 31).

*E na clínica? Acolhemos também nossa humanidade? Podemos clinicar no inteiro que somos, sem precisar forçar para caber em nada... apenas ser nosso sendo? Queridos colegas psis, esse espaço clariciano que tenta articular com a arte da psicoterapia, visa também nos encorajar para atendermos de chinelos. (Entenda a metáfora). Nesse poder ser o "a vontade", poder tbm ser nossa fragilidade. Clarice me ensina que é na fragilidade e não na dureza, que nos encontramos-com."*

7) "Estou com saudade de mim" (CPJ, p. 37).

*É assim que Clarice começa sua pequena crônica, cujo título "é preciso parar", já tem muito a nos dizer.*

*Primeiro, transcreverei a crônica: "Estou com saudade de mim. Ando pouco recolhida, atendendo demais ao telefone, escrevo depressa, vivo depressa. Onde está eu? Preciso fazer um retiro espiritual e encontrar-me enfim – enfim, mas que medo – de mim mesma."*

*Esta crônica me toca por muitas entradas. Compartilharei aqui somente uma delas, que é sobre o ato mesmo de clinicar, já que este perfil foi pensado (pode mudar) prioritariamente para acolher psicoterapeutas e contribuir com reflexões acerca de nossa prática-ofício-arte, que é a clínica. Releia a crônica, relendo-a vagarosamente e pensando na intensidade da pregnância de ser o seu fazer. Quando você está em atendimento clínico, você sente saudade de si ou vc está consigo também? Você consegue se encontrar, i.é., sentir seu "eu" no ato da escuta (ao outro)? Ou por medo de si, você se recolhe, pouco se engaja e atende demais e depressa? Queridos amigos psis, que nosso trabalho "artesanal" e de compromisso com a escuta clínica, numa doação à obra, não se bifurque jamais em um não compromisso ou não doação a nós mesmos. E caso isso porventura ocorra, caso nos percamos, que possamos seguir o conselho de Clarice: "é preciso parar". E então paremos, na paragem há a oportunidade da retomada do vigor do vir-a-ser novamente nossa possibilidade para a possibilidade, de poder-ser o que nos vem ao, e de encontro.*

Poder receber a saudade que se tem de si mesmo por não estar caminhando

no próprio ritmo, já nos faz parar um pouco a mais do que se deveria e já nos deixa comprometidos conosco mesmos. Respirar. Algo tão próximo de nós, como a respiração, que é tão fundante para nos lembrar que somos matéria viva, homens e mulheres lançados em abertura para as afetações que já nos chegam dentro de um sentido de mundo, que pode trazer-nos medo. Um mundo que tem conspirado a nos fazer esquecer de nós mesmos. Mas que repentinamente nos surpreende com a irrupção de nossa fragilidade, ou com a fragilidade da vida ôntica sob a qual colocamos todas as nossas apostas, esquecendo-nos que mais originariamente somos ser-para-morte (Heidegger, 2018a), o que pode ser visto como tragicidade, mas também pode resguardar a angústia de nos devolver para a realidade da possibilidade que somos a todo tempo. Um ter de ser que é forjado a cada vez, na inerente doação ao mundo, a si e ao outro, que nos constitui e que desfaz nossas garantias fixas por uma identidade, que por ter sido conquistada, equivocadamente se pensa cristalizada e imune às afetações do viver.

Junto a Clarice, numa reza que é toda entrega, e que nesta ambiência solicita, incita o seu mais próprio despertar para si.

8) “[...] faze com que eu sinta que amar é não morrer, que a entrega de si mesmo não significa a morte, [...] faze com que eu receba o mundo sem receio [...]” (ALP, p. 125).

*Hétero? Lésbica? Psicóloga? Renata? Não. Vazio. Possibilidade para possibilidade, eis a condição ontológica de ser ser-humano. Arriscado? Super! Garantias? Nenhuma. Dá medo viver? Ôhhhh!! Clinicar, Como viver É seríssimo. É seríssimo. É ser.*

9) E Clarice contra-ataca novamente. Ela também está acompanhando meus vídeos (rs), sobre a construção do corpo homossexual: da agonia ao acolhimento do ser... E por isso veio me provocar.<sup>30</sup>

*Da mesma forma que penso que antes de eu ser um corpo hetero, LGBT, etc., sou um corpo vivo... Isto é, sou toda um corpo. Sou toda. Sou porosa, frágil e em abertura com o mais vital. Sou um corpo que vibra, afeta e é afetado, pois é um corpo sempre em relação-com... Depois, só depois, ganho um nome.*

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CTac-V7puh2/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

*Um nome que estabiliza, que de alguma forma me ajuda a encontrar a mim mesma, mas que também às vezes, justamente porque já me dei um nome, uma direção, já determino antecipadamente o caminho. Nestas horas, é como se não precisasse mais sentir para saber o que sinto. Pressinto que preciso me perder do nome, para me procurar de novo... mesmo que eu acabe por me nomear de novo. Tudo isso, a cada vez. Assim, talvez eu realmente perca a terceira perna (?), esta que Clarice fala que a estabiliza, mas que também a impede de andar. (Será que eu poderia dizer: a impede de ser?) Seria assim com os nomes, com as siglas, as nomenclaturas e as categorias? Tudo isto a serviço de uma terceira perna que estabiliza, organiza, e justamente por isso impede de andar, de experienciar o sentir? Da agonia ao acolhimento do ser. Da agonia de perder a terceira perna e perder-se... (o que é em verdade, um achar-se). Protestem!*

Comentários:

– *Esse trecho de Clarice me ajudou muito quando terminei um casamento de mais de 40 anos.*

– *Profundo, provocativo e ao mesmo tempo delicado! Como é bom ser tocada por sua escrita e reflexões a partir de Clarice! São como bálsamo a aliviar a angústia que nos acomete em meio ao ter-de-ser...*

– *Fantástico, querida. A sua escrita é muito tocante 🖐*

– *Tão bom ler tua criação a partir de Clarice, criação que chega aqui única também. 📖 😊 "*

10) “Mas para escrever estava nu como se não lhe tivesse sido permitido levar nada consigo” (AME, p. 193).

E não é assim, também, o clinicar? Sem mais.

Comentário:

– *Como é muita das vezes o clinicar...*

A nudez clariceana é fascinante porque agudiza o simples fenômeno de sermos antes, ou a despeito, de nossas credenciais. Uma nudez que salienta a precariedade da existência humana, em termos de proteger-se do inabarcável instante do porvir, que é onde a vida se dá. Inventamos estratégias que dispersem

esse visto aterrador. Diplomas, cargos, salários, cotidiano de nossas preocupações mais ou menos vãs, tudo é útil para nos ofuscar do inútil que tudo se mostra em matéria de tamponar o mais grave risco de existir. Essa nudez, longe de trazer um clima sombrio, pode ser um convite a um viver mais intenso, não como vício de verificação como o casal em *Os obedientes* fazem, mas como um viver inocente, como o do *pequeno príncipe* (ver capítulo 4, a partir da página 122), que consegue ver o mais essencial e assim se dispor inteiramente a isso, e sê preenchido, satisfeito, feito, perfeito.

11) “No seu olhar não havia misericórdia mas humano reconhecimento – e, como se as duas lealdades se encontrassem, olharam-se limpos nos olhos” (AME, p. 61).

*Nesta citação há uma tonelada de pistas para a clínica... (falo depois). Tenho feito Psicologia na minha vida. Pode parecer estranho a formação da frase, mas é isto mesmo. Faço "Psicologia" e este fazer gera vida no meu viver. Mas não porque se trata de uma profissão tão somente, é que fazê-la me faz também. Exige-se um fazer que é também um fazer-se, a cada vez. Parece para mim que em algum momento dessa atividade, que é de escuta clínica, acontecesse um feito, uma conexão, que só então torna possível a terapia acontecer. E isto para ambas as almas envolvidas no encontro. A que busca por cuidado e a que cuida, cuidando também de si, abrindo caminho para o cuidado também do outro. É como se em terapia ocorresse uma desobstrução gradual da relação dos envolvidos. Também acho que posso chamar isso, algumas vezes, de amor. Terapia é uma atividade amorosa. E talvez a dificuldade esteja justo aí. Desaprendemos a amar o humano em nós?*

*Daí meu interesse cada vez mais espesso no que escreve Clarice Lispector, e daí este perfil @lispectar\_clinico. Clarice transborda o emaranhado da alma humana, muitos se sentem perdidos ao lê-la, um incomodo profundo. É isso mesmo, Clarice incomoda, não intencionalmente (eu acho), mas porque consegue com maestria descrever os assombros da alma humana em sua beleza mais frágil. A mim, pelo menos, ela toca profundamente. Por isso gosto de lê-la vagarosamente. Porque não é fácil. Mas é verdadeiro. E a verdade, embora simples, pode assustar. A clínica também me assusta... sobretudo quando sinto que preciso estar sem nada nas mãos... só com a lealdade do olhar. Um olhar sem maquiagem. Um olhar apenas humano. Radicalmente humano. Obrigada Clarice. É muito mágico ser psicóloga e me inspirar em vc. Seus*

*atos verdadeiros me desconcertam.*

Comentários:

*– Que linda reflexão! Na verdade, um testemunho. É poético como sempre.*

12) “Meus problemas são os de uma pessoa de alma doente, e não podem ser compreendidos por pessoas, graças a Deus, sãs” (TAC, p.185).

*Que provocação de Clarice, meus amigos! Parece até a frase de Jesus: "Quem não tiver pecado que lance a primeira pedra". Quanta humanidade há em ambas as citações. Agora, você que é psicoterapeuta como eu, pensemos juntas aqui que nosso trabalho de escuta clínica, de estar-com, de acolhimento e/ou intervenção, precisa também passar por essa humanidade. Dito em outras palavras: para ser psicoterapeuta é necessário assumir toda a fragilidade da radicalidade de ser uma existência humana, terrena, limitada, mortal, passageira. Que Deus afaste de mim os psicoterapeutas sabedores de tudo, os fortes, os centrados em si mesmos e cheios de inteligência emocional... Meus problemas não poderiam ser compreendidos por eles. Bravo, Clarice!*

Comentário:

*– Reconhecendo que somos pessoas tão frágeis, vamos nessa autodesconstrução do ser, conhecendo o caminho a cada passo, sem cobranças e expectativas, reconhecendo que não podemos anteceder os acontecidos. Vamos vivendo, indo como podemos.*

Não são raras as vezes que durante, ou após, uma sessão clínica eu tenha me sentido abraçada existencialmente, há algo que pode acontecer naquela ambiência propícia, que é a própria conexão entre duas almas humanas. Quando ocorre é extremamente benéfico para os envolvidos, como se tivéssemos a oportunidade de experienciar a compreensão, não a resolução/cura de uma questão/ferida, mas simplesmente a experiência de que o que sentimos pode ser acolhido, respeitado e visto. Sem nenhum heroísmo, até porque, como diz Clarice “compreender já é heroísmo. Então um homem não pode simplesmente abrir uma porta e olhar?” (PNE, 2020, p. 26). Em verdade, talvez, em matéria de questões existenciais, isto seja tudo que ao ser humano seja permitido fazer.

13) "Suportou imóvel o fato de ele ser o único próprio ponto de partida" (AME, p. 23).

*A narradora de 'A maçã no escuro' descreve um momento que poderia passar despercebido se fizéssemos uma leitura mecânica. Clarice exige um tropeço nas palavras, nas ideias. Um modo de meditar pela descrição da cena, e nada mais. Uma análise na descrição, que não se dá unicamente pela via da razão, mas exige do leitor fazer uma vivência. Clarice convida então a uma análise descritiva? É isto que estou defendendo aqui... e esta análise vai se fazendo à medida da descrição e apenas. Não há nada além ou aquém a ser analisado a não ser a própria experiência descrita fenomenologicamente.*

*Então, leiamos novamente: "[...] suportou imóvel o fato de ele ser o único próprio ponto de partida."*

*Adentrar a experiência convidativa desta frase é nos vermos, a nós próprios, como o nosso único (e próprio) ponto de partida. Isto porque este ponto de partida não pode ser dado a, ou por, outrem. O movimento de fazer a nossa vida, de sermos nossa existência, de nos tornarmos o nosso vir-a-ser, é estúpida e livremente dependente de nosso agir. Ou seja, é pelo poder de um ato, de um verbo que ao conjugá-lo dou meu ponto de partida nesta coisa chamada existir.*

*É incrível notarmos a precisão das palavras de Clarice. Ela diz: "ser o único próprio ponto de partida". Sim porque o ponto de partida da minha existência autêntica não pode ser dado na impessoalidade do outro. É quando esta partida, esse mover-se, que nos faz caminhar de um estado de pré-movimento, que dá a partida, para o movimento, para o risco, para um fazer, para um sair da inércia da impessoalidade, para construção de um próprio, que é único, que libera um eu para mim. Isto para mim é a descrição da possibilidade que a escuta clínica na psicoterapia pode proporcionar aos envolvidos.*

14) "Embaraçadamente entregue ao recurso de si mesmo, parecia tentar usar o próprio desamparo como bússola" (AME, p. 54).

*Clarice toca nessa delicadeza do desamparo humano... Não para patologizá-lo, ou normatizá-lo, mas apenas para acolhê-lo, aceitá-lo. Na verdade mesmo, e se formos sinceros, muitas vezes é no desamparo que temos a oportunidade de parar, e nessa paragem, olharmos a nossa vida... de onde viemos e para onde estamos indo, nesta hora, se deixarmos o pé afundar, vemos se dissolverem os tolos "amparos" dados, e nos vemos desamparados. Nesse radical desamparo, entretanto, podemos também lembrar que podemos agir que podemos*

*respirar, que podemos enfim retornarmos ao nosso próprio recurso de nós mesmos e nos usar como bússola para a nossa vida. Quem sabe esse desamparo não pode ser radical e fundamental para o exercício de uma vida autoral?*

Comentários:

– *O desamparo como fortalecimento de si.*

– *Às vezes é necessário usar o desamparo como bússola! Que linda escrita ...*

Essa experiência de desamparadamente ser seu próprio ponto de partida, convoca ao ter de "fazer-se fazendo pelo fazer" (Schuback, 2022 p. 21), o que nos remete ao que os gramáticos antigos chamavam por "voz média, em que o sujeito da ação é feito por essa mesma ação, em que agir e ser agido pelo agir são um só" (Schuback, 2022, p, 21). Em matéria de ser psicoterapeuta, como poderíamos usar essa analogia? A ação de clinicar, coloca a(o) psicoterapeuta em escuta, ação que a(o) forja psicoterapeuta no *psicoterapeutizar*.

Márcia Schuback analisa o escrever de Clarice enquanto esse ato que se dá sendo em ato, "uma escrita do estar escrevendo, que, por nada escrever a não ser o estar sendo em ato, não é para nada e para ninguém" (Schuback, 2022, p. 21). Clarice diz: "Escreverei aqui em direção ao ar e sem responder a nada, pois sou livre. Eu – eu que existo" (USV, p. 76). E mais adiante "quero me reinaugurar. E para isso tenho que abdicar de toda a minha obra e começar humildemente, sem endeusamento, de um começo em que não haja resquícios de qualquer hábito, cacoetes ou habilidades" (USV, p. 77). Clarice acena algo que ecoa com o que nos diz Alberto Caeiro: "procuro despir-me do que aprendi [...] e raspar a tinta com que me pintaram os sentidos" (Pessoa, 2005, p. 72). Formas de dizer da necessidade de ver o novo. Mas talvez, justamente o desafio seja reinaugurar o gosto naquilo que já se tornou hábito, para reconquistá-lo enquanto hábito novamente. Então, o novo não seria o novidadeiro, mas a possibilidade de, em desobstruindo o sentir, poder ver o já visto na graça de seu mostrar.

Parece que para escrever em direção à liberdade, ao ar, é preciso deixar leve a bagagem, como modo de conspirar para esta reinauguração do ver. Algo que dialoga com a necessidade de declinação de sentidos prévios, que se por um lado podem nos amparar na clínica, por outro podem gerar ruídos que tolham a escuta

do encontro, ao impor acordes musicais que não estejam em acordo com o coração a ser ouvido. Parece então que para escrever, bem como para ouvir, clinicar, é preciso uma disponibilidade livre, que Ângela, em *Um sopro de vida* chama por “Graça” (USV, p. 87). Mas que também podemos chamar com despojamento do feito, para um novo nascer.

“Ser o único próprio ponto de partida” a cada vez. O que pode trazer a sensação de desamparo. E é no agudo deste sentir-se desamparado que também podemos criar.

15) “E com ele, milhões de homens que copiavam com enorme esforço a ideia que se fazia de um homem, ao lado de milhares de mulheres que copiavam atentas a ideia que se fazia de mulher e milhares de pessoas de boa vontade copiavam com esforço sobre-humano a própria cara e a ideia de existir” (AME, p. 35).

*Um ato verdadeiro! O que é isto que Clarice diz aqui? Não vejo necessariamente como uma moral maniqueísta em relação à imitação. Afinal, todos imitamos em maior ou menor grau uma cultura, normas, etc. O que toca a mim, neste trecho, é a denúncia sutil sobre a nossa verdade. Isto que nos toca de tal forma que não podemos mais negar a nós próprios o tocado, o tocável. Isto que de modo absolutamente verdadeiro, manifesto, cru, passa por nós, em nós, e sobre o qual só podemos desconcertadamente acolher e entregar-nos a. Isto que é a Vida em nosso viver. E eu proponho pensar, que isto é também, a construção de um clinicar vivo, atento e contemplativo. Um clinicar inimitável, incomparável e desconcertante... por que? Porque é de verdade.*

Comentário:

– *Uma clínica viva,*

16) “Mas não se pode levar coisa nenhuma ou alguém, senão não se vai” (AME, p. 139).

*No exercício da clínica sinto o quanto é difícil ir... E não estou me referindo ao paciente, não! Refiro-me ao psicoterapeuta. Deixar-se ir ao encontro do outro exige um declínio de si. Um declínio de saberes prévios, um despojamento da própria identidade de terapeuta. “Não se pode levar coisa nenhuma”, nem ninguém, senão não flui. Se você, enquanto clínico, se*

*colocar diante do outro com intuito de fazê-lo chegar a algum lugar... aí mesmo é que não se vai. E é aí mesmo que você também não foi.*

*Clínica (tal como a vida) é criação. E o embaraçoso é que só se cria quando não se pode levar coisa nenhuma ou alguém. É nesse aparente vazio que nos movemos a sondar... e começamos a ir. É precioso, na clínica, resguardar um espaço de não saber onde ir. Sem a pretensão de querer saber onde se "deve" ir, é que posso "sintonizar/estudar/apreender" o meu ir, e ir... Só não sabendo é que posso verdadeiramente ir... ir sentindo, ir me conectando, ir me relacionando com o outro e escutando-o. Nas vezes em que sobressai algo que quero levar, "meu ir" fica comprometido com o que se quer ver indo... e "não se vai". Por isso que "não se pode levar coisa nenhuma ou alguém, senão não se vai".*

Nessas duas citações clariceanas pode-se ver a impostura como uma medida que é a própria desmedida para ser. Nesse ato de copiar atentamente do outro como fazer para existir, joga-se a própria existência numa performance em que é reiteradamente orientada pelo olhar do outro e desencarnada de si. Porém, essa figuração se dissolve rapidamente quando a vida nos faz afundar o pé um pouco mais. Nessa hora, podemos ouvir atentamente àquilo que permanecia oculto, enquanto se admitia o plágio social como orientação para si, que diz respeito ao medo de se arriscar existencialmente ao lançar-se para jogo num caminho mais autêntico.

17) “[...] se a pessoa não se pervertesse em pensamento, a pessoa intata sabia a verdade” (AME, p. 349).

*Pensando a clínica de inspiração fenomenológica, esse trecho clariciano pode nos ajudar a pensar o quanto a racionalidade e excesso de controle (através de um suposto querer saber para poder controlar) pode perverter, ou melhor, perder a riqueza do que pode aparecer no encontro clínico.*

*Querido amigo psicoterapeuta, compartilho com você, aqui, neste espaço instagramável, que às vezes tememos ir para a clínica de mãos vazias. Neste mundo de gerais, de especialismos e poder, talvez tenhamos aprendido que ser doutor é saber antes. É com a ajuda de Alberto Caeiro, Clarice Lispector, Lóri, G.H, Martin, dentre outros personagens e poetas, que tenho reaprendido a experiência de um ver mais imediato: só podemos saber e aprender aquilo que saboreamos com a nossa própria boca, língua, experiência ... é nesse*

*encontro radical (na clínica, com o outro) que se brota um sabor próprio, algo de verdadeiro.*

*Diante do sabor de nosso saboreio, que possamos ter a coragem então de, agindo com o coração, obedecer ao sabor que surge ao nosso paladar, e assim retomar vida em nós. Não precisamos seguir as descrições dos sabores dos outros (manuais, teorias limitadoras, gurus) como se nós próprios não pudéssemos fazer um caminho experiencial de primeira mão.*

*O exemplo aqui é clariciano, como é a inspiração do perfil: ninguém precisa dizer a uma mãe como amar seu filho. Ninguém pode fazer isso por ela. Qualquer tentativa disto seria "espumar no discurso"... não precisamos fazer isso com nossos pacientes/clientes... para nada! Se pudermos "apenas" estar na experiência deles, com eles, talvez "sem uma palavra e sem sequer entender" um ver imediato se abra pra nós... tal como é o ver de uma mãe que apenas ama seu filho sem precisar ouvir de ninguém nenhum discurso prévio.*

*É Clarice, é "A maçã no escuro", mas eu vejo muita clínica ali. E aqui compartilho.*

- 18) "Escrevo-te porque não me entendo. Mas vou me seguindo" (AV, p. 42).

*O que está em questão aqui, nesta citação, para mim, é o como olhamos o "entender" e o "se seguir". Vivemos uma época na qual parece que a única fonte de possibilidade para estar na vida é a partir de um entendimento (racionalizado) dela. Mas sentir é entender? Privilegia-se o entendimento verbal, racional, descritivo... mas e o que sentimos e nos é incomunicável? Endereçamos à loucura? Ao des-sentido? Mas algo que é sentido pode não fazer sentido?*

*Entender se relaciona com o sentido que sentimos no entender. Mas também não entender se relaciona com o não sentido que sentimos quando não entendemos. Não é porque não entendemos (por algumas vias), que deixamos de sentir e/ ou entender por outras.*

*O uso que habitualmente fazemos da palavra/verbo entender, está majoritariamente relacionado ao utilitário de uma lógica cartesiana de pensar a razão. Clarice ao dizer: "Escrevo-te porque não me entendo", ela subverte esse raciocínio. Ela não precisa entender para escrever. Ela pode escrever mesmo sem entender desde que vá se seguindo... percebem a lindeza disto?? É Clarice meus amigos, nos autorizando a nos seguir (ainda que não nos entendamos em acordo com a linguagem lógica normativa). Vc tem seguido você?*

19) “Sei o que estou fazendo aqui: estou improvisando. Mas que mal tem isto? Improviso como no jazz improvisam música, jazz em fúria, improviso diante da plateia” (AV, p. 37).

*Improvisar.*

*Para muitos improvisar é faltar com o rigor. Para mim – e bem provável para Clarice – improvisar é incorporar o rigor de tal modo que já me é possível criar para além. Improvisar na clínica significa, para mim, a possibilidade de realmente estar num encontro real, encarnado com o outro que está diante de mim. No momento do improviso sou toda sensação, emoção, sentimento... sou toda entrega, e por isso a criação me atravessa e se faz passagem em mim. Não são todas as pessoas que conseguem improvisar. Há os terapeutas que só conseguem atender seguindo uma escala dura, roteirizada previamente, para assim não correrem o risco de se molharem (a vida, meus amigos, não é seca! Por que, então a clínica seria?). Improvisar dá medo. Viver também! Mas entre viver e não viver, entre tocar a partitura exata ou criar, a partir do que me afeta, isto é, correr o risco do solar... solos de guitarra, prefiro a reza: "A salvação é pelo risco".*

Comentário:

*– Improvisar, adaptar, reinventar?!!! Talvez! não existe um roteiro pronto quando sentamos de frente para uma pessoa. É o encontro com o mais íntimo que provavelmente exista em cada sujeito. O que será falado? Foge do controle, do previsto ou esperado... É muito subjetivo. E assim inicia-se a aliança terapêutica...*

Improvisar, tal como um improviso no *jazz*, pode ser descrito como um processo criativo em tempo real, no qual o músico compõe, interpreta e adapta a música instantaneamente, geralmente dentro de uma estrutura harmônica e rítmica estabelecida. Essa estrutura funciona como base para a criação das melodias, que embora estabeleçam regras, possibilitam uma série inesgotável de combinações e ideias únicas funcionando como um grande diálogo musical entre os músicos. O improviso, muitas vezes executado de modo solo é irrepetível e reflete a emoção que o músico está envolvido no momento da execução.

As publicações que vão compondo a página do *@lispectar\_clinico* podem corresponder a essa mesma analogia do *jazz*. A base ou estrutura harmônica seria a clínica psicológica de orientação existencial em diálogo com a obra de Clarice

Lispector. A partir disto, cria-se, escreve-se, compartilha-se, em tempo real, no agora da leitura, e de modo solo, o pensamento ocorrido. As possibilidades de costura com assuntos que comparecem na clínica em toda a complexidade do humano, despontam sem muita escavação. Ali, na superfície da pele, vou tecendo, quase como num sonambulismo, as minhas afetações principais, em diálogo com o trecho lido.

### 3.3 Mistura

Uma clínica “lispectada”. Isto é, uma clínica despertada, viva, e por isso mesmo, porosa, atravessada, impura, misturada. Suja de tal modo próxima da vida, nas suas incompatibilidades permite haver na mesma cena um céu azul e um rato morto. Essa alegria difícil de sentir dor por estar vivo-alegre existindo. Esse cálculo matemático errado de apostar na vida, com tudo, justo porque se morre. Uma clínica des-identitária, que não se ocupa de trazer para si um nome, mas de reconhecer-se como um espaço de escuta. Sabendo mesmo que há muito risco nisto. Tal como é o risco real de entrar em cirurgia enquanto paciente, ou médico. O risco do agora, do não sabido. O risco de morrer, que só acontece com quem está vivo.

O *@lispectar\_clinico* se transformou num espaço de livre afetação da luminescência clariceana, que ilumina derretendo posicionamentos prévios, mostrando-nos a simples verdade de nossa fragilidade. Não é com isso que trabalhamos na clínica psicológica? Como podemos adentrar neste terreno sem nos misturarmos nele? Como ficaremos à vontade, enquanto psicoterapeutas, se não admitirmos, com tranquilidade, que em verdade não consertamos a vida de ninguém, pois vida não se conserta, não há nela nada para se consertar. O que podemos fazer é, juntos, irmos compreendendo e aprendendo a viver a vida na sua fragilidade-potente que desintegra e mistura tudo no fim das contas.

Como um pintor poderia pintar sem sujar-se? Como uma(um) psicoterapeuta poderia escutar sem se ouvir? Recordei de uma entrevista que Clarice fez a Iberê Camargo. Ela lhe pergunta se haveria lugares nos quais ele trabalharia melhor que em outros. E ele responde “Eu só trabalho bem... como se pode dizer? Com os meus chinelos? Na tranquilidade de meu ambiente, com minhas coisas, na minha teia” (ECL, p. 211). Tomando essa inspiração, penso que no *@lispectar\_clinico* tenho me habituado a assumir os meus chinelos, as minhas coisas, e a levá-las

para o ambiente da minha clínica, constituindo nela a minha teia.

A ideia de um *lispectar* é também o reconhecimento da necessidade de uma lufada de oxigênio nas práticas clínicas em psicologia, cada vez mais dragadas por cálculos matemáticos que só visam dar espaço para o que é compreendido, o que é muito pouco para tratar das complexidades que envolvem a existência humana, se formos sinceros. Além do que já foi dito, lá na página do perfil *@lispectar\_clinico*, como aqui, vou autorizando-me a olhar para o meu modo de clinicar, aprendendo comigo, reconhecendo uma prática artesanal e um chamamento à liberdade e à singularidade da(o) terapeuta e da(o) paciente, num convívio com o outro que seja antiautoritário e que a relação seja pautada numa fala franca e não resolutive.

O *lispectar* é o compartilhamento de um verbo, de um movimento, de uma ação, a partir da compreensão de que quem diz "sou psicoterapeuta" não sou eu, mas a vida, no seu sendo que também sou. Pois é a vida que se vive em mim, e é nesse estar sendo que sou, que ela pode acolher o estar sendo do paciente em sua experiência de existir. Tal como Lóri, "eu gosto de ver as pessoas sendo" (ALP, p. 71).

Talvez o despertar sempre resguardado nos textos clariceanos, comungue da possibilidade de uma retomada de frescor para o cuidado de si (des)velado na psicoterapia. E o *@lispectar\_clinico* conspira para que esse amanhecer clariceano ganhe porosidade na vida e na clínica. Em suma, o *@lispectar\_clinico* é um ato político de acolhimento da diferença no modo de fazer clínica, em resposta a um modelo de ser profissional psicólogo, surge como um espaço que propõe a hesitação como resposta à premissa de êxito, um espaço para as dúvidas em resposta às orientações de certezas. É, pois, um espaço para aproximar a clínica da vida.

### 3.4 Da desintegração para a integração de um recomeço

...estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi. Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda. Não confio no que me aconteceu. Aconteceu-me alguma coisa, que eu, pelo fato de não a saber como viver, vivi uma outra? A isso quereria chamar desorganização, e teria a segurança de me aventurar, porque saberia depois para onde voltar: para a organização anterior. A isso prefiro chamar desorganização pois não quero me confirmar no que vivi – na confirmação de mim eu perderia o mundo como eu o tinha, e sei que não tenho capacidade para outro (PSGH, p. 9).

*A paixão segundo G.H.* trata deste instante no qual se é tomado por algo que nos toca suspendendo a vida tal como habitualmente a conhecemos, fazendo a demolição da casa (do eu?) e trazendo o terreno que estava presentemente oculto, à luz, e a vida à cadência do mais vivo. A desintegração de um "é" estático pode nos devolver para o fôlego do sendo, para a reconquista do fôlego do gerúndio.

Pois quando vida se mostra fora da organização que se supunha e temos que vivê-la na desorganização que nos advém, é possível experienciar esse pisoteio dos saberes sem a desesperação? Ou sem a instantânea busca por um amparo, na tentação de aplacar o mal-estar que o fugidio gera? Porque sem a explicação, a categorização e a organização, como sustentar esse *páthos* que atropela a vida?

Se tiver coragem, eu me deixarei continuar perdida. Mas tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo – quero sempre ter a garantia de pelo menos estar pensando que entendo, não sei me entregar à desorientação. Como é que se explica que o meu maior medo seja exatamente em relação: a ser? e no entanto não há outro caminho. Como se explica que o meu maior medo seja exatamente o de ir vivendo o que for sendo? Como é que se explica que eu não tolere ver, só porque a vida não é o que eu pensava e sim outra – como se antes eu tivesse sabido o que era! Por que é que ver é uma tal desorganização? (PSGH, p. 11).

“Devagar e manso se desata qualquer enlço, esperar vale mais que entender” (Rosa, 2021, p. 220). Esperar é, pois, a condição de possibilidade para entender. Por isso é preciso ir gaguejando na leitura clariceana, e ir despojando-se dos especialismos que carregamos quando nos colocamos em escuta clínica. Em ambos os cenários, exige-se paciência, serenidade, para que o entendimento se dê. Logo na segunda linhade *A paixão segundo G.H.*, Clarice diz: “estou tentando entender” (PSGH, p. 9). Um "tentando" que acontece a partir de uma tensão, que foi dada pela paixão, pela angústia do vivido. Não se trata de um tentar ao modo de uma tentação de fuga para um entendimento já dado, que afrouxa a experiência do tentar, mas sim de um tentar que ilumina a presença de um não-saber e que por isso precisa ir "devagar e manso". Numa velocidade que é ditada pela própria coisa, tal como ocorre quando nos colocamos em tratamento para o reestabelecimento frente a algum adoecimento por exemplo. Não há como acelerar, o corpo tem seu próprio tempo.

A experiência de desorganização, de vertigem, de dissolução de um mundo tal como organizávamos, abre a possibilidade de uma nova integração, de um novo

*cosmos*. A travessia que G.H. precisa fazer, caminha da experiência de desorganização para uma radical metamorfose de sentido. E neste entre, há a difícil experiência do “perder-se” (de si?).

É difícil perder-se. É tão difícil que provavelmente arrumarei depressa um modo de me achar, mesmo que achar-me seja de novo a mentira de que vivo. Até agora achar-me era já ter uma ideia de pessoa e nela me engastar: nessa pessoa organizada eu me encarnava, e nem mesmo sentia o grande esforço de construção que era viver. A ideia que eu fazia de pessoa vinha de minha terceira perna, daquela que me plantava no chão. Mas e agora? Estarei mais livre? (PSGH, 2009, p.10).

“Arrumarei depressa um modo de me achar” (PSGH, p. 10), a pressa contida nesse movimento de sair da experiência de desorganização, contrapõe à disposição da paciência, da espera, de um poder ir “devagar e manso”, para que o entendimento possa ir sendo gestado. Tal como dito na dedicatória do livro, esta obra é para “aquelas [pessoas] que sabem que a aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente – atravessando inclusive o oposto daquilo que se vai aproximar” (PSGH, p. 7). Entretanto, G.H. percebe que por não entender o que lhe aconteceu, não consegue se entregar e “ir vivendo o que for sendo” (PSGH, p.11). Tal como a personagem, pode-se ver entre muitos pacientes da clínica psicológica uma tendência para, com pressa, querer se achar. Mas o que é que significa “se achar”? Alcançar uma resolutividade para alguma questão? Mas como se resolve a vida? G.H. reflete: “por segurança chamarei de achar o momento em que encontrar um meio de saída. Por que não tenho coragem de apenas achar um meio de entrada?” (PSGH, p.10).

Mas depois ela entende que a “lei é que eu viva com a matéria de uma pessoa e não de uma barata” (PSGH, 2009, p. 169), e esta é a pista da entrada. Difícil mesmo é entrar e se manter neste percurso de ser humano, que é por vezes tão inumano, “estar vivo é inatingível pela mais fina sensibilidade. Estar vivo é inumano” (PSGH, p. 171).

Pode a(o) psicoterapeuta conquistar a serenidade junto ao abismo que é o destino de cada ser humano que o procura? Adentrar ao mundo de cada pessoa que o acessa? Pode a(o) psicoterapeuta fazer a sua trajetória numa “gradual deseroização de si mesmo” (PSGH, p. 175), posto que somos apenas receptores disto que revela a vida? Pode-se ser psicoterapeuta e nisto exercer uma clínica

psicológica, compreendendo, misteriosamente, que "a dor não é alguma coisa que nos acontece, mas o que somos"? (PSGH, p. 175).

E é inútil procurar encurtar caminho e querer começar já sabendo que a voz diz pouco, já começando por ser despesoal. Pois existe a trajetória, e a trajetória não é apenas um modo de ir. A trajetória somos nós mesmos. Em matéria de viver, nunca se pode chegar antes. A via-crúcis não é um descaminho, é a passagem única, não se chega senão através dela e com ela. A insistência é o nosso esforço, a desistência é o prêmio. A este só se chega quando se experimentou o poder de construir e, apesar do gosto de poder, prefere-se a desistência. A desistência tem que ser uma escolha. Desistir é a escolha mais sagrada de uma vida. Desistir é o verdadeiro instante humano. E só esta, é a glória própria de minha condição. A desistência é uma revelação.

Desisto, e terei sido a pessoa humana – é só no pior de minha condição que esta é assumida como meu destino. Existir exige de mim o grande sacrifício de não ter força, desisto, e eis que na mão fraca o mundo cabe. Desisto, e para a minha pobreza humana abre-se a única alegria que me é dado ter, a alegria humana. Sei disso, e estremeço – viver me deixa tão impressionada, viver me tira o sono (PSGH, p. 176-177).

O *@lispectar\_clinico* também admite que “tão secreta é a verdadeira vida que nem a mim [...] pode ser confiada a senha” (PSGH, p. 175), e é só nessa ambiência que se pode ser clínico e não se ter mais medo.

## 4 ILUSTRANDO UM MÉTODO A PARTIR DA OBRA DE CLARICE

### 4.1 “Os obedientes” enquanto um método clínico

[...] Mas se Deus é as árvores e as flores  
 E os montes e o luar e o sol,  
 Para que lhe chamo eu Deus?  
 Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e  
 luar;  
 Porque, se ele se fez, para eu o ver,  
 Sol e luar e flores e árvores e montes,  
 Se ele me aparece como sendo árvores e  
 montes  
 E luar e sol e flores,  
 É que ele quer que eu o conheça  
 Como árvores e montes e flores e luar e sol

E por isso eu obedeço-lhe,  
 (Que mais sei eu de Deus que Deus de si  
 próprio?),  
 Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,  
 Como quem abre os olhos e vê,  
 E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e  
 montes,  
 E amo-o sem pensar nele,  
 E penso-o vendo e ouvindo,  
 E ando com ele a toda hora.  
 (Pessoa, 2005, p. 25)

A clínica que penso aqui, com Clarice, quer oportunizar ao psicoterapeuta uma atuação desde uma retomada de cadência própria. Trata-se de um fazer que não seja totalmente guiado pela voz da impessoalidade, quer seja a do senso comum pautando o que é que se tem que fazer hoje em dia para cada situação clínica, quer seja a das teorias científicas já sedimentadas, através das orientações prévias para um fazer. Mas trata-se de um fazer que pode se fazer, existindo enquanto canal de disposição para ser passagem, disso que toca a(o) psicoterapeuta, a partir do grau de abertura para a vida que ela(ele) se permitir. Também não se trata de um fazer guiado apenas pelo estilo<sup>31</sup> de um eu identitário,

---

<sup>31</sup> Sobre estilo, inclusive, há uma crônica de Clarice com este nome, na qual ela diz: “Estilo, até próprio, é um obstáculo a ser ultrapassado. Eu não queria meu modo de dizer. Queria apenas dizer” (CJ, 2010, p.21).

que mais quer proteger o nome profissional e estar em conformidade com as referências técnicas e impessoais, do que se dispor em obediência à vida em sua convocação impensável. Pois o ego, o eu, desaparece deixando apenas a passagem à obra, numa “atenção para o instante do surgir do processo de manifestação do ser, traduzido no mundo humano que o acolhe” (Borges-Duarte, 2019, p. 45). A clínica que penso se des-substancializou, retomando o verbo encarnado enquanto caráter de produção de um fazer: clinicar! Cujas conjugação passa necessariamente pela disponibilidade da(o) psicoterapeuta em se deixar participar do jogo do existir a ser compartilhado e vivido ali.

Há um "colocar-se para jogo" na ambiência clínica, que não é restrito ao paciente/cliente. E o fato de ser extensivo à(o) psicoterapeuta, pois ambos co-habitam a Terra e compartilham da condição de mortais, não é pouca coisa. Neste sentido, a escuta (tarefa da(o) psicoterapeuta no fazer de seu ofício) precisa brotar desde o âmbito da experiência de uma obediência (escuta) à vida. A *obediência*,<sup>32</sup> enquanto possibilidade de *escuta*, precisa ter sido aprendida, conquistada, pela(o) psicoterapeuta, em sua relação com o viver. E isto exige um exercício de "desaprendizado do símbolo"<sup>33</sup> (Fogel, 2017) ou dos conhecimentos prévios, que a(o) psicoterapeuta precavida(o) quer carregar em suas malas de saber, não sabendo que isso veste a nossa alma, tal como nos diz Fernando Pessoa, na pessoa de Alberto Caeiro.

O essencial é saber ver,  
Saber ver sem estar a pensar,  
Saber ver quando se vê,  
E nem pensar quando se vê  
Nem ver quando se pensa.

Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),  
Isso exige um estudo profundo,  
Uma aprendizagem de desaprender  
(Pessoa, F., 2005, p. 49).

Aprender a desaprender como necessidade para ouvir, para obedecer à vida em sua mostraçãõ. Mas, como diz o poeta, “tristes de nós que trazemos a alma

---

<sup>32</sup> Do latim é possível costurarmos a co-relação entre obedecer e escutar, posto que obedecer viria de *obaudire*, e escutar, de *audire*. Sentidos que nos oferecem uma aproximação entre um escutar que seja ao mesmo tempo obediente ao que se escuta (Sá; Azeredo, 2023, p. 150).

<sup>33</sup> Há um livro de Gilvan Fogel exatamente sobre a necessidade de desaprender do símbolo que trazemos para termos a oportunidade da experiência do ver imediato. Para isto que se ilumina e que nos põe imediatamente na experiência do real como fundo da vida.

vestida!”, já possuída por interpretações que nos impedem de ver a partir da experiência. Tal como diz Adélia Prado num poema intitulado *Paixão*<sup>34</sup>: “De vez em quando Deus me tira a poesia. Olho pedra, vejo pedra mesmo”. Justo nessa hora em que só vemos pedra, poder também aí desaprender o símbolo, e deixar que ela se mostre em sua poética. E justo também, nesta hora poder interromper “um instante de escrever para pegar nessa pedra e entrar em comunhão com ela” (CPJ, p. 32).

A desaprendizagem do símbolo, enquanto insistente caminhada, precisa assaltar o “hábito cultural” (Fogel, 2017, p. 48), este que nos remete sempre à decadência da impessoalidade, de onde vemos como todos vêm, e fazemos o que todos fazem, e por ele nos tornamos incapazes de distinguir o essencial, pois não há vez para a própria experiência. Incapazes também de ouvir o que nos atravessa, não obedecemos ao imperativo vital que traz estofo para o viver, deixando-o apático, sem rendado, sem história.

Queremos descrever uma estrutura vital da obediência, pois nela encontramos um diapasão para o exercício de escuta da(o) psicoterapeuta, que pode insistentemente buscar-se afinar a ela, tal como a(o) dançarina(o) que a cada música vai precisar desaprender algo para concentrar-se no vazio que a(o) leva ao novo ritmo do dançar. Se não, o que ela(e) (psicoterapeuta ou dançarina(o) terá como instrumento de seu ofício será uma escuta (ou dança) desafinada e caduca, indisposta a ouvir o outro na gravidade que vida é.

O diapasão para a afinação desta escuta é a própria vida, em sua estrutura de acontecência inabarcável, que até humilha nosso orgulho, por se mostrar tão insubmissa ao arbítrio voluntarista. Mas como nos preparar para ouvi-la? Primeiramente através de uma “insistente retomada do movimento aquém da sedimentação, da cristalização” (Fogel, 2017, p. 52), para que posamos nos dispor a ver

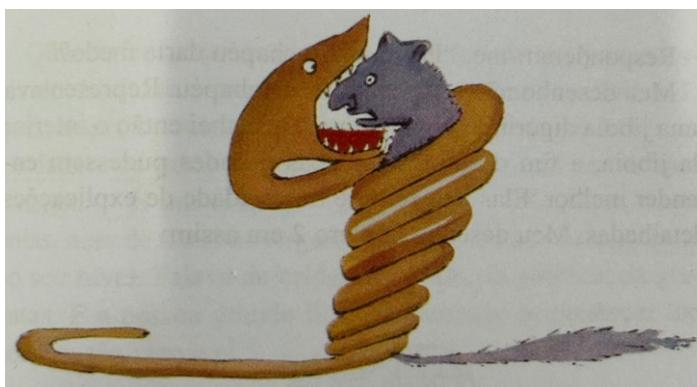
*des-habitualmente*, ver i-mediatemente, ou seja, ver, ter presente e evidente sem a mediação, sem a inter-mediação do velho, do já visto e já sabido, porque já dado e já previamente constituído, ao qual é reduzido ou reconduzido – subúmido! – o novo, o inédito, que é também sempre singular. Enfim, ver pela primeira vez é não ter *a* e não ver através *da* mediação do conceito, do *símbolo*. Conceito é símbolo. O saber representativo-conceptual – o conhecimento – é simbólico (Fogel, 2017, p. 52).

---

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/54846/paixao>

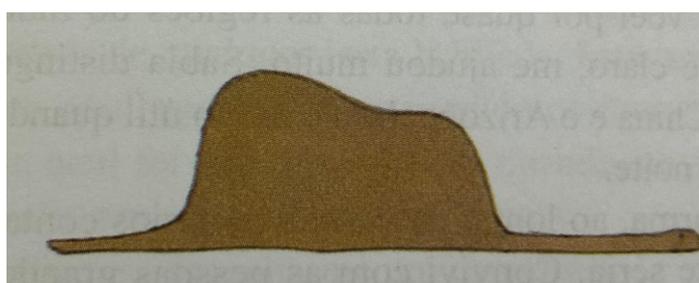
A necessidade de desaprender o visto para poder sempre ver e re-ver. Assim como faz a criança (falo em relação a minha filha, Clarice, 2 anos) que pede para ver o mesmo desenho repetidas vezes. Para o adulto, que está desabituaado a ver várias vezes o mesmo e encontrar ali o novo, ver novamente não faz sentido algum. Mas justamente porque a criança ainda não aprendeu o símbolo, é que ela pode ver o novo no mesmo. O que me remeteu a grande história de *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry (2018). Na qual o narrador diz que após ter visto no livro *Histórias vividas*, uma jiboia engolindo um animal, vide Figura 1, refletiu muito e então fez seu primeiro desenho, vide Figura 2. Ao mostrá-lo aos adultos, perguntou se seu desenho lhes dava medo, mas então lhe responderam: “Por que um chapéu daria medo?” (Saint-Exupéry, 2018, p. 8), eles não conseguiram ver que se tratava de uma jiboia digerindo um elefante, vide figura 3. Sobre a qual ele diz: “As pessoas grandes não compreendem nada *sozinhas*, e é cansativo, para as crianças, ficar toda hora explicando...” (Saint-Exupéry, 2018, p. 8).

Figura 1 – jiboia engolindo um rato



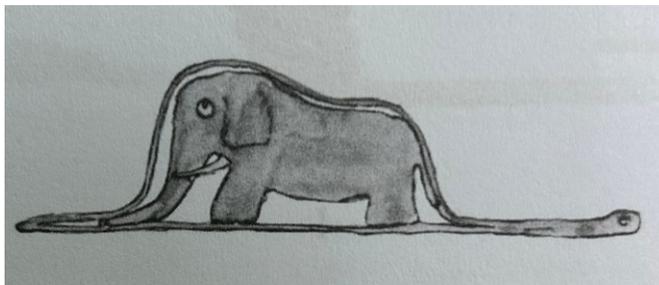
Fonte: Saint-Exupéry, 2018, p. 8.

Figura 2 – elefante oculto dentro da jiboia



Fonte: Saint-Exupéry, 2018, p. 8.

Figura 3 – jiboia digerindo um elefante



Fonte: Saint-Exupéry, 2018, p. 8.

O que teria atrapalhado a possibilidade de ver desde o “interior” do desenho? A indicação de Saint-Exupéry seria a de haver uma trave nos olhos de quem se apega ao aprendizado já adquirido e que não consegue ensozinhar-se para fazer a experiência de ver, sem buscar a toda hora explicação. Curioso, que o narrador guardou seu desenho, e quando encontrava uma pessoa que lhe parecia muito informada, lhe mostrava a ilustração, querendo saber dela o que via. Porque a resposta se mantinha sendo “é um chapéu”, então o jovem não falava de jiboias ou de histórias vividas nas florestas, mas sintonizava-se ao seu interlocutor, falando de política, cultura etc. Viveu só, sem ninguém que pudesse ver, imediatamente, a jiboia digerindo o elefante, até o dia que misteriosamente encontrou o pequeno príncipe. Mas aí já é outra história.

Retomando a nossa, como conspirar a favor de um adentrar-se à experiência da reinauguração do ver? Para obedecer, i.é, ouvir vida, é preciso aprender a transpor-se para a gratuidade do que ela mostra a cada vez. Mas como ouvir/ver/sentir aquém e além da cristalização do já posto, que obstrui o ouvir/ver/sentir? Como ouvir/ver/sentir a partir do próprio ouvido/visto/sentido?

*Ver algo, algo nele mesmo, uma coisa nela mesma, é ver este algo ou esta coisa desde ele mesmo ou desde ela mesma. E, para tanto, é preciso **transpor-se subitamente** para a dimensão própria deste algo ou desta coisa. “Dimensão” é outro nome para dizer afeto – ou interesse, ou “sentimento”, como prefere e insiste Caeiro. Portanto, “apreciar a (tua) presença **só** com os olhos” quer dizer: pôr-se, transpor-se para a própria coisa e, assim e por isso, vê-la. Vê-la e tê-la **só** aí. Isto é: apreciar, gozar, desfrutar **só** de sua presença. Ser todo **só** a força (apreciação) da presença (afeto) que ela é, que ela precisa ser. O olhar, o ver é o iluminar-se, o fazer-se visível do próprio afeto (Fogel, 2017, p. 54).*

Essa dimensão (afeto/interesse/sentimento) é o próprio diapásão que nos afina e misteriosamente nos põe no tom. E desde esta afinação, milagrosamente, já somos escuta, e tudo acontecendo sem intenção e sem não-intenção. Numa escuta que deixa “a coisa ser o que é e assim transpor-se para ela e dela ou nela assim participar (= ver!), é algo para o qual querer e/ou não-querer [...] não é medida, não é critério – portanto, não é método ou via de acesso” (Fogel, 2017, p. 56), não é da ordem do voluntarismo humano, mas algo que ganha passagem em nós nos levando, perfazendo todo nosso sentir (*páthos*, afeto). Algo que pede para ser ouvido.

Uma escuta que escuta a coisa desde a dimensão de Caeiro quando ele diz que “as cousas não têm significação: têm existência” (Pessoa, 2005, p. 65). E então, desde a existência delas, poder recolher-se para escutá-las e se deixar ser tocado pelo que nelas pulsa. Uma escuta que é obediente tal como a neve que cai da folha do bambu (Herrigel, 2010), como diz o mestre da arte cavalheiresca do arqueiro Zen para seu aluno. Há uma ação obediente entre a folha do bambu e a neve que vai se acumulando nela, até que de repente cai, sem a necessidade da intervenção do humano, num acontecimento que ritmicamente se entrelaça e se dá desde si, como se (neve e bambu) não estivessem fazendo resistência ou esforço, mas sendo só presença.

De que modo poderíamos conspirar a favor de que a(o) psicoterapeuta aprendesse a ganhar tal afinação junto à vida? De que modo, nós mesmos, poderíamos nos ajudar a ganhar o condão de ouvir? É possível fazermos a retomada da inocência e a disponibilidade de ver, na Figura 2, imediatamente a jiboia digerindo um elefante? Como podemos nos ajudar a adentrar nesta atmosfera de serenidade? O ritmo acelerado das atividades do cotidiano tem empobrecido o pensar meditativo, este que aceita demorar-se numa reflexão, que é também afeto, sem porque nem para quê, apenas porque ela comparece quando favorecemos a ela espaço.

Fazer de nosso trabalho, de psicoterapeutas, uma atividade que não esteja totalmente capturada pela coação do desempenho, que não seja pautada pela sequência ininterrupta de horários de uma agenda de atendimentos, já exigiria de nós estarmos em outra ambiência. Exigiria um passo anterior à convocação dominante de nossa época da técnica (Heidegger, 2012) e do desempenho (Han,

2017). Então, se estivermos submetidos à máxima obediência do nosso tempo, como poderemos conspirar a favor da oportunidade de um acontecimento psicoterapêutico, em sua disponibilidade para um cuidado da existência? Segundo Han, “o sujeito obediente não é um sujeito do prazer, mas um sujeito do dever” (Han, 2017, p. 82).

Enquanto psicoterapeutas, a quem somos obedientes? E a serviço de quem nos colocamos? O sentido de mundo, cada vez menos povoado por possibilidades advindas de uma experiência reflexiva de si, e ao mesmo tempo cada vez mais empanzinado pela impessoalidade compulsória, sob a qual o sujeito obediente não pode parar de produzir, tem arrastado consigo os espaços oportunos para o intervalo, fundamental para o descanso e para a retomada do frescor de se estar vivendo. Guiados pelo ritmo, cada vez mais frenético, tal como uma barra de rolagem digital que nunca chega ao fim das informações, nos ocupamos continuamente. Sobretudo pós pandemia, em que o trabalho adentrou a casa como nunca na história. Seguimos, obedientes, preenchendo todos os espaços com alguma atividade que remeta a um porquê e a uma finalidade, transformamos propósito em utilitarismo, como modo de viver e pensar a vida.

E, consumidos por um modo de estar e de se relacionar, no mundo, impulsionado pela tonalidade da sociedade da técnica moderna e do desempenho irrefreável, esquecemos de parar para retomada de um fazer que nos ponha a caminho de nosso próprio. Daí a necessidade de a(o) psicoterapeuta, que não pode estar fora de seu tempo, relacionar-se com seu tempo histórico, compreendendo-o, e ganhando serenidade para dele participar e se afastar, como modo de conspirar a favor do resguardo, para a clínica em psicologia, de um espaço sem porque nem para quê, oportunizando que o ser aflore.

Para nós, é fundamental que, diante desse momento epocal, a(o) psicoterapeuta não seja tragada(o) irrestritamente, mas que trabalhe a serenidade em si mesmo, para poder estar no seu tempo, porém sem ser devorado pela métrica dominante. Isto porque justamente por exercer um ofício de escuta e cuidado existencial, precisa alargar seu horizonte de sentido, e através dos fios de enfermidade e não-escuta de nosso tempo, reconduzir a vida de quem chega até nós à possibilidade da escuta e obediência na cadência de um próprio. Para tal,

entretanto, é importante que o próprio ofício seja ensaiado, treinado, retomado na tarefa de obedecer.

Uma tarefa que carrega a força de retomada da experiência de um mistério, que não se chega cavando, mas parando para ouvir. Ouvir como a menina Nhinhinha do conto de Guimarães Rosa (2001), “A menina de lá”. Ela tinha menos de quatro anos e afinadíssima com a vida, diziam que ela fazia milagres, mal ela dizia “eu queria o sapo vir aqui” (Rosa, 2001, p. 69), e ele entrava na sala; ou bastava dizer “eu queria uma pamonhinha de goiabada” (Rosa, 2001, p. 70), e chegava alguém com a iguaria. “O que ela queria, que falava, súbito acontecia”. Até que um dia veio a seca e o pai pediu a Nhinhinha que quisesse a chuva, e ela simplesmente sacudindo a cabecinha dizia: “mas, não pode, ué...” (p. 70). O pai insistiu, pois acabaria o leite, o arroz, a carne etc., para o que a menininha apenas dizia: “deixa... deixa...” (p. 70).

A menina de lá morava “para trás da Serra do Mim” (Rosa, 2001, p. 67), i.é, ultrapassando as vontades do eu, num “lugar chamado o Temor-de-Deus” (p. 67). E parecia mesmo que tais descrições à primeira vista geográficas, eram existenciais. Quando adoentou e morreu, todos morreram um pouco, até que a tia tomou coragem para revelar que a menina havia dito na noite anterior a sua morte “que queria um caixãozinho cor-de-rosa, com enfeites verdes brilhantes” (Rosa, 2001, p. 71). Vê-se no conto à medida que ele se desvela, que a menina era sabedora de seu lugar na Vida, respeitando os acontecimentos e mantendo-se afinada ao tempo deles. Seu fazer misterioso era a calma como vivia a vida dando-se conta do que podia apenas receber, e não solucionar.

Da mesma forma, a(o) psicoterapeuta, como Nhinhinha, não detém o poder de resolver questões existenciais mais profundas e básicas, da ordem do viver e do morrer. E por seu fazer-poder ser limitadamente humano, é que o espaço clínico pode abrir um campo de oportunidade para aprender a se relacionar com o irresoluto. O trabalho da(o) psicoterapeuta, em sua obediência à vida, também lhe faz dobrar em honraria, ao ter de acolher vida no que ela se torna, apenas cuidando dela. Porque o ofício da(o) psicoterapeuta não dá conta de ser útil (a serviço do utilitarismo e da exclusão de tudo que é dor), e por seu fazer, neste aspecto, ser mesmo inútil, é que ela(e) pode sossegar e vir a fazê-lo bem, numa escuta-auscultação vital que não tem porquê nem para quê, tudo é graça e mistério. Porque

se a(o) psicoterapeuta não serve para curar as feridas, aí é que ela(e) pode servir, quando inesperadamente as feridas cicatrizam.

Fazer o que seja é inútil. Não fazer nada é inútil.  
Mas entre fazer e não fazer mais vale o inútil do fazer.  
Mas não, fazer para esquecer que é inútil: nunca o esquecer.  
Mas fazer o inútil sabendo  
que ele é inútil, e bem sabendo que é inútil e que seu sentido não será  
sequer pressentido, fazer: porque ele é mais difícil do que não fazer, e  
dificilmente se poderá dizer  
com mais desdém, ou então dizer mais direto ao leitor  
Ninguém que o feito o foi para ninguém  
("O artista inconfessável", João Cabral de Melo Neto)<sup>35</sup>.

Clarice em sua literatura nos faz ensaiar essa disposição, a da inutilidade. Em uma entrevista ela teve a oportunidade de dizer que escrevia porque escrever era como respirar, o fazia para sobreviver. A sobrevivência aqui não diria respeito a questões de sustento material apenas, mas a uma dinâmica de ter de fazer-se, que participa de uma empreitada que é de conquista e de realização da sua travessia nesta vida. Através do escrever, consumava – e assim sobrevivia – um modo próprio de ser. Acolhendo uma possibilidade de ser na afirmação de seu destino.

O interesse pelo escrever, porém, não é de sua autoria, ele é fruto de um acontecimento da vida. Mas que passa a ser uma criação clariceana quando a autora, ao ouvir essa vibração da escrita que lhe atravessa, a acolhe, e escreve. Essa ação é própria da estrutura constitutiva do humano que precisa fazer/realizar vida, e quando esta natureza de atividade é sintonizada, afinada ao que nos cativou, a ação é boa e mantém tesa a vida. É o diálogo da vida com a própria vida que toca e se realiza através do vivente que a respira.

Clarice obedece ao que desde dentro dela surge, neste interesse que a enreda, e que ao mesmo tempo constrói seu caminho, seu método de vida e escrita: obediência a uma força geradora que gera vida/alegria. Há registros dela ter dito que só escrevia porque não conseguia deixar de escrever, que era mais forte que ela. O que é essa experiência de algo mais forte que ela? Trata-se, a meu ver, de uma força vital, criadora de vida, porém que para poder se deixar levar, como ela o fazia, era preciso ter conquistado a arte perfeita de ouvir. Porque "o domínio perfeito

---

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/52777/o-artista-inconfessavel>

da arte, longe de oprimir, libera” (Herrigel, 2010, p. 51).

É através da escuta que se dá a participação neste “interesse”, como comentado por Harada (2009), na cena 2, no capítulo 1, desta tese. Clarice não atribui sua escrita à nenhuma finalidade ou funcionamento, a não ser à sua própria necessidade de viver.

Quando lemos o fim trágico de Macabéa, ou a desmesurada atitude de G.H. ao comer o interior de uma barata, ou a presença de um rato morto no meio do caminho de uma mulher que estava toda amorosa com o mundo, dentre outros exemplos, somos convidados a olhar para esse mistério que vida carrega, ou que carrega a vida nesta frequência, de que tudo pode mudar em um triz. E então, o que faremos? Não podemos responder antes, mas apenas na ocorrência do acontecimento, o que nos redireciona para um responder já contraído pela vida em sua acontecência.

Apesar de não sabermos o que virá, podemos nos preparar para que, diante do acontecimento, não sejamos nós a obstacularização do movimento que vida solicitar. Essa atitude de solicitude, de despojamento pode ser encontrada na dança quando somos interpelados por um ritmo, uma afinação que nos atravessa e leva, e de olhos fechados permitirmo-nos ir. O domínio de uma dança só se torna perfeito se liberar o dançarino de uma relação de repetição de passos. O dançarino, vivo, está ali despojado e disposto a ir aonde a música o convocar. Aliás, é só porque se deixa ir sem pensar, que pode o dançarino dançar. A(o) psicoterapeuta poderia também se deixar dançar?

A obediência aqui, longe de oprimir ou de submeter alguém à força de reproduzir algo, quer liberar, para que este alguém possa se deixar ser conduzido pelas coisas mesmas. É nesta mesma afinação, melodia, tonalidade, que brotou o *lispectar* clínico, numa obediência à vida. Fui acometida pela força da atmosfera de criação de Clarice Lispector, que se não faz “com que o inexistente passe a existir como na criação divina”, faz “um fazer existir que expõe o fazer todo próprio do existir” (Schuback, 2022, p.120), pois o “existir não é intransitivo, um fato, seja ele acabado inacabado. Existir é existir-se, existir-me, existir-te, existir cada coisa, cada um, transitivamente, expondo enigma desse “cada”, do existir agir e atuar em cada existência” (idem, p.120).

Essa força clariceana de fazer existir a dinâmica do fazer próprio do existir, ao mesmo tempo que nos desampara, ao desocultar a negatividade da existência, que não possui nenhuma garantia herdada, nos devolve para o dentro da vida, que é o esforço de ter de fazer-se, existir-se. Suportar o trabalho que vida é nesta estrutura de movimento que desde si mesmo move a si mesmo. Mas será que isto pode ser feito também com doçura, como Macabéa? Isto significaria ter dado o salto, a virada, que passa a vida para uma outra dimensão, não mais de um frenesi resolutivista, mas de escuta e obediência, no acolhimento do tempo e do modo das coisas. Não se trata de resignação passiva, mas como Nininha, do fôlego para se deixar passar na vida, "passa, ave, passa, e ensina-me a passar" (Pessoa, 2005, p. 69).

As contingências nos atingem (e atingirão) e geram a necessidade de resposta e acolhimento. Enquanto estivermos dentro da vida, receberemos constantemente petelecos no caminhar, que nos revelam possibilidades para possibilidade de realização. O que não significa poder realizar qualquer coisa, na presunção de um voluntarismo, o que já seria uma tentativa de falsificar a vida. São as possibilidades de vida que geram possibilidades, num movimento de geração, que desde seu exercício cria um fazer-se. Em outras palavras, não se pode querer que uma águia seja um cordeiro, a liberdade não está em ser qualquer coisa, mas em justamente afundar dentro do que se é para cumprir a necessidade de o ser. Isto se aproximaria da ideia do envio de um destino. Um destino que não é acessado pela via da informação adivinhadora de um "fora" impessoal e decadente, mas pela realização obediente ao que se revela numa experiência de pessoalidade e apropriação.

A partir da análise da decadência, em *Ser e tempo*, de Heidegger (2018a), compreende-se que faz parte do modo de ser do humano, em sua constituição existencial, o próprio perder-se em seu mundo "enquanto projeto para as possibilidades de ser" (Heidegger, 2018a, p. 292), uma vez que ao compreender e dar sentido ao mundo, já dele se faz parte, reduzindo sua abertura ao instalar-se "nos modos de distorção e fechamento através da falação, da curiosidade e da ambiguidade" (p. 292). Partindo desta compreensão, de uma decadência constitutiva, o trabalho da(o) psicoterapeuta não pode prescindir da análise de suas circunstâncias temporais.

Como podemos entender através do que diz Ortega y Gasset (2019) em *Meditações do Quixote*, o humano é ele e suas circunstâncias. E "rende ao máximo de sua capacidade quando adquire plena consciência de suas circunstâncias. Através delas ele se comunica com o universo" (Ortega y Gasset, 2019, p. 26). É oportuno que a(o) psicoterapeuta medite sobre seu tempo, ganhando alguma distância para que seus ouvidos adquiram escuta.

A circunstância! *Circum-stantia!* As coisas mudas que estão ao nosso redor imediato! Muito perto, muito perto de nós erguem suas fisionomias silenciosas com um gesto de humildade e de anelo, como que necessitadas de que aceitemos sua oferenda e ao mesmo tempo envergonhadas pela simplicidade aparente de seu donativo. E marchamos entre elas sem olhos para elas, com o olhar fixo em remotos empreendimentos, projetados para a conquista de distantes cidades esquemáticas.

[...] Os que vivem junto a uma catarata não percebem seu estrondo: é necessário que ponhamos uma distância entre aquilo que nos rodeia imediatamente e nós mesmos, para que a nossos olhos adquira sentido.

[...] Temos de buscar nossa circunstância, tal qual ela é, precisamente no que tem de limitação, de peculiaridade: o exato lugar na imensa perspectiva do mundo; não nos determos perpetuamente em êxtase frente aos valores hieráticos, mas sim conquistar para a nossa vida individual o posto oportuno entre eles. Em suma: a reabsorção da circunstância é o destino concreto do homem (Ortega y Gasset, 2019, p. 26-31).

Esta longa citação vai apontando caminhos para adentrarmos nas circunstâncias deste conto clariceano, que ao mesmo tempo é inspirador para uma reflexão individual acerca do modo como a maior parte do tempo operamos na vida, e é auspicioso para uma meditação sobre a clínica psicológica nessa toada de deixar o pé afundar e ficar-se comprometido com a experiência. Vamos ao conto.

#### **4.2 “Os obedientes”: o conto**

Na obra *A legião estrangeira*, lançada em 1964, Lispector reúne um conjunto de contos, dentre eles, “Os obedientes”. Nele, vemos um casal que vivia há muitos anos juntos e que levavam uma vida bastante simétrica ao que deles era esperado, numa repetição enfadonha de fazeres. Com a chegada da meia idade, engendram, cada um a sua maneira, algum contato mais autêntico com a realidade, sem deixar, entretanto, que tal experiência rompesse com o cotidiano já sedimentado através da execução obediente aos seus papéis. O marido pensava que “muitas aventuras amorosas seriam a vida”, e a esposa “que um outro homem a salvaria”. Ambos, porém, neutralizavam a desordem do devir reafirmando a obediência ao passado.

Domesticados, tinham seus dentes fracos. Esterilizavam qualquer sinal de alteridade, e seus corpos não ganhavam estofo e musculatura para reinventar novos sentidos para seu viver.

Tinham pouquíssimas ocasiões que contribuíssem para o pé afundar, e não viam a própria trama de suas vidas. Até que a esposa come uma maçã e na mordida, quebra seu dente da frente. Há ali, ao que parece, o desabamento de todo um território de simetria que regiam suas vidas. “Com a maçã ainda na mão e olhando-se perto demais no espelho do banheiro – e deste modo perdendo de todo a perspectiva – viu uma cara pálida, de meia-idade, com um dente quebrado, e os próprios olhos...” (p. 347).

O conto não diz o que a mulher sentiu, pensou; ele apenas prossegue descrevendo que ela tocava o fundo, ao que entendemos como sendo em referência à experiência de contato com a crueza da realidade, uma angústia frente a sua própria (talvez?) impotência de viver? “[...] com a água já pelo pescoço, com cinquenta e tantos anos, sem um bilhete, em vez de ir ao dentista, jogou-se pela janela do apartamento”. Parece que a quebra do dente foi o estopim para que toda uma realidade baseada na impostura se rachasse, melhor, quebrasse, e a deixasse diante de si mesma, na vida, nua. Ao que parece, não foi possível para a personagem do conto, reinventar novos sentidos para seu viver, visto que o forro de sua própria história, carregava tão poucos fios de criação. Mas, ao mesmo tempo, e com parcialidade no olhar, podemos demorar um pouco mais e pensar se a escolha autêntica, de não querer mais jogar com a impostura, não pode ter se alinhavado na possibilidade de seu salto para fora da vida.

### 4.3 O demorar-se sobre a questão

Trata-se de uma situação simples, um fato a contar e esquecer.  
Mas se alguém comete a imprudência de parar um pouco a mais do que deveria, um pé afunda dentro e fica-se comprometido.

*Clarice Lispector* (TCO, p. 342).

O que podemos compreender desta citação que abre as portas do conto?

Compreendi que "a imprudência de parar um pouco a mais do que deveria", remete a um acontecimento que nos tira de um modo automático de andar, e nos

dá a oportunidade de afundar na gravidade do solo terreno. Como se uma camada mais rasa, ao dar passagem ao mais fundo, revelasse algo que nos implica e nos compromete. Mas o que seria esse “parar um pouco a mais”? Penso que em se tratando do exercício clínico isto devolve ao psicoterapeuta a necessidade de não andar ligeiro, raso, buscando já uma resposta ou solução, mas sim poder se demorar nesse andar ou no tema/problema que aparecer, sem precisar dominá-lo, mas abrindo possibilidades de se aproximar dele. Talvez assim vá se ganhando familiaridade entre psicoterapeuta e paciente, nisto que surge no encontro psicoterapêutico, cuja meta não é fazer deste enlace algo resolutivista, mas sim o de exercitar se aproximar daquilo que se manifesta ao coração.

Na atualidade o que vemos é a experiência do pensamento ser alinhavada pela ideia de produção, de rapidez, de não podermos demorar numa reflexão, de precisarmos fazer leitura dinâmica, num *frisson* para ler/escrever/produzir mais e mais. Clarice, entretanto, nos apresenta uma experiência de demora, ainda na abertura do conto. E é impressionante acompanhar o que ocorre com a personagem, nesse paulatino flerte com a possibilidade dessa demora, uma experiência que Clarice apresenta como sendo esta: a de deixar o pé afundar dentro, entregando-se a alguma coisa que não se sabe o que é antecipadamente, mas que nesse gesto de demora, de repente a coisa se revela. Essa entrega é uma escuta obediente a algo, deixando que esse algo possa dizer de si. Costurando uma escuta que também é clínica, vagarosa, meditativa e sensível, inaugurando um caminho que vai surgindo, inesperadamente, à medida que nos demoramos, traíndo o pensamento calculante de nossa era moderna (Heidegger, 2018b).

A partir de “Os obedientes”, paramos. Tal como no conto, trata-se de deixar um pé afundar dentro, o que nos compromete com a vida. Um afundar dentro que exige paciência, tempo, serenidade. Deslocando-se um pouco do *frenesi* do mundo moderno, que quer tudo para ontem, numa demanda de soluções rápidas para quaisquer necessidades que se apareçam, sem que tomem muito tempo, como se tudo tratasse “de uma situação simples, um fato a contar e esquecer” (TCO, p. 342), i.é, sem que se permita o pé afundar. Porém, em matéria existencial e de vida, somos pegos de soslaio, e o nosso pé pode afundar quando menos imaginamos. E nessa hora o que fazer? Como agir?

Afundar os pés é de algum modo mergulhar nesse movediço que não é o sólido do fato, mas que é esse mistério (como o mar) no qual não há onde se

segurar. Um “afundar dentro” que oportuniza a entrega corajosa à facticidade da vida em sua coisa mesma, nisto que da raiz grega encontramos como *physis*. Ou, podemos entender como o espantoso, o desconcertante, o *milagre* como diz Guimarães Rosa (2001, p. 119): “Quando nada acontece há um milagre que não estamos vendo”, e a realidade seria esse milagre que não vemos, pois nos apegamos firmemente ao fato bruto. Pelo menos até que irrompa uma quebra, e nos deixemos por ela afundar.

Afundados demais vemos a repercussão espalhada dos fatos em todas as direções. Compreender as repercussões de um acontecimento, história, narrativa, e os limites das disponibilidades dos atores envolvidos, pode contribuir para um alargamento dos modos de ver e de dar sentido às situações trazidas para a sessão clínica. Numa tessitura artesanal, vagorosamente oportuniza-se a construção de algum amparo frente à vida. Demanda-se ter fôlego para afundar sem afogar, deixando as linhas necessárias para ir e vir.

Semelhante à clínica, se a caminhada for ligeira, a escuta se dá no raso. A fim de ganhar-se tempo, passa-se rapidamente para o próximo paciente ou assunto, sem tempo para se permitir muito contato com o narrado, e as repercussões disto no próprio fazer-se psicoterapeuta, protegendo-se do que é fundo, até que um dia o próprio fundo explodirá. Neste conto, ao narrar a vida opaca, em termos experienciais, de um casal, sou levada a pensar no próprio proceder do clínico. De que modo exerce seu ofício? Como mais um atendimento a contar e a esquecer? Ou como mais uma oportunidade de imprudência, de parar um instante a mais e deixar-se comprometido?

Nesse afundar, já acenado por Clarice,

[...] Desde esse instante em que também nós nos arriscamos, já não se trata mais de um fato a contar, começam a faltar as palavras que não o trairiam. A essa altura, afundados demais, o fato deixou de ser um fato para se tornar apenas a sua difusa repercussão. Que, se for retardada demais, vem um dia explodir como nesta tarde de domingo, quando há semanas não chove e quando, como hoje, a beleza ressecada persiste embora em beleza (“Os obedientes”, TCO, p. 342).

O risco de se lançar na própria vida, de tornar-se o que se é, se for adiado demais, um dia pode vir a explodir. Risco é sinônimo da liberdade, advindo, contraditoriamente de uma vulnerabilidade ontológica, antropológica e existencial do ser um humano. E esse risco não é exclusivo para quem se coloca em análise.

O encontro psicoterapêutico oportuniza uma parada. No contar a história de si mesmo, se ouvir. Isto enquanto também se ouve o outro nos ouvindo.

Parando um pouco mais do que deveríamos, “também nós nos arriscamos, já não se trata mais de um fato a contar, começam a faltar as palavras que não o trairiam”. Não é só um fato a contar, pois a realidade do fato, ao tocar a impostura de uma solidez que era vivida pelo casal através de sua rotina de correspondência, expõe sua fragilidade. Desvela o caráter de ter de se ver com a própria existência existindo na vida. O difícil é diante da opacidade de sentido existencial poder parar, pausar, pensar, ver junto, sentir, aguardar, criar, inventar, caminhar.

Verbos que nos ajudam a entrar na tonalidade afetiva necessária para o exercício do pensamento que medita (Heidegger, 2018b). Como contribuir para que o pensamento não precise ser apressado, nem preenchido por cálculos e previsibilidades? Mas que possa se demorar num único ponto, como fazemos agora nesta abertura do conto, deixando que as reflexões que brotam conspiram com seu introito. Trata-se de um pensamento que deixa o pé afundar dentro e desde esse enraizamento, no tempo oportuno (*kairós*), oportuniza paciente e psicoterapeuta a se aproximarem de seu existir. Não enquanto mera ocupação de agenda cotidiana, mas enquanto escuta de uma história que está acontecendo, a sua própria (a do paciente que narra e a da(o) psicoterapeuta no exercício de seu ofício), que no seu desenrolar-se pode trazer variados desdobramentos, até o desmoronamento de calendários frente a uma demanda mais prioritária. Quem sabe, também, um espaço para afirmação ou reinvenção da própria vida em meio a difusa repercussão de algum fato.

É na afirmação de um movimento, de uma escolha, de um caminho que já habita o risco de se ser. Mas temos como não nos sermos? Temos necessidade de fazermos/sermos nós próprios, ou não temos? “É preciso parar”, é o nome de uma crônica em que Clarice diz: “Estou com saudade de mim. Ando pouco recolhida, atendendo demais ao telefone, escrevo depressa, vivo depressa. Onde está *eu*? Preciso fazer um retiro espiritual e encontrar-me enfim – enfim, mas que medo – de mim mesma” (CPJ, p. 37). A sensibilidade de Clarice ao mostrar-nos a saudade que podemos sentir de nós próprios, por estarmos consumidos por um cotidiano de tarefas que ajudam a encobrir a apropriação de nossa própria vida em ato, num existindo mais próximo, aqui, agora.

Diante da magnitude do fato inicial, de *os obedientes*, poder, por um instante, nos devolver ao recolhimento de nos vermos, parar e interromper os atendimentos (ao telefone), refrear a pressa (do escrever, do viver). E diante daquilo que se mostrar na pausa, obedecer. Nisto faltam as palavras, pois como não trair o que nos será compartilhado na intimidade de nós mesmos? Como nos colocarmos na disposição de ser por nossa conta em risco? Há outra forma de ser que não a de já estar em risco? E se já nele estamos, como conspirar a favor de não bloquearmos a passagem da água da vida, que retira do ressecamento a nossa condição de humanos? Até porque, se bloquearmos demais, um dia pode explodir, "como nesta tarde de domingo".

#### **4.4 Das vulnerabilidades às estratégias de proteção ao se demorar numa questão**

[...] Diante da qual assumo uma gravidade como diante de um túmulo. A essa altura, por onde anda o fato inicial? Ele se tornou esta tarde. Sem saber como lidar com ela, hesito em ser agressiva ou recolher-me um pouco ferida. O fato inicial está suspenso na poeira ensolarada deste domingo – até que me chamam ao telefone e num salto vou lambeer grata a mão de quem me ama e me liberta

*Clarice Lispector* (TCO, p. 342).

Tal explosão me devolve a gravidade em que se enraiza a vida. E quando dou ouvidos a isso sou forçada a me deparar com o desocultamento da "condição existencial de negatividade, desamparo e liberdade que nos constitui ontologicamente" (Sá; Azeredo, 2023, p. 142). Quando tal desocultamento revela esse fundo, que não tem fundo, as estratégias protetoras, pautadas numa vida cotidiana, são dissolvidas. Sem algo apaziguador, "assumo uma gravidade como diante de um túmulo" (TCO, p. 342). Tomada pela nua gravidade do ato final de "Os obedientes", pergunta-se: "a essa altura, por onde anda o fato inicial?" (p. 342). "Ele se tornou esta tarde" (p. 342), e seu acontecimento deixa a narradora na hesitação entre ser agressiva ou recolher-se um pouco ferida.

"Sem saber como lidar com ela, hesito em ser agressiva ou recolher-me um pouco ferida" (TCO, p. 342). Que repercussão é essa que a deixou no *entre* agressão e dor? Parece que diante da brutalidade do acontecimento, ou até de sua aparente incompreensão, a narradora experiencia a força da agressividade e/ou a necessidade de um recolhimento após a dor de uma ferida. Talvez a ferida mais

profunda, a de ser humana. Uma hesitação que sensivelmente nos indica a possibilidade de uma atuação agressiva e rebelde, frente ao acontecimento que acaba por jogar luz no incompreensível e inabarcável da existência humana, como a oportunidade de, ao deixar o pé afundar um pouco mais, admitir a ferida que ele pode nos trazer, e acolhê-la.

A mão, que me liberta de me demorar nas minhas feridas desamparadas, ainda que me lance novamente para o encobrimento do radical da vida, justo por isso também me salva, ajudando-me a proteger minhas vulnerabilidades humanas.

Sobre a vulnerabilidade antropológica podemos considerar que o ser humano é, nas palavras de Nietzsche, o “animal não fixado”, carente de instintos. Em outros animais vemos que os comportamentos estão mais estabelecidos em função de suas disposições genéticas, que determinam boa parte de seus modos de ser. Já no humano, sabemos que seus comportamentos são orientados pela cultura e o hábito, que colaboram para que a(o) mulher (homem) não tenha que sempre planejar o rumo de suas ações. Entretanto, mesmo a cultura não determina completamente as ações humanas, mantendo sempre uma abertura indeterminada que resguarda a liberdade e a escolha individual (Fuchs, 2018).

Para falar em liberdade e escolha, articulada à abertura e à incompletude do modo de ser do humano, precisamos compreender a(o) mulher (homem) não como parte de um sistema, mas como sendo aquele que sempre já existe na possibilidade de interpretações. A filosofia heideggeriana entende que a existência é uma hermenêutica, uma interpretação em si mesma; e a tarefa da análise da existência<sup>36</sup> está relacionada em buscar compreender a(o) mulher(homem) dentro de uma temporalidade e campo de manifestação do ser em ato. Portanto há duas estruturas a serem compreendidas, uma acena para as condições de possibilidade da ação na existência, e a outra para as condições de realização desta ação, i.é, para a realização daquilo que o mundo enquanto possibilidade se oferece à ação. Do que se desprende o entendimento do “homem como projeto enquanto via de acesso ao ser” (Huisman, 2001, p. 104).

---

<sup>36</sup> A Análise da Existência de Martin Heidegger, presente principalmente em sua obra *Ser e Tempo* (1927; 2018a), propõe uma reflexão profunda sobre a condição humana. Heidegger examina a existência humana (ou Dasein) não como um objeto a ser estudado, mas como algo que deve ser compreendido em sua totalidade, em seu ser-no-mundo. Ele foca na experiência da angústia, da morte e do tempo, considerando a existência humana como marcada pela finitude, pela incerteza e pela possibilidade constante de ser autêntico ou inautêntico. A análise heideggeriana questiona as maneiras como o ser humano se relaciona com seu próprio ser e o mundo à sua volta

Esta abertura/liberdade ontológica através da qual o ser se manifesta, coloca o a(o)mulher (homem) numa posição não apenas de ser um vivente, mas de ser a(o) própria(o) condutora(condutor) de sua vida, por meio de suas ações e desenvolvimento. Quando conduzimos um carro por exemplo, é comum que tomemos cuidado, atenção, observando o entorno, tentando evitar acidentes. Para isto, utilizamos as regras de trânsito, com intuito de organizar e tornar fluído o tráfego, para a proteção de todos, de modo que não haja ocorrências graves. Mesmo assim a forma como se dará a condução do veículo está diretamente relacionada com as condições de trânsito, geografia, e outras contingências que fogem ao controle da(o) mulher (homem) mas para às quais ela(e) terá de responder enquanto dirige.

Pela mesma metáfora, poderíamos dizer que a(o) mulher (homem) é um automóvel, ela(e) mesma(o) se conduz no mundo a que foi lançada(o). E o caminho e o modo como essa condução se dará, não é determinada biologicamente, nem totalmente fixada a partir de modelos adquiridos pela cultura e hábito, ela carrega sempre a angústia frente a abertura de possibilidade de outros sentidos/caminhos/escolhas, que sempre já estão em jogo e em risco no existir humano. Essa liberdade, frente a incompletude ontológica do humano, faz com que ele precise determinar por si mesmo sua natureza, esculpir a si mesmo sua obra.

Essa abertura, ao mesmo tempo que coloca o humano frente à liberdade de suas escolhas, o destina a uma disposição de angústia perante o risco dos caminhos que serão traçados por ele, oportunidade que (para se livrar da experiência de mal-estar trazido pelo risco do novo) alimenta o apego aos sistemas culturais já familiarizados, posto que parecem assegurar a vida do vivente. Situação que na maior parte das vezes nos deixa absorvidos em uma vida inautêntica, desviando-nos da nossa participação no mundo que somos, reconhecendo e acolhendo todo o risco inerente ao viver, e distanciando-nos da radical aceitação da certeza da morte como possibilidade a cada instante.

A incontornabilidade da própria morte, apesar desta ser uma condição inerente ao ser humano, lhe traz muita angústia e reforça a necessidade do caráter de cuidado sobre a própria vida. O cuidado aqui compreendido como a estrutura forjada para tornar possível nosso cotidiano, frente a contingência da facticidade da

existência (Huisman, 2001). Quer vivamos autenticamente, engajando-nos e assumindo para nós próprios o risco do viver/morrer, quer vivamos na impessoalidade, enquanto estratégia de proteção frente à angústia que a vulnerabilidade de nossa condição humana pode gerar, fato é que a vida não está pronta apenas à espera da(o) mulher(homem), mas é construída por ela(e) como uma tarefa, e ao mesmo tempo um perigo existencial.

Portanto, quando Clarice diz da imprudência de “parar um instante a mais do que deveria”, e do fato de que “um pé afunda dentro e fica-se comprometido”, isto já aparece, no meu campo de sentidos, como a indicação para uma atitude fenomenológica, que é diferente daquela do senso comum de um andar apressado já carregado de explicações para todos os fatos. Ela nos convoca a disposição de uma aproximação mais vagarosa, deixando que os sentidos prévios se rompam e dando-nos a oportunidade de olhar a partir de um não-saber, de um espanto com o rachar da superfície mais acostumada.

Para deixar explícita esta marca, reconheço que esteja subjacente à leitura de Clarice, um olhar fenomenológico, que tem no ato de *parar um instante a mais do que deveria*, a tentativa de “captar simples a coisa ela mesma de modo imediato na evidência”(Harada, 2009, p. 101). Quando o fato deixa “de ser um fato para se tornar apenas a sua difusa repercussão”, ele de repente se des-coisifica, deixa de ser mera representação e passa a ser seu próprio sendo disseminado e aberto em contingências.

#### **4.5 Errar como acerto**

Como nos relacionamos com aquilo (atitude, comportamento, acontecimento) que julgamos ser errado? Em termos do exercício de um ofício, como o de ser psicoterapeuta, que requer a disponibilidade da escuta, para a partir dela sermos levados a construção de uma pergunta, uma colocação, uma fala, uma intervenção, como avaliamos se fizemos algo errado? É a saída do paciente da terapia? É a sensação de um clima menos harmônico? É a devolutiva do paciente sobre algo na fala da(o) psicoterapeuta que o tenha incomodado? As possibilidades de caminhos para avaliarmos se erramos ou não estão abertas. Porém, mais valioso do que chegarmos a algum placar quanto a isto, é o próprio exercício de pensar o que é errar. Porque errar pressupõe, a todo momento, a presença de um acerto. Mas nisto

encaminharíamos as mesmas perguntas, o que é um acerto na clínica? Como poderíamos julgar que uma medida, conduta, apreciação, fala foi acertada? A mudança de comportamento do paciente? Uma devolutiva positiva dele ou mesmo de um colega também psicoterapeuta num encontro de supervisão clínica?

Estas perguntas permanecerão abertas, posto que o que quero trazer com elas é a experiência de errância. Não que objetivamente, não seja importante pensarmos em erros, sobretudo com o pano de fundo da ética, do cuidado, das legislações vigentes etc. Mas aqui quero trazer o erro atrelado ao enredo de “Os obedientes”, i.é, ao fato de que “faltava-lhes o peso de um erro grave, que tantas vezes é o que abre por acaso uma porta”.

#### **4.6 Experiência de errância é viver**

Clarice traz a necessidade do erro enquanto possibilidade de abertura. O errar ao retomar a propositura de uma experiência de errância, é aliado do ato de conduzir, inventar, criar, pescar, clinicar, viver. Sem a experiência de errância não se pode aprender, subverter, criar. O casal mantinha o compromisso de “não conduzir”, “não inventar”, “não errar” e assim tolhiam as próprias possibilidades que surgiam em seus caminhos.

A tentativa de viver mais intensamente levou-os, por sua vez, numa espécie de constante verificação de receita e despesa, a tentar pesar o que era e o que não era importante. Isso eles o faziam a modo deles: com falta de jeito e de experiência, com modéstia. Eles tasteavam. Num vício por ambos descoberto tarde demais na vida, cada qual pelo seu lado tentava continuamente distinguir o que era do que não era essencial, isto é, eles nunca usariam a palavra essencial, que não pertencia a seu ambiente. Mas de nada adiantava o vago esforço quase constrangido que faziam: a trama lhes escapava diariamente. Só, por exemplo, olhando para o dia passado é que tinham a impressão de ter – de algum modo e por assim dizer à revelia deles, e por isso sem mérito – a impressão de ter vivido. Mas então era de noite, eles calçavam os chinelos e era de noite (TCO, p. 343).

A constante verificação de receita e despesa encontra abrigo na negativa de se “viver mais intensamente”. Contrariando a tentativa deles já de partida. Uma vez que não se não pode errar, i.é, que não se pode sair do trilho de uma obediência rígida e rigorosa ao instituído – impondo-se, a si mesmo, onde, como e com o quê é que se pode gastar, vetando a possibilidade de um cafezinho a mais, ou de um chiclete na mercearia –, com isso, por sua vez, pretende-se retirar vida de acontecer

fora do que foi calculado. Desvios tão inerentes ao viver e tão fundamentais para o entendimento a partir da experiência de que não somos capazes de dirigir os acontecimentos. Ao modo deles, se esqueciam (talvez nem sabiam) que vida não se alfabetiza, e que os cânones das planilhas contábeis, das propriedades, e do saldo bancário, pouco poderia ajudar a viver a vida em sua intensidade. E que a vida acontecia mesmo era quando dela não se dava conta.

“Com falta de jeito e de experiência, com modéstia”, tateavam, tentavam se pôr a caminho, o que já seria uma experiência de errância, pois o chão não pode ser sempre reto, linear, seguro, estável ou o mesmo do caminho anterior, já feito, teriam que experimentar. Os desníveis do solo onde compomos nossas vidas, já nos mostram pelos buracos, deslizamentos, desmoronamentos, que é próprio do caminhar, as possibilidades de cair, desequilibrar, num vir a ser em meio a desordem do devir. Mas isto eles não conheciam.

Como se não conseguissem entrar na atmosfera do vivo (embora vivos), não conseguiam distinguir o que era ou não essencial, este que é “invisível aos olhos” (Saint-Exupéry, 2018, p. 70). Tomados pela maçante rotina de uma vida toda preenchida, perderam de vista o que eram? E o que eram? Esqueceram que eram mortais? E que se não vissem o essencial, perderiam o fio da trama da vida, e seriam atropelados pelo tédio de uma vida esvaziada? Na qual somente olhando para o dia passado é que teriam “a impressão de ter vivido. Mas então era de noite, eles calçavam os chinelos e era de noite”.

Isso tudo não chegava a formar uma situação para o casal. Quer dizer, algo que cada um pudesse contar mesmo a si próprio na hora em que cada um se virava na cama para um lado e, por um segundo antes de dormir, ficava de olhos abertos. E pessoas precisam tanto poder contar a história delas mesmas. Eles não tinham o que contar. Com um suspiro de conforto, fechavam os olhos e dormiam agitados. E quando faziam o balanço de suas vidas, nem ao menos podiam nele incluir essa tentativa de viver mais intensamente, e descontá-la, como em imposto de renda. Balanço que pouco a pouco começavam a fazer com maior frequência, mesmo sem o equipamento técnico de uma terminologia adequada a pensamentos. Se se tratava de uma situação, não chegava a ser uma situação de que viver ostensivamente (TCO, p. 343).

“Quando a gente anda sempre em frente, não pode mesmo ir longe...” (Exupéry, 2018, p. 16) já dizia o pequeno príncipe. Porque a lonjura, aqui, não é medida pela quilometragem, mas pelo modo como a existência se alimentou durante o percurso. Para se ir longe é preciso então andar em consonância com os

pássaros, olhando para o céu. Já dizia Fernando Pessoa com a ajuda de Bernardo Soares, que “não o amor, mas os arredores é que vale a pena...” (Pessoa, 2006, p. 270). E o casal só andava em frente, cumpridores do que se esperava deles, obedeciam sistematicamente às referências que constituíam seu enredo. E sem oportunidade de se apropriarem das situações de forma mais singular, nada “chegava a formar uma situação”, “algo que cada um pudesse contar mesmo a si próprio na hora em que cada um se virava na cama para um lado e, por um segundo antes de dormir, ficava de olhos abertos”.

A articulação de sentido entre a vida obediente do casal e seu fundo motivador permanecia encoberto, a trama lhes escapava. Não tinham o que contar, pois nada experienciavam. “E as pessoas precisam tanto poder contar a história delas mesmas”, seus feitos, mal-feitos ou per-feitos, mas seus. “Com um suspiro de conforto”, ou de resignação pelo não-feito, “fechavam os olhos e dormiam agitados”. Numa agitação, que renunciava alguma angústia frente a algo que lhes escapava.

“E quando faziam o balanço de suas vidas, nem ao menos podiam nele incluir essa tentativa de viver mais intensamente, e descontá-la, como em imposto de renda”, posto que viviam, mas sem viver. E mesmo a necessidade da checagem, do balanço, “que pouco a pouco começavam a fazer com maior freqüência”, não era suficiente para fazê-los ousar desobedecer a cartilha na qual se iludiam.

#### **4.7 O tédio por não poder errar**

Mas não era apenas assim que sucedia. Na verdade também estavam calmos porque “não conduzir”, “não inventar”, “não errar” lhes era, muito mais que um hábito, um ponto de honra assumido tacitamente. Eles nunca se lembrariam de desobedecer. Tinham a compenetração briosa que lhes viera da consciência nobre de serem duas pessoas entre milhões iguais. “Ser um igual” fora o papel que lhes coubera, e a tarefa a eles entregue. Os dois, condecorados, graves, correspondiam grata e civicamente à confiança que os iguais haviam depositado neles. Pertenciam a uma casta. O papel que cumpriam, com certa emoção e com dignidade, era o de pessoas anônimas, o de filhos de Deus, como num clube de pessoas. Talvez apenas devido à passagem insistente do tempo tudo isso começara, porém, a se tornar diário, diário, diário. Às vezes arfante. (Tanto o homem como a mulher já tinham iniciado a idade crítica.) Eles abriam as janelas e diziam que fazia muito calor. Sem que vivessem propriamente no tédio, era como se nunca lhes mandassem notícias. O tédio, aliás, fazia parte de uma vida de sentimentos honestos

*Clarice Lispector* (TCO, p. 344)

Não era somente uma constante agitação ao dormir, havia mesmo era uma calma insossa fruto de um pacto assumido de seguirem em frente, só em frente, sem poder demorar numa esquina qualquer para saborear um pão fresquinho, ou virar numa outra rua somente para olhar as casas dos vizinhos, não! Não se conduziram fora do caminho já marcado e minuciosamente sinalizado, “não conduzir”, “não inventar”, “não errar” era a estabilidade que precisavam para manterem-se obedientes e monotonamente anônimos de si mesmos e iguais a todos.

Interessante notar que mesmo numa vida despida de toda narrativa e vivacidade, afogada em checagens de receita e despesa, numa busca constante por segurança, simetria e obediência ao já posto, o tédio encontra espaço para ser sentido. Como tonalidade afetiva tão presente em nosso horizonte histórico, a realidade da vivência do tédio, retoma a angústia frente ao imponderável da vida. E por mais que o casal levasse uma vida nivelada pela impessoalidade, o hálito do tédio enquanto experiência de um viver desnutrido de sentido pôde honestamente ser sentido.

Mas, enfim, como isso tudo não lhes era compreensível, e achava-se muitos e muitos pontos acima deles, e se fosse expresso em palavras eles não o reconheceriam – tudo isso, reunido e considerado já como passado, assemelhava-se à vida irremediável. À qual eles se submetiam com um silêncio de multidão e com o ar um pouco magoado que têm os homens de boa-vontade. Assemelhava-se à vida irremediável para a qual Deus nos quis.

Vida irremediável, mas não concreta. Na verdade era uma vida de sonho. Às vezes, quando falavam de alguém excêntrico, diziam com a benevolência que uma classe tem por outra: “Ah, esse leva uma vida de poeta”. Pode-se talvez dizer, aproveitando as poucas palavras que se conheceram do casal, pode-se dizer que ambos levavam, menos a extravagância, uma vida de mau poeta: vida de sonho. Não, não é verdade. Não era uma vida de sonho, pois este jamais os orientara. Mas de irrealidade. Embora houvesse momentos em que de repente, por um motivo ou por outro, eles afundassem na realidade. E então lhes parecia ter tocado num fundo de onde ninguém pode passar (TCO, p. 343).

Viviam a realidade de uma vida irreal, sem o tônus do risco e da angústia de cocriarem seus próprios caminhos, mas ao mesmo tempo, e talvez até mesmo por isso, seguiam “com o ar um pouco magoado que têm os homens de boa-vontade”. O aceno à mágoa é interessante ser notado, pois diante do irremediável para o qual Deus nos quis, a partir da própria desorganização inerente ao devir, é preciso aprender a acolher a vida tanto enquanto tarefa de realização, como de imprevidência. Na afirmação de uma vida, o quanto de potência criativa se é preciso

dispor para produzir sentidos novos quando a travessia nos arranca o chão? E ainda assim, sem garantias que o chão não voltará a sumir de novo e de novo. Mas nisto se vive, se cria, constitui estofo de experiência do vivido, forja-se uma história a ser narrada.

O casal obediente tentava ocultar esse teor mais horripilante do viver, que pode nos sacudir a qualquer tempo, por meio de suas estratégias de obediência pacífica, agarrando-se orgulhosamente ao lugar de exemplo moral. Mas a sinalização da mágoa insinua que talvez quisessem, no fundo, desobedecer. Mas o entorno reforçava neles essa obediência estéril. Encaravam a vida como se fosse remediável, porque o irremediável não encontrava lugar, não existia. Viviam por isso uma vida de mau poeta, que jamais deixar-se-iam ser orientados pelos desejos e sonhos. Talvez nem soubessem se os tinham. Aliás sabiam, tinham, quando efemeramente tocavam na realidade.

Como, por exemplo, quando o marido voltava para casa mais cedo do que de hábito e a esposa ainda não havia regressado de alguma compra ou visita. Para o marido interrompia-se então uma corrente. Ele se sentava cuidadoso para ler o jornal, dentro de um silêncio tão calado que mesmo uma pessoa morta ao lado quebraria. Ele fingindo com severa honestidade uma atenção minuciosa ao jornal, os ouvidos atentos. Nesse momento é que o marido tocava no fundo com pés surpreendidos. Não poderia permanecer muito tempo assim, sem risco de afogar-se, pois tocar no fundo também significa ter a água acima da cabeça. Eram assim os seus momentos concretos. O que fazia com que ele, lógico e sensato, se safasse depressa. Safava-se depressa, embora curiosamente a contragosto, pois a ausência da esposa era uma tal promessa de prazer perigoso que ele experimentava o que seria a desobediência. Safava-se a contragosto mas sem discutir, obedecendo ao que dele esperavam. Não era um desertor que traísse a confiança dos outros. Além do mais, se esta é que era a realidade, não havia como viver nela ou dela.

A esposa, esta tocava na realidade com mais freqüência, pois tinha mais lazer e menos ao que chamar de fatos, assim como colegas de trabalho, ônibus cheio, palavras administrativas. Sentava-se para emendar roupa, e pouco a pouco vinha vindo a realidade. Era intolerável enquanto durava a sensação de estar sentada a emendar roupa. O modo súbito do ponto cair no i, essa maneira de caber inteiramente no que existia e de tudo ficar tão nitidamente aquilo mesmo – era intolerável. Mas, quando passava, era como se a esposa tivesse bebido de um futuro possível. Aos poucos o futuro dessa mulher passou a se tornar algo que ela trazia para o presente, alguma coisa meditativa e secreta.

Era surpreendente como os dois não eram tocados, por exemplo, pela política, pela mudança de governo, pela evolução de um modo geral, embora também falassem às vezes a respeito, como todo o mundo. Na verdade eram pessoas tão reservadas que se surpreenderiam, lisonjeadas, se alguma vez lhes dissessem que eram reservadas. Nunca lhes ocorreria que se chamava assim. Talvez entendessem mais se lhes dissessem: "você simbolizam a nossa reserva militar". Deles alguns conhecidos disseram, depois que tudo sucedeu: eram boa gente. E nada mais havia a dizer, pois que o eram (TCO, 345-346)

A corrente dos comportamentos automáticos quando era rompida, expunha o fundo oco de uma vida entorpecida. Sobretudo nesses momentos o marido se agarrava ainda com maior concentração em exercer o que era esperado dele. Agindo assim ele tentava tamponar o risco de tocar no fundo da vida, real, com a qual já flertava. Clarice aqui traz a imagem de um “afogar-se”, “pois tocar no fundo também significa ter a água acima da cabeça”, numa situação de imersão, de naufrágio, na iminência de vida e morte. E quando a água sobe, ao ponto de ultrapassar nossa cabeça, de não dar mais pé, é aí então que temos a possibilidade de nadar, viver ou morrer. Mas parece que nadar (viver uma vida de tarefa, real) não aparecia no horizonte de sentido do marido, como uma opção. Ele conseguia retornar – a contragosto – para a dormência, onde encontrava abrigo diante do risco de um lançar-se para a vida.

A sinalização do "contragosto" que retornava para a mesmice é importante, pois denota que já pousava em seu corpo o sabor de um prazer perigoso que seria a desobediência. Mas, "se esta é que era a realidade, não havia como viver nela ou dela". É muito comum, em sessões de psicoterapia, ouvirmos algo parecido com esta última frase. Como se diante de uma situação decisiva (e qual não é?), surgisse uma peremptória interdição à possibilidade de expressão disto que no corpo já encontra vibração e orientação. Algo do tipo “mas eu não posso largar tudo para seguir meus sonhos”, e daí abrem-se listas extensas de logicidade e sensatez que dissipam o combustível acumulado na angústia, que oportunizaria a emancipação. Fantasiam uma realidade, mas interditam a própria força de sua realização, e magoados perecem no tédio.

A esposa, que com mais frequência que o marido, experimentava a água acima da cabeça e já sentia como insuportável as boias de salvamento, que se por um lado a salvavam, por outro a enfraqueciam do ato de nadar, de se perder, de ser distraída, de achar sem saber. Eram “boa gente”.

Deus me proteja de mim  
E da maldade de gente boa  
Da bondade da pessoa ruim  
Deus me governe e guarde, ilumine e zele assim

Caminho se conhece andando  
Então vez em quando é bom se perder  
Perdido fica perguntando  
Vai só procurando  
E acha sem saber

Perigo é se encontrar perdido  
 Deixar sem ter sido  
 Não olhar, não ver  
 Bom mesmo é ter sexto sentido  
 Sair distraído, espalhar bem-querer<sup>37</sup>.

Nesta canção de Chico Cesar, ele diz que “caminho se conhece andando, então vez em quando é bom se perder”, mas o casal de “Os obedientes” não se perdia. “Faltava-lhes o peso de um erro grave, que tantas vezes é o que abre por acaso uma porta.”

#### 4.8 O erro que desoculta o inexato da vida

Nada mais havia a dizer. Faltava-lhes o peso de um erro grave, que tantas vezes é o que abre por acaso uma porta. Alguma vez eles tinham levado muito a sério alguma coisa. Eles eram obedientes. Também não apenas por submissão: como num soneto, era obediência por amor à simetria. A simetria lhes era a arte possível. Como foi que cada um deles chegou à conclusão de que, sozinho, sem o outro, viveria mais – seria caminho longo para se reconstruir, e de inútil trabalho, pois de vários cantos muitos já chegaram ao mesmo ponto. A esposa, sob a fantasia contínua, não só chegou temerariamente a essa conclusão como esta transformou sua vida em mais alargada e perplexa, em mais rica, e até supersticiosa. Cada coisa parecia o sinal de outra coisa, tudo era simbólico, e mesmo um pouco espírita dentro do que o catolicismo permitiria. Não só ela passou temerariamente a isso como – provocada exclusivamente pelo fato de ser mulher – passou a pensar que um outro homem a salvaria. O que não chegava a ser um absurdo. Ela sabia que não era. Ter meia razão a confundia, mergulhava-a em meditação. O marido, influenciado pelo ambiente de masculinidade aflita em que vivia, e pela sua própria, que era tímida mas efetiva, começou a pensar que muitas aventuras amorosas seriam a vida. Sonhadores, eles passaram a sofrer sonhadores, era heróico suportar. Calados quanto ao entrevisto por cada um, discordando quanto à hora mais conveniente de jantar, um servindo de sacrifício para o outro, amor é sacrifício.

*Clarice Lispector* (TCO, 2016, p. 346-347)

Uma pausa para dizer da estranheza que pode surgir ao ler Clarice, na experiênciade nos depararmos com algo que nos devolve à nossa própria vida, em nossa tendência originária de conspirar com a impostura, com o que parece mais seguro e garantido, muitas vezes sob o preço de sacrificarmos o que calmamente clama em nós por passagem, realização. Como se vivêssemos no estado de vigília, porém sonolentos para o essencial de nossas vidas.

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-cesar/1281067/>

Sobre o casal "nada mais havia a dizer", e isso já dizia tanto. No mundo das garantias que nosso tempo histórico apregoa, perdiam as oportunidades de saborearem junto com as prováveis dores, os sabores de se ter uma vida, e de vivê-la.

Para Clarice, faltava-lhes a experiência de um erro, que nesta narrativa, obediente ao simétrico, poderia abrir-lhes uma porta para o inexato e o torto que são a vida. Talvez ela tenha aprendido com Manoel de Barros, que aprendeu com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano): "A expressão reta não sonha" (Barros, 2016, p. 55), e daí a necessidade do erro como oportunizador de novos caminhos orientados pelos sonhos. Mas os sonhos do casal se resumiam às fantasias impessoais que heroicamente suportavam. O marido começou a pensar que muitas aventuras amorosas seriam a vida; mas como saber o que seria a vida se não se atrevia a viver? E a esposa "a pensar que um outro homem a salvaria" de um pecado que nunca se atrevera a cometer. "Cada um deles chegou à conclusão de que, sozinho, sem o outro, viveria mais"; e, como não viveriam sem o outro, viveriam menos? Até em suas fantasias, e sobretudo nelas, lidavam com a realidade a partir de algo já constituído. Não conseguiam desobedecer ao já posto, nem em seus pensamentos podiam transgredir, eram moldados a partir do que socialmente se ditava. E apesar da experiência de um certo querer, não obstante mantinham a imagem de reserva militar, disciplinados, simétricos e obedientes.

Assim chegamos ao dia em que, há muito tragada pelo sonho, a mulher, tendo dado uma mordida numa maçã, sentiu quebrar-se um dente da frente. Com a maçã ainda na mão e olhando-se perto demais no espelho do banheiro – e deste modo perdendo de todo a perspectiva – viu uma cara pálida, de meia-idade, com um dente quebrado, e os próprios olhos... Tocando o fundo, e com a água já pelo pescoço, com cinquenta e tantos anos, sem um bilhete, em vez de ir ao dentista, jogou-se pela janela do apartamento, pessoa pela qual tanta gratidão se poderia sentir, reserva militar e sustentáculo de nossa desobediência.

Quanto a ele, uma vez seco o leito do rio e sem nenhuma água que o afogasse, ele andava sobre o fundo sem olhar para o chão, expedito como se usasse bengala. Seco inesperadamente o leito do rio, andava perplexo e sem perigo sobre o fundo com uma lepeidez de quem vai cair de bruços mais adiante (TCO, p. 347-348).

"Assim chegamos ao dia em que, há muito tragada pelo sonho", de mau poeta, por estar imersa no constituído do impessoal, de uma irreabilidade que pautava sua vida – o que para eles era a própria realidade da irreabilidade, da impostura a que obedeciam –, a mulher mordeu uma maçã. Curioso que é também a maçã – o fruto

da árvore do bem e do mal, do mito da criação – que Adão e Eva teriam comido quando foram expulsos do paraíso. Conhecido por ser o fruto do pecado ou do conhecimento, a mordida da maçã marca, no conto e no mito, a desobediência.

Neste grande ato, de comer a maçã, irrompe o acontecimento do peso de um erro, na perda na simetria. Era o dente da frente que quebrara, aquele que todos veriam, uma fissura flagrante e impossível de ser escondida. O inexato aparecia fatalmente. E nele todo o peso também da liberdade humana, que é uma outra forma de nos referirmos a quebra do dente, desta fissura da simetria, que pela afirmação da desobediência de um caminho já posto, abre terreno para a conquista de um próprio.

Após morder a maçã e sentir quebrar-se o dente da frente, a mulher se olha *perto demais* no espelho, perdendo a perspectiva. O que viu foi *sua* cara pálida, de meia-idade – sinalizando uma experiência mais singularizada de tempo –, o dente quebrado – rompendo com a simetria sob a qual regeu sua vida –, e seus olhos (próprios) assustados com o que via. Talvez aqui, esteja a sinalização de um momento crucial no qual a mulher se viu existindo, sendo. Não era mais uma cara pálida como as outras, era a dela. Que experiência é essa que – depois de uma transgressão, de uma desobediência – a mulher se encontrava? Ela vivencia uma total falta de perspectiva, como se vivesse uma espécie de apagão, de ausência de referências, não tendo nada mais razoável fundamentando sua vida a não ser si mesma.

Poderíamos analisar que no momento em que ela teria idealmente a oportunidade de, “com a água já pelo pescoço”, inventar outras medidas, singulares e mais apropriadas para si; contrariamente a isto, e apesar de sua travessia, neste ponto, lhe apresentar a gravidade do aberto de possibilidades; o que vimos, através do enredo do conto, foi que frente à experiência radical da dissolução daquilo que lhe servia de amparo diante do abissal da vida – a simetria –, a personagem não pôde criar outros sentidos para permanecer na vida. E não temos mesmo nenhuma garantia que, no lugar dela, a escolha de não querer permanecer na vida também não se apresentasse para nós como uma possibilidade. Apesar de sabermos que todo devir ou vir a ser, tem como forro a própria história, o fato é que não temos garantias de que seguiremos na travessia frente a abertura disto que ainda não somos.

"Tocando o fundo", quase sufocada pela angústia de uma desobediência toda aparente, o seu possível foi se jogar pela janela do apartamento. O que teria a dizer se escrevesse um bilhete? O que lhe teria acontecido se tivesse ido ao dentista? O que aconteceria se ela se demorasse mais um pouco neste acontecimento de fissura? Todas essas perguntas fazem sentido e eco no horizonte de sentido atual, que busca solução, eficácia, controle e não suporta o mistério inerente ao viver.

Numa interlocução com a clínica psicológica, podemos pensar, a partir da prática enquanto psicoterapeutas, que um caminho de desobediência pode significar a apropriação de um modo próprio de estar na clínica. Em vez de uma reprodução automática de um modo já estabelecido dentre as abordagens vigentes. O conto traz em seu contexto a necessidade de uma desobediência que no fundo é uma obediência a si, uma fidelidade à escuta de si mesmo.

O "erro" da desobediência pode ganhar o status de um método, de um caminho, "certo", i.é, oportuno, ao colher, no acontecimento irrompido de uma experiência de errância, algo vital como possibilidade para uma clínica ou para a vida de um determinado paciente. Algo que até então não imaginaríamos nem como sendo possível.

Mas se o método do clínico for rígido demais com seu fazer, ele perderá o passo com o caminhante errante, e com a própria vida. O método do clínico precisa poder possuir um caráter de plasticidade, pois a cada vez que o clínico clínica, um outro caminho ganha forma. Se a clínica for rígida, perde-se de vista o passo de quem está caminhando, no caso o do paciente/cliente. Isso demanda, para a(o) psicoterapeuta, uma honestidade com o que está acontecendo no encontro clínico. A clínica sem essa plasticidade metodológica fica enfadonha, desonesta e obediente ao já colocado e esperado (dos ditames técnicos). No entanto ela precisa ser obediente ao que está sendo posto, tal como o está sendo, no momento do encontro. Essa vivência afetada, porque viva, precisa ser o método (plástico) de uma clínica em psicoterapia. E esse método plástico, porque obediente ao que clama por passagem, é, a meu ver, uma das características de Clarice Lispector em seu exercício de escuta para a escrita.

No conto, a mulher vê que demorou demais para desobedecer, e que em obediência à reserva militar, desobedeceu (não ouviu) ao que lhe clamava passagem. Talvez ela visse/sentisse que não possuía mais corpo para desobedecer

e bancar o método que ela estava encontrando. Como se ela não pudesse mais desobedecer e agir criativamente, a partir da descoberta que se mostrou na errância da mordida de uma maçã que se lhe quebrou o dente da frente. E a partir de “uma cara pálida, de meia-idade, com um dente quebrado, e os próprios olhos” (TCO, p. 347), ela mesma se impediu de caminhar frente a um corpo social/acadêmico/militar que a poderia esmagar caso ela destoasse dele.

Neste caso, mais necessário se torna a condição de se reservar (não militarmente, mas sim singularmente) desde si próprio, no exercício de uma serenidade que suporte a angústia frente aos imponderáveis da vida. Pois de nada valerá obter o conhecimento trágico da realidade se ele não se transformar em uma vivência que, ainda que trágica, se estenda como afirmação da própria vida.

Pensando na prática clínica, enquanto psicoterapeutas, que fôlego conseguimos ter com nosso fazer? O quanto conseguimos serenar diante da angústia que nos chega através das falas de nossos pacientes/clientes? E mais, a quê (a quem) nos colocamos em obediência? À reserva militar ou a vida, naquilo que muitas vezes nos clama por desobedecer?

#### **4.9 Da irreabilidade vivida como realidade**

*Is this the real life? Is this just fantasy?*

(Isso é a vida real? Isso é apenas fantasia?)

*Queen (em Bohemian Rhapsody)*

O que vemos como real é a realidade? O conto de Clarice é uma tentativa de explicitação da irreabilidade. Esta que é assumida no texto como a mais real, ou seja, como a mais sólida, mais palpável, mais segura, que se mistura com a obediência à norma, moral, tradição, costume, cultura. Justamente isto que é construído como realidade, mas que no fundo não possui nenhum extrato de experiência, é a instância de um ideal que esconde a raiz da vida. Obedientes ao ideal e sem contato com as próprias raízes, o casal forja uma vida de impostura em termos de vivência. A isto, Clarice chama de vida de mau poeta, uma vida de fantasia, que é o que pauta a vida do casal. E o mais desconcertante é que esta vida sem gosto, sem saboreio – porque sem se colocar para jogo no próprio existir –, é o que para o senso comum

se chama por real, realístico, sensato, seguro, correto, lógico.

E o que é o real? O real aparece quando Clarice diz que "se alguém comete a imprudência de parar um instante a mais do que deveria, um pé afunda dentro e fica-se comprometido". Ao parar um pouco mais, o fato pode descristalizar-se e dar passagem – pelo seu rompimento – às raízes existenciais ocultas, oportunizando que o fato se torne sua difusa repercussão, numa experiência de manifestação de uma outra verdade, sentido, mundo. Fato, neste caso, ganha a luminescência de algo (novo) que estava encoberto. A verdade, aqui, precisa ser compreendida como manifestação do ser, e não como correspondência a algo que, por ter sido manifestado anteriormente, ganhou o lugar de referência e de fixação de verdade.

E então, o fato que estava consolidado em sua conformidade, de repente, ao parar um pouco mais sobre ele, algo novo aparece, se manifesta. Ele, o fato, perde sua solidez de verdade naturalizada – que podemos entender como irrealidade no conto –, e ganha uma outra, a partir disto que se mostrou no afundamento do pé. Isso que se mostrou, percorre uma experiência manifestativa, que pode ser chamada por *aletheia*, que significa desvelamento, ou “verdadeira experiência” (Heidegger, 2018b, p. 229). Ainda para o autor,

[...] sabemos demais e acreditamos com demasiada rapidez no que sabemos. Talvez por isso nos seja tão difícil adquirir familiaridade com uma questão nascida de uma verdadeira experiência. Para que isso aconteça, é preciso poder espantar-se diante do simples e assumir esse espanto como morada (Heidegger, 2018b, p. 228-229).

Não temos gerência sobre o espanto, mas podemos conspirar a favor dele através de um pensamento que medita, que aguarda, que se deixa demorar um pouco mais, que não cede rapidamente (ou se o faz é sabendo que o faz) aos cálculos e necessidade resoluta tão presentes no nosso tempo. Não se trata também de negar a verdade já vista, mas de manter em aberto a possibilidade dela sempre poder ser revista. Da mesma forma tal revisão não está sob a gerência do voluntarismo humano. Não é o ser humano quem dita o tempo de uma verdade, mas as acontecências, em suas manifestações, que já acontecem irrompendo novos sentidos e sabores. Ao ser humano, entretanto, como guardião da morada do ser, cabe a necessidade de poder se despojar de seus sentidos prévios, para acolher isso que lhe vem como acontecimento. Talvez esta seja a nossa mais

desafiante missão, conquistar esse estado de obediência ao que nos aparece em sua expressão manifestativa.

Ainda sobre o conto, o estranho é que a realidade que servia de orgulho para o casal é, para Clarice, o que há de mais fugaz, insípido e frágil, apesar de servir para eles como um fundamento, firmeza, para uma vida restrita de possibilidades de sentido, porque carente da nutrição de uma experiência. Eles tomavam como verdade para obedecer a aquilo que lhes fora passado de segunda mão. Eles pautaram as próprias vidas a partir do caminho já posto, por um senso comum que como é comum, carece, entretanto, de senso, de percepção própria. Ter uma percepção que lhe seja própria nem é erigido como uma questão. Come-se o que todos comem, veste-se como todos se vestem, planejam a vida como todos a planejam. E a vida, em sua oportunidade de singularização, é ocultada. E como se a empanássemos, a despeito do recheio, ela aparecesse sempre igual entre os iguais.

No momento do rompimento do dente da frente, há algo existencial acontecendo. Há uma outra verdade, um outro sentido, mundo, sendo manifestada(o), vindo à luz.

Em *Os obedientes* a realidade da vida irremediável aparece como esse desvelamento, acontecimento, uma experiência que tira o véu, isto é, deixa chegar à existência a ocorrência de algo. O fato que estava cristalizado, coberto por uma capa espessa, dura, consolidada na forma do factual, do irremediável, de repente, se pararmos o pé um pouco mais sobre ele, não suporta o peso e se desmistifica, perdendo toda a sua solidez (realidade/verdade para o senso comum), e o pé afunda na manifestação de uma outra verdade/*aletheia* que vem à luz, iluminando todo o abissal de se estar jogado na existência. Neste conto, Clarice nos faz ver um certo jogo estabelecido pelo casal para viver o real de forma remediável e tolerável, ainda que o irremediável e intolerável estivessem de uma forma ou de outra sempre presentes (Sá; Azeredo, 2023, p. 146-147).

#### **4.10 Da realidade pela via da experiência**

O erro, que aparece na trama – através da mordida da maçã e da experiência de uma fissura decisiva –, ilustrado no quebrar-se do dente da frente, já descobre, i.é, já deixa para trás o encobrimento, propiciando o espanto de uma "verdadeira experiência" que entra em vigência na dissimetria dos dentes da mulher. Este imponderável da vida, por um acontecimento imprevisível, surge iluminando outros sentidos, (des)caminhos que podem se reencontrar no mistério inabarcável

e inescrutável do viver. Um conto que conta o quanto se pode viver encoberto por uma impostura, ainda que irremediavelmente, cedo ou tarde, o encobrimento se torne ineficaz, como se tornou naquela tarde de domingo.

Olhando-se perto demais do espelho, a mulher pôde ver aquilo que a obediência militar a teria anestesiado até então. Mas o que fazer com o que viu? O factual não suportou o fatal de se estar viva e ter de criar-se. A mulher não pôde criar, a partir da experiência de desobediência, referências próprias para seguir. Com a água já no pescoço, no limite de ter de responder por si mesma ao que lhe acometia, responde jogando-se da janela do apartamento. Fica marcado o peso da angústia frente ao nascimento de algo, que se deu no estofo da honestidade de uma experiência vital.

A *reserva militar* que se impunha como um modo de se mover no mundo, criando para si e para os outros um paradigma moral, é dissolvida frente a gravidade de uma experiência que lhe compromete com outro sentido. No corpo aparecem as evidências deste comprometimento, ao abrigar a palidez de uma vida sem brilho, a fisionomia da meia idade revelando o caráter de impermanência e temporalização do ser, a quebra da idealização de mundo harmônico, pela fissura do dente da frente (aquele que não se pode mais esconder) e a revelação de que se vê tudo isso com os próprios olhos.

Os olhos que nascem acoplados a nosso modo existencial, posto que vemos não porque temos olhos oftalmológicos, mas porque somos abertura de possibilidade de atribuição de sentido, o tempo inteiro. E diante deste ver, impossível é desver. Pode-se tentar, entretanto. E no conto, parece que é o que o casal faz, tentam desver que vêem. Mas como Clarice já diz no introito do conto, a repercussão do visto (ou essa manifestação de sentido a partir de uma experiência verdadeira, de primeira mão, de um próprio) se for retardada demais, isto é, se for negada, combatida, negociada excessivamente, “vem um dia explodir como nesta tarde de domingo”.

Pensando na clínica psicológica, que cuida da existência do modo de ser do humano, olhamos primordialmente para o ofício da(o) psicoterapeuta. Quanto este conto pode nos atravessar, em termos de nos convocar para a reflexão: em que está pautada, dirigida, nossa obediência no exercício do clinicar? Seria oportuno que a partir deste conto, “Os obedientes”, nós buscássemos verificar a cadência em

que nos dispomos em nossos atendimentos. O que veremos se olharmos nosso fazer deixando nosso pé afundar um pouco mais? Como estamos caminhando nosso percurso?

#### **4.11 Do se deixar guiar “pelo que for acontecendo” como aposta de vida**

A coragem para a honestidade de um caminho próprio, pode advir, ou não, em momentos cruciais de nossa prática. Naquele momento oportuno em que o ponto da questão não cai exatamente sobre o *i*, revelando o inusitado do viver, como agimos? O que falamos? Permitimo-nos ser acolhimento desse espanto? Digo, um espantar-se com sua própria prática? Caberia espaço para esse susto no nosso fazer? Posto que trabalhamos com a matéria viva da existência existindo, ou seja, dado que trabalhamos tocando o fundo da angústia, e muitas vezes “com a água já pelo pescoço”, atrevemo-nos a deixar nosso fazer ser acometido pela gravidade daquilo que comparece no espaço psicoterapêutico? Ou rapidamente buscamos, através de uma teoria, dado científico, ou mesmo da prática de uma outra história já vivida, os amparos para organizar o desorganizado quando ele se apresenta numa sessão clínica?

Permitimos que nossa clínica seja conduzida pelo que nela aparece? E o que é que aparece nela? Mortes súbitas, tentativas de pôr fim à vida, processos de envelhecimento e vulnerabilidades, divórcios, crises conjugais, traumas, violências sexuais, uso abusivo de substâncias químicas. O que mais? Também comparecem estados de esvaziamento de sentido para o viver, tristeza sem motivo, depressão, angústia, medo da solidão, a experiência em loco da solidão etc. E como fica a(o) psicoterapeuta enquanto escuta horas a fio a tematização da existência humana tocando do fundo oco de sua vida? Ele (ela) também se abala? Como ele (ela) pode suportar com um pouco mais de tranquilidade a angústia que o paciente/cliente com ele compartilha?

O que acontece na clínica, neste espaço de intimidade reservado para o encontro entre humanos, fica restrito a ela? Será que o colóquio acontecido na sessão também perpassa e nutre a vida íntima e singular da(o) psicoterapeuta, que pode inclusive estar vivenciado questões muito próximas às de seus pacientes/clientes? Diante dessas perguntas paramos um pouco mais, para termos

a oportunidade de ver que em todas elas tratamos da matéria do humano, que certamente nos co-habita.

Enquanto trabalhamos, como psicoterapeutas, na escuta de nossos pacientes/clientes, temos a rica oportunidade de meditar sobre a vida, acompanhando-a pela via dos subsolos da alma. E se isto por um lado pode levar alguém a sugerir que se trata de um trabalho muito cansativo, exigente e depressivo, ao mesmo tempo preciso reiterar que este mesmo ofício, inúmeras vezes, pela delicadeza da oportunidade da intimidade que produz, foi o que me salvou da dureza da vida, na medida em que ao me conectar com um paciente/cliente, eu mesma me sentia pertencendo à própria condição de humana. E isto me abraçava.

Trabalhamos com algo que nos é superior em matéria de conhecimento, tempo de formação, experiência de vida, que é o próprio empreendimento do viver em sua abertura de devir. O que nos deixa sem garantias para o que ainda não somos. Restando-nos a aposta de que nosso vir a ser – tal qual o de nossos pacientes/clientes e de nossa própria prática clínica enquanto psicoterapeutas –, ainda que delimitado pelo forro de nossa própria história, tenha a porosidade para acessar, junto com o outro, um terreno fértil e favorável para o brotar de sentidos articuladores com a vida, em sua potência criativa.

Mesmo sabendo do agudo que significa não termos garantias, ousamos ouvir o outro em sua dor existencial, e nos demorarmos nela. Dor que pode encontrar algum eco em nossas dores também. Sempre há o risco de afundarmos juntos, pois esta é uma possibilidade da vida. Mas também há, junto com este risco, a possibilidade de diante do irremediável que pode comparecer numa sessão, sermos enquanto psicoterapeutas e de mãos dadas aos nossos pacientes/clientes, uma rede de sustentação muito fundamental para as próprias travessias. Da mesma forma que há o risco de afundarmos junto com o paciente/cliente na tematização de sua dor, há também a chance de, ao ter a água no pescoço, olharmos para a vida a partir de uma outra gravidade/necessidade/prioridade. Transformando e estendendo o trágico da realidade, em afirmação de vida.

#### 4.12 Coragem para a honestidade de um caminho próprio

O correr da vida embrulha tudo,  
a vida é assim: esquenta e esfria,  
aperta e daí afrouxa,  
sossega e depois desinquieta.  
O que ela quer da gente é coragem

*Guimarães Rosa*

A questão central de “Os obedientes” está, a meu ver, relacionada com a seguinte reflexão: a quem obedecemos no rumo de nossas vidas? Considerando que do latim obedecer é *obaudire*, e escutar é *audire*, depreende-se a co-relação entre obedecer e escutar, posto que no ato de obedecer há contido nele uma escuta (Sá; Azeredo, 2023, p. 150). Obediência sem escuta seria apenas uma subserviência, submissão, que é o que está presente ao longo de “Os obedientes”.

Portanto, compreendendo a relação inaugural entre obedecer e escutar, indago: a quem ou quem escutamos quando obedecemos? Nietzsche (2018), em *Assim falou Zaratustra*, no discurso *Da superação de si mesmo*, nos diz: “Onde encontrei seres vivos, ouvi também falar de obediência. Tudo que vive obedece” (Nietzsche, 2018, p. 109). Ou seja, tudo que é vivo possui escuta. E ela não tem a ver com a audição do otorrinolaringologista vista na audiometria. Tem a ver com a escuta disto que é vivo desde o vivo que se inaugurou na abertura de seu sendo.

Enquanto viventes cujo modo de ser é oco, realizamos nosso percurso em contínua abertura e relação com o sendo que ganha sentido em nós. Por sermos possibilidade de ser tocados por um sentido, experienciamos o súbito que nos atravessa. A questão retorna: damos ouvidos a isto que nos perpassa e, que ao ser acolhido, nos faz fazer? É a força de fazer o que nos engravidou, que leva à consumação de um modo próprio de ser. Este modo próprio de ser advindo da escuta e espera, ou seja, nascido da vida, mostra, desvela, desperta para um fazer-ser. Como um acordar para um poder ser, para uma possibilidade, para um precisar fazer. Quase como um parir a si mesmo, ou, um ser feito pelo seu fazer. É a realização de uma possibilidade, a concretização de um poder ser. “Então, o que se tem, na verdade, é o homem sendo apropriado (tomado) pelo seu mais próprio” (Fogel, 2010, p. 119).

No conto, a mulher é tomada por algo, algumas vezes, sobretudo em momentos em que toca o pé na realidade, como:

Sentava-se para emendar roupa, e pouco a pouco vinha vindo a realidade. Era intolerável enquanto durava a sensação de estar sentada a emendar roupa. O modo súbito do ponto cair no i, essa maneira de caber inteiramente no que existia e de tudo ficar tão nitidamente aquilo mesmo – era intolerável. Mas, quando passava, era como se a esposa tivesse bebido de um futuro possível. Aos poucos o futuro dessa mulher passou a se tornar algo que ela trazia para o presente, alguma coisa meditativa e secreta (TCO, p. 346).

O que ela ouvia nesses momentos? Como se enquanto emendasse roupa, ecoasse nela o seu próprio costurar-se, cosia a roupa e a si mesma, e lembrava que assim se fazia vida. Isto lhe aparecia de súbito e de modo tão nítido que lhe “era intolerável”. A coragem para ser absorvida e se dispor a seguir o caminho do que se manifestava, não comparecia. Era como se ela ouvisse, mas não pudesse obedecer. Era como se ela ouvisse, mas não soubesse ir. Ainda assim, tal experiência lhe gerava o fôlego de um futuro possível. Como se tivesse guardado uma possibilidade.

A tendência do humano ao se deparar com a verdade de um caminho próprio, é fugir. É difícil obedecer ao que foi despertado a partir da experiência de ensozinhamento frente ao mundo, sobretudo quando no rol de sentidos habituais considera-se como "excêntrico" tudo que for diferente ou fruto de um processo de singularização. No conto tal palavra, “excêntrico”, é usada assim: “Às vezes, quando falavam de alguém excêntrico, diziam com a benevolência que uma classe tem por outra: ‘Ah, esse leva uma vida de poeta’”. Podemos entender excêntrico, aqui, como aquele que não pode ser levado a sério. Entretanto, no conto, entendemos que o excêntrico é justo o que se deixa ser orientado pelos sonhos.

Clarice também já fora chamada, pela mídia, de "excêntrica", "exótica", "misteriosa", “bruxa”. Por ser uma escritora que forjava sua escrita no compasso do que lhe afetava, dizia que não escrevia para fora (para o outro?), mas para dentro (para si?): “Não escrevo para fora, escrevo para dentro”.<sup>38</sup> Ela imprimiu em suas obras o ar de uma literatura introspectiva e misteriosa, não fazia concessões ao que ouvia da vida por meio das afetações que lhe irrompiam indicando um caminho a

---

<sup>38</sup> Retirado de matéria no site uol, em comemoração aos 100 anos do nascimento da escritora. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/clarice-lispector---100-anos-do-nascimento-da-escritora.htm>

ser construído. Entregava-se honestamente ao compasso de suas personagens, ao ponto de ficar assustada com o que lhe aparecia como desfecho para delas, como por exemplo quando se viu diante do fato de que G.H. teria que comer o interior da barata. Não haveria possibilidade de não obedecer àquele chamado, ainda que lhe indicasse um caminho nunca imaginado. Ela acolheu o pedido que lhe acometeu a alma, obedeceu!

É justo a possibilidade de fazer concessões ao que nos pede passagem – numa constante verificação de receita e despesa, para usar aqui a analogia do conto, numa negociação interminável consigo mesmo, visando tornar o clamor da vida mais palatável, compreensível, adequada aos olhos dos outros e às vezes aos nossos próprios –, o que torna estéril e enfadonho o caminhar. É preciso ter coragem para agir com honestidade, frente ao que comparece em nós no atravessamento da vida. Tal inspiração ultrapassa a esfera clariceana, fazendo transbordar a possibilidade de a(o) psicoterapeuta se pensar. O quanto estamos atentos ao que comparece em nosso fazer-ser nesta ambiência de escuta e obediência à vida? O quão desapegado de sentidos prévios se é possível estar para, diante de uma escuta clínica, ouvirmos e obedecermos ao que se mostra como fenômeno? A manifestação de um fenômeno que se manifesta desde si mesmo, sem um fundo que o explique, mas que já é no aparecer, o aparecer de um sentido.

Do conto, recolho a indagação reflexiva acerca de como nos relacionamos com o sentido do que ouvimos numa sessão. Deixamo-nos demorar um pouco mais? A escuta que comparece em nosso fazer, e que também é fruto de articulações de sentidos que permanecem encobertas, podem trazer obliterações para nossa disponibilidade de ouvir. Dificuldade que é fruto de uma escuta já enviesada por uma rede de sentidos prévios, que organizam nosso agir. Podemos conspirar com a escuta clínica ao nos aproximarmos do poeta de Alberto Caeiro quando diz

Procuo despir-me do que aprendi,  
Procuo esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,  
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,  
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,  
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,  
Mas um animal humano que a Natureza produziu.  
(Pessoa, 2005, p. 72).

Parece que para escutar e obedecer, precisamos então nos dispor a escutar a partir do som do acontecimento em acontecência, deixando-nos tocar por ele sem o conhecimento prévio de uma escala musical. E nesse encontro, a ele nos afinarmos e darmos passagem aos movimentos rítmicos que forem sendo despertados em nós. Tirando toda aroupagem de uma teoria da música que pode tender a prevalecer à experiência da melodia. Apenas como um animal humano que "por ser vivo, se contrai" (TCR, p. 171)

Compreendendo que algumas vezes, para ouvir e obedecer ao que a vida clama em nós – nos espaços da clínica e fora dela –, precisaremos desobedecer ao que habitualmente foi instituído como modo de condução, como conspirar para uma presença mais porosa e à mercê da vida? Clarice, na pessoa de G.H., diz:

[...] tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo – quero sempre ter a garantia de pelo menos estar pensando que entendo, não sei me entregar à desorientação. Como é que se explica que meu maior medo seja exatamente em relação: a ser? e no entanto não há outro caminho. Como é que se explica que o meu maior medo seja exatamente o de ir vivendo o que for sendo? Como é que se explica que eu não tolere ver, só porque a vida não é o que eu pensava e sim outra – como se antes eu tivesse sabido o que era! (PSGH, p. 11).

Ambos, o conto "Os obedientes" e o livro *A paixão segundo G.H.*, foram publicados em 1964. E com isso me pergunto se esta seria a única coincidência existente entre a mulher do conto e G.H. Parece que ambas tinham medo de viver o que não entendiam. A mulher que entendia muito sobre simetria, eis que diante da dissimetria vista em si mesma, não suportou o intolerável que lhe assaltou. G.H, atropelada pelo ser, inicia seu relato com vários travessões dizendo: "estou procurando estou procurando" (p. 9), e de repente é pega dentro da vida, na procura de entendimento para uma desorganização que lhe assola.

No relato de G.H. podemos encontrar ecos da experiência da mulher do conto de "Os obedientes". A experiência da desobediência, com a mordida da maçã, traz para a mulher a desintegração de um mundo conhecido por ela, e que era reproduzido através das referências através das quais pautava sua vida. G.H. também vive uma experiência de desintegração de si mesma. "Enfim, enfim quebrara-se o meu invólucro, e sem limite eu era. Por não ser, eu era" (PSGH, 178). À proporção daquilo que se desintegrava o mundo de G.H., desorganizando-a, um

outro sentido/mundo também ía se reintegrando, de um modo impensado e numa mesma via de mão dupla. Assim a sua travessia era vertiginosamente percorrida.

Não sei se terei coragem de simplesmente ir. É difícil perder-se. [...] sei que ainda não estou sentindo livremente, que de novo penso porque tenho por objetivo achar – e que por segurança chamarei de achar o momento em que encontrar um meio de saída. Por que não tenho coragem de apenas achar um meio de entrada? Oh, sei que entrei, sim. Mas assustei-me porque não sei para onde dá essa entrada. E nunca antes eu me havia deixado levar, a menos que soubesse para o quê (PSGH, p. 10).

G.H. encontra com a mulher de *os obedientes* nesta dor que é a travessia humana frente ao medo de ser. E podemos aprender com ambas que

O mistério do destino humano é que somos fatais, mas temos a liberdade de cumprir ou não o nosso fatal: de nós depende realizarmos o nosso destino fatal. Enquanto que os seres inumanos, como a barata, realizam o próprio ciclo completo, sem nunca errar porque eles não escolhem. Mas de mim depende eu vir livremente a ser o que fatalmente sou. Sou dona de minha fatalidade e, se eu decidir não cumpri-la, ficarei fora de minha natureza especificamente viva. Mas se eu cumprir meu núcleo neutro e vivo, então, dentro de minha espécie, estarei sendo especificamente humana (PSGH, p. 124).

#### **4.13 A toada de Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres na clínica**

A obra se inicia já numa disposição, num clima de acontecimento, no qual se entra sem saber que se está entrando. Iniciando a narrativa a partir de uma vírgula, somos convidados a participar do gerúndio de Lóri (protagonista da obra) em meio a sua ocupação.

A protagonista via as coisas a partir da dor, da morte. Como se seus nervos de percepção estivessem envolvidos por uma película de dor. E no caminhar do livro, acompanhamos uma viragem, que se dá na forma de uma aprendizagem para sentir/ver ao modo do prazer. Tê-la conhecido foi providente, pois enquanto ela estava aprendendo a reconhecer seu lugar no mundo, a sentir sem ser apenas percebendo vida a partir da dor, eu, como ela, procurava assumir minha clínica, enquanto psicoterapeuta, sem que fosse unicamente pela via da insuficiência ou da não realização da minha possibilidade. À medida que as coisas apareciam como possibilidade para Lóri, eu a via acompanhando e acolhendo tais possibilidades, em afinação e disponibilidade para realizar o que lhe interpelava em sua abertura de sentido. Conspirando para que eu também realizasse a possibilidade que me via.

Lóri, por exemplo, ía percebendo que viver seria uma alegria difícil, mas que surgia como convite a viver sem voracidade, degustando serenamente o que lhe surgisse. Como é possível isso? Sair da voracidade de viver justo quando se percebe que a morte está para todos nós, incluindo a si mesma? Ou, como é possível suportar a vida diante do irremediável à espreita do ser humano? Lúcida e calma, tocada por como a vida simplesmente é, nessa afinação que foi se abrindo para ela, Lóri pôde com "coração molhado" (ALP, p. 13) (cheio de vida) "permitir-se andar com as próprias pernas" (ALP, p.14) aceitando de todo a sua condição e fazendo o que se tem gosto. Uma liberdade que a convocou para um modo de ser possível,

O vir-a-ser de uma possibilidade. Um modo de ser é um poder-ser, ou seja, uma possibilidade do viver, do existir, que vem a ser à medida que, na e pela ação, se faz. Se faz, quer dizer, *faz-se a partir de si própria*, tal como a vida, uma vez que um verbo, um poder-se é sempre o fazer-se ou o vir-a-ser de vida: movimento que se move a si próprio ("Psyché") ou que se faz, que brota, que emerge desde si mesmo e, em se alterando e se diferenciando, para si mesmo retorna, numa insistente dinâmica de auto-revitalização ("Physis") (Fogel, 1998, p. 210).

Um modo de ser que a salvava de não ser o que era. E sendo como era, poderia encontrar "o perfume [que] de algum modo intensificava o que quer que ela era e por isso não podia usar perfumes que a contradiziam: perfumar-se era de uma sabedoria instintiva, vinda de milênios" (ALP, p.16), que a dispunha a realizar a sua possibilidade de ser, e assim existir. A vida, ganhando gravidade, se erguia, se despertava, abria os olhos, quase como um grande susto, que aparece na obra como um desamparo que ampara.

Então do ventre mesmo, como um estremecer longínquo de terra que mal se soubesse ser sinal do terremoto, do útero, do coração contraído veio o tremor gigantesco duma forte dor abalada, do corpo todo o abalo – e em sutis caretas de rosto e de corpo afinal com a dificuldade de um petróleo rasgando a terra – veio afinal o grande choro seco, choro mudo sem som algum até para ela mesma, aquele que ela não havia adivinhado, aquele que não quisera jamais e não previra – sacudida como a árvore forte que é mais profundamente abalada que a árvore frágil – afinal rebentados canos e veias, então sentou-se para descansar (ALP, p. 12).

Neste desamparo – frente à experiência inesperada de ser o que se é, após o grande susto da dor que o despertar para si mesmo produz, ao desvelar que o chão no qual se presumia receber apoio, é em verdade um grande abismo, sem

nenhum suporte para a própria realização da possibilidade – é que Lóri vinha existir tal como era, admitindo-se ser um eu, pois só assim encontraria seu lugar no mundo. Ulisses, seu interlocutor neste processo, lhe disse uma vez que “queria que ela, ao lhe perguntarem seu nome, não respondesse “Lóri” mas que pudesse responder ‘meu nome é eu’, pois teu nome, dissera ele, é um eu” (ALP, p. 11-12).

Durante muito tempo Lóri (e eu também) pensou que existir sendo seu “eu”, não lhe traria gosto de ser, não lhe seria suficiente, e teria que ser outra, para “acertar o passo com as coisas ao seu redor” (ALP, p. 19), e não dar margem à dor de ser quem era. Só depois ela percebeu que apenas sendo como era, no próprio descompasso, é que poderia ter prazer em ser, isto requeria uma aprendizagem. Era necessário aprender que andando no seu compasso, admitindo sua condição é que desfrutaria dessa alegria, difícil, de ser. O aprendizado versava sobre essa simplicidade de não precisar andar contra a maré (ou vida), o que lhe exigia o exercício de andar ao encontro de si mesma, ao encontro da própria vida.

A aprendizagem, referida no título da obra, diz respeito ao prazer que se pode sentir por ser o seu sendo, sem precisar esforçar-se para ser de um outro modo. E, assim sendo, poder assumir a própria vida; ainda que frágil – posto que incompleta –, também rica em possibilidades advindas da abertura de sentido que atravessa o ser, e o convoca à realização disto que é o seu tornar-se. E nesta convocação a mover-se em direção a si mesmo, retirando-a da inércia e da absorção do impessoal, a vida conspira para que Lóri sentisse o frescor de se sentir existindo, e não fosse tomada só por dor.

A protagonista, professora do curso primário, aprendia com Ulisses, “a viver sem dor apenas” (ALP, p. 11), pois ainda que não fosse possível tocar na existência, na vida, sem ser atravessando a pele da dor, ainda assim, nessa travessia também era possível encontrar paixões alegres<sup>39</sup> (Spinoza, 2013) que conspiram a favor da adesão ao viver, sem deixar de celebrar os aspectos fugazes da vida, sobretudo sua finitude e seu teor mutante. Lóri ia aprendendo, na interlocução com Ulisses e com a própria vida, que não precisava de sofreguidão para ser. E, mesmo que não fosse forte, aí mesmo é que podia ser humana.

As coisas não querem ser vistas por pessoas razoáveis:

---

<sup>39</sup> Conceito fundamental em Espinosa, que não será detido aqui, mas que poderá ser encontrado em sua obra intitulada *Ética*.

Elas desejam ser olhadas de azul –  
que nem uma criança que você olha de ave  
(Barros, 2016).

A vida, a clínica, e as coisas, precisam ser vistas não pela razão, mas pela inocência de uma criança, que brinca porque pode brincar, e assim afirma a vida, nesta possibilidade que é a sua.

Brinca! Pegando numa pedra que te cabe na mão,  
Sabes que te cabe na mão.  
Qual é a filosofia que chega a uma certeza maior?  
Nenhuma, e nenhuma pode vir brincar nunca à minha porta.  
(Pessoa, 2005, p. 131).

E brincando ela diz sim à vida, à existência, tal como ela é; e nela não há ressentimento, pois, como diz Nietzsche (2018) em *Zaratustra*, no discurso *Das três metamorfoses*, a criança pode esquecer para recordar um outro modo de lembrar.

Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim. Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: o espírito quer agora *sua* vontade, o perdido para o mundo conquista *seu* mundo (Nietzsche, 2018, p. 26).

Essa aprendizagem que faz Lóri se ver dentro da vida, e conseqüentemente dentro da mortalidade própria de sua condição, ainda que seja o próprio do viver, gerava nela o medo de ser uma só.

#### **4.14 A tese de Clarice: curar o medo de ser humano**

Em *Água viva*, Clarice diz: “perdi o medo da simetria, depois da desordem da inspiração” (AV, 2019, p. 79). Em *Uma aprendizagem ou O Livro dos prazeres* ela abre a obra com a seguinte nota: “Este livro se pediu uma liberdade maior que tive medo de dar. Ele está muito acima de mim. Humildemente tentei escrevê-lo. Eu sou mais forte que eu” (ALP, p. 5). Em *Um sopro de vida*: “Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto” (USV, p. 13). Em *Perto do coração selvagem*: “Encontramos: “medo de não amar, pior do que o medo de não ser amado...” (PCS, p. 90). E em *A maçã no escuro*: “Sentir-se angustiadamente preso era ser uma pessoa, ele bem se lembrava ainda! Oh ele bem se lembrou: com angústia lembrou-se de que essa angústia era ser gente” (AME, p. 130). E em *A hora da estrela*: “Existir não é lógico” (AHE, p. 20).

Noto, com a ajuda dessas passagens, uma corrente de estados e vivências através dos quais Clarice compartilha experiências fruto de uma sondagem existencial direcionada a si mesma ou a seus personagens, que tematizam o medo mais originário, que diz respeito a nossa condição de sermos “gente”, mortais, finitos, incompletos e do risco que é viver em decorrência disto.

Através de sua escrita introspectiva, fui me deixando levar, fui escutando – pelo caminho reflexivo trazido pela autora em sua obra – um caminho para meu fazer clínico.

“Escutar” quer dizer: ser e estar disposto, segundo o modo de ser da própria coisa – afinal, afeiçoado com ela. Ainda: ser e estar numa disposição de acolhimento do ritmo, do pulso, da cadência, das modulações e reverberações da “coisa”. Enfim, “escuta”, que é corpo se fazendo corpo, é sintonização, é sincronização, simpatia e, por tudo isso, participação vital (Fogel, 1998, p. 209).

Escutando Clarice em sua introspecção existencial, eu mesma fui ganhando disposição para adentrar meus próprios labirintos existenciais. O aprofundamento clariceano nas questões de seus personagens, elevava as análises de minha própria vida, fazendo-me sondar em meus arredores, como os temas que ela apresentava se repetiam. Escutando Clarice fui afinando a minha clínica e percebendo, através de minha prática, que ali compareciam dores diversas, mas sobretudo àquelas relacionadas a dor de ser como se é. Ainda que não se saiba exatamente como se é – sobretudo porque enquanto criaturas humanas estamos sempre em jogo na existência –, já se sabe pela via da impessoalidade cotidiana, como não se deve ser para obter aprovação do olhar do outro sobre si.

Na clínica, a temível reprovação do olhar do outro pode comparecer de variadas formas, no jovem rapaz que não aprova a própria timidez, na recém-formada que não se sente confiante para o exercício da medicina, no discurso da esposa que quer divorciar-se, mas não acha correto e diz que por isso permanece casada, na jovem que nascida com uma característica marcante, vive num fio fino com a vida etc. O quão difícil pode ser apropriar-se compreensivamente da própria existência, e, entretanto, Clarice já pressentia, “temos fome de saber de nós, grande urgência, porque estamos precisando de nós mesmos, mais do que dos outros” (Moser, 2017, p.132).

Curar o medo de ser um ser humano significa, sobretudo, poder experienciar de modo apropriativo<sup>40</sup> e sereno a própria essência humana, que é ser uma incompletude, o que requer uma “escuta” ou atitude de “espera” para a manifestação de um vir a ser. Entretanto, na maior parte das vezes, é na impropriedade, através da impessoalidade, que buscamos modos de lidar com o incompleto, e o sempre aberto que somos. Por meio das referências do cotidiano e do falatório impessoal (Heidegger, 2018a), encontramos as orientações sobre como deve-se ser, oportunidade para se instalar o esquecimento de si mesmo, em meio à sombra das árvores alheias. Tal como diz Fernando Pessoa (2006, p. 76-77) neste poema, conspirando a favor de um caminho de apropriação de si.

Segue o teu destino,  
Rega as tuas plantas,  
Ama as tuas rosas.  
O resto é a sombra  
De árvores alheias

A realidade  
Sempre é mais ou menos  
Do que nós queremos.  
Só nós somos sempre  
Iguais a nós-próprios.

Suave é viver só.  
Grande e nobre é sempre  
Viver simplesmente.  
Deixa a dor nas aras  
Como ex-voto aos deuses.

Vê de longe a vida.  
Nunca a interrogues.  
Ela nada pode  
Dizer-te. A resposta  
Está além dos deuses.

Mas serenamente  
Imita o Olimpo  
No teu coração.  
Os deuses são deuses  
Porque não se pensam.

---

<sup>40</sup> O termo “apropriativo” é fruto de estudos da obra de Heidegger, onde o autor argumenta que o acontecimento apropriativo, ou *Ereignis*, descreveria o processo de vir à luz de algo que nos apropria e recíproca mente nos apropriamos disto. Em Magliano encontramos a seguinte contextualização: “próprio é o *Dasein* que se apropria de si, que se aproxima de seu modo de ser originário na medida em que se projeta sobre suas possibilidades mais próprias. Impropriedade, em contrapartida, se refere ao modo de ser em que o *Dasein* não alcança verdadeiramente uma abertura às coisas ao não conseguir superar o encobrimento e a dispersão característicos do impessoal. [...] Apropriar-se de algo envolve, portanto, a possibilidade de experimentar diretamente isto de que se fala e, para tanto, não devemos permanecer junto às opiniões superficiais e infundadas (porque efetivamente distanciadas e desenraizadas) do impessoal. (Magliano, 2019, p. 66-67).

Silenciar as vozes das árvores alheias, pode redirecionar nossa atenção para a árvore de nosso jardim pessoal. Olhar para ela e poder regá-la, amá-la, admiti-la, aceitá-la nas suas especificidades, não é algo de cunho romântico, mas sim da tarefa intransferível e fundamental para uma vida devota, isto é, empenhada em sua necessidade vital de acolher as próprias exigências. Vejamos como isso comparece em uma carta que Clarice escreve para sua irmã Tânia, em janeiro de 1947:

[...] o que pode acontecer com uma pessoa que fez pacto com todos e que se esqueceu de que o nó vital de uma pessoa deve ser respeitado. Ouça: respeite a você mais do que aos outros, respeite suas exigências, respeite mesmo o que é ruim em você – respeite sobretudo o que você imagina que é ruim em você – pelo amor de Deus, não queira fazer de você uma pessoa perfeita – não copie uma pessoa ideal, copie você mesma – é esse o único meio de viver (Moser, 2017, p. 220).

Na companhia de Clarice fui percebendo que “a mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano” (ALP, 1982, p. 31). Porém,

[...] o que acontecia na verdade com Lóri é que, por alguma decisão tão profunda que os motivos lhe escapavam – ela havia por medo cortado a dor. Só com Ulisses viera aprender que não se podia cortar a dor – senão se sofreria o tempo todo (ALP, p. 40).

Cortar a dor era também cortar o dar-se à vida, o gastar-se, o colocar-se para jogo sem necessariamente saber onde se vai chegar, dito de outro modo, cortar a dor era não viver.

A própria Lóri tinha uma espécie de receio de ir, como se pudesse ir longe demais – em que direção? O que dificultava a ida. Sempre se retinha um pouco como se retivesse as rédeas de um cavalo que poderia galopar e levá-la Deus sabe onde. Ela se guardava. Por que e para quê? Para o que estava ela se poupando? Era um certo medo da própria capacidade, pequena ou grande, talvez por não conhecer os próprios limites. Os limites de um humano eram divinos? Eram. Mas parecia-lhe que, assim como uma mulher às vezes se guardava intocada para dar-se um dia ao amor, que ela queria morrer talvez ainda toda inteira para a eternidade tê-la toda (ALP, p. 42).

Poupar era, em verdade, desperdiçar. E Ulisses a interpelava, como um estribilho a tocar repetidamente em seus ouvidos, trazendo-a para a realidade daqui e agora de nosso mundo, na radicalidade de habitá-lo singularmente, no limite do humano e sem a possibilidade de poupar vida para depois.

[...] Nós ainda somos moços, podemos perder algum tempo sem perder a vida inteira. Mas olhe para todos ao seu redor e veja o que temos feito de nós e a isso considerado vitória nossa de cada dia. Não temos amado, acima

de todas as coisas. Não temos aceito o que não se entende porque não queremos passar por tolos. [...] Não nos temos entregue a nós mesmos, pois isso seria o começo de uma vida larga e nós a tememos. [...] Temos disfarçado com falso amor a nossa indiferença, sabendo que nossa indiferença é angústia disfarçada. Temos disfarçado com o pequeno medo o grande medo maior e por isso nunca falamos no que realmente importa. Falar no que realmente importa é considerado uma gafe (ALP, p. 49-50).

Lóri, a vida inteira teria tomado cuidado "em não ser grande dentro de si para não ter dor" (ALP, 1982, p. 58), e agora estava ali, com Ulisses, buscando tocar em si própria e no mundo, mesmo sem garantias. E era assim que "o amor pela vida mortal a assassinava docemente, aos poucos" (ALP, p. 77). Sua coragem era a de "não se conhecendo, no entanto, prosseguir, e agir sem se conhecer exige coragem" (ALP, p. 84).

Por ter acreditado, por muito tempo, que não poderia ser tal como era, teria, existencialmente, amputado partes do que era, trazendo-lhe ainda mais dor. Havia uma dor que dizia respeito ao processo de ser um "eu", um ser humano, que em essência é limitado, frágil, pobre, posto que vivo e mortal. Mas havia uma outra dor, fruto da deslegitimação da humana que se era, numa insana tentativa de ser outra que não si mesma. A primeira dor parecia se afinar ao desejo de Ulisses, que queria que ela "aprendesse a andar com suas próprias pernas e só então, preparada para a liberdade", vendo que vida é um inacabado que nos convoca a um fazer, fosse dele (ALP, p. 14). A segunda, se afinava a necessidade de Lóri em "desfazer os nós de corda de marinha que lhe atavam os pulsos" (ALP, p. 13), isto é, de alcançar a iluminação de que o modo como era, servia para ser.

#### 4.15 A transmutação da dor

Em seu processo, Lóri, olhava-se "avidamente de perto" (ALP, p. 19) no espelho<sup>41</sup> e começava a se surpreender consigo, via-se como misteriosa, delicada

---

<sup>41</sup> O espelho é uma alegoria muito usada na literatura. Encontramos contos que carregam este nome em Machado de Assis (1997), em seu: "O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana", e Guimarães Rosa (2001), em "O espelho", presente em sua obra intitulada *Primeiras Estórias*; ambos produzindo, através do espelho, uma paragem elementar, que assume o ato de se ver refletido nele. Este objeto que não se perde de si mesmo ao espelhar uma rosa por exemplo, mantendo-se inabalavelmente espelho, pode por isso mesmo espelhar, transparecer o homem que se coloca diante dele. Um ato que alimenta um campo fértil de desdobramentos. Em Clarice Lispector, por exemplo, como vimos, a mulher de "Os obedientes", ao olhar-se perto demais no espelho, perde a perspectiva e se joga da janela. Então, quando Lóri, nesta passagem diz que "olhou-se avidamente de perto no espelho" (ALP, p.19), é preciso parar um pouco mais para compreendermos o que isto pode nos dizer.

e forte, mantendo a inocência. Este vocábulo, inocência, ganha relevância ao indicar que Lóri mantinha uma disposição de abertura frente ao acontecimento do que via, não era, pois, tomada pela intermediação dos sentidos já postos, mas nascia junto como que via, apreendendo o que lhe irrompia para uma outra possibilidade de ser. Mantendo a inocência,

Pareceu-lhe então, meditativa, que não havia homem ou mulher que por acaso não se tivesse olhado ao espelho e não se surpreendesse consigo próprio. Por uma fração de segundo a pessoa se via como um objeto a ser olhado, o que poderiam chamar de narcisismo mas, já influenciada por Ulisses, ela chamaria de: gosto de ser. Encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não imaginei: eu existo (ALP, p. 19).

Começava a sentir, tocada por Ulisses um “gosto de ser”, e dizia a si mesma, na força estrondosa que discretamente carrega esta frase: “eu existo” (ALP, p. 19). Ao desarmar-se da auto rejeição, pôde ser desencoberto, pôde-se vir à tona a grata surpresa de gostar de si.

Nesta obra clariceana, acompanhamos uma grande transformação que vai acontecendo com Lóri, uma mulher cuja “condição de manca”<sup>42</sup> (ALP, p. 19) a fazia andar em descompasso com o mundo, o que lhe causava sofrimento, trazendo-lhe o amargor da melancolia por não conseguir “acertar o passo com as coisas ao seu redor” (p. 19). A mudança, sutil, mas fundamental, vai se dando à medida que ela gradativamente começa a aceitar de bom grado a sua condição e diferença, encaminhando-se para sua transcendência, sua própria travessia, ou para uma experiência apropriativa que lhe revelava que “a condição não se cura mas o medo da condição é curável” (p. 20).

Há, a meu ver, uma aproximação fecunda entre o processo que vai se dando em Lóri e o psicoterapêutico, tal como o observo na clínica psicológica. Não raro, pacientes/clientes compartilham da dor de malograrem na tarefa a que se impuseram: de caber no mundo já dado e idealizado, reconhecendo esta adequação como o certo a se fazer. Poder caminhar com eles nesta mesma dimensão de Lóri,

---

<sup>42</sup> O vocábulo “manca” é situado no texto como uma alegoria para expor o descompasso existencial no qual se pode viver, quando se exige corresponder às demandas do mundo, desconsiderando as nossas próprias necessidades. No entanto o uso deste termo pode ser considerado inadequado ou insensível em certos contextos, porque pode carregar uma conotação pejorativa, capacitista e desrespeitosa quando usado para se referir a pessoas com deficiência.

que inicialmente não admite a experiência da dor, mas que aos poucos vai se apropriando e sendo apropriada, tomada pelo seu mais próprio, i.é,

Não é, pois, alguém querendo tomar sobre si a dor (destino, vida) de ou do outro, o compadecer-se, tal como o descrevemos e caracterizamos, mas é o homem, o próprio homem afundando no seu mais fundo, que é justo o abismo, ou seja, a gratuidade e a inutilidade, da dor (pobreza, pouco, pobre, limite ou finito), que é a vida e, assim, tomando-a sobre si, *incorporando-a* ou assumindo-a (Fogel, 2010, p. 120).

Quantas vezes falhei no exercício de minha profissão ao aceitar minha condição e diferença? Quantas vezes ambicionando ser perfeita, empenhando-me a corrigir o pouco, o limite que sou, como se assim não devesse ser, silenciando o que me atravessava no encontro clínico – porque podemos não obedecer à vida –, em prol de uma resposta mais técnica, onipotente e engenhosa? Tal como Lóri, também precisei aprender a dar o devido lugar ao meu modo de clinicar. Um lugar que se ponha

à altura daquilo que é, do só que é e que há, deixando dor ser dor, deixando a dor-homem seguir o seu caminho, que é o caminho de obra, de ação, de atividade de vida como e desde história – leia-se: devir e inocência do/no devir (Fogel, 2010, p. 121).

Se ser um ser humano nos impõe a constitutiva e inerente pobreza e finitude, que é o que faz de vida, história, precisamos nos encher do pouco de nossa própria humanidade e nos deixarmos afundar nesse abissal de dor-vida, vivendo “como sendo um ser por fazer” (Fogel, 2010, p. 121), “a partir de e como criação finita” (Fogel, 2010, p. 125) desse apoucado de sua existência.

Nessa mesma noite gaguejava uma prece para o Deus e para si mesma: alivia minha alma, faze com que eu sinta que Tua mão está dada à minha, faze com que eu sinta que a morte não existe porque na verdade já estamos na eternidade, faze com que eu sinta que amar é não morrer, que a entrega de si mesmo não significa a morte e sim a vida, faze com que eu sinta uma alegria modesta e diária, faze com que eu não Te indague demais, porque a resposta seria tão misteriosa quanto a pergunta, faze com que eu receba o mundo sem medo, pois para esse mundo incompreensível nós fomos criados e nós mesmos também incompreensíveis, então é que há uma conexão entre esse mistério do mundo e o nosso, mas essa conexão não é clara para nós enquanto quisermos entendê-la, abençoa-me para que eu viva com alegria o pão que como, o sono que durmo, faze como que eu tenha caridade e paciência comigo mesma, amém (ALP, p. 125).

#### 4.16 A alegria

Nesta oração, Lóri pede duas vezes por alegria: "faze com que eu sinta uma alegria modesta e diária" e "abençoa-me para que eu viva com alegria o pão que como". Entendemos que ao se reconectar com a dor que anteriormente cortara, e estando mais apropriada com a condição de sua vida finita e de ter de fazer-se,

A partir dessa escuta, assim desde assunção de finitude, encher-se-ia o homem da alegria de Prometeu, a alegria da ação gratuita e necessária! "Vais comer o pão com o suor da tua fronte." – Muito obrigado! Muito obrigado! Pois *agora, só agora* posso ser o que preciso ser, o *só* que precisa ser para vir a ser o que sou. Muito obrigado! Ganho, assim, *a liberdade para a morte* – a morte cheia, perfeita." Perfeita de vida possível, necessária. Nisso, por isso, graças a isso, gratidão e não maldição; alegria, e não amuo expiatório. Sim, "um grãozinho de sandice", um certo "desarranjo na cabeça", um certo "não bater bem" e não pecado, culpa. Alegria e inocência no, do devir (Fogel, 2010, p. 151).

Talvez, como Lóri, eu tentara me proteger da dor e do risco, e tivesse aceitado empalhar minhas próprias penas enquanto psicóloga, reservando-me apenas o dever da imparcialidade profissional. Pensava que assim evitaria lidar com o dolorido das minhas penas, porque vivas e precárias. Sair desse empalhamento significaria arriscar machucá-las, ter de cuidar delas, banhá-las após um dia de muita transpiração, massageá-las após um vôo muito intenso e longo. Se por um lado mantê-las empalhadas trazia o peso de não as sentir, por outro lado desempalhá-las traria o trabalho de cuidar e sentir. Mas com Lóri aprendia que "a mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano" (ALP, p. 31). E, então, compartilhava desta necessidade e desejava sair desse empalhamento... porque não queria ser como "pássaros de penas empalhadas" (p. 21). Mas ao mesmo tempo, contraditoriamente queria manter o empalhamento, como uma falsa medida protetiva em admitir-me finita, por essa própria condição de viva.

Como é isto de tornar-se ser humano? Já se nasce um? Lóri parecia estar às voltas com seu tornar-se, o que não podia prescindir da aceitabilidade da radicalidade da humanidade, que se por um lado trazia uma "pesada angústia" (ALP, p. 21), como "farpas sem pontas salientes por onde serem pinçadas e extirpadas" (p. 22), por outro lhe trazia um calor que a fazia suar, e devolvia vida às suas penas outrora empalhadas (p. 21). Desejando aprender a usufruir de sua condição de

humana, ela desejava cair em si, isto é, dentro da vida. E neste seu processo, eu a acompanhava, olhando para a minha própria condição de humana e como o finito comparecia no meu fazer clínico e no meu existir concomitante. Eu medrava a me colocava para jogo. Era como se a clínica que eu exercia não fosse ainda minha, pois não me lançava ao encontro. Sentia que havia um chamamento que me pedia uma reapropriação do que o mundo me ofertava, fazendo uma releitura própria. Mas e a coragem de me lançar nessa autoria? O medo me fazia pensar que eu não saberia ir. Como se eu não fosse conseguir encontrar/criar/deixar vir o meu modo de fazer. Como se eu ainda não pudesse deixar que a maré me levasse.

Ir contra uma maré

Lutei toda a minha vida contra a tendência ao devaneio, sempre sem jamais deixar que ele me levasse até as últimas águas. Mas o esforço de nadar contra a doce corrente tira parte de minha força vital. E, se lutando contra o devaneio, ganho no domínio da ação, perco interiormente uma coisa muito suave de se ser e que nada substitui. Mas um dia ainda hei de ir, sem me importar para onde o ir me levará (TCR, p. 296).

A oportunidade de acompanhar Lóri em seu percurso de criar-se, retomar a vida e com isto a possibilidade de sentir, também me deu a chance de escutar (obedecer) a vida que se dava em mim. Era como se eu reivindicasse o meu direito de ser viva, na clínica. De poder usar a minha voz tal como ela se mostrava no encontro. Era como se eu admitisse que não conseguiria fazer uma clínica que não sentisse junto-com. Ainda que fosse uma dor, seria a do primeiro tipo, a de estar ali, viva. Queria ser inteira, para mim, e para clinicar. Isto não poderia ser um método clariceano-clínico de desempalhar práticas? Um Lispectar? Uma forma de despertar psicoterapeutas para um fazer clínico de "pés afundados"? Não sabia onde isso iria dar, mas fazia sentido para mim. "Se alguém comete a imprudência de parar [*devanear?*] Um instante a mais do que deveria, um pé afunda dentro e fica-se comprometido" (TCO, p. 342) com a própria vida.

Lóri me despertou do meu estado de empalhamento, ainda que eu tentasse fechar "os olhos para não ver o calor" (ALP, p. 21). Caminhar com ela me fazia transpirar e derretia toda a maquiagem de uma inadequada prescrição: a de que uma *boa* psicóloga não deveria suar, azedar, morrer, mas buscar manter uma aparência enxuta de quem não apodrecerá jamais (até porque só pode apodrecer quem de fato viveu encarnado). Não é possível ser encarnada e ao mesmo tempo esconder o hálito de quem vive. Onde eu tocava se denunciava a umidade de

minhas mãos. A personagem de Clarice me ajudava a ser o que eu já era. Porque se a condição de ser não se cura, o medo da condição de ser era curável. Parecia que à medida que Lóri me despertava (Lispectava) também curava a Psicóloga que eu podia ser. E isso, tal como diz Fogel (2010, p. 151), era “alegria, e não amuo expiatório”, “alegria e inocência no, do devir”.

Naquela hora da noite conhecia esse grande susto de estar viva, tendo como único amparo apenas o desamparo de estar viva. A vida era tão forte que se amparava no próprio desamparo. De estar viva – sentiu ela – teria agora em diante, que fazer o seu motivo e tema. Com curiosidade meiga, envolvida pelo cheiro de jasmim, atenta à fome de existir, e atenta à própria atenção, parecia estar comendo delicadamente viva o que era muito seu. A fome de viver, meu Deus. Até que ponto ela ia na miséria da necessidade: trocava uma eternidade de depois da morte pela eternidade enquanto estava viva (ALP, p. 156-157).

A vida de Lóri se tornou tão espessa e forte – pela sua fome de viver que se alimentava através do estofo da experiência de se estar viva –, que conseguia ampará-la no seu desamparo. Em seu recolhimento e preparo, nesta ascese vital, Lóri ganhava forças para viver aqui, nesta vida, toda a sua possibilidade finita, para através da “miséria da necessidade”, viver a “eternidade enquanto estava viva”.

Apesar da ameaça de chuva iminente e da angústia que o jasmim sufocante já lhe estava dando, descobria, descobria. E não chovia, não chovia. Mas a hora mais escura precedeu aquela coisa que ela não queria sequer tentar definir. Esta coisa era uma luz dentro dela, e a essa chamariam de alegria, alegria mansa.

Ficou um pouco desnorteada como se um coração lhe tivesse sido tirado, e em lugar dele estivesse agora a súbita ausência, uma ausência quase palpável, do que era antes um órgão banhado pela escuridão da dor.

Porque ela estava sentindo a grande dor. Nessa dor havia porém o contrário de um entorpecimento: era um modo mais leve e mais silencioso de existir. Quem sou eu? Perguntou-se em grande perigo. E o cheiro do jasmineiro respondeu: eu sou o meu perfume (ALP, p. 157).

Envolvida pela alegria mansa de uma luz desde si, percebeu-se desnorteada pela ausência, fruto da retirada de um órgão de sentido, que até então apenas lhe servia como um instrumento de dor, através do qual sentia o mundo. Entretanto, a partir da retirada deste órgão, que estava “banhado pela escuridão da dor”, ela passou a sentir a grande dor. Que “grande dor” seria essa? Era uma dor de outra natureza. Neste momento, ainda tomada por uma alegria mansa, ela não sentia mais a dor de outrora, fruto de um coração entorpecido que se debatia remoendo a aproximação da morte e querendo escapar deser seu próprio. Agora ela sentia, tomada por uma alegria mansa, a grande dor, que era “o contrário de um

entorpecimento: era um modo mais leve e silencioso de existir”. Era, pois, a grande dor de ser a condição humana que respira, mesmo na dor do desamparo, o ar que lhe enche os pulmões.

A grande dor que é a existência, em cuja constituição, nos aparece como um precisar fazer, que em fazendo, ação, movimento, cria um *páthos*, um caminho, assumindo sobre si a formulação de Kierkegaard (2010, p. 5) para a angústia: “A realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade”, nessa paixão, afeto, *páthos* de ser gente.

Viu que, igual ao balançar inquieto das árvores da casa vizinha, também ela estava indócil, inquieta. Organizara-se para se consolar da angústia e da dor. Mas como era que se consolaria da mistura de simples e tranquila alegria com a angústia? Ela não estava habituada a prescindir do consolo. Então começou finalmente a chover. Antes uma chuva rala, depois tão densa que fazia barulho em todos os telhados. (ALP, p. 157-158).

Prescindir do consolo era o convite que ser o que era: gente, lhe convocava. A chuva molhava-a toda. “Ela e a chuva estavam ocupadas em fluir com violência”, “a chuva e Lóri estavam tão juntas como a água da chuva estava ligada à chuva” (ALP, p. 158).

E de súbito o sobressalto de alegria: notava que estava abrindo as mãos e o coração, mas que se podia fazer isso sem perigo! Eu não estou perdendo nada! Estou enfim me dando e o que me acontece quando eu estou me dando é que recebo, recebo. Cuidado, há o perigo do coração estar livre? Percebeu, enquanto alisava de leve os cabelos escuros do homem, percebeu que nesse seu espriar-se é que estava o prazer ainda perigoso de ser (ALP, p. 161).

Sofrer diante do desamparo já não a preenchia. “Com o coração cheio de limite” (Fogel, 2010, p.152), podia amar e criar, e no desamparo se entregar para a vida.

O que tu viste amargo,  
Doloroso,  
Difícil,  
O que tu viste inútil  
Foi o que viram os teus olhos humanos.  
Esquecidos...  
Enganados...  
No momento da tua renúncia  
Estende sobre a vida  
Os teus olhos  
E tu verás o que vias:  
Mas tu verás melhor...  
(Meireles, 1982, Cântico 26)<sup>43</sup>

<sup>43</sup> Disponível em: <https://sientopasareltiempo.blogspot.com/2016/08/cantico-26-o-que-tu-viste-amargo-de.html>

Lóri, “pensou por um instante se a morte interferiria no pesado prazer de estar viva. E a resposta foi que nem a ideia de morte conseguia perturbar o indelimitado campo escuro onde tudo palpitava grosso, pesado e feliz. A morte perdera a glória” (ALP, p. 165-166). Já Ulisses,

O sábio Ulisses, perdera a sua tranquilidade ao encontrar pela primeira vez navida o amor. Sua voz era outra, perdera o tom de professor, sua voz agora era a de um homem apenas. Ele quisera ensinar a Lóri através de fórmulas? Não, pois não era homem de fórmulas, agora que nenhuma fórmula servia: ele estava perdido num mar de alegria e de ameaça de dor (ALP, p. 168).

Ambos, Lóri e Ulisses, nasceram com a finitude acoplada em seus corpos, para aprenderem que vida é a grande dor, e, portanto, dura demais para ficarem abatidos diante do imponderável. Posto que de nada valeria um conhecimento trágico da realidade, se este não se transformasse em uma vivência, também trágica, que se estendesse como alegria mansa, na afirmação desta vida-vivente que se é. Então o professor também se via e se vivenciava sendo apenas um ser humano. E aguardava, para se alegrar, apesar da dor de existir.

Lóri, lhe dizia:

Meu amor, você não acredita no Deus porque nós erramos ao humanizá-Lo. Nós O humanizamos porque não O entendemos, então não deu certo. Tenho certeza de que Ele não é humano. Mas embora não sendo humano, no entanto, Ele às vezes nos diviniza (ALP, p. 173-174).

#### **4.17 O (en)canto de “perdoando deus” para a vida**

O conto de nome “Perdoando Deus”, como tantos outros de Clarice Lispector, trata da radicalidade da vida. Publicado pela primeira vez em 1971, pela editora Sabiá, reuniu 25 contos da autora sob o título *Felicidade Clandestina*.

Neste conto, a personagem, que queria ser mãe de Deus, penetra de tal maneirana radicalidade do vivo, que oportunamente nos mostra o fundo sem fundo do mistério do vivo. Esta é a surpresa do enredo, nos fazer perceber que o fundo é nada, é abismo, é um mistério. Enfim, trata-se de um texto que também pode ser chamado por clínico, ao revelar o desconcerto de só ser compreendido na sensibilidade de sua desrazão (não é um pouco isso a clínica?). Há, na história deste conto, uma realidade que é inabarcável, e tentar esquadrihá-la seria uma vã tentativa de querer tornar o real compreensível.

Mais uma vez Clarice nos deixa perceber que é desde este fundo, imedível, que precisamos amar. Neste conto somos convidados a amar o incompreensível e o inabarcável, na sua incompreensão e inabarcabilidade. Eis aí o grande desafio da clínica, da vida, de Lóri, de Ulisses, e endereçado a nós mesmos! Como podemos aprender a amar aquilo que não compreendemos?

Falemos do conto. Tal como o vemos, colhendo o que nos aparece no caminho, como um exemplo de método de pesquisa, de escrita, de devaneio e de uma clínica despertada por Clarice.

A personagem andava tranquilamente por Copacabana e via os prédios, o mar, as pessoas e se sentia tão satisfeita com o que via, que chegou a se sentir mãe de Deus, "que era a Terra, o mundo". E foi neste momento que, tomada por esse amor maternal por Deus que ela quase pisou num enorme rato morto. Tal experiência lhe abortou abruptamente todo o amor que pensara ser capaz de ofertar à Terra, ao mundo, neste lugar de mãe de Deus. Ela, ali, compreendeu, que só poderia ser mãe das coisas quando pudesse ser-com elas. E que o Deus que ela inventara não era o que existia, pois este, amava também os ratos.

Com este conto, Clarice nos faz pensar na constrangedora questão: precisamos amar aquilo que nos causa asco? Como amar o asqueroso?

A razão nos leva a repelir o sujo e a higienizar a vida, para torná-la mais palatável, tolerável. Mas como diz Adélia Prado, "o verdadeiro é sujo" (Prado, 2013, p. 10). E o verdadeiro é a própria vida. Querer tirar dela a sujeira constitutiva, é enfraquecê-la. A reflexão que escutamos com o enredo de *Perdoando Deus* é que estamos jogados na vida e não podemos formar, para nós, um subconjunto feito apenas do que nos agrada e nos traz satisfação, composto por prédios, mar e boas pessoas. Há em tudo que é vivo, ao mesmo tempo, o sujo constitutivo.

Vamos ponto a ponto recontando o conto e aumentando um ponto, pois, neste caso, a síntese não é boa amiga, nem de longe é capaz de abrigar a experiência que o estilo de escrita de Clarice produz. Quero mergulhar por janelas-textos clariceanos para extrair por ali temáticas que enredam vida e que também comparecem na clínica.

#### 4.18 Cena 1 do conto: a organização

Eu ia andando pela avenida Copacabana e olhava distraída edifícios, nesga de mar, pessoas, sem pensar em nada. Ainda não percebera que na verdade não estava distraída, estava era de uma atenção sem esforço, estava sendo uma coisa muito rara: livre. Via tudo, e à toa. Pouco a pouco é que fui percebendo que estava percebendo as coisas. Minha liberdade então se intensificou um pouco mais, sem deixar de ser liberdade. Não era *tour de propriétaire*, nada daquilo era meu, nem eu queria. Mas parece-me que me sentia satisfeita com o que via

Clarice Lispector (TCO, p. 403).

A consciência (da personagem) estava totalmente vulnerável, porosa à viagem, à experiência, pois ela estava “sem pensar em nada”. “A melhor maneira de viajar é sentir”<sup>44</sup> e a personagem ia andando assim, distraída, ou melhor, ia se sentindo, livre, sem o voluntarismo de um “eu” que quer perceber as coisas. O difícil é alcançar a percepção de que se está percebendo, sem ser pela via da determinação de um querer perceber já antes, mas sim ir percebendo junto com a coisa, pouco a pouco, permitindo-se caminhar junto com o que vai acontecendo.

Ela diz: “Não estava distraída, estava era de uma atenção sem esforço, estava sendo uma coisa muito rara: livre”, e é exatamente desta maneira que o arqueiro da obra *A arte cavalheiresca do arqueiro Zen*, de Eugen Herrigel (2010) atinge o alvo, através da arte “de aprender a esperar” que o tiro se dê se dispunha numa atmosfera de espera. É interessante notar que a personagem de Clarice, neste conto, se encontra no mesmo clima, “de uma atenção sem esforço”, “livre”, do arqueiro. Herrigel percebe, após seis anos se dedicando à arte japonesa do tiro com arco, que “o domínio perfeito da arte, longe de oprimir, libera” (Herrigel, 2010, p. 51), e a personagem clariceana nos apresenta o que pode ser visto como um ensinamento-aprendizagem para a clínica, o estar numa atenção sem esforço e livre.

A liberdade também merece aqui um comentário, “estava sendo uma coisa muito rara: livre”, isto é, sem roteiros prévios, sem pensar, somente sendo. O que nos traz de volta à G.H., personagem de *A paixão segundo G.H.*, que diz: “Como é que se explica que o meu maior medo seja exatamente o de ir vivendo o que for

<sup>44</sup> Álvaro de Campos é um dos heterônimos de Fernando Pessoa. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2854>

sendo?" (PSGH, p.11). Enquanto G.H. fala sobre seu medo nesta liberdade de ir sendo, parece que é exatamente isso o que faz a personagem de *Perdoando Deus*, ela estava sendo. E neste modo, o de ir sendo, ela "via tudo, e à toa".

O que significa este "à toa"? Significa que o ver não era motivado por nenhuma intenção, nem antes, nem depois. Ela não via para atingir uma finalidade; não tinha nenhuma utilidade este ver, mas ela apenas via, e via tudo, e à toa. A que podemos aproximar este ver que, distraído, numa atenção sem esforço, revela uma atmosfera de compreensão sem intenção e sem para quê? Penso que a escuta, na clínica, seja por essa via. Um "à toa" que, ao mesmo tempo, é muito presente e dentro da vida.

Tal como numa sessão de psicoterapia, na qual pouco a pouco é que se vai percebendo as coisas, a personagem do conto diz que pouco a pouco é que foi percebendo que estava percebendo as coisas. Esse "pouco a pouco" tão necessário para o exercício da clínica, remete à ideia de um processo, de uma continuidade, iluminando a ideia de poder aguardar que a coisa se mostre. É um pouco a pouco quase imperceptível, até que num instante pode se tornar perceptível. Uma postura terapêutica que aguarda o olhar porque sabe que ele vai se dando aos poucos, e mesmo que ele venha de modo repentino, foi por conta de numa costura de ponto a ponto que o repentino pôde aparecer.

Nesse aparecimento, há também a possibilidade de ver que vê, o que faz com que a personagem se dê conta da liberdade que ver traz. Ver estando dentro da vida, nessa experiência aguda de se estar experienciando viver, a personagem via tudo, ela estava toda na cena, sem pensar em nada.

Não era *tour de propriétaire*, ou seja, não era passeio de propriedade, como se ela estivesse num terreno que já conhecesse ou que fosse dona, na verdade ela nem queria sê-lo. Era como se a personagem fosse àquele território, àquela avenida e pudesse ver tudo como se fosse a primeira vez. Sempre numa nova apropriação. A clínica não pode ser um *tour de propriétaire* para a(o) terapeuta. Ele nunca será dono dela, "nada daquilo era meu, nem eu queria". Eis aí também a liberdade do clinicar, intensificada pela possibilidade e necessidade de ir de mãos vazias, percebendo as coisas.

Na raridade íntima de se estar ali toda inteira na experiência, ela percebe o agravamento que é estar viva. E via tudo. E aos poucos percebia que percebia, se

dando conta que vivia, e se entesando pelo viver no tudo que via. Esta relação vai intensificando sua liberdade de sentir. Isto é, sua liberdade de ser uma humana que vê, que sente, que se afeta. Neste primeiro momento ela se sentia satisfeita com o que via, lhe parecia tudo muito bom. Era ainda uma satisfação gerida pelo gosto bom de viver. Vamos ver como isso se desenrola no correr no conto.

Vemos no primeiro parágrafo deste conto a disponibilidade para: a) não pensar em nada, b) estar numa atenção sem esforço, c) ser livre, à toa, d) o processo de um pouco apouco, e) estar satisfeita com o que aparece. Passemos para segundo parágrafo:

Tive então um sentimento de que nunca ouvi falar. Por puro carinho, eu me senti a mãe de Deus, que era a Terra, o mundo. Por puro carinho, mesmo, sem nenhuma prepotência ou glória, sem o menor senso de superioridade ou igualdade, eu era por carinho a mãe do que existe. Soube também que se tudo isso “fosse mesmo” o que eu sentia – e não possivelmente um equívoco de sentimento – que Deus sem nenhum orgulho e nenhuma pequenez se deixaria acarinhar, e sem nenhum compromisso comigo. Ser-lhe-ia aceitável a intimidade com que eu fazia carinho. O sentimento era novo para mim, mas muito certo, e não ocorrera antes apenas porque não tinha podido ser. Sei que se ama ao que é Deus. Com amor grave, amor solene, respeito, medo e reverência. Mas nunca tinham me falado de carinho maternal por Ele. E assim como meu carinho por um filho não o reduz, até o alarga, assim ser mãe do mundo era o meu amor apenas livre (TCO, p. 403-404).

A personagem, toda em harmonia com o que via, se sentia mãe de Deus, que era a Terra, o mundo. Sem nenhuma sanha de superioridade ou igualdade, apenas por carinho ao que existia diante de si mesma, ela amava, maternalmente, a vida. E achava que até Deus, se fosse mesmo isso que ela sentia, aceitaria se harmonizar com ela e receber, nesta intimidade, o seu carinho.

Ela sabia que se amava ao que é Deus, ao que é Sagrado, com gravidade de amor solene, mas não poderia supor ser tocada por um amor de mãe sendo endereçado a Deus. Amar este Filho, que era o criador de tudo, passaria por amar a própria Terra, e isto permitia experienciar o amor por todas as coisas, um amor que era livre.

#### **4.19 Cena 2 do conto: a desorganização**

E foi quando quase pisei num enorme rato morto. Em menos de um segundo estava eu eriçada pelo terror de viver, em menos de um segundo estilhaçava-me toda em pânico, e controlava como podia o meu mais

profundo grito. Quase correndo de medo, cega entre as pessoas, terminei no outro quarteirão encostada a um poste, cerrando violentamente os olhos, que não queriam mais ver. Mas a imagem colava-se às pálpebras: um grande rato ruivo, de cauda enorme, com os pés esmagados, e morto, quieto, ruivo. O meu medo desmesurado de ratos

*Clarice Lispector* (TCO, p. 404).

A personagem parece ter vivido, na experiência de quase pisar num enorme rato morto, uma reviravolta. Saindo de uma atmosfera afetiva que a fazia se sentir mãe do mundo, de repente, num instante, ela é tomada pelo fato nu e cru de que nesta Terra também coexistem os ratos. E com isso talvez se abra para a personagem, e também para quem a acompanha nesta experiência, a possibilidade de admissão da natureza viva que a (nos) habita. De súbito, ela, que achava que via tudo e se sentia satisfeita com o que via, ao se deparar com um enorme rato morto, sentiu que seus olhos não queriam mais ver, e por isso ela os fechou, mas é em vão, pois a imagem vista aderiu-se a ela.

Dentre um vasto rol de possibilidades reflexivas para esta cena, penso em três:

1) Enquanto a personagem que via tudo, olhava edifícios, nesga de mar, pessoas, ela pôde amar a Terra, e sentir-se mãe de Deus.

2) Mas, quando subitamente, de forma imprevista, quase pisou num enorme rato morto, rapidamente ela não quis mais ver.

3) Parece que o revés do rato oportuniza rever a disponibilidade para ser a mãe da Terra.

A ratazana traz, para àquela que se propunha a amar a Terra, a aparição do feio, e a realidade da morte. A personagem, que antes estava fortalecida acreditando que poderia vir a ser mãe de Deus, se viu fragilizada frente a uma natureza que não apenas co-habitava a Terra, mas que a encarava como quem pergunta: estás disposta a me amar também? Eis o difícil de ver: através do susto do rato, nós nos fragilizamos de tal modo, que somos levados para o susto do que nós somos. Não somos deuses, mas humanos.

Toda trêmula, consegui continuar a viver. Toda perplexa continuei a andar, com a boca infantilizada pela surpresa. Tentei cortar a conexão entre os dois fatos: o que eu sentira minutos antes e o rato. Mas era inútil. Pelo menos a contiguidade ligava-os. Os dois fatos tinham illogicamente um nexa. Espantava-me que um rato tivesse sido o meu contraponto. E a revolta de súbito me tomou: então não podia eu me entregar desprevenida ao amor?

De que estava Deus querendo me lembrar? Não sou pessoa que precise ser lembrada de que dentro de tudo há o sangue. Não só não esqueço o sangue de dentro como eu o admito e o quero, sou demais o sangue para esquecer o sangue, e para mim a palavra espiritual não tem sentido, e nem a palavra terrena tem sentido. Não era preciso ter jogado na minha cara tão nua um rato. Não naquele instante. Bem poderia ter sido levado em conta o pavor que desde pequena me alucina e persegue, os ratos já riram de mim, no passado do mundo os ratos já me devoraram com pressa e raiva. Então era assim?, eu andando pelo mundo sem pedir nada, sem precisar de nada, amando de puro amor inocente, e Deus a me mostrar o seu rato? A grosseria de Deus me feria e insultava-me. Deus era bruto. Andando com o coração fechado, minha decepção era tão inconsolável como só em criança fui decepcionada. Continuei andando, procurava esquecer. Mas só me ocorria a vingança. Mas que vingança poderia eu contra um Deus Todo-Poderoso, contra um Deus que até com um rato esmagado podia me esmagar? Minha vulnerabilidade de criatura só. Na minha vontade de vingança nem ao menos eu podia encará-lo, pois eu não sabia onde é que Ele mais estava, qual seria a coisa onde Ele mais estava e que eu, olhando com raiva essa coisa, eu O visse? no rato? naquela janela? nas pedras do chão? Em mim é que Ele não estava mais. Em mim é que eu não O via mais (TCO, p. 404-405).

Diante de uma aparição sem aviso prévio, como esta, somos chacoalhados com a gravidade da vida como ela é. Pois ela não é somente aquilo que traz satisfação e beleza. Disto sabemos, mas o saber proveniente deste pé que afunda dentro de um rato morto é encarnado, experienciado, e nos faz tremer. A questão toda é conseguir, como a personagem, continuar a viver mesmo trêmula e tomada de perplexidade, de quem se recordou de que a vida não é como eu a esquadrinho, mas como ela se dá, e que ela se oferta também na sua incompreensibilidade. Para amar a vida como ela é, faz-se necessário, portanto, um fôlego capaz de acolher tal incompreensibilidade do fenômeno tal como ele se nos mostra. No caso aqui, na possibilidade de amar o rato.

A personagem tenta cortar a conexão entre esses dois fatos: o de amar a vida ao ponto de sentir-se mãe de Deus e a aparição do rato, mas é em vão. Já havia nos fatos a própria vizinhança, que incompreensivelmente os ligava. Ela se espantava que um rato fosse contradizê-la, e tomada por uma rebeldia frente a algo que, pela sua verdade, a violentou, ela reclama por querer tornar compreensível o inaceitável: “Então não podia eu me entregar desprevenida ao amor? então era assim?”. Mas a vida não lhe pedia autorização para passar, ela simplesmente lhe chegava. E havia no ímpeto deflorador da vida – que em meio ao embevecimento, a alegria e a ternura, de repente trazia o asqueroso – a percepção revoltada de Deus tê-la insultado.

“De que estava Deus querendo me lembrar?”. “Não era preciso ter jogado na minha cara tão nua um rato”. “A grosseria de Deus me feria e insultava-me. Deus era bruto”. Frente a essa brutalidade, a personagem ía se alimentando de um desejo de vingança. Ou seja, ela vislumbrava usar de um plano viril para vencer a brutalidade de Deus/da vida. E se queixava por não saber exatamente onde o Deus estava, de modo que ela pudesse encará-lo com raiva, e ressentida dizia para si mesma: “Em mim é que Ele não estava mais. Em mim é que não O via mais”.

Talvez a dificuldade aqui seja, para a personagem, reconhecer nessa aparição do rato, não um ato corretivo de Deus, mas apenas a vida no seu fluir. Aceitar isso exigiria perdoar Deus e abraçar a vida enquanto drama, enquanto suceder contínuo, que nos interpela para a necessidade de criação de novas possibilidades de existir, tendo em vista que a possibilidade de que vida fosse só a calmaria dos prédios, nesga de mar e pessoas, perdeu a validade.

É em momentos parecidos com este, no qual algo falha ou não acontece como o esperado, que algumas pessoas buscam um espaço de psicoterapia. Primeiramente é difícil mesmo lidar com os ratos do caminho, mas também há um tom de decepção com a vida, ou de incredulidade diante de algo aparentemente incompreensível dentro de um sistema lógico que a pessoa fazia uso. Seria preciso, diante da brutalidade da vida ou de Deus, na ilógica aparição do rato, um momento de pausa, de reconexão com o mais radical da vida, neste desamparo constitutivo que também oportuniza, através da angústia que nos acomete, nos recolocar pra jogo de outra forma. Talvez entendendo que às vezes a vida nos faz topar com alguns ratos.

#### **4.20 Cena 3 do conto: a raiva**

Então a vingança dos fracos me ocorreu: ah, é assim? Pois então não guardarei segredo, e vou contar. Sei que é ignóbil ter entrado na intimidade de Alguém, e depois contar os segredos, mas vou contar – não conte, só por carinho não conte, guarde para você mesma as vergonhas Dele – mas vou contar, sim, vou espalhar isso que me aconteceu, dessa vez não vai ficar por isso mesmo, vou contar o que Ele fez, vou estragar a Sua reputação

*Clarice Lispector (TCO, p. 405).*

Não é raro vermos isso ocorrer nas relações em que um ou outro se sente traído, magoado, ferido por um ou outro. Rapidamente um plano para tentar fazer

um ou outro pagar pela dor que se sente. Mas quando o acontecimento é da ordem de um não emissor ou de um emissor não concreto, como é que se faz? Inventar-se um? No caso aqui, Deus. Porque algo me aconteceu e eu não sei lidar, quero que ele des-aconteça. Será que existe um Setor de Atendimento ao Consumidor (SAC) para estes casos? A quem devo recorrer, reclamar? Como criar condições para nos haveremos com isso de outro modo? É possível receber o ilógico que me chegou sem aviso prévio, com brandura?

#### 4.21 Cena 4 do conto: das incompreensões compreendidas

... mas quem sabe, foi porque o mundo também é rato, e eu tinha pensado que já estava pronta para o rato também. Porque eu me imaginava mais forte. Porque eu fazia do amor um cálculo matemático errado: pensava que, somando as compreensões, eu amava. Não sabia que, somando as incompreensões, é que se ama verdadeiramente. Porque eu, só por ter tido carinho, pensei que amar é fácil. É porque eu não quis o amor solene, sem compreender que a solenidade ritualiza a incompreensão e a transforma em oferta. E é também porque sempre fui de brigar muito, meu modo é brigando. É porque sempre tento chegar pelo meu modo. É porque ainda não sei ceder. É porque no fundo eu quero amar o que eu amaria – e não o que é. É porque ainda não sou eu mesma, e então o castigo é amar um mundo que não é ele. É também porque eu me ofendo à toa. É porque talvez eu precise que me digam com brutalidade, pois sou muito teimosa. É porque sou muito possessiva e então me foi perguntado com alguma ironia se eu também queria o rato para mim. É porque só poderei ser mãe das coisas quando puder pegar um rato na mão. Sei que nunca poderei pegar um rato sem morrer de minha pior morte. Então, pois, que eu use o *magnificat*<sup>45</sup> que entoa às cegas sobre o que não se sabe nem vê. E que eu use o formalismo que me afasta. Porque o formalismo não tem ferido a minha simplicidade, e sim o meu orgulho, pois é pelo orgulho de ter nascido que me sinto tão íntima do mundo, mas este mundo que eu ainda extraí de mim de um grito mudo. Porque o rato existe tanto quanto eu, e talvez nem eu nem o rato sejamos para ser vistos por nós mesmos, a distância nos iguala. Talvez eu tenha que aceitar antes de mais nada esta minha natureza que quer a morte de um rato. Talvez eu me ache delicada demais apenas porque não cometi os meus crimes. Só porque contive os meus crimes, eu me acho de amor inocente. Talvez eu não possa olhar o rato enquanto não olhar sem lividez esta minha alma que é apenas contida. Talvez eu tenha que chamar de “mundo” esse meu modo de ser um pouco de tudo. Como posso amar a grandeza do mundo se não posso amar o tamanho de minha natureza? Enquanto eu imaginar que “Deus” é bom só porque eu sou ruim, não estarei amando a nada: será apenas o meu modo de me acusar. Eu, que sem nem ao menos ter me percorrido toda, já escolhi amar o meu contrário, e ao meu

---

<sup>45</sup> Oração do Magnificat: O Poderoso fez em mim maravilhas, e Santo é seu nome! A minh'alma engrandece o Senhor, exulta meu espírito em Deus, meu Salvador! Porque olhou para a humildade de sua serva, doravante as gerações hão de chamar-me de bendita! O Poderoso fez em mim maravilhas, e Santo é seu nome! Seu amor para sempre se estende sobre aqueles que O temem! Manifesta o poder de seu braço, dispersa os soberbos; derruba os poderosos de seus tronos e eleva os humildes; sacia de bens os famintos, despede os ricos sem nada. Acolhe Israel, seu servidor, fiel ao seu amor, como havia prometido a nossos pais, em favor de Abraão e de seus filhos para sempre! Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio, agora e sempre. Amém! Disponível em: <https://www.ens.org.br/liturgia/oracao-magnificat>

contrário quero chamar de Deus. Eu, que jamais me habituarei a mim, estava querendo que o mundo não me escandalizasse. Porque eu, que de mim só consegui foi me submeter a mim mesma, pois sou tão mais inexorável do que eu, eu estava querendo me compensar de mim mesma com uma terra menos violenta que eu. Porque enquanto eu amar a um Deus só porque não me quero, serei um dado marcado, e o jogo de minha vida maior não se fará. Enquanto eu inventar Deus, Ele não existe (TCO, p. 405-407).

A personagem, após esbravejar, começa a perceber que o mundo também é rato. E que se achava que estava pronta para amar o mundo, isso significaria ter de acolher a grande incompreensão de, também, amar o rato. Pois, segundo ela, seria somando as incompreensões que se amaria verdadeiramente. Mas diz que não sabe ceder, e que no fundo queria amar o que amaria – e compreenderia – e não o que é. Para amar o "é" do mundo, precisaria antes amar a si mesma, as próprias ratazanas e as incompreensões que metaforicamente a compõem.

A personagem também acena para o amor solene, que ritualiza a incompreensão transformando-a em oferenda. Neste ponto, como não pensar na solenidade da clínica? Uma pausa para trazer um filme. Chama-se, no Brasil, *A partida*, trata-se de um drama japonês de 2008 dirigido por Yojiro Takita e estrelado por Masahiro Motoki. Desempregado, Daigo, o protagonista, retorna a sua cidade natal (interessante símbolo de um voltar a si mesmo) após o fracasso como violoncelista, e responde a um anúncio de emprego julgando ser para trabalhar numa agência de viagem. Ao chegar no endereço, descobre que o trabalho é numa funerária, e consiste em preparar os corpos de pessoas mortas para a viagem da próxima vida. No primeiro momento, seu novo trabalho é desprezado pela esposa e amigos. Há cenas de asco, de sujeira, podridão, fruto dessa carne humana que, morta, apodrece. Daigo embalsama esses corpos com solenidade, limpando-os, perfumando-os, às vezes até maquiando-os, tudo isso na frente dos familiares do morto, de forma tão respeitosa e presente, que em cada velório vê-se a ritualização de uma bela despedida, cheia de emoções, significados e incompreensões compreensivas diante da facticidade radical que a morte mostra.

Poderíamos com isso aproximar o trabalho de Daigo a uma amorosidade com a ratazana da personagem de "Perdoando Deus"? E ainda: o espaço clínico pode ritualizar, acolher, de forma respeitosa e presente, a ratazana que todos, em alguma medida, somos?

A solenidade é esse rito capaz de acolher a incompreensão. Na clínica se faz a soma das partes sem exigir que sejam concordantes, pois cuidamos exatamente disto que não tem explicação possível. E ali temos a oportunidade de saltar para o imponderável e articular o inarticulável. A incompreensão pode se manter enquanto incompreensão. A clínica não precisa – na verdade não deveria – tentar fazer do incompreendido algo compreendido para tornar a vida mais aceitável. Talvez o convite seja exatamente o de poder aceitar a existência da incompreensão como parte constitutiva da vida. Um lugar que parece asqueroso para a objetividade, cientificidade, produtividade clínica. O rigor de nosso método de escuta atenta à vida e como ele se nos mostra, nos desvela que, justo aí, precisamos meditar, aguardar, pois não somos uma coisa ou outra, mas uma coisa e outra, compreensão e incompreensão.

A personagem queria ser mãe de Deus, mas para isso era convidada brutalmente a aceitar a vida como ela era/é, através da presença da morte, da fragilidade, do feio... o que de algum modo a levava para o que ela também era. Tal como no filme, o ritual da partida acalentava os corações, ao mesmo tempo em que trazia a gravidade da radicalidade do fim, que resguarda a possibilidade de um recomeço.

Seria esse o resguardo de possibilidade para uma clínica? A oportunidade para olharmos e nos convertermos no que somos? Uma clínica que se dispusesse a ser solene?

Querer a vida como ela é, é assumi-la nessa incompreensão. A nossa tendência, enquanto viventes é nos rebelar contra a brutalidade da vida sobre (ou em) nós. Com isso perdemos a oportunidade de respondê-la com doçura, i.é, de nos integrarmos a ela. Quando passamos por uma luta trazida pela vida, aí mesmo é que precisamos da brandura, do acolhimento, para assim violarmos, furarmos, a violência da luta. Para que lutar contra a vida se precisamos ver o que faremos de nós na vida?

A clínica solene vai devagar. Uma lentidão necessária para não se apressar em compreender. Para poder aguardar que uma compreensão possa surgir. O clínico precisa poder sossegar diante da angústia de quem o procura. Pois é nesse sossego que mora a oportunidade de integração da dor e de criação de uma outra

compreensibilidade para isto que inquieta. “Como posso amar a grandeza do mundo se não posso amar o tamanho de minha natureza?”

A alteridade de clinicar na solenidade deixa que o paciente seja com é. Ali não pode ser um lugar para se querer extinguir o rato morto, e nem para que se obrigue a amá-lo. Talvez seja um lugar para nos habituarmos a nós mesmos. “Eu, que jamais me habituarei a mim, estava querendo que o mundo não me escandalizasse”. Ou seja, quanto mais habito e habito o como sou, amando inclusive minhas ratazanas, menos o mundo me escandaliza. Quanto mais invento ser como quero, e não como realmente sou, aí mesmo é que não existo. “Enquanto eu inventar Deus [como quero], Ele não existe [como é]”.

Recordo-me novamente do trecho que Clarice escrevera para Tânia, sua irmã, em janeiro de 1947:

[...] Para me adaptar ao que era inadaptável, para vencer minhas repulsas e meus sonhos, tive que cortar meus grilhões – cortei em mim a forma que poderia fazer mal aos outros e a mim. E com isso cortei também minha força. Espero que você nunca me veja assim resignada, porque é quase repugnante. [...] o que pode acontecer com uma pessoa que fez pacto com todos, e que se esqueceu de que o nó vital de uma pessoa deve ser respeitado. Ouça: respeite a você mais do que aos outros, respeite suas exigências, respeite mesmo o que é ruim em você – respeite sobretudo o que você imagina que é ruim em você – pelo amor de Deus, não queira fazer de você uma pessoa perfeita – não copie uma pessoa ideal, copie você mesma – é esse o único meio de viver (Moser, 2017, p. 220).

A razão dessa citação é iluminar que Clarice não é favorável à resignação e nem é disso que trata o conto “Perdoando Deus”. Não se trata de nos resignarmos com o rato morto, mas admiti-lo como existente, sem nos rebelarmos virilmente contra ele, posto que também nos co-habita. Ainda que “talvez eu tenha que aceitar antes de mais nada esta minha natureza que quer a morte de um rato. Talvez eu me ache delicada demais apenas porque não cometi meus crimes”. E antes ela diz: “É porque ainda não sou eu mesma, e então o castigo é amar um mundo que não é ele”. Trata-se de respeitar a ratazana que também somos.

Para podermos ouvir quem nos procura, precisamos aprender a ver a alma (psiquê/sopro/vida) – incluindo a nossa – sem querer formatá-la. Precisamos nos haver com o paciente/cliente e estarmos ali com ele neste drama da vida, neste suceder, sem querer higienizar nem os acontecimentos e muito menos a ele. No aparecimento de uma ratazana, preciso criar possibilidades para me haver com isso, ainda que na angústia, de não se poder arranjar isso que é desarranjado.

“Quando se realiza o viver, pergunta-se: mas era só isto? E a resposta é: não é só isto, é exatamente isto” (PSGH, p. 173).

## 5 (IN)CONCLUSÕES

O que precisa ter um texto para estar na cabeceira da cama de uma(um) psicoterapeuta? Esta pergunta, que me foi lembrada, no momento de minha qualificação, pela professora Dra. Debora Lomba, e recebeu importante atenção sobretudo no final desta escrita. Tentando responder de modo objetivo, penso que precisa ser um texto inspirador de práticas libertárias na psicologia clínica.

Esta tese apresentou um dos diálogos possíveis entre a literatura de Clarice Lispector, a prática clínica em psicologia, e minha própria narrativa de vida. Explorando como os métodos literários de Clarice, pautados em uma obediência à vida, que se desvela no instante, podem inspirar uma prática psicoterapêutica que valorize a abertura ao novo, à artesanaria na clínica, à singularidade e ao imprevisto, posso destacar, como fruto do caminho aqui percorrido, os seguintes itens:

### **1) A obediência à Vida através da escuta**

Compreendo que a escrita clariceana não é orientada por técnicas rígidas ou roteiros predefinidos, mas emerge de uma escuta radical àquilo que a vida lhe apresenta. Há nisto uma entrega ao desconhecido e uma fidelidade ao que é vivido, mesmo trazendo desconforto ou desafio.

Disto faço um paralelo com a clínica psicológica, ao afirmar que a prática clínica, tal como a proposta na tese, requer um movimento semelhante de escuta aberta. A(o) psicoterapeuta não deveria impor teorias ou métodos fixos à sua prática, mas estar disponível para acolher o que emerge do encontro com o paciente/cliente, e ser obediente a isto, explicitando aquilo que lhe clama por passagem.

A escrita como metáfora para o clinicar nasce do entendimento de que a literatura de Clarice se localiza nesta escuta atenta à vida, o que reverbera em nossa prática clínica iluminando-a como um ato de atenção radical ao que emerge no espaço terapêutico. Ambos exigindo coragem e uma disposição para o risco e a imprevisibilidade.

### **2) O risco como essência da vida e da clínica**

Clarice em sua autenticidade de escrita celebra a atitude de “ir se obedecendo”, entregando-se ao risco do desconhecido. Um risco que resguarda a salvação de se acessar um caminho para aquilo que é essencial. Viver é encarar o risco vital e mortal, o que nos convoca incessantemente a uma postura de entrega

e coragem para ser, reconhecendo as limitações humanas e acolhendo-se nos tropeços frutos do processo de se estar na caminhada da vida.

### **3) Improviso, singularidade e artesanania**

Tanto a escrita de Clarice quanto a prática clínica são apresentadas como processos abertos, em que não se sabe previamente o que acontecerá. Essa imprevisibilidade é intrínseca à vida e ao encontro humano.

Daí o paralelo com o caráter de plasticidade e de artesanania, como necessidade para um método clínico, argumentando que este deve ser flexível, permitindo que cada sessão seja única. Distanciando-se assim de uma rigidez metodológica e de uma lógica utilitarista ao propor a prática da(o) psicoterapeuta como um “desaprendizado do símbolo”, que exige desapegar-se de conceitos prévios e interpretações cristalizadas que podem obstruir a experiência genuína.

### **4) Da dor como parte do existir**

Em Clarice encontramos que evitar a dor é também evitar a vida. A dor é condição do processo de existir como um ser humano incompleto, precário, mortal e em constante transformação. A partir disto se faz necessário, para que se viva em sua integralidade, aceitar a dor como condição inerente ao existir do ser humano, não para lhe imputar uma tristeza sombria, mas para ajudá-lo no aprendizado de que, diante do inexplicável da vida, justamente aí, é que se precisa transformar o conhecimento trágico em uma vivência que, embora trágica, se estenda como afirmação da própria vida.

### **5) Das incompreensões e mistérios que compõe a vida e a clínica**

A clínica precisa poder resguardar um espaço de acolhimento e ritualização da incompreensão, posto que a “ratazana”, o incompreensível, o feio e imundo, também compõe a experiência humana, ainda que não a desejemos de imediato. É preciso uma aprendizagem, tal como ocorrida com Lóri, para acolher justo o que não cabe em nossos roteiros lógicos, mas que fazem parte da vida como ela é.

Poder admitir uma clínica que não ambicione desvelar o “segredo” da vida (posto que impossível) para exercer sobre ela controle, mas que aprenda a co-habitar e conviver no mundo mortal acolhendo o mistério e o sagrado do vivo, tal como se revelam na vida humana, é tarefa que a(o) psicoterapeuta precisa exercitar em si mesmo e fazer chegar em seu ofício.

### **6) Reflexões sobre o saber sensível**

Saber técnico versus sensibilidade: Embora a(o) terapeuta precise de um preparo, a tese critica um tecnicismo que reduza a prática clínica a roteiros e regras fixas. O saber técnico, por si só, não é suficiente para abarcar a complexidade e a riqueza do encontro terapêutico, que demanda uma escuta sensível, pautada pelo afeto e pela presença.

Saber como criação no encontro: A clínica é vista como um espaço de cocriação, onde a(o) terapeuta e a(o) paciente, em um diálogo vivo, constroem juntos, artesanal e sensivelmente, caminhos de compreensão e transformação.

### **7) Questões Existenciais e Éticas**

a) A humanidade na prática clínica: entendendo que a necessidade essencial de todo ser humano é tornar-se plenamente humano, na clínica, psicoterapeutas precisam poder acolher sua própria humanidade e fragilidade, sem tentar moldar-se a expectativas impessoais e rígidas. A metáfora de atender "com os próprios chinelos", ilustra a importância de autenticidade e conforto no exercício do ofício. E em tempo, não se pode esquecer que é na fragilidade, e não na dureza, que se possibilita um bom encontro na relação terapêutica.

b) A clínica como espaço de liberdade: a tese posiciona a clínica psicológica como um espaço onde o paciente pode ser ouvido em sua totalidade, sem julgamentos ou imposições. Essa liberdade é vista como um compromisso ético e uma responsabilidade da(o) terapeuta. Assim como Clarice obedece à "atmosfera" de sua escrita, a(o) terapeuta é chamada(o) a obedecer àquilo que emerge do encontro com o paciente, sem tentar controlar ou antecipar os resultados.

c) A conexão consigo mesmo: Clarice aponta para a "saudade de si" como um alerta para os perigos de viver de maneira automática, desconectada de si mesmo. Na prática clínica, é fundamental questionar se estamos presentes, aterrados, durante os atendimentos ou se estamos perdidos na aceleração e superficialidade de uma resposta pronta.

d) O valor da pausa: a partir da crônica, "É preciso parar", a pausa é vista como essencial para o reencontro com o próprio ser. O que permite a constante reavaliação da prática, revitalizando a escuta e fortalecendo o compromisso consigo e com o paciente/cliente. Esta "paragem", não apenas abre espaço para retomarmos o fôlego frente ao "vir-a-ser", contribuindo com a autenticidade da(o) psicoterapeuta, e uma vida menos submetida ao impessoal, como também pode

oportunizar um demorar-se na questão apresentada pelo paciente/cliente, aguardando a cadência do ritmo dela se mostrar.

Todo desfecho é possibilidade de retomada para o que nos trouxe aqui. Esses tópicos, retirados, dentre outros possíveis, da própria tese, visou uma reabertura para novas entradas produtoras de outras interlocuções entre Clarice e a clínica psicológica tal como a descrevi aqui. Um assunto inesgotável, como é a vida, a clínica e a obra de Clarice, não poderia resultar numa conclusão “concludente”, mas apenas o aceno para um seguir, fluir, dado que ainda muito reverbera no meu fazer e viver.

Nesta jornada que culmina na escrita da tese, a clínica foi desvelada como um espaço vivo de encontros – um lugar onde a escuta deve ir além das estruturas convencionais e dos conceitos sedimentados. Inspirada pelo “lispectar”, compreendido como a sensibilidade e abertura à vida em sua manifestação mais genuína e misteriosa, ressignifiquei o ato de clinicar como uma experiência de obediência àquilo que é, ao que pulsa no instante, e ao que transcende o controle do saber técnico.

O “lispectar clínico” enquanto método, trata de desaprender certezas e permitir-se ser atravessado pela existência, como a neve que, sem esforço, cai da folha do bambu. É um chamado para uma escuta que não busca encaixar o outro em esquemas predefinidos, mas que acolhe sua singularidade, sua dor e sua poesia, em um movimento de estar junto, de coabitar o espaço do não-saber.

Neste caminho, a inspiração de Clarice Lispector foi vital. Sua escrita, carregada de mistério, angústia e uma abertura radical ao indizível, não apenas ecoou em minhas reflexões, mas também na prática clínica. Sua capacidade de se debruçar sobre a vida com olhos que veem o invisível, guiou o modo como busquei repensar a relação terapeuta-paciente: um encontro de mortais que compartilham a condição humana, um “estar para o jogo”, como descrevo ao longo deste trabalho.

Assim como a obra de Clarice exige um leitor disposto a abdicar de certezas para ouvir o que pulsa nas entrelinhas, a prática clínica exige da(o) psicoterapeuta essa mesma disposição: desaprender o símbolo, desvestir a alma, e, enfim, ver o novo no mesmo. Como no conto de Guimarães Rosa sobre a menina Nhinhinha, essa prática demanda respeito ao tempo e à cadência própria da vida, em sua inacessibilidade e mistério.

Por fim, reafirmo que clinicar, neste horizonte de sentido, é um exercício contínuo de serenidade e coragem. Serenidade para sustentar o espaço de pausa, de intervalo, de acolhimento do irresoluto. E coragem para resistir às pressões do desempenho e da produtividade técnica, que tanto marcam nossa época. Este trabalho propõe um retorno ao essencial: uma clínica que não tenha “por que” nem “para quê”, mas que seja espaço de cuidado, presença e obediência ao que a vida quer nos dizer.

Que o “lispectar clínico” possa inspirar outros a ouvir, a sentir e a existir na cadência do possível. Afinal, como nos ensina Clarice, viver é sempre um ato de descoberta, e o mistério da vida é um convite constante para continuar a escuta.

Peço licença ao leitor para escrever abaixo uma carta para Clarice Lispector, apostando que os fios misturados e misteriosos que nos integram como seres da Terra, façam chegar nela o afeto dessas palavras.

## CARTA A CLARICE LISPECTOR

*Querida Clarice,*

*Escrevo esta carta como quem se dirige a uma presença viva, pois é assim mesmo que te vejo habitando a minha vida: uma forte presença viva! Mesmo sabendo que você está em outra dimensão, ainda assim, tua voz parece ecoar na minha própria, guiando-me em momentos decisivos de criação, descoberta e cura.*

*Quero, no desfecho dessa tese de doutorado, abri-la para te agradecer. Não apenas por tua escrita, que é um convite constante a atravessar o visível e acessar o indizível, mas também por tudo o que tua obra me oportuniza. Foi mergulhando nas tuas palavras que encontrei pistas para me aprofundar no mistério da vida, para escutar melhor o que nela pulsa, e para compreender o silêncio tanto quanto o som.*

*O vazio de que você fala – o “oco da alma” que é, paradoxalmente, pleno – me conduz ao conceito de physis, esse brotar espontâneo que é ao mesmo tempo movimento e repouso. Em sua entrega à vida e ao mistério, você mostrou que não é preciso buscar avidamente um sentido, mas aguardar, confiar, permitir-se ser atravessada pelo que vem à luz. Essa mesma confiança é o que nutre a prática clínica: a espera ativa, o espaço ofertado para que algo se irrompa e revele o que precisa ser vivido.*

*Foi sobretudo com você que eu aprendi que clinicar não é ensinar, corrigir ou interpretar; é ser presença, uma presença que escuta o silêncio e acolhe o que nasce. Essa prática, que fui construindo e reconstruindo no diálogo com você, Clarice, restituiu vida à minha vida, permitindo que eu me reinventasse como psicoterapeuta, como mulher e mãe.*

*De tal maneira considero relevante o meu encontro com sua obra que, junto à minha esposa, não pudemos deixar de trazer teu nome para nossa vida de forma ainda mais concreta: Clarice é também o nome de minha filha. Escolhi esse nome como quem sela um pacto, como quem deseja perpetuar uma faísca do que tua obra representa – a abertura ao desconhecido e a coragem de estar viva em plenitude, mesmo no que não se entende.*

*Você e sua obra foram essenciais na elaboração da minha tese de doutorado, inspirando-me a trabalhar com cuidado, com hesitação criativa, como quem se*

*aproxima de um animal selvagem que precisa ser respeitado antes de ser compreendido.*

*Ao ler A Hora da Estrela, Água Viva, Perto do Coração Selvagem, A maçã no escuro, A Paixão segundo G.H., Uma aprendizagem ou o Livro dos prazeres, Um sopro de vida e outros textos, não pude evitar a sensação de estar dialogando com você, de estar sentada ao lado de suas personagens e, ao mesmo tempo, de meus pacientes/clientes. A cena clínica, com sua instabilidade e potência, parecia pulsar em sua escrita, lembrando-me do que significa ser, simplesmente ser.*

*Quero também agradecer a marca que permanece em minha prática clínica através de tua escrita, com a qual aprendi a escutar mais do que palavras, a captar o não-dito, a me abrir ao mistério do outro sem forçá-lo a se revelar antes do tempo. A prática do desaprender, tão bem ilustrada em trechos de sua obra, tornou-se não apenas uma filosofia, mas um método silencioso de me relacionar com a vida que aparece no aqui e agora, sem mediações e sem antecipações.*

*Também agradeço a sua coragem de olhar para o mistério, sem a pretensão de desvendá-lo, mas com a humildade de senti-lo, e por me ensinar a habitar a fragilidade do vazio, essa abertura que é também potência. E por me lembrar que, no fundo, a verdade é um contato inexplicável – e que é nesse espaço que a vida se dá, se refaz, se afirma.*

*Com gratidão e muito afeto,*

*Renata.*

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. São Paulo: Loyola, 2015.

ANDRADE, C. Drummond. *Nova reunião: 19 livros de poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

ASSIS, Machado. *Contos escolhidos*. São Paulo: O Globo/Klick Editora, 1997.

AZEREDO, Renata Ferreira. Da vida e obra ao Lispectar clínico de Clarice. In: FEIJOO, A. M. L. C.; VORSATZ, I.; LESSA, M. B. F. (Orgs.) *Poesia e prosa em diálogo com a clínica psicológica*. Rio de Janeiro: IFEN, 2021. p. 145-168.

BARROS, Manoel. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

BARROS, Manoel. *Memórias inventadas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

BONDÍA, J. Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, v. 19, n. 1, p. 20-28, 2002. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>

BORGES-DUARTE, Irene. *Arte e técnica em Heidegger*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

BOSS, Medard. Tratamento de uma neurose do tédio: um olhar daseinsanalítico. *Revista de Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, São Paulo, n. 15-16, p. 85-97, 2011.

BUBER, Martin. *Eu e tu*. São Paulo: Centauro, 2001

CAMPOS, Eduardo da Silveira. O declinar da clínica. In: FEIJOO, Ana M. L. Calvo; PROTASIO, Myriam M. (Orgs.). *Interloquções da Psicologia Clínica com a Filosofia e a Literatura: textos produzidos a partir do II e III Curso de Extensão para Professores do IFEN*. Rio de Janeiro: IFEN, 2020.

DELEUZE, Gilles. *Spinoza: filosofia prática*. Tradução de Daniel Lins e Fabien PascalLins. São Paulo: Escuta, 2002.

DESPRET, Vinciane. *The Body We Carefore: Figures of Anthro-Zoo-Genesis*. Body & Society, London, v. 10 n. 1, p. 111-134. 2004.

FOGEL, Gilvan. *Da solidão perfeita*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FOGEL, Gilvan. *Conhecer é criar: um ensaio a partir de F. Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: Unijuí, 2005.

FOGEL, GILVAN. *O homem doente do homem e a transfiguração da dor: uma leitura de "Da visão e do enigma" em Assim falava Zaratustra*, de Frederico Nietzsche. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

FOGEL, Gilvan. *O desaprendizado do símbolo: ou da experiência da linguagem*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017.

FUCHS, Thomas. *Para uma psiquiatria fenomenológica: ensaios e conferências sobre as bases antropológicas da doença psíquica, memória corporal e si mesmo ecológico*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

GOETHE, Johan Wolfgang von. *Fausto: uma tragédia*. São Paulo: Editora 34, 2017.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 24 nov. 2024.

HEIDEGGER, Martin. *Seminários de Zollikon*. São Paulo: EDUC, 2001.

HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Unversitária São Francisco, 2018a.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2018b.

HEMINGWAY. *O Velho e o mar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

HERRIGEL, Eugen. *A arte cavalheiresca do arqueiro Zen*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2010.

HUISMAN, Denis. *História do Existencialismo*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KIERKEGAARD, Soren. *O desespero humano*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

KIERKEGAARD, Soren. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LAPOUJADE, David. *As existências mínimas*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou O Livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Entrevistas/Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- LISPECTOR, Clarice. *Crônicas para jovens: de escrita e de vida.* Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos.* Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- LISPECTOR, Clarice. *Todas as crônicas.* Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- LISPECTOR, Clarice. *Água viva.* Rio de Janeiro: Rocco, 2019.
- LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem.* Rio de Janeiro: Rocco, 2019.
- LISPECTOR, Clarice. *Todas as cartas.* Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro.* Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer.* Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida.* Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- MAGLIANO, Fernando. *Meditação e clínica: uma aproximação entre Filosofia e Psicologia.* Rio de Janeiro: IFEN, 2019.
- MELO NETO, J. C. *Morte e vida severina.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- MOL, Annemarie. *The Logic of Care: Health and the Problem of Patient Choice.* London: Routledge, 2008.
- MORAES, Márcia. *PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual.* In: MORES, M.; KASTRUP, V. (Orgs.). *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual.* Rio de Janeiro: Nau, 2010. p. 26-51.
- MORAES, Márcia. *PesquisarCOM: permanências e reparações.* In: SILVEIRA, M.; MORAES, M.; QUADROS, L. C. T. (Orgs.). *PesquisarCOM: caminhos férteis para a pesquisa em psicologia.* Rio de Janeiro: Nau, 2022. p. 21-42.
- MORAES, Márcia; QUADROS, Laura Cristina T. *Ciência no feminino e narrativas de pesquisa: PesquisarCOM e a artesanaria na pesquisa.* *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 15, n. 3, e-3577, p. 1-14, set. 2020. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082020000300003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000300003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 jul. 2023.
- MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia.* São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- NIETZSCHE, F. W. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém.* São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.
- ORTEGAY GASSET, J. *Meditações do Quixote.* Campinas, SP: Vide Editorial, 2019.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PRADO, Adelia. *Miserere*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

QUADROS, Laura Cristina de Toledo. *A Construção artesanal do fazer clínico na psicologia*. 2011. 218 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

QUADROS, Laura Cristina de Toledo. O cotidiano de uma Gestalt-terapeuta: a clínica dos pequenos acontecimentos. *In*: PRESTRELO, Eleonôra Torres; QUADROS, Laura Cristina de Toledo (Orgs.). *O Tempo e a Escuta da Vida: configurações gestálticas e práticas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2014. p. 37-50.

QUADROS, Laura Cristina de Toledo. *A construção artesanal do fazer clínico na psicologia: percursos, fios e desafios de tornar-se terapeuta*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.

QUADROS, Laura Cristina de Toledo; PRESTRELO, Eleonôra, T. Nas trilhas do cuidado: a afirmação da dimensão sensível da experiência na abordagem gestáltica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 864-879, 2019.

RILKE, R. M. *Cartas a um jovem poeta*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

ROCHA, Evelyn. *Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011. (Série Encontros).

ROSA, João Guimarães. *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2001.

SÁ, Roberto Novaes. *Para além da técnica: ensaios fenomenológicos sobre psicoterapia, atenção e cuidado*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

SÁ, Roberto Novaes; AZEREDO, Renata Ferreira. Clínica, literatura e filosofia: a abertura hermenêutica entre as compreensões ôntica e ontológica. *In*: PROTASIO, Myriam Moreira (Org.). *Entrelaçamentos – perspectivas clínicas em Psicologia: uma homenagem aos 70 anos de Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo*. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2023.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SCHUBACK, Marcia Cavalcante. *Atrás do pensamento: a filosofia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

YALOM, Irvin. *Vou chamar a polícia: e outras histórias de terapia e literatura*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

YALOM, Irvin. *Os desafios da terapia: reflexões para a nova geração de pacientes e terapeutas*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2024.